

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JOSÉ RICARDO TELES FEITOSA

**O *LUGAR* NAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE DA DIOCESE  
DE JI-PARANÁ - RO**

**Tese de Doutorado**

CURITIBA  
2015

**JOSÉ RICARDO TELES FEITOSA**

**O *LUGAR* NAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE DA DIOCESE  
DE JI-PARANÁ – RO**

Tese apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do grau de doutor em Geografia.

Linha de Pesquisa: Território, Cultura e Representação.

Orientador: Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho  
Coorientador: Prof. Dr. Renato Kirchner

CURITIBA  
2015

- 
- F311l      Feltosa, José Ricardo Teles  
O Lugar nas comunidades eclesiais de base da Diocese de JI-Paraná -  
RO/ José Ricardo Teles Feltosa. – Curitiba, 2015.  
231 f. : il. color. ; 30 cm.
- TeseDissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da  
Terra, Programa de Pós-graduação em Geografia, 2015.
- Orientador: Sívio Fausto Gil FilhoRenato Kirchner.  
Bibliografia: p. 168-171.
1. Espaço - Geografia humana. 2. Igreja Católica. 3. Comunidades  
eclesiais de base. I. Universidade Federal do Paraná. II. Gil Filho, Sívio  
Fausto. III. KirchnerRenato Título.
- CDD: 304.23
-



MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR CIÊNCIAS DA TERRA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



iv


PARECER


Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia reuniram-se para a arguição da Tese de Doutorado, apresentada pelo (a) candidato (a) **JOSÉ RICARDO TELES FEITOSA** intitulada "O LUGAR NAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE DA DIOCESE DE JI-PARANÁ - RO", para obtenção do grau de Doutor em Geografia, do Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná Área de Concentração **Espaço, Sociedade e Ambiente**, Linha de Pesquisa Território, Cultura e Representação.

Após haver analisado o referido trabalho e arguido o (a) candidato (a), são de parecer pela 2ª PRIVADO da Tese.


Curitiba, 29 de setembro de 2015.


Nome e Assinatura da Banca Examinadora:

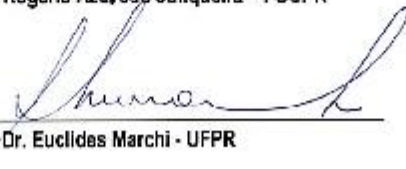
  
Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho - orientador

  
Prof. Dr. Renato Kirchner - PUC Campinas - co-orientador

  
Prof. Dr. Edson Armando Silva - UEPG

  
Prof. Dr. Salete Kozel Teixeira - PPGGEO/UFPR

  
Prof. Dr. Sérgio Rogério Azevedo Junqueira - PUCPR

  
Prof. Dr. Euclides Marchi - UFPR

Dedico este estudo a minha família,  
Grazielle e Gustavo, inspiração essencial nesta jornada.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, porque dele, por ele e para ele são todas as coisas.

Aos docentes da Universidade Federal do Paraná, pelos conhecimentos transmitidos, que me proporcionaram uma visão mais ampla sobre a geografia e sua importância na busca da compreensão do espaço.

A minha esposa, Grazielle M. R. Feitosa e ao meu filho, Gustavo R. Feitosa; aos meus pais, José Cordeiro Feitosa e Maria Luiza Teles Feitosa; aos meus irmãos, Rafael Teles Feitosa e Luiziana Teles Feitosa; e ao meu sogro, Vilson Luiz Ropelatto, e sogra, Vilma Moroti Ropelatto, pelo apoio incondicional e por entenderem minha ausência junto a eles enquanto estava na caminhada para chegar até aqui.

Feliz aquele que tem verdadeiros mestres. Palavras são pouco para dizer o quanto eles me ajudaram. Uma dívida impagável, sinal de meu eterno reconhecimento e amizade ao Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho, pela forma como conduziu o processo de orientação e ao Prof. Dr. Renato Kichener, pela coorientação, pois os dois foram de suma importância na construção da tese aqui apresentada.

Ao amigo Diego Piovesan, que contribuiu para que os debates para esse projeto lograssem êxito; aos colegas do doutorado, que foram de suma importância para a aquisição de novos conhecimentos e pela amizade que foi gerada entre nós, nesse tempo. Em especial, aos colegas, Clevisson Junior Pereira e Dalvani Fernandes, pela parceria na troca de conhecimentos e pelos conselhos propícios e precisos nos assuntos geográficos.

A minha grande amiga, Vanessa Maria Ludka por quem possuo grande admiração e amizade e com quem, juntamente com o Prof. Dr. Nilson Cesar Fraga, me inspirei e desfrutei momentos de alegria e aprendizado.

Ao sempre presente e colaborador, Antenor Alves Silva, que com suas leituras e compreensões me ajudaram a dar uma qualidade ainda maior ao trabalho aqui apresentado. A amiga Sheila Castro, com quem tive o prazer de conviver e aprender muito neste processo. Ao mestre e psicólogo Eraldo Carlos Batista pela partilha e compartilhamento de muitos saberes. Ao amigo Renato Mengui, pois foi motivo de inspiração para os estudos sobre religião, principalmente o catolicismo.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação, por meio dos secretários: Luiz Carlos Zem e Adriana Cristina Oliveira, pelo profissionalismo e acolhida durante toda a jornada.

Aos meus alunos, fonte de inspiração diária e lembrança constante de como é bom ser professor.

Ao REUNI pela bolsa de estudos.

A todos, deixo registrados meus sinceros agradecimentos.

*Se a geografia oferece à imaginação e à sensibilidade, até em seus voos mais livres, o socorro de suas evocações terrestres, carregadas de valores terrestres (terriennes), marinhos ou atmosféricos, também, sempre espontaneamente, a experiência geográfica, tão profunda e tão simples convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social.*  
Eric Dardel.



## RESUMO

Nesta pesquisa, a partir do viés da geografia, discutiu-se a categoria de *Lugar* e sua aplicação às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Diocese de Ji-Paraná/RO. Os objetivos do estudo foram: discutir a relação das CEBs com o *Lugar*, definido por Dardel; investigar se a ideologia defendida pelas CEBs visa dar um sentido à existência do *Ser* em suas relações espaciais; Analisar a geograficidade e o *Lugar* nos Documentos Episcopais Latino-americanos; e constatar se a concepção de *Lugar*, na visão dardeliana, é característica das CEBs e sua valorização pelos seguidores desse movimento. Partido dessa premissa, buscou-se descrever e interpretar o ser do fenômeno, livre de preconceitos, compreendendo sua essência e desvelando os elementos de significados, pelos relatos do ser religioso, com base em experiências vividas no âmbito das comunidades. Para isso, utilizou-se o método qualitativo de cunho fenomenológico, colocado em prática em diversas idas a campo, com o objetivo de compreender como eram e como se entendiam os membros e dirigentes e como se dava o funcionamento das CEBs. O levantamento dos dados aconteceu de 2012 até o primeiro semestre de 2015, período em que todas as paróquias da Diocese foram percorridas e foram realizadas diversas entrevistas, dentre as quais, seis foram selecionadas para uso direto das narrativas e análise posterior, em relação à categoria de Lugar e sua conexão com as CEBs. Os seis entrevistados, que autorizaram o uso de suas falas, foram escolhidos pela experiência vivida nas comunidades, pois possuíam histórias atuantes e conheciam o funcionamento, as perspectivas, os sentimentos e as necessidades dos membros espalhados pelos municípios ligados às CEBs. Através do processo em que o ser, em geral, se mostra – pelas manifestações singulares de sentido, expressas por meio da profusão dos entes – pode-se, então, constatar que a investigação desse ser só pode ser realizada pelo seu sentido, isto é, pelo caráter da experiência viva, concreta e histórica. Dessa forma, a pesquisa delineou um arrolamento entre a categoria geográfica em análise e os elementos dela existentes no discurso oficial através dos Documentos da Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM), no Diretório Diocesano e no discurso dos líderes entrevistados. Concluiu-se que o indivíduo tem a capacidade de ser, de existir e ter uma relação de serventia que ultrapassa o caráter subjetivo, permeando uma relação existencial e concreta com o *Lugar*, confirmando sua existência. Nessa sintonia, são necessárias ações concretas que modifiquem as realidades ali encontradas. Dessa forma a tese se configura ao mostrar a relação entre a categoria de *Lugar* e sua vivência nas Comunidades Eclesiais de Base da Diocese de Ji-Paraná – RO.

**Palavras-Chave:** Geografia. Lugar. Igreja Católica Apostólica Romana. Comunidades Eclesiais de Base.

## ABSTRACT

In this research, from the bias of Geography, there was discussed the category of analysis *place* and its application to the Ecclesial Base Communities (EBC) from Diocese of Ji-Paraná/RO. The objectives of the study were: to discuss the relationship of EBC with the *place*, defined by Dardel; to investigate if the ideology defended by EBC aims to give any meaning to the existence of *Being* in their spatial relationships; To analyze the geographicity and the *place* in Latin American episcopal documents; and to verify if the concept of *place* in the dardelian vision is characteristic of the EBC and its valuation by the followers of this movement. Based upon this premise was tried to describe and interpret the being of the phenomenon, free from prejudice, understanding its essence and revealing the elements of meaning, by reports of religious being, based on its experiences within communities. For this, we used the qualitative method of phenomenological nature, put into practice in several trips to field, with the objective to understand how they were and how they understood the members and leaders and how was the functioning of EBC. The assemble of the data occurred from 2012 until the first half of 2015, period which all parishes of the Diocese have been covered and were conducted several interviews, among which six were selected for direct use of narratives and subsequent analysis, in relation to category *place* and its connection to the EBC. The six interviewed, who authorized the use of their speeches, were chosen by the experience lived in the communities because they had acting stories and knew the operation, the prospects, the feelings and the needs of the members spread across the municipalities connected to the EBC. Through the process in which the being, generally, shows itself – by the natural manifestations of meaning, expressed through the profusion of beings – can be observed that the investigation of this being can only be done by your sense, that is, by the character of the living experience, concrete and historical. Thus, the research outlined an enrollment between the geographical category analyzed and elements of it exist in the official discourse through the documents of the Latin American Episcopal Conference (LAEC), the diocesan directory and in the speech of the interviewed leaders. It was concluded that the individual has the ability to be, to exist and have a servitude relationship that goes beyonds the subjective character, permeating an existential and concrete relationship with the *place*, confirming its existence. In this syntony, are necessary concrete actions that change the realities founded there. Thus, the thesis is configured to show the relationship between the category *place* and its existence in the Ecclesial Base Communities of the Diocese of Ji-Paraná- RO.

**Keywords:** Geography. Place. Catholic Church. Ecclesial Base Communities.

## RESUMÉ

Dans cette recherche, à partir de la géographie, on a discuté la catégorie de lieu et de son application aux Communautés Ecclésiales de Base (CEB'S) de la diocèse de Ji-Paraná / RO. Les objectifs de l'étude étaient les suivants: discuter de la relation de la CEB avec le lieu défini par Dardel; examiner si l'idéologie défendue par la CEB vise à donner un sens à l'existence d'être dans leurs relations spatiales; Analyser le géographisme et placer dans les Documents épiscopales d'Amérique latine; et de voir si le concept de lieu dans le regard de Dardel est caractéristique de la CEB et sa valorisation par les adeptes de ce mouvement. De cette prémisse nous avons essayé de décrire et interpréter l'être du phénomène, libre de tout préjugement, en comprenant son essence et en révélant les éléments de sens, par les rapports de l'être religieux, basé sur les expériences vécues dans les communautés. Pour cela, nous avons utilisé la méthode qualitative de nature phénoménologique, mis en place dans plusieurs visites sur le terrain afin de comprendre comment ils étaient et comment ils comprenaient les membres et les dirigeants et comment était le fonctionnement du CEB. La collecte de données a eu lieu à partir de 2012 jusqu'à la première moitié de 2015, au cours de laquelle toutes les paroisses du diocèse ont été couvertes et ont fait plusieurs entrevues, dont six ont été sélectionnés pour une utilisation directe de récits et de l'analyse postérieure, par rapport à la catégorie lieu et sa connexion à la CEB. Les six répondants, qui ont autorisé l'utilisation de leurs récits, ont été choisis par l'expérience vécue dans les communautés parce qu'ils avaient des histoires actives et connaissaient le fonctionnement, les perspectives, les sentiments et les besoins des membres répartis dans les municipalités liées à la CEB. À travers du processus dans lequel l'être généralement se montre - par les manifestations naturelles de sens, exprimée à travers la profusion des êtres - peut alors voir que l'enquête de cet être ne peut être faite que par votre sens, c'est pour le caractère de la vie, sa expérience concrète et historique. Ainsi, la recherche a présenté une analyse des éléments de la catégorie géographique de lieu et le discours officiel à travers les documents de la Conférence Épiscopale Latino-américaine (CELAM), l'Annuaire diocésain et le discours des dirigeants répondants. Il a été conclu que l'individu a la capacité d'être, d'exister et avoir une relation qui va au-delà de l'utilité du caractère subjectif, imprégnant une relation existentielle et concrète avec le lieu, confirmant son existence. Dans cette ligne, il faut des actions concrètes qui changent les réalités qui s'y trouvent. Ainsi la thèse est configurée pour montrer la relation entre la catégorie de lieu et de son expérience dans les Communautés Ecclésiales de Base de la diocèse de Ji-Paraná - RO.

**Mot-clés:** Géographie. Lieu. Église catholique. Communautés Ecclésiales de Base.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACARAM - A Articulação Central das Associações Rurais de Ajuda Mútua

CAE - Conselho de Assuntos Econômicos

CEBs - Comunidades Eclesiais de Base

CELAM - Conferência Episcopal Latino-Americana

CRB - Conferência dos Religiosos do Brasil

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CPP - Conselho Paroquial de Pastoral

CRP - Conselho Regional de Pastoral

CDL - Comissão Diocesana do Laicato

DNIT - Departamento Nacional de infraestrutura de transportes

FETAGRO - Federação dos trabalhadores de Rondônia na agricultura

GR - Grupos de Reflexão.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONGs - Organizações não governamentais

TL - Teologia da Libertação

VR - Vida Religiosa

**LISTA CARTOGRÁFICA**

MAPA 01 – CIDADES SEDES DA CONFERÊNCIAS GERAL DO EPISCOPADO LATINO- AMERICANO .....	63
MAPA 02 – PARÓQUIAS DA DIOCESE DE JI-PARANÁ-RO.....	116

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: O SER E O ESPAÇO VIVIDO.....	26
FIGURA 02: FENOMENOLOGIA DO MUNDO VIVIDO .....	28
FIGURA 03: O ESPAÇO DARDELIANO .....	29
FIGURA 04: O LUGAR EM ERIC DARDEL .....	32
FIGURA 05: O ESPAÇO TELÚRICO EM ERIC DARDEL.....	38
FIGURA 06: O HOMEM E SUA REAÇÃO COM O ESPAÇO.....	40
FIGURA 07: CICLO DO SENTIDO ESPACIAL DO HOMEM EM RELAÇÃO AO FENÔMENO RELIGIOSO .....	46
FIGURA 08: AS CEBS E SUA RELAÇÃO COM O <i>LUGAR</i> .....	47
FIGURA 09: TRIPÉ QUE FUNDAMENTA A COMPREENSÃO DAS CEBS SOBRE O ESPAÇO .....	53
FIGURA 10: O LUGAR NAS CEBS.....	56
FIGURA 11: ETAPAS NAS CEBS.....	57
FIGURA 12: CÍRCULO DE RELAÇÕES DAS CEBS .....	58
FIGURA 13: ABORDAGEM EMPÍRICA DAS CEBS .....	59
FIGURA 14: A IGREJA E SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO CONCRETO .....	66
FIGURA 15: O LUGAR EM MEDELLÍN .....	68
FIGURA 16: O LUGAR EM PUEBLA .....	76
FIGURA 17: MÉTODO VER, JULGAR E AGIR.....	84
FIGURA 18: AÇÕES PASTORAIS DE SANTO DOMINGO .....	90
FIGURA 19: FORMAS DE AÇÃO MISSIONÁRIA A PARTIR DO MÉTODO: VER, JULGAR E AGIR .....	94
FIGURA 20: AÇÕES MISSIONÁRIAS EM APARECIDA .....	104
FIGURA 21: FUNDAMENTOS DO DIRETÓRIO DIOCESANO DA DIOCESE DE JI- PARANÁ.....	108
FIGURA 22: O LUGAR NO DIRETÓRIO DA DIOCESE DE JI-PARANÁ.....	112

## FOTOS

FOTO 01: CAMINHADA DAS CEBS 2015 – ROLIM DE MOURA. ....	51
FOTO 02: GRITO DOS EXCLUÍDOS.....	55
FOTO 03: FORMAÇÃO DO LÍDERES DAS CEBS EM JI-PARANÁ – RO.....	122
FOTO 04: PAINEL INLUSTRATIVO COM PAISAGENS LOCAIS PARA A REUNIÃO DAS CEBS .....	125
FOTO 05: MOMENTO DE PREPARAÇÃO PARA EXPOSIÇÃO DO AGRONEGÓCIO EM RONDÔNIA.....	128
FOTO 06: PLENÁRIA SOBRE O AGRONEGÓCIO .....	130
FOTO 07: APRESENTAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO DAS CEBS .....	133
FOTO 08: REUNIÃO POR REGIONAIS .....	136
FOTO 09: ALTAR DE REPRESENTA A VIDA DO POVO AMAZÔNICO.....	145
FOTO 10: LIDERANÇAS DAS CEBS DA DIOCESE DE JI-PARANÁ – RO.....	148

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO I - O LUGAR COMO CATEGORIA GEOGRÁFICA.....</b>	<b>25</b>
1.1 O LUGAR E SUAS CONCEPÇÕES EM ERIC DARDEL .....	28
1.2 A GEOGRAFICIDADE DO LUGAR NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA E SUA ANÁLISE NO CAMPO RELIGIOSO .....	33
1.3 A GEOGRAFICIDADE E O LUGAR NAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE .....	45
1.4 O LUGAR COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO PARA TRANSFORMAÇÕES REAIS E CONCRETAS DO COTIDIANO .....	53
<b>CAPITULO II – O <i>LUGAR</i> COMO BASE DE AÇÃO PARA PRÁTICA RELIGIOSA DAS CEBs A PARTIR DOS DOCUMENTOS EPISCOPAIS LATINO-AMERICANOS .....</b>	<b>60</b>
2.1 CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN (1968) A HUMANIZAÇÃO E A PROMOÇÃO HUMANA EM UMA PERSPECTIVA INTEGRAL DO HOMEM A PARTIR DO LUGAR .....	64
2.2 O LUGAR NA CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN .....	67
2.3 CONFERÊNCIA DE PUEBLA (1979) A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES E EXISTENCIALISMO LIBERTADOR A PARTIR DO LUGAR.....	73
2.3.1 O Lugar como espaço de ação: método ver, julgar e agir .....	75
2.4 CONFERÊNCIA DE SANTO DOMINGO (1992) PROMOÇÃO HUMANA, POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA, URBANIZAÇÃO, INCULTURAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM O LUGAR .....	84
2.4.1 O <i>Lugar</i> em Santo Domingo.....	88
2.5 CONFERÊNCIA DE APARECIDA (2007) A MISSÃO A PARTIR DAS REALIDADES ENCONTRADAS NO LUGAR.....	95
2.5.1 O <i>Lugar</i> em Aparecida .....	97
2.6 OS DOCUMENTOS LATINOS AMERICANOS APLICADOS À REALIDADE DO LUGAR PELO DIRETÓRIO DIOCESANO DA DIOCESE DE JI-PARANÁ – RO ....	105
<b>CAPITULO III - O <i>LUGAR</i> NO DISCURSO DOS LÍDERES DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE NA DIOCESE DE JI-PARANÁ.....</b>	<b>113</b>
3.1 A PESQUISA QUALITATIVA .....	113
3.2 LOCAL DA PESQUISA .....	115
3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....	117
3.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....	118
3.4.1 As CEBs enquanto representação .....	119
3.4.2 O <i>Lugar</i> nas CEBs a partir da vida em comunidade .....	135
3.5. UMA LEITURA E INTERPRETAÇÃO DO LUGAR NA DIOCESE DE JI-PARANÁ A PARTIR DOS DOCUMENTOS LATINO-AMERICANOS .....	146



<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>154</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>163</b>
<b>FONTES PRIMÁRIAS - ESTUDO DE CASO .....</b>	<b>167</b>
<b>FONTES SECUNDÁRIAS.....</b>	<b>167</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>169</b>
<b>APÊNDICE 1 - QUESTÕES UTILIZADAS NAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>170</b>
<b>APÊNDICE 2 - TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>178</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata sobre o *Lugar* como categoria de análise da geografia nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). No contexto apresentado, fazendo uma relação entre a categoria de *Lugar* e sua relação nas CEBs, o fermento para as ideias pregadas neste jeito de ser Igreja Católica Apostólica Romana, através das pastorais, as lideranças encontram o sentido existencial para suas vidas e dão o mesmo à vida de muitas pessoas que fazem parte da comunidade. Encontram bases dentro do próprio catolicismo, mediante as Conferências Episcopais ocorridas na América Latina, que acumularam junto ao ideário das CEBs uma temática que privilegia os pobres e oprimidos, trazendo um caráter de libertação diante do sistema que oprime e exclui. Assim, as CEBs se caracterizam como um segmento do ‘*agora*’ e do ‘*aqui*’ e não do ‘*depois*’ e do ‘*lá*’. Tais características já fundamentam a importância deste estudo sobre o viés geográfico.

O advento das CEBs surge na década de 1960, reforçado pelas Conferências de Medellín (1968), de Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e de Aparecida (2007), as quais aprofundaram o olhar sobre a América Latina que passava por transformações no setor político, fazendo com que a Igreja se posicionasse, claramente, ao lado das populações menos favorecidas diante do sistema vigente.

Nesse cenário, emergem reflexões, embora pautadas nos preceitos bíblicos, sobre essas transformações que permeiam o espaço social e político. Torna-se comum aos membros efetivos das CEBs a participação ativa em movimentos sociais e políticos na busca de uma conscientização sobre a realidade, caracterizando um sentido existencial do homem ainda no plano terreno.

Assim, a experiência de mundo para o homem vai além daquilo que, cientificamente, se pode ver nas suas relações com o espaço e com os objetos que o circundam e o balizam, com uma variedade de funções e noções sobre o lugar em que ele habita, inclusive dando sentido e significado a esse lugar. Nota-se que o homem emerge, em seu existir, das mais variadas relações que tem com o meio natural e artificial que o cerca. Essa vivência lhe confere um sentido existencial que configura sua relação diante das realidades vividas no *Lugar*.

Esse caráter existencial lhe é conferido pelas espacialidades que são construídas a partir do sentido existencial que ele confere a si mesmo e aos objetos

que estão a sua volta. Dessa forma, o trato com o conhecimento das realidades passa a ser o grande referencial de mudança para os membros da comunidade que, para além das crenças do esperar, nos aspectos que são oferecidos pela religião, tentam reverter as situações de miséria em que se encontram os homens através do senso crítico e do conhecimento concreto, e isso implica uma práxis diante do encontrado.

As pastorais sociais constituem o fermento para as ideias pregadas nas CEBs. Através das pastorais, as lideranças encontram o sentido existencial para suas vidas e dão o mesmo à vida de muitas pessoas que fazem parte da comunidade. Encontram bases dentro do próprio catolicismo, mediante as Conferências Episcopais ocorridas na América Latina que acumularam junto ao ideário das CEBs uma temática de privilégio aos pobres e oprimidos, trazendo um caráter de libertação diante do sistema que oprime e exclui.

Geralmente, as CEBs são compostas por poucos membros, o que permite uma maior aproximação e comunhão em relação à ideologia pregada por tal seguimento. Isso caracteriza um elemento territorial, permitindo uma geografia de aproximação com as realidades vividas no local.

Nas CEBs, essas relações podem ser vistas nas celebrações e se tornam mais uma reflexão do presente do que do futuro (aspecto religioso – futuro no céu) e são dotadas de um discurso mais político e existencial, enfocando uma forte crítica ao processo gerado pela globalização e às desigualdades sociais, criando relações de exclusão e o favorecimento de poucos, diferentemente do enfoque libertador de uma Igreja comprometida com os pobres, que tem a base nas primeiras comunidades cristãs, que geravam uma espacialidade de fraternidade e comunhão.

Dessa forma, o caráter existencial das CEBs visa à emancipação do indivíduo frente a questões como a política, a cultura, a economia, a sociedade. Isso acontece pelo conhecido método ‘ver-julgar-agir’ que ajuda a visualizar a realidade e fugir de todo o dogmatismo que cega o homem. Contudo, esse jeito de ser Igreja não perderá sua importância enquanto houver fome, miséria, opressão, exclusão, injustiça, corrupção, agressão à dignidade, depredação do meio ambiente, entre outros acontecimentos dessa natureza.

Destarte, o objeto se torna de suma importância para a ciência geográfica, pois a sua organização no espaço altera, reformula e cria novas maneiras de convivência com os demais elementos que estão a sua volta. Mesmo repleta de elementos contraditórios às realidades apresentadas, a religião e as diversas formas

de religiosidade são parte da existência e também da explicação de vários acontecimentos do cotidiano, por isso a geografia pode colaborar com suas categorias de análise sobre o tema em questão.

O interesse por estudos e pesquisas ligados à subjetividade e busca por explicações no sobrenatural tem crescido nas Academias e Institutos Científicos, pois através da forma como seus seguidores veem e interpretam o mundo podem ser analisadas muitas mudanças que estão ocorrendo no espaço geográfico.

No geral, o currículo do curso de Geografia pouco valorizava as disciplinas que promovessem uma discussão e uma reflexão teórico-filosófica acerca de determinadas temáticas, acabando por “sufocar” a Geografia, enquanto ciência capaz de estudar diversos fenômenos sobre um viés geográfico, inclusive de cunho fenomenológico. Se tal estrutura curricular refletisse o pensamento religioso como uma forma de análise científica sobre a sociedade, certamente haveriam menos dificuldades na elaboração deste tipo de trabalho e uma exploração maior por partes de estudos geográficos.

A necessidade de compreender como se constitui o *Lugar* nas CEBs e sua organização interna na Diocese de Ji-Paraná/RO foi, ainda, um dos motivos primordiais para a realização desta pesquisa, uma vez que a intervenção eclesial e social das CEBs se dá de diferentes modos, sobretudo, no apoio aos projetos alternativos baseados na economia popular e solidária junto aos grupos marginalizados e excluídos.

Por isso, pesquisar o *Lugar* nas CEBs na Diocese de Ji-Paraná/RO tende a contribuir com a compreensão das distinções e das diversidades existentes como algo natural e também a tendência para uma geografia do catolicismo e a uma dinâmica territorial de mudanças no espaço geográfico religioso, o que interfere no tempo e no espaço projetado fora desse campo, pois existem influências de outros sistemas que implicam em tais mudanças.

E, ainda, investigar tais processos torna-se necessário à medida que os fenômenos que cristalizam a transformação do espaço têm uma dinâmica global e os conflitos decorrentes desses devem também ser compreendidos a partir desses processos, o que coloca a Diocese de Ji-Paraná como forma expressiva da dinâmica do processo de aculturação e inculturação no campo religioso, propagadas pelo pluralismo religioso.

A Diocese de Ji-Paraná fica situada na Região Central do Estado de Rondônia. Conforme os dados do IBGE 2002, ela abrange uma área de aproximadamente 77.657 quilômetros quadrados, com uma população de cerca 680.000 habitantes. Limita-se com a Arquidiocese de Porto Velho e a Diocese de Guajará-Mirim, em Rondônia; e com as Dioceses de Juína e Cáceres, no Mato Grosso; está organizada em seis Regionais e subdividida em 20 Paróquias, abrangendo 28 municípios.

A Diocese de Ji-Paraná-RO tem sua organização a partir da Catedral (Igreja principal), localizada na Avenida Marechal Rondon, 400, Centro. Ela é a referência para as demais Paróquias que compõem a Diocese. Localizadas, na sua grande maioria, em centros comerciais, as Paróquias que compõem a Diocese acabam se tornando cartões postais das cidades em que estão inseridas – caracterizando um lugar de encontros para muitos jovens e adultos, o que demonstra que a sua função espacial vai além da religiosidade, porque o seu espaço torna-se um ponto de encontro de boa parte da sociedade.

Nesse sentido, a Igreja Católica Apostólica Romana da Diocese de Ji-Paraná assume um caráter existencial sobre o *Lugar* que sobrepõe os aspectos religiosos. As diretrizes diocesanas veem, a partir da localização das Paróquias e, conseqüentemente, das Comunidades Eclesiais de Base, a possibilidade de que todos os fiéis assumam seu compromisso missionário, político e social, condicionados pelo grupo e pelo contexto social em que a comunidade está inserida.

Sendo assim, onde se pode perceber a categoria de *Lugar* - ciência geográfica, a partir da geograficidade de Eric Dardel, nas CEBs? Qual o melhor método para fazer uma hermenêutica que possibilite esse desvelamento? Como pode ser percebido o *Lugar* e seu caráter existencial de CEBs através dos Documentos Episcopais Latino-Americanos (CELAM)? Como o *Lugar* é analisado pelas lideranças das CEBs no âmbito da Diocese de Ji-Paraná?

Com isso, o objetivo da pesquisa foi analisar o caráter existencial das CEBs a partir da geograficidade de Eric Dardel e, para tal, utilizou-se o método qualitativo de base fenomenológica por sua ligação como o método instituído pela Igreja na América Latina - ver- julgar – agir, pois consiste numa formação prática e de atitude diante da realidade que se apresenta, como forma de transformar o cotidiano de forma litúrgica, com inspiração nos princípios doutrinários do cristianismo, com um olhar crítico, sendo a via de aproximação da resolução dos problemas em que vivem o membros da

comunidade. Isso permitiu: examinar se a relação das CEBs com o *Lugar*, definido por Dardel; caracteriza a função do *ser*; investigar se a ideologia defendida pelas CEBs visa dar um sentido à existência do *ser* em suas relações espaciais; e constatar se a concepção de *Lugar*, na visão dardeliana, é característica das CEBs e se é extremamente valorizado pelos seguidores do movimento.

O caminho percorrido na pesquisa deu-se através de vinte e uma (21) idas a campo, visita às comunidades, acompanhamento de diversas atividades realizadas entre 2012 e 2015 nas Paróquias dos mais diversos municípios pertencentes à Diocese, a análise de doze (12) documentos oficiais, tanto a nível universal como a nível regional e local, acompanhamento dos momentos litúrgicos, celebrações, discursos e formações por parte das lideranças das CEBs e, por último, a utilização de entrevistas, que foram gravadas e transcritas para uma análise do discurso, o que compõe a parte final desta tese. Assim, a tese ficou organizada em um tripé, que se torna suficiente para a fundamentação teórica e prática da pesquisa apresentada.

No primeiro capítulo, verificou-se que as geograficidades apresentadas por Eric Dardel são compostas pela experiência e pelo sentido que o homem sente, a partir disso, existir no *Lugar*. Essa relação cria dimensões fundamentais sobre sua existência e suas implicações históricas no passado, presente e futuro, principalmente no que se refere à consciência sobre a realidade do espaço que ele habita e sua situação temporal e atemporal.

Esse sentimento traz ligações afetivas e sentimentos de pertença ao *Lugar*. Nesse sentido, a geografia e suas correntes culturais ajudam a atender esse campo subjetivo entre o homem e a Terra.

Observa-se assim, que o conhecimento em relação à conceituação de *Lugar*, utilizando de todos os passos do método qualitativo, para analisar a relação que os indivíduos e os grupos têm com o *Lugar*, sua vivência e concretude com cotidiano e suas realidades.

Assim, o *Lugar* é apresentado nas CEBs como um processo comunitário de amadurecimento político, social, cultural, religioso, buscando resultados práticos, mesmo diante de situações complexas dentro e fora da Igreja, em que essa relação com o *Lugar* emerge de situações vividas pelos membros das comunidades, nas quais o templo está inserido geograficamente, fazendo com que as ações e intervenções deles alcancem além dos limítrofes religiosos e se alastrem pelos mais diversos campos da sociedade, da qual a comunidade faz parte.

No segundo capítulo, busca-se uma interação entre o *Lugar* e as decisões tomadas pelos bispos da América Latina. A conferência de Medellín faz menção à promoção integral do homem e parte do pressuposto de que ela somente será possível com a conversão dos cristãos leigos que, atentos aos problemas do *Lugar*, podem cumprir a sua missão de forma integral, compreendendo e lutando contra as mazelas vivenciadas no seu cotidiano.

Dentro desse contexto, aparecem os preceitos de uma geograficidade associada a noções de identidade relacionadas com o *Lugar*, o que remete a um conjunto de reflexões acerca da ideia de território, em uma perspectiva que enfatiza, precisamente, a fruição, a apropriação e mesmo a percepção do espaço, seja de forma individual, seja coletiva.

A Conferência de Puebla, que traz uma discussão sobre as desigualdades sociais na América Latina, provindas do sistema capitalista, elabora um projeto missionário de libertação e luta, principalmente por parte dos menos favorecidos. Essa Conferência teve como escopo reflexivo a situação dos pobres e jovens residentes na América Latina. O objeto da reflexão feita pelos conferencistas recai sobre a situação dos pobres e dos jovens. Pode-se compreender a geografia embasada nos preceitos de identificação com o *Lugar* e com os oprimidos.

Assim, a categoria de *Lugar* que passa a ser compreendida como a base essencial e o fundamento para uma mudança de paradigma em relação aos poderes existentes: a “opção preferencial pelos pobres”, que se constituiu o eixo do documento e seu princípio animador.

A Conferência de Santo Domingo (1992), que em sua dinâmica de missão vai priorizar a opção pelos pobres e pela solidariedade, uma opção pluralista e democrática no contexto social, que prega a necessidade de evangelização da cultura urbana, da comunicação, dos povos indígenas e afro-americanos, a partir de sua história e cultura, e a participação dos leigos – principalmente das mulheres, com a finalidade de transformação do espaço social latino-americano.

No Brasil, de forma específica, o documento aparece com forte preocupação em relação ao êxodo rural, pois nesse sentido a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) viabiliza a Pastoral Urbana, no intuito de acolher os desprovidos que chegam da zona rural sem as mínimas condições de habitação no setor urbano. Nesse contexto, surge a concepção de inculturação diante das muitas realidades vividas em relação aos povos autóctones na região, evidenciando uma Igreja que se abre a

reconhecer crenças e valores culturais já existentes antes mesmo de sua chegada a determinados territórios.

Na Conferência de Aparecida, apresentou-se uma continuidade das outras que a precederam, Medellín, Puebla e Santo Domingo, com o objetivo de dar agora um novo impulso à evangelização. Nela, observou-se a ideia de colocar o continente americano em estado permanente de enfrentamento do desafio de que a missão confiada à Igreja se encontra ainda no início.

A missão aviva a esperança de que um outro mundo é possível. Ainda que em situações difíceis, a Igreja necessita de profetas e peregrinos que denunciem as situações de pecado e as estruturas injustas e anunciem os valores da vida plena realizada em Cristo.

Nesse sentido, nas diretrizes diocesanas de Ji-Paraná, percebe-se que a Igreja compreende que a concepção das CEBs se faz diante um cristianismo libertador, que ajuda a criar uma forma de globalização que busca a harmonia na diversidade, não apenas na esfera econômica, política e cultural, mas também no religioso, na visão da Teologia da Libertação (TL), analisando toda uma dinâmica local e suas características, fazendo-se assim necessária uma Igreja que possa observar as realidades e as exigências que esse fractal da Amazônia exige diante de suas realidades econômicas, sociais, religiosas e culturais.

No terceiro e último capítulo, faz-se uma análise do discurso dos entrevistados e procura-se observar as relações temporais e espaciais do *ser-no-mundo*. Ao analisar a relação homem e *Lugar*, sob o aspecto geográfico, os sujeitos podem descrever e analisar os lugares deles e a partir deles mesmos. Assim, há uma interpretação e compreensão de como eles são, por quem o vivencia. Dessa forma, o mundo é um campo de relações estruturado com base na polaridade entre o eu, o outro e *Lugar*. Assim, considerou-se que o método qualitativo, enquanto análise do ponto de vista científico, foi de encontro a método latino-americano do ver- julgar- agir. Pois através da análise dos discursos das entrevistas, verificou-se uma aproximação entre o discurso e pratica a partir do contexto em que os líderes das CEBs interpretam as realidade que os circundam diante do vivenciando neste fractal amazônico. Destarte, analisa-se nos discursos aqui explicitados, formas de agir e melhorar a realidade dessa região oeste da Amazônia brasileira em busca de um futuro que valorize o passado em suas características naturais e culturais históricas da região.



## CAPÍTULO I - O LUGAR COMO CATEGORIA GEOGRÁFICA

Apresentar o conceito de *Lugar* em uma discussão leva, em um primeiro momento, a crer que se está falando, por essência, de um espaço físico com suas descrições e amostras quantitativas, paradigma por muito tempo enfrentado pela geografia. Quando as primeiras interpretações subjetivas da palavra *Lugar* deram espaço a novos caminhos a serem estudados, ou seja, ao caráter essencialmente científico da geografia de *Lugar* que privilegia “os significados e cores do variado cenário terrestre” (SAUER, 1983, p. 320), os primeiros passos se dão em torno da oportunidade de estudar o espaço sob a perspectiva de quem está inserido nele, nas suas mais diversas variações, significados e sentidos.

As primeiras críticas publicadas em torno desse molde geográfico surgiram no decorrer do século XX, principalmente no pós-guerra, quando, em suas publicações, Buttmer critica os moldes estabelecidos previamente e ressalta que:

Dramáticos e excitantes desafios confrontam os geógrafos hoje em dia. Mudanças revolucionárias nos padrões sociais empíricos significaram obsolescências para muitos procedimentos analíticos tradicionais: transformações radicais no mundo acadêmico fizeram nascer questões relativas à base filosófica dos procedimentos da ciência social. (BUTTIMER, 1969, p. 417).

Essa inquietação com a geografia física e seus variados temas, que sempre refletem uma visão essencialmente estatizante e macro do conceito de *Lugar*, sempre tiveram suas objeções em relação a como ela fora conduzida, porque nem sempre, através de suas pesquisas, a chamada geografia clássica pode considerar como as pessoas se inseriam nessa categoria de *Lugar*. A própria geografia clássica, a princípio, relutará em aceitar os novos paradigmas envolvendo o surgimento da chamada geografia humanista, levando a uma abordagem filosófica, conferindo, assim, o *Lugar* no seu sentido existencial. Diante desse contexto, se fazia necessário, portanto, parar de se preocupar com o mundo físico e examinar um fenômeno do mundo vivido — o lugar, e tentar elucidar a diversidade e intensidade e das experiências do lugar (RELPH, 1970, p. 195).

Destarte, o conceito de *Lugar* só começa a ganhar força como método de pesquisa a partir da segunda metade do século XX. Compreender a vivência e as

relações que os mais diversos indivíduos têm com o *Lugar*, sua visão singular, o meio onde e como vivem, e a percepção acerca de suas relações com o meio (FIGURA 01), ou como enfatiza Merleau - Ponty (1996, p.19): “o mundo é não aquilo que penso, mas aquilo que eu vivo”, apresenta-se como uma forte alternativa e algo que substituiria muito bem a geográfica clássica estabelecida nos moldes de metodologia positivista, ou seja, a partir de um caráter fenomenológico, aprender a enxergar o eu dentro do mundo ou como diz Bachelard:

Um método para nos aproximarmos das essências, para fazermos a redução fenomenológica, ao abandonarmos as relações corriqueiras de nossa vida cotidiana e nos dirigirmos imediatamente às relações fundamentais com a coisa. O fundamento desta redução é o ‘Lugar’. (BACHELARD, 2006, p.117)

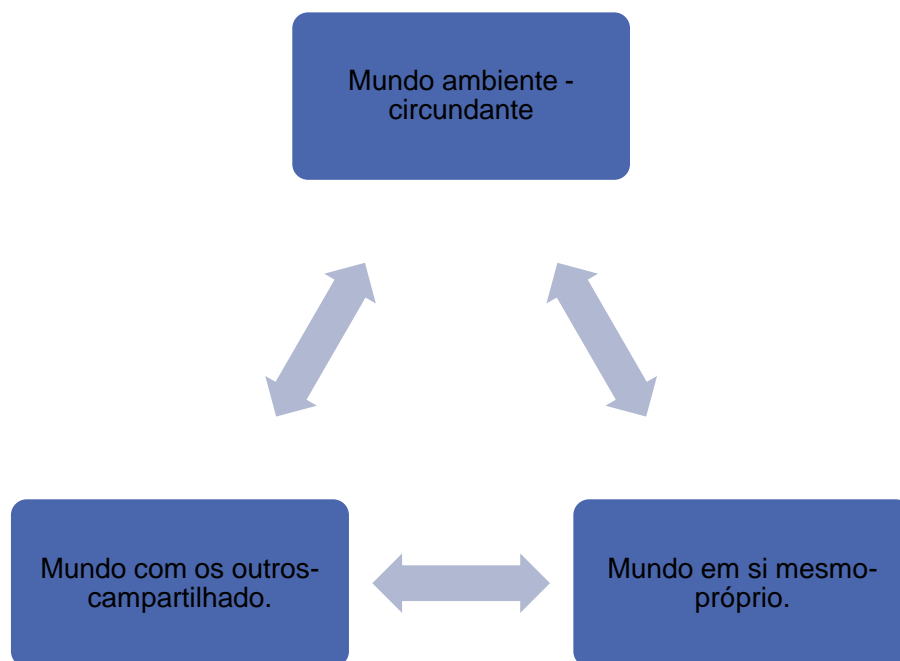


FIGURA 01: O SER E O ESPAÇO VIVIDO  
FONTE: AUTOR, 2015

A fenomenologia entra em ação, buscando dar um caráter mais singular não antes visto no conceito de *Lugar*, buscando demonstrar o espaço vivido e não o espaço físico. Essa percepção é corroborada por Marandola ao dizer:

A Fenomenologia Existencialista coloca-se, dessa maneira, como o principal método de investigação dos estudos geográficos orientados por uma abordagem humanista. Essa orientação, porém, dar-se-á de forma atenuada, conforme argumenta Werther Holzer (1998) na elaboração da metodologia

de seu trabalho acerca da crônica dos viajantes no Brasil do século XVI, tendo como foco a paisagem e o Lugar numa perspectiva fenomenológica. O autor afirma que aquele grupo de geógrafos que se dedicaram a explorar as relações entre Geografia e Fenomenologia, como Edward Relph, Yi-Fu Tuan e Anne Buttimer, assumiram postura atenuada em relação ao método fenomenológico em si. Em outras palavras, não adotaram o “método” nos seus estudos, mas, sim, a ‘orientação’, deixando a Fenomenologia implícita na argumentação. Relph, por exemplo, valorizou a ‘volta às coisas mesmas’, a visão holística homem-natureza e a crítica ao positivismo empreendida pela Fenomenologia, sendo definida como ‘a filosofia dos mundos vividos da experiência humana’. Tuan assume também, segundo Holzer, atitude dubia, afirmando que era necessário não se ater à Fenomenologia, remetendo-se ao humanismo, que permitiria uma visão mais ampla do que é a pessoa humana, deixando-se implícita a Fenomenologia (MARANDOLA, 2005, p. 49).

Uma interpretação fenomenológica sugere, então, a busca de compreensão e de valorização da experiência humana em sua essência, caminhando para um conhecimento mais profundo do seu sentido e significado e, como diz Relph, “é necessário excluir as crenças nas explanações e considerações existentes e, igualmente, sobre os nossos próprios preconceitos, e tentar colocar-nos na posição daqueles que estão experienciando o fenômeno” (RELPH, 1978).

Logo, percebe-se que o espaço é “espaço” de expressões, no qual o homem constrói e percebe o mundo em que vive, na medida em que essa experiência é percebida, em virtude da significação dada pelo próprio homem no ato de suas transformações e dos constructos sociais erigidos dentro de sua coletividade. Nele, ora estão representações, o simbólico e a linguagem; ora são especificidades que caracterizam e definem a singularidade diante do convívio social. Sobre isso, Buttimer (1976, p. 168) diz que “é preciso abster-nos do senso comum e da atitude natural, pois como são evidentes passam despercebidos, portanto para despertá-los e fazê-los aparecer é preciso abster-nos dela”.

De uma forma ou de outra, é necessário aceitar, também, algo que outrora a geográfica clássica nos modelos cartesianos vai ignorar, mas que a filosofia tenta explicar: a ideia de que não há como estudar espaço (mundo) sem entender o ser (homem) e como ele se insere dentro dele (FIGURA 02), pois sem isso as análises são meramente descritivas. A relação dos dois é intrínseca, fenomenologicamente falando, algo que Buttimer vai caracterizar como intersubjetividade:

A maior parte dos discursos sobre a intersubjetividade ignoram geralmente o espaço geográfico, as interações sociais não estão localizadas sobre a terra. No ordenamento social por exemplo, tenta-se suprimir as ‘idiossincrasias’ subjetivas utilizando-se dos esquemas onde os indivíduos são considerados

segundo seus papéis ou suas profissões e não como sujeitos humanos (BUTTIMER, 1979, p. 248).

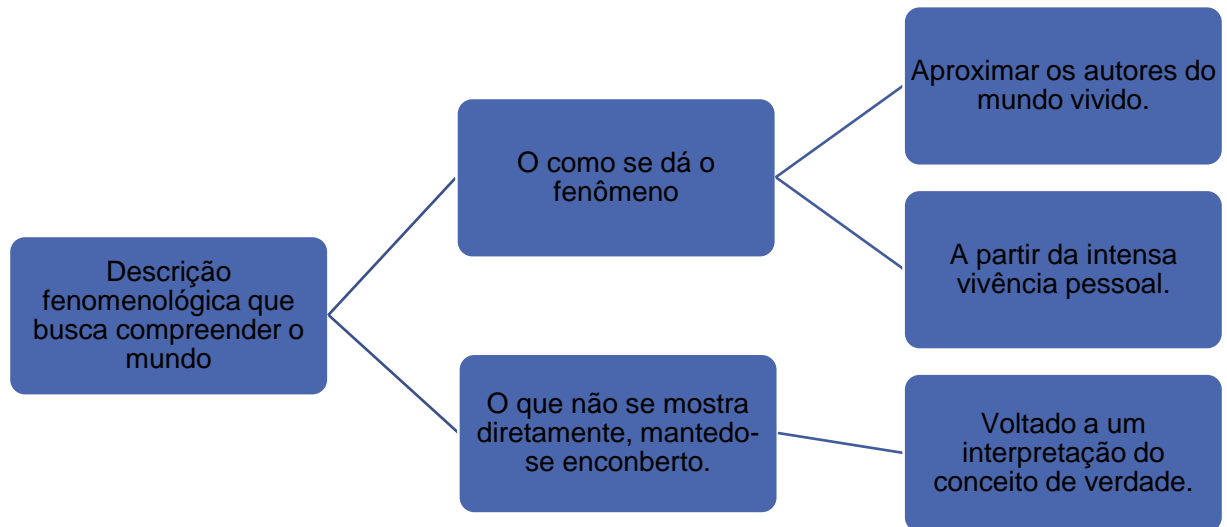


FIGURA 02: FENOMENOLOGIA DO MUNDO VIVIDO

FONTE: AUTOR, 2014

Por meio do pensamento de Buttimer, pode-se concluir que, subjetivamente, estudar os conceitos separadamente, algo que a geografia tradicional vinha fazendo, proporciona um caráter de especialidade e não há como estudá-los separadamente, como se não existisse relação alguma. Como conclui Buttimer (1976, p.143), “a existência do homem é uma existência em relação ou não é nada. Algo desse cunho metodológico é o que a geografia humana procura alavancar desde o século XIX”. As discussões envolvendo o caráter científico e a reflexão fenomenológica têm seu maior paradigma acerca da análise das questões sociais e possíveis explanações de como resolver esses problemas, a princípio.

## 1.1 O LUGAR E SUAS CONCEPÇÕES EM ERIC DARDEL

Diversos autores vão trabalhar o conceito de *Lugar* analisando em quais proporções os indivíduos se inserem dentro dele. Dentre os expoentes dessa análise

e a representatividade que o conceito de *Lugar* aborda, a concepção dardeliana é a que melhor se encaixa para a reflexão feita nesta pesquisa. Em seu livro, *O Homem e Terra*, Eric Dardel busca analisar o conceito de *Lugar* e comenta como, erroneamente, a geografia o conduzia em sua metodologia ultrapassada, “questionando a geografia na perspectiva do próprio geógrafo ou, mais simplesmente, do homem interessado no mundo circundante” (DARDEL, 2011, p. 02). E mais adiante continua:

O geógrafo que mede e calcula vem atrás: à sua frente há um homem a quem se descobre a face da Terra; há o navegante vigiando as novas terras, o explorador na mata, o pioneiro, o imigrante, ou simplesmente o homem tomado por um movimento insólito da Terra, tempestade, erupção, enchente. Há uma visão primitiva da Terra que o saber, em seguida, vem ajustar (DARDEL, 2011, p.7).

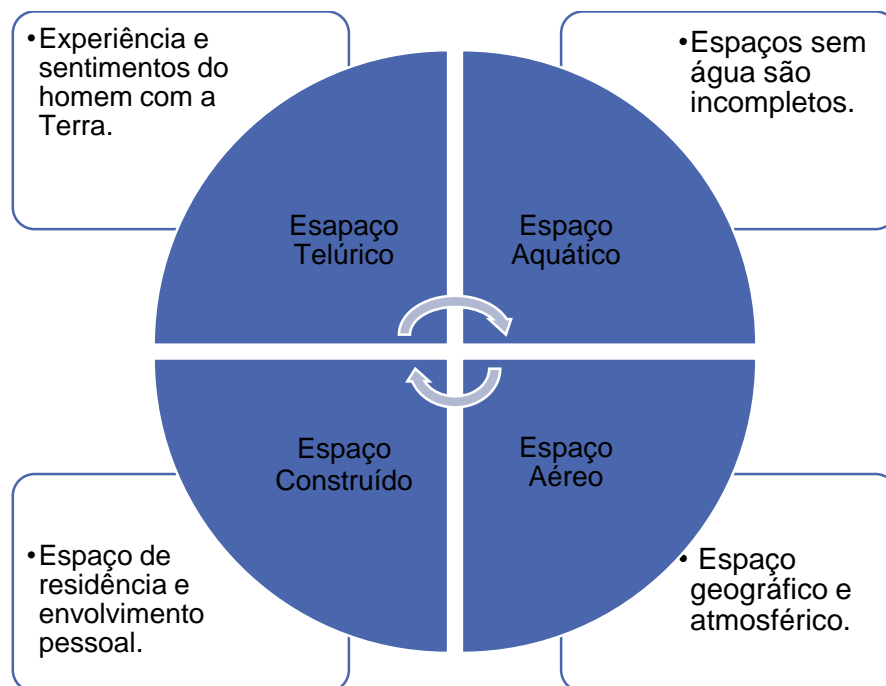


FIGURA 03: O ESPAÇO DARDELIANO  
FONTE: AUTOR, 2015

Essa relação e essa marca que o indivíduo vai deixar no *Lugar* não proporciona apenas um estudo superficial, uma vez que o indivíduo participa ativamente dessas relações e tanto ele quanto o *espaço* sofrem influência um do outro. Partindo desse pressuposto, Dardel diz:

A 'situação' de um homem supõe um 'espaço' onde ele 'se move'; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o Lugar de sua existência. 'Perder localização' é se ver desprovido de seu 'Lugar', rebaixado de sua posição 'eminente', de suas 'relações', se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade. (DARDEL, 2011, p.14)

Holzer (2010), em sua análise sobre Dardel,

[...] preconiza que os lugares são fundamentais na formação de outros conceitos espaciais, em que a paisagem figura como uma combinação de fatos, que permite, através da contiguidade dos traços físicos com os da ocupação humana, ser cotejada. Este pensamento de Dardel pode ser visto no seguinte trecho: 'Muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma 'impressão' que une todos os elementos' (HOLZER, 2010, p. 09).

Assim, a interpretação que se pode fazer da concepção Dardeliana sobre o sentido de *Lugar* surge como algo que se estabelece e se baseia em afinidades e sentimentos com o concreto, tendo como análise o contexto em que se vive e se experiência o cotidiano:

Na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade originária e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um outro mundo; a leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes (DARDEL, 2011, p. 05).

Dessa forma, segundo Moreira (2008. p. 107), "chamamos mundo ao modo como estruturamos nossas relações com as coisas que nos rodeiam a partir da ideia que formamos delas [...] as trazemos para nosso campo de significações". Nesse contexto, a geografia perpassa o sentido do objeto enquanto físico em sua materialidade, destarte, o "conceito de lugar se opõe ao geometrizado espaço abstrato do neopositivismo e, a diferença deste, está pleno de significados e valores, que são inseparáveis da experiência de quem os habita, de seus pensamentos e sentimentos" (BALLESTEROS, 1992, p.11). Assim,

[...] de certo modo, isso significa resgatar toda a tradição da geografia como estudo da relação homem-meio, vista agora não mais como embutida numa arquitetura de tempo-espaço matemático-mecânico, em que até hoje teoricamente foi posta, mas na arquitetura holística da espacialidade diferencial, cujo resultado mais é fazer do espaço um tecido formado pelo complexo de todas as relações que intervêm na transformação da superfície

terrestre como verdadeiro espaço da sociedade humana (MOREIRA, 2008, p. 129).

Essa experiência como fator de estudo no quesito de *Lugar* também encontra sua importância nas postulações de Dardel, ao defender que os estudos baseados na experiência remontam a uma realidade que talvez outros estudos, aos quais ele chama de superficiais, jamais encontrariam.

Esse modelo de estudo, cuja metodologia se baseia na experimentação, também demonstra que o sentido de *Lugar* que reflete algo muito mais além do que características físicas descritas pela geografia clássica se torna um vínculo, algo que o indivíduo cria através de suas relações com o meio, ganhando uma importância subjetiva.

Para Dardel, mudança de *Lugar* é algo que faz parte da vida humana, no entanto, o vínculo que o indivíduo cria com o *Lugar* é mais do que algo específico, remonta às condições que o mesmo dá para o desenvolvimento do indivíduo no meio, pois “aquilo que chamamos de subjetividade é transferida às realidades geográficas, e é o homem que se sente e se vê como *objeto*: produto ou brinquedo de forças que se manifestam para ele em seu ambiente, e sobre os quais ele reage com sua magia e seus ritos” (DARDEL, 2011, p. 50).

Essa relação de intimidade com o *Lugar*, discutida por Dardel, pode ser encontrada na concepção de outros geógrafos humanistas, para os quais o lugar deixa de ser algo descritivo e passa a fazer parte do ímpeto, como aponta Merleau-Ponty (1996, p. 147): “não tenho apenas um mundo físico, não vivo apenas no meio da terra, ar e água, tenho em torno de mim estradas, plantações, cidades, ruas, igrejas, implementos, um sino, uma colher”.

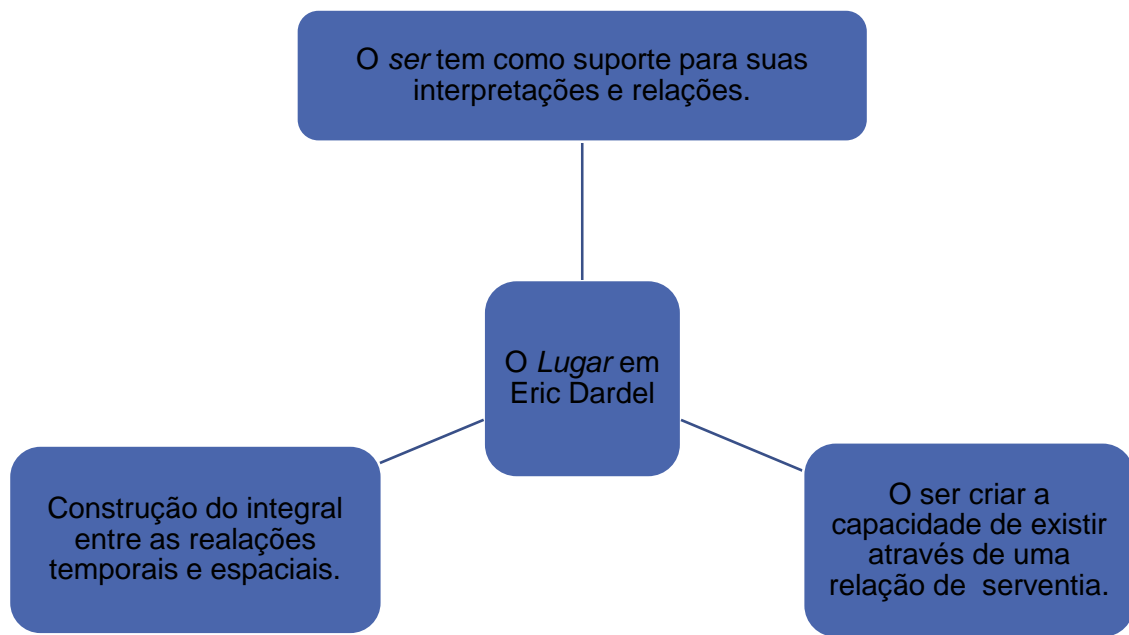


FIGURA 04: O LUGAR EM ERIC DARDEL  
FONTE: AUTOR, 2015

Assim, o empírico é essencial na construção e nas relações espaciais, pois esse é o caminho pelo qual o indivíduo anseia, inspira e busca seu desenvolvimento. Essa singularidade subjetiva a que o *Lugar* remete o indivíduo proporciona uma investigação que ultrapassa o nível essencialmente científico e passa a ter um caráter mais pessoal, humano, em que as diversas facetas da sociedade são estudadas e levadas em consideração, para assim “a ciência continuar a servir uma função útil medindo e explicando a face objetiva e esboçando mecanismos da realidade social, ou deve ela também penetrar e incorporar suas dimensões subjetivas” (BUTTIMER, 1969, p. 417).

A importância em estabelecer uma conexão da geografia com a subjetividade que o conceito de *Lugar* abrange permeia grande parte da academia, mesmo que tal relação tenha começado décadas atrás. O embate entre a geografia clássica e a humanista coloca em questão o sentimento de empatia com o qual a ciência realiza suas pesquisas e a metodologia que é utilizada, perguntando-se até que ponto se analisa indivíduos e espaços como se fossem idênticos entre si e suas relações ignoradas.

A legalidade de sugerir mudanças e realizar pesquisas de cunho positivista e essencialmente superficiais vem sendo discutida. De acordo com Holzer (2010, p. 04),



“A geografia não seria um conhecimento referido a um determinado objeto, mas sim uma ciência que tem o papel de compreender o mundo geograficamente, do homem ligado à Terra por sua condição terrestre”, ou seja, sua relação cultural como o espaço.

Com esse intuito, estudos geográficos são conduzidos com a finalidade de estabelecer a importância em se compreender o conceito e abrangência do *Lugar* e como o indivíduo se desenvolve dentro dele. Para Dardel,

[...] o que nos importa, antes de tudo, é o despertar de uma consciência geográfica, através das diferentes intenções sob as quais aparece ao homem a fisionomia da Terra. Trata-se menos de períodos cronológicos do que de altitudes duráveis do espírito humano frente a frente com a realidade circundante e cotidiana, em correlação com as formas dominantes da sensibilidade, do pensamento e da crença de uma época ou de uma civilização (DARDEL, 2011, p. 47).

Confirma-se, assim, a geografia como ciência de relações que busca compreender, subjetivamente, o que o *Lugar* concebe para o indivíduo e sua relação íntima, através de aspectos subjetivos que muitas vezes fogem da capacidade que a ciência tem de investigar e interpretar os fatos. Segundo Buttimer,

[...] talvez ela anuncie uma fênix potencial, emergindo das cinzas de tiranias passadas—metodológicas, epistemológicas, ou ideológicas em algumas ou todas as facetas da pesquisa geográfica. Como perspectiva de vida, o humanismo valoriza o desafio de discernir o potencial criativo dos indivíduos e grupos, em lidar com a superfície da Terra de maneiras responsáveis (BUTTIMER, 1990, p. 28).

A geografia, então, se depara com paradigmas históricos e novas formas de análise e interpretação que insurgem de uma nova forma de investigar fenômenos e realidades em suas perspectivas científicas. O conceito de *Lugar*, mediante as reflexões até aqui, emerge de um pensamento, no qual o homem e sua interação com o espaço devem ser analisados mais a partir dele (homem) como terra.

## 1.2 A GEOGRAFICIDADE DO LUGAR NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA E SUA ANÁLISE NO CAMPO RELIGIOSO

Pensar o *Lugar* como uma junção de conexões e uma universalidade de conceitos, paradigmas e interpretações é de fato reconhecer a existencialidade dos

sujeitos que dele fazem parte. Novas perspectivas surgem em relação à leitura do espaço geográfico, tanto do ponto de vista da materialidade quanto dos elementos intangíveis do espaço.

A geografia humanista, da qual o *Lugar* é uma análise fundamental, coteja os espaços como relações objetivas, subjetivas e temáticas como identidades, simbolismos, linguagem e outras que têm gerado uma gama de pesquisas que se fundamentam dentro da ciência geográfica. Claval (2007, p. 40) revela que “a geografia humana ocupa desde seu nascimento um lugar importante nas realidades culturais, mas as capta numa ótica reducionista: a ênfase é colocada sobre as técnicas, os utensílios e a transformação da paisagem”.

Dessa forma, os espaços têm se materializado através dos festejos, organizações populares, movimentos sociais e religiosos, sendo abordados sob o prisma geográfico, no qual “a materialidade imediata da prática religiosa não é um fim em si mesma, mas um meio inicial de compreensão da dimensão religiosa” (GIL FILHO, 2007, p. 210).

Assim, os estudos geográficos sobre a religião são extremamente importantes, pela forma como tratam e explanam, no contexto das diversidades de expressões míticas, suas intenções com outros níveis de coletividade, em que “o homem é protagonista deste conhecimento simbólico e desta prática social da religião” (GIL FILHO, 2007, p. 210).

Corrêa (2001, p. 9) preconiza que a “história do pensamento geográfico, um significativo papel, vem oferecendo uma contribuição particular à compreensão da ação humana sobre a superfície terrestre”, ou seja, é necessário que a geografia se preocupe em estudar o homem em sua relação com o espaço geográfico. Ela se manifesta, então, quase em toda parte da mesma maneira: os lugares não têm somente uma forma, uma cor, uma racionalidade funcional e econômica. Eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os frequentam.

Nesse sentido, a geografia tem o objetivo de compreender como as pessoas vivem sobre a terra e experienciam os seus espaços de vivência em diferentes partes do Planeta. Assim, como diz Gil Filho (2007, p. 208), “o meio é um condicionamento das diversas práticas religiosas dos grupos humanos e, por conseguinte, a religião seria um processo interpretativo do meio geográfico”. Portanto, crescem as abordagens geográficas a respeito do espaço social e sua pluralidade.

Dessa forma, o espaço aparece de forma dinâmica e diversificada, necessitando de uma reflexão sociocultural, uma vez que são inúmeras as contribuições que a geografia vem agregando a outras ciências sociais, no que diz respeito ao estudo e à subjetividade, ao imaginário e ao simbolismo das relações que os sujeitos (homens e mulheres) mantêm com ele acerca da natureza para compreender, explicar e transformar o mundo a partir da geografia.

Assim sendo, o espaço das religiões torna-se indispensável neste processo de conscientização e construção da cidadania, visto que a religiosidade e as religiões são elementos integrantes do espaço geográfico (CLAVAL, 2007, p. 153). Dessa forma, para Dardel,

[...] a geografia é muito mais que uma base ou elemento. Ela é um *poder*. Da Terra vêm as forças que atacam ou protegem o homem, que determinam sua existência social e seu próprio comportamento, que se misturam com sua vida orgânica e psíquica, a tal ponto que é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos (DARDEL, 2011, p. 48).

O autor revela uma geografia da prática espacial e seus padrões culturais; de um lado fornecida pelo comportamento do corpo dos adeptos e de outro, no sentido religioso do ambiente caracterizado no âmbito da geografia, uma preocupação com a natureza da experiência religiosa com relação ao desenvolvimento da fenomenologia religiosa sob a ótica humanista cultural.

A base sustentadora do pensamento religioso tem fundamentos que não podem ser explicados racionalmente, pois suas características estão envoltas de afetos, paixões, fanatismos, fundamentalismo e muitos outros atributos que emergem da alma e constituem uma forma de organização, alterando o espaço geográfico. De acordo com Dardel, “essa relação existencial inspira uma quantidade de ritos e de atitudes mentais [...] o desejo manifestado até nossa época, pelos povos mais diversos, de ser enterrado em solo pátrio, deriva dessa relação afetiva do homem com a Terra” (DARDEL, 2011, p. 49).

Dessa forma, o aspecto religioso pode levar o homem, a partir do seu seguimento, a uma forte paixão religiosa que reflete certa resistência a formas modernas de vivência e coletividade, até mesmo no que se refere a sua individualidade. Isso em boa parte se devendo ao pensamento produzido na base e que sustenta a comunidade e os padrões religiosos adquiridos ao longo dos tempos.

A organização e carga ideológica, carregadas pelas expressões religiosas e formas simbólicas, surgem como "representações coletivas" do social em rituais que têm a função de unir o indivíduo à sociedade. Para Durkheim (2003, p.32), "a religião funciona como um sistema que em seu todo é formado por partes, essa ideia tem como base o pressuposto de que a crença é coletiva, o que leva a uma compreensão das dimensões sociais da religião".

Dessa forma, entende-se que a religião é uma expressão eminentemente social e que as representações religiosas são representações coletivas, o que caracteriza um substrato comum em que todos encontram um fundamento à existência humana. Assim,

[...] aquilo que chamamos de subjetividade é transferida às realidades geográficas, e é o homem que se sente e se vê como *objeto*: produto ou brinquedo de forças que se manifestam para ele em seu ambiente, e sobre os quais ele reage com sua magia e seus ritos (DARDEL, 2011, p. 50).

É importante salientar que essa representação não está ligada a uma realidade futura e, sim, a uma realidade do presente, composta de desejos, anseios, aspirações e norteiam trajetórias individuais e coletivas. Ela fortalece a coletividade e as ideologias em comum, em uma busca por conquistas, munida por conceitos inexplicáveis apregoados pelas instituições religiosas para uma possível explicação de fatos que ocorrem na vida social e individual dos seus seguidores.

O espaço não é uma realidade subsistente: ele se subtrai lá onde o homem não pode segui-lo. Não é o homem que faz uma ideia do espaço, é o espaço que vem ao seu encontro e o chama; ele só existe nessa atualização, nesse movimento de se apresentar (DARDEL, 2011, p. 51).

Essa intrínseca relação do material com o imaterial compõe a explicação do inexplicável, pois ela contém espacialidades que se formam e reformam, a partir da subjetividade, e que mobilizam os grupos no intuito de suprir necessidades naturais, culturais, econômicas e etc.

Na base da geografia dos primitivos, há um comportamento religioso, é através desse valor sagrado que se manifestam os "fatos" geográficos. Nenhum fato pode refutar jamais a interpretação mítica, porque só o que é garantido pelo mito se torna verdadeiramente real (DARDEL, 2011, p. 54).

Essas e outras abordagens interagem e movimentam grupos religiosos em prol de uma sociedade a seus moldes e subversão a todo tipo de injustiça com o qual vive o ser humano.

São todas essas presenças que habitam a geografia mítica; presenças dispersas pelo espaço e atrás dele, que agitam as profundezas emotivas e efetivas do homem, porque cada nascer do sol é uma vitória sobre as trevas e o cintilar de cada estrela um sinal que lhe faz o mundo (DARDEL, 2011, p. 53).

Essa relação do indivíduo com o *Lugar*, tendo como mediadora a mística, surge de formas coletivas de religiosidade que traduzem e interpretam a maneira pela qual o grupo enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que os afetam. Composta de pessoas e suas particularidades, a religião se caracteriza de fato em sua coletividade. Os membros das inúmeras correntes religiosas estão introduzidos concretamente em contextos determinados, notórios a desafios e outras realidades. Enfrentam tais questões com representações mentais, sociais, presentes em seu contexto sociocultural e tentam de alguma forma manter sua concepção de *Lugar* firme diante de novas tendências. Dessa forma, pode-se entender que:

[...] ao examinar a Terra como origem e como presença, não podemos evitar de fazer alusão a uma terceira característica da geografia mítica. Uma realidade geográfica infundida de poder sobrenatural requer uma atitude temerosa e respeitosa, uma crença e uma inquietude “metafísica” (DARDEL, 2011, p. 54).

Assim, o espaço é eminentemente social e o *Lugar* pode ser analisado por representações coletivas – mesmo contendo suas individualidades, pois são expressas através de ritos, maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou refazer certos estados mentais desses grupos. “Mas então, se as categorias são de origem religiosa, elas devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: elas também devem ser coisas sociais, produtos do pensamento coletivo” (DURKHEIM, 1983, p. 212).

Nesse contexto (FIGURA 05), “Habitar a Terra, percorrê-la, plantar ou construir é tratá-la como um poder que deve ser honrado cada um dos seus atos é uma celebração, um reconhecimento do laço sagrado que une o homem aos seres da Terra, das águas ou do ar” (DARDEL, 2011, p. 54).

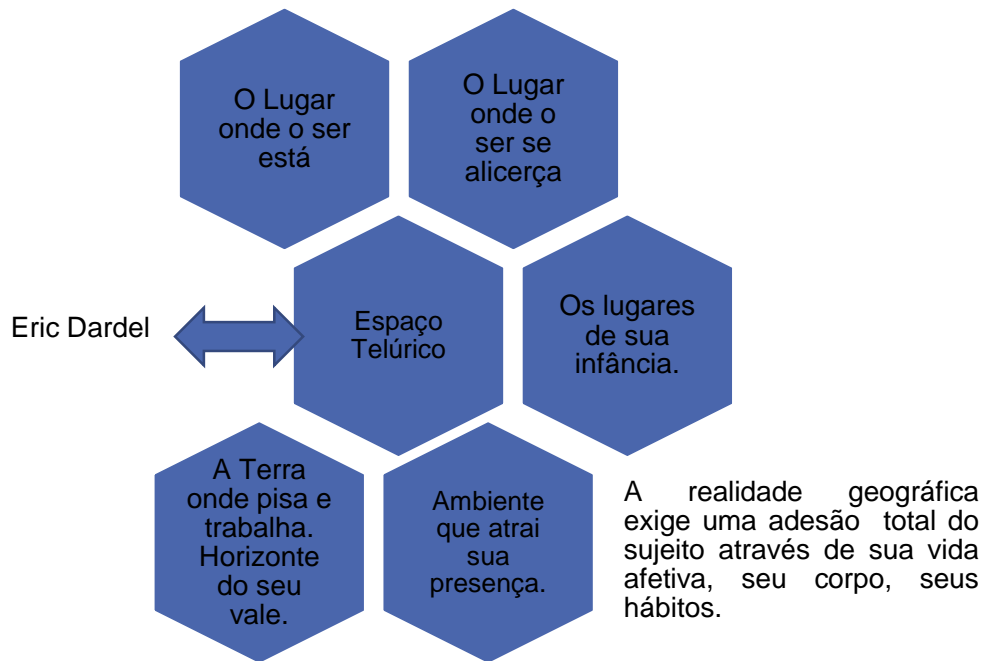


FIGURA 05: O ESPAÇO TELÚRICO EM ERIC DARDEL  
FONTE: AUTOR, 2015

Estas ações têm interferência direta no espaço geográfico, em virtude da carga cultural que carregam, e tais fatores estão intrinsecamente ligados ao agir e transformar, tendo em vista que “Os homens não param de se questionar sobre as razões de sua presença na terra; eles sentem a necessidade de dar um sentido a sua existência e ao mundo no qual vivem” (CLAVAL, 2007, p. 53).

Essa nova realidade, buscada no sobrenatural, está presente no cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, nos espaços em que elas estão inseridas, tais como: empresas, associações, centros de ensino, e também na questão ambiental, na gestão de pessoas, na política e outros que caracterizam o poder e a influência que a religião tem sobre os que dela participam e os que estão a sua volta.

A própria história da religião mostra que tais processos, a cada época e contexto cultural, encontraram sua forma de agir, deixando sua marca e seu alcance. Esses espaços de convivência passam a ser vivenciados com a carga simbólica que emerge das crenças que cada indivíduo tem, pois, para Cassirer, o homem

[...] envolveu-se de tal modo em formas linguísticas, imagens artísticas, símbolos míticos ou ritos religiosos que não consegue ver ou conhecer coisa alguma a não ser pela interposição desse meio artificial. Sua situação é a mesma tanto na esfera teórica como na prática. Mesmo nesta, o homem não vive em um mundo de fatos nus e crus, ou segundo suas necessidades e

desejos imediatos. Vive antes em meio a emoções imaginárias, em esperanças e temores, ilusões e decepções em suas fantasias e sonhos (CASSIRER, 2005, p. 48-49).

Em acréscimo, Gil Filho corrobora este pensamento, ao expor que

[...] o fato de que os sistemas simbólicos derivam, entre outras coisas, de sua estrutura da aplicação sistemática de um mesmo princípio de classificação repercute em uma organização do mundo social e natural de modo dual, com opostos em que impera a lógica da inclusão e da exclusão, a associação e dissociação, a integração e a distinção. Nesta referência estrutural-funcionalista, as funções sociais passam a ter um caráter político, pois promovem uma ruptura no ordenamento amplo e socialmente indiferenciado do mundo, promovido pelo mito. Sendo assim, as funções socialmente diferenciadas de distinção social e legitimação são ocultadas quando a religião se encontra ideológica e politicamente manipulada (GIL FILHO, 2008, p. 47).

Nesse cenário exposto pelos autores, evidencia-se o papel da religião sobre o *Lugar*, e a dimensão se dá mesmo através dos ritos religiosos, do imaginário e do simbolismo – elementos que fazem parte e projetam a vida dos homens, e que, em grande parte, são mediados pelas instituições mais tradicionais, mas também gerados em novos grupos religiosos.

Nesse mundo mítico, onde a pessoa individualmente não possui ‘existência’, onde o indivíduo só é como parte de um todo, membro de clã, depositário de uma função, a Terra é a base do sujeito coletivo, o suporte concreto da essência permanente e invisível atualizada no grupo vivo. Entre o grupo e a Terra, os laços são renovados a cada dia pela circulação da vida que vai do homem para as terras, as plantas e os animais, e que vem da comunidade. Uma corrente de vida circulando na sociedade e na ‘natureza’, o homem tem a substância, a matéria, a essência da própria realidade geográfica (DARDEL, 2011, p. 56-57).

As crenças que formam esses grupos e que geram vivências coletivas (FIGURA 06), que são propagadas pelos meios de comunicação a várias partes do mundo, carregadas de um simbolismo que expressam um mister de formas de religiosidades, que culturalmente não seriam aceitas em determinadas sociedades, pois é por meio da expansão territorial que se especializam as ideias religiosas (SILVA e GIL FILHO, 2009), inclusive sobre o *Lugar*.

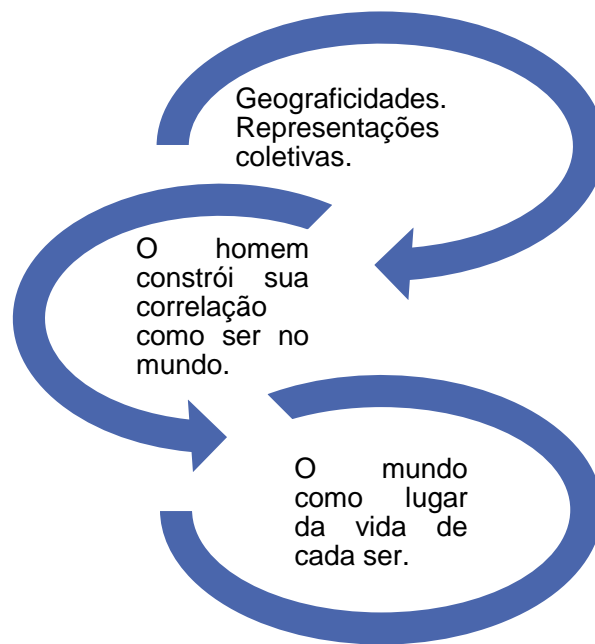


FIGURA 06: O HOMEM E SUA REAÇÃO COM O ESPAÇO  
FONTE: AUTOR, 2015

Dessa forma, uma sociedade se constitui e se consolida através de representações, e essas acabam por dar um significado e criam territórios que identificam determinados grupos pela forma como vivem, dando sentido à cultura religiosa a qual pertence. Essa representatividade acaba rompendo com os limites territoriais físicos, causando um movimento em que

[...] o ciclo se encontra assim fechado, indo do mito à realidade fundada, e da realidade visível e seus suportes invisíveis. É por isso que uma árvore ou uma vaga não podem nunca se tornar coisas ligadas ao homem por uma relação de conhecimento; são sempre seres que participam afetiva e coletivamente, como manifestação de poder da vida esparsa em seu ambiente (DARDEL, 2011, p. 59-60).

Esse ambiente, constituído pela concepção de *Lugar* pertencente nos indivíduos, é, portanto, uma forma de conhecimento e trato com a realidade. Mesmo que tempo e o espaço gerem mudanças, é na dualidade sujeito e objeto que reside o denominador comum que pode conceber toda forma de significação e sentido.

Mas as diferenciações, as delimitações assinalam, como o próprio espaço, uma apreciação qualitativa em que nossas medidas e nossos cálculos, que operam sobre um espaço homogêneo, são substituídos por uma avaliação de forças, de potências, de diferenças concretas, por uma valorização hierárquica das “partes” do espaço. Mesmo a amplitude e a altitude, que nós



objetivamos sem pena, são vividas, sentidas, mais que avaliadas objetivamente (DARDEL, 2011, p. 60).

Essa proposição é uma verdade para todo o ser vivo e pensante, embora só o homem chegue a transformar-se em conhecimento abstrato e refletido. A partir do momento em que é capaz de levá-lo a esse estado, pode-se dizer que nasceu nele o espírito filosófico. Possui, então, a inteira certeza de não conhecer nem o sol nem a terra, mas apenas olhos que veem esse sol, mãos que tocam essa terra; em uma palavra: ele sabe que o mundo que o cerca existe apenas como representação, na sua relação com um ser que percebe que é o próprio homem. Se existe uma verdade que se possa afirmar *a priori* é esta, pois ela exprime o modo de toda experiência possível e imaginável, conceito muito mais geral que os de tempo, espaço e causalidade que o implicam (GIL FILHO, 2008).

Assim, pode-se constituir a religião como um grupo social, porque ela é uma realidade constituída e inserida em um variado contexto sociocultural. Os elementos teológicos que fundamentam os ritos e levam os seguidores a cumprir determinadas regras devem ser analisados e compreendidos também pelo viés horizontal que, culturalmente, é transmitido de geração a geração, pois é habitando em um mundo social, carregado de simbolismos, linguagens e com realidades político-econômicas diversas e excludentes que essas instituições entendem e avaliam – aqui se fundamentando a realidade do *Lugar*.

Tais fatores revelam uma busca por compensações que ultrapassam as relações de um mundo real. Os indivíduos passam a ter esperança no sobrenatural, esperam e fortalecem cada vez mais um sentido de busca por uma vida mais digna e uma sociedade mais justa, pois “essa geografia não pode separar-se de si mesma, porque o mito, sempre colocado sobre as coisas, para as fundar, é precisamente o que faz a realidade aparecer como realidade, e a realidade confirma a todo momento o “fundamento” mítico” (DARDEL, 2011, p. 65).

As proposições citadas levam a acreditar em um florescer ainda mais forte e consistente das mais diversas formas de religiosidade (GIL FILHO, 2008). Tal crescimento vem acompanhado de uma superestrutura que envolve um aparelhamento de sistemas que vão desde classes sociais, mais e menos favorecidas economicamente, às formas mais simples de organização que envolvem pessoas de distintas formações e culturas. A diversidade aumenta e se fortalece neste panorama capitalista, pensamento corroborado por Steil ao dizer que:

Em suma, ao analisarmos a sociedade global em relação ao projeto da modernidade, deparamo-nos com resultados bastante contraditórios. Enquanto no campo social constatamos desigualdades e deficiências profundas na consolidação do projeto moderno, que foi incapaz de estender às populações dos continentes periféricos as promessas do 'bem-estar-social', no campo religioso parece que a modernidade realizou efetivamente os seus objetivos. A sociedade mundial ingressou no segundo milênio com seu campo religioso profundamente transformado e reordenado, em que diferentes formas de expressão religiosa – institucionais e não – institucionais, tradicionais e novas, permanentes e efêmeras, fundamentalistas e performáticas, sectárias e ecumênicas convivem no contexto de um pluralismo que parece não colocar limites à diversidade (STEIL, 2008, p. 8)

A análise baseia-se em um contexto de inovações que levam um grande número de excluídos a buscarem respostas que as estruturas existentes não podem dar. É comum ver instituições religiosas que têm formas de organização paralelas ao Estado e vivem como se independessem das instituições, esperando somente que se cumpram as promessas feitas por seus profetas e pelos escritos de seus livros sagrados. O cotidiano dessas pessoas pode ser interpretado quando

[...] a geografia mítica, aquela que, por essência, é representação coletiva, podemos dizer 'genérica', inserida na comunidade de tradição, da raça e do sangue, é abalada por uma audácia individual, um ideal de aventura e de descoberta, enraizada no culto aos 'heróis', aos 'super-homens', antes de se realizar nas viagens e explorações que exigem energia, coragem e heroísmo, no sentido moderno do termo (DARDEL, 2011, p. 65).

Este é o cenário que uma multidão de pessoas tem encontrado nas mais diversas expressões de religião: um afeto, um sentimento, um jeito de viver socialmente em lugares que se sentem incluídas, criando relações existenciais a partir do *Lugar*. Nessas instituições, muitos tiveram seus problemas escutados e muitas vezes resolvidos. Encontraram, em determinados grupos, uma razão de ser e de estar em função de uma vida melhor, buscando externar isso com trabalhos voluntários, filantrópicos e variadas faces com o intuito de mudar a vida das pessoas, não somente no campo espiritual, mas também material. Diante disso,

[...] a Terra, como realidade circundante, é destituída de seu papel original; ela não é mais experimentada como uma presença, e, a partir desse fato, perdeu sua 'alma'; enfim, ela foi de sacralizada, pronta para a concepção objetiva e material por parte do homem (DARDEL, 2011, p. 67).

Tudo isso se dá em oposição a um crescimento desordenado de uma globalização, que visa só o capital, que exclui e não humaniza as pessoas, e a muitas extraindo da concepção de *Lugar* em sentido material e imaterial. É fato que, quando se observam as formas de organização dos sistemas religiosos, percebe-se sua evolução em detrimento das atuais condições em que vive a humanidade. Novas ideologias são necessárias para preencher o vazio pelo “fim da história” (CLAVAL, 2007, p. 405).

Consequentemente, essa forma de vivência religiosa, para o indivíduo, é de grande relevância para a situação biográfica atual, mas diminui, consideravelmente, o papel transformador, do ponto de vista social. Ela ganha sempre mais relevância no microcosmo biográfico do indivíduo, mas cada vez mais, ao que parece, vai perdendo a sua força de intervenção social. Para Dardel (2011, p. 68), “a grande sublevação que ocorre na realidade geográfica, sob o efeito do profetismo, dos avisos, das promessas, é a temporalização da Terra e o do espaço concreto”.

Mesmo com muitos seguimentos religiosos que caminham em mãos opostas, a teoria defendida aqui de cunho ideológico individualista, em que o compromisso de prosperidade leva a uma espiritualidade intimista e pouco ligada às questões concretas do cotidiano do ponto vista coletivo, é que ainda existem movimentos messiânicos que valorizam a concepção de Lugar nessa perspectiva geográfica, em face de uma religiosidade valorizadora do indivíduo e do *Lugar*.

Essas novas relações que partem de contextos sociais e econômicos para contextos místicos norteiam um crescimento de “velhas” e “novas” expressões religiosas que são procuradas em um mercado de religiões, para atender às necessidades individuais dos clientes empacados no sistema que exclui e retrai grande parte da sociedade em grande velocidade.

Em uma leitura do mundo exterior *segundo o tempo*, a Terra aparece como uma realidade temporária e, de algum modo, precária, fundada por uma vontade criadora, esclarecida a partir do futuro, colocada como uma preocupação, ultrapassada em sua duração provisória pela infinitude de Deus, limitada por uma outra espacialidade, que abrange a noção dos “céus” opostos à Terra. É nessa atmosfera da profecia bíblica que *terrestre* ganha seu significado, em oposição ao *celeste*, realidade subtraída das dimensões e das limitações de todo tipo da espacialidade terrestre (DARDEL, 2011, p. 69).

Isso se caracteriza, principalmente, em uma busca por sentido, pelo fato de

[...] o nascedouro da experiência religiosa hoje está no desencanto das promessas da modernidade onde, parece-nos, que o ser humano perdeu o sentido da vida. O fenômeno, como a onda, vem crescendo chegando a um ápice tal, que traz um novo encanto. As pessoas querem saber de sua religião; os fundamentalistas reveem suas respostas, outras procuram novidades; outras reinventam velhas experiências, outras adaptam seu modo de viver moderno ao místico e/ou esotérico e ainda outras voltam a povoar as florestas e o mundo de seres mitológicos e folclóricos (SEFFRIN, 1998, p.298).

Neste aspecto, o indivíduo fortalece o crescimento de espiritualidades tradicionais e inovadoras no mundo globalizado em que o *Lugar* é pouco valorizado, pelo menos no âmbito da discussão feita neste rol, pois nelas os indivíduos acabam por valorizar mais a realidade, o cotidiano e a coletividade. Esse contexto leva a um processo de inculturação que atende aos anseios e perspectivas das pessoas que estão em busca de referencial, uma vez que “identidade religiosa se refere a uma imagem institucional necessária e demonstra a materialidade da religião e a representação pela qual o indivíduo e o grupo se identificam” (GIL FILHO, 2008. p. 83). Para Dardel, “ainda que as concepções objetivas e abstratas dos modernos a respeito do espaço não estejam também livres, podemos, contudo, considerar que o espaço, na interpretação profética, está pronto para o conhecimento desse tipo” (2011, p. 69).

O fato é que, de um lado, se tem o progresso e a evolução de sistemas, como a atividade econômica e o avanço da tecnologia, e do outro, as desigualdades sociais e econômicas. A economia de mercado move e gera pontos que norteiam, ideologicamente, indivíduos e grupos rumo a uma cultura global.

Nesse universo que, de resto, permanece bem real, pela historicidade que ele comporta, os astros, as montanhas, os rios, os seres vivos, subordinados à soberania do homem, estão disponíveis para uma compreensão que os coloca em sua realidade subsistente e utilitária (DARDEL, 2011, p. 70).

Tais fatos acontecem, exatamente, por falta de identidade, o que torna a sociedade mais vulnerável aos processos econômico, político, cultural, religioso e econômico pós-segunda guerra mundial. Essas facetas que acompanham a sociedade promulgam aspectos da subjetividade humana que se fortalecem diante do sistema e seus percalços.

Mas, por outro lado, ao tornar a vida humana um intervalo de tempo em que ele tem algo a fazer, refreando o gozo dos bens terrestres e contemplação, a

ética judaico-cristã, sem o procurar expressamente, lançou as inteligências e energias humanas num ascetismo do agir, na exploração, valorizando o conhecimento da Terra (DARDEL, 2011, p. 71).

Diante dessa configuração, fundamenta-se a ideia de crescimento, em grande escala, de filosofias religiosas, as quais, em uma subjetividade inerente as suas bases ideológicas, procuram dar sustentabilidade e equilíbrio à pessoa. Nesse campo, o fenômeno religioso assumiu características distintivas na contemporaneidade, tornando-se uma base de destaque na compreensão do mundo, devido à complexidade deste e à pluralidade de expressões sociais e geográficas articuladas pela dinâmica global da informação (GIL FILHO, 2008).

### 1.3 A GEOGRAFICIDADE E O LUGAR NAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

Historicamente, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), inspiradas por movimentos já existentes no seio da Igreja Católica Apostólica Romana, surgiram na década de sessenta (60), pois o cenário econômico, social e político do Brasil se tornou favorável a esse tipo de seguimento, baseado nos princípios do cristianismo primitivo. Sendo fortemente baseada em aspectos doutrinários e documentos oficiais, discussão feita no capítulo dois<sup>1</sup>, os quais criaram condições para que, com base na história, se pudesse elevar a interpretação cristã de mundo para uma realidade concreta em que se fazia necessária uma ação da Igreja Católica Apostólica Romana.

Organizadas a partir de pequenos grupos e formadas por pessoas, em sua grande maioria, de classes sociais menos favorecidas econômica e socialmente, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) formam uma conjuntura pastoral voltada para o social. Em sua composição, em termos geográficos, constituem-se de indivíduos que moram no mesmo bairro e zona rural, os quais a partir desses espaços (lugares) criam vínculos comunitários que vão além do templo religioso.

Os pequenos produtores rurais, as empregadas domésticas, os membros de associações, as cooperativas, as donas de casa, os agentes pastorais e outros setores da sociedade se juntam por anseios que vão além de suas necessidades

---

<sup>1</sup> Capítulo dedicado a análise dos documentos latino-americanos e o diretório diocesano de Ji-Paraná.

individuais, mas que estão no âmbito comunitário e coletivo do local em que a CEBs está inserida territorialmente.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) formam a principal identidade da caminhada da Igreja Católica Apostólica Romana da Diocese de Ji-Paraná.



FIGURA 07: CICLO DO SENTIDO ESPACIAL DO HOMEM EM RELAÇÃO AO FENÔMENO RELIGIOSO  
 FONTE: AUTOR, 2015

Tanto na cidade como na zona rural, sua liderança tem o seu carisma voltado à busca da práxis libertadora, neste estado, a fé deve ser pensada como fermento de transformação histórica, ou seja, como caridade social. Para seus coordenadores, o sentido de ser missionário está na luta e no compromisso com a libertação dos pobres e oprimidos. Benincá comenta:

De acordo com o padre Carlos S. Santos e o frei Gilvander L. Moreira, espiritualidade libertadora está diretamente relacionada com a libertação integral da pessoa humana e com a defesa da vida nova e plena para todos. Eles asseguram que, no campo social, as CEBs são responsáveis pela articulação, mobilização e fortalecimento dos movimentos sociais e populares que trabalham por direitos humanos, dignidade, liberdade, justiça e paz (BENINCÁ, 2006, p. 130).

Essa geograficidade se apresenta em um sentido religioso que implica a uma dimensão pessoal-social, envolvendo relações históricas entre os homens e os projetos sociais que implicam a promoção humana dos mesmos. Nesse aspecto, nas CEBs, é princípio dos seguidores dessa identidade ter uma responsabilidade que excede a espacialidade religiosa, direcionada para o campo político, cultural e social.

Nesse sentido, essa teologia da práxis levaria a uma transformação social e econômica do espaço geográfico em que está inserida, isso porque levaria à dimensões coletivas, constituindo-se o seu grande desafio: contribuir de modo decisivo para a construção de uma nova sociedade, na qual se superem as grandes dominações sociais.

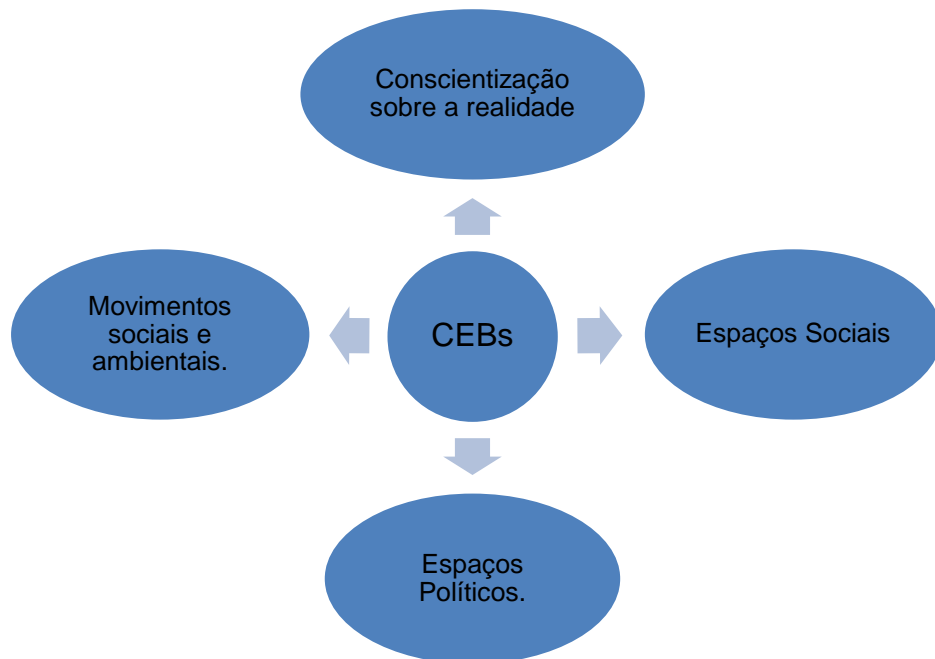


FIGURA 08: AS CEBs E SUA RELAÇÃO COM O LUGAR  
FONTE: AUTOR, 2014

Faz parte do projeto das CEBs que seus líderes tenham uma consciência profunda sobre o sofrimento dos pobres; busquem uma conversão à solidariedade; desenvolvam a significação libertadora da fé; aproximem a teologia ao entendimento do povo; busquem uma assimilação das contribuições positivas das ciências sociais; e, principalmente, conciliem fé e vida. Para Benincá, “essa espiritualidade Católica de

cunho libertador moveu e continua movendo muitas pessoas a agirem com firmeza profética diante dos impérios e das injustiças desse mundo” (2006, p. 132).

Segundo o Documento de Aparecida,

[...] a fé nos ensina que Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos, e esperanças, como também em meio a suas dores e sofrimentos. As sombras que marcam o cotidiano das cidades, como por exemplo, a violência, pobreza, individualismo e exclusão, não nos podem impedir que busquemos e contemplemos o Deus da vida também nos ambientes urbanos. As cidades são lugares de liberdade e oportunidade. Nelas, as pessoas têm a possibilidade de conhecer mais pessoas, interagir e conviver com elas. Nas cidades é possível experimentar vínculos de fraternidade, solidariedade e universalidade. Nelas, o ser humano é constantemente chamado a caminhar sempre mais ao encontro do outro, conviver com o diferente, aceitá-lo e ser aceito por ele (APARECIDA, 2007, p. 227-228).

Nesse contexto, percebe-se que as CEBs se encontram diante de uma realidade complexa, fragmentada e contraditória, uma vez que as comunidades acabam por se isolar e se abstrair de uma realidade presente em torno de si. As organizações em nível eclesial e social não têm correspondido ao que a Instituição espera em termos missionários, culturais e sociais e das relações desses aspectos com a sociedade em geral, o que emerge como desafio para líderes locais.

Quanto à ideologia propagada pelas CEBs, estas têm sua doutrina pastoral à luz da Teologia da Libertação (TL) (EXORTAÇÃO APOSTÓLICA, 2008). Também, posteriormente, há outros documentos da Igreja, nos quais se encontram referências a essa doutrina.

Oliveira corrobora esse entendimento, a partir da seguinte explanação:

Podemos afirmar que a *afinidade eletiva* entre CEBs e transformação social reside na categoria de *libertação*, que é, ao mesmo tempo, uma categoria política e teológica. Na medida em que as CEBs – e a Igreja em seu conjunto, incluindo outras igrejas cristãs – incorporam essa categoria, a ação transformadora na sociedade adquire caráter pastoral, isto é, como ação própria da Igreja, e não uma atividade supletiva. Por isso, quando acontece de uma CEB participar de encontros intereclesiais, mas não incentiva seus animadores e membros para uma atitude social e política, tal fato é motivo de surpresa e indagação. (OLIVEIRA, 2007, p. 21).

Nesses termos, essa facção da comunidade Católica lida com a “libertação dos pobres e oprimidos” – há muita subjetividade e potencialidade nas ações, na práxis. Nesse viés católico de libertação (LOWY, 2000, p. 57), são verificadas, constantemente, duas de suas dimensões: a social e a política, além da exploração dessa parte integrante da evangelização ou missão fim da Igreja Católica Apostólica



Romana, através do que se constatou nas Conclusões da IV Conferência de Santo Domingo (2006, p. 122): “fé do Deus de Jesus Cristo do amor aos irmãos têm de traduzir-se em obras concretas”.

Segundo as diretrizes da Diocese de Ji-Paraná a Comunidade Eclesial de Base assume:

28 - [...] a caminhada para a formação de CEBs e quer ser Comunhão de Comunidades. As CEBs são vistas como comunidades de fé, de celebração e de caridade;

- a) que se libertam e libertam, apontando para uma sociedade alternativa;
- b) onde há vivência de comunhão;
- c) onde todas as pessoas são valorizadas;
- d) lugar do cultivo dos ministérios diversificados;
- e) que suscitam, educam, apoiam a experiência da fé, a partir da Palavra, da Eucaristia, da Comunhão Fraterna e do empenho no serviço às pessoas.

29 - A Dimensão Social desde o I Plano nota-se a vontade e o esforço para opção e um envolvimento afetivo pela causa da justiça:

- a) identificando os “pobres de hoje”;
- b) tomando consciência da situação social;
- c) assumindo o Projeto de Deus;
- d) denunciando as situações de opressão, de exploração e marginalização. (JI-PARANÁ, 2010).

*A priori*, sabe-se que a composição das realidades vividas hoje nessa região oeste da Amazônia coloca em xeque os fundamentos do movimento libertário, pois as CEBs ainda não superaram o campo da teoria, das ideias. Desde os espaços sociais aos políticos e aos religiosos, as contribuições dadas pelas CEBs ainda tentam se fundamentar e se sustentar.

Um dos princípios da Teologia da Libertação parte do seguinte pressuposto: é possível anunciar “Deus-Pai” em um mundo completamente desumano. Um dos aspectos da desumanidade é aquele que pode ser contemplado facilmente através de um simples olhar nos entornos e periferias de qualquer ajuntamento urbano ou rural: o sofrimento dos pobres – que, possuindo as condições ideais, também podem ser participantes para a construção de uma sociedade nova. Como consequência disso, “a análise da realidade, parte constitutiva da práxis, tornou-se certamente mais exigente e complexa” (RICHARD, 2006, p. 44).

Sobre essa proposta, Leonardo Boff faz a seguinte consideração:

É aqui que se faz importante a verificação de como o povo faz a passagem do religioso ao político. Geralmente para ele as duas realidades vêm unidas.

Começa pelo religioso. Aí ele se dá conta das injustiças que são pecado que Deus não quer. Depois passa para a compreensão das estruturas reais que produzem as injustiças. Importa mudá-las para que não produzam mais o pecado social (BOFF, 1982, p. 25).

O desafio problematizado pela Teologia da Libertação se apresenta como um verdadeiro impasse, mesmo lançando mão de instrumentos que vão além da fé – o que é até lógico, pois se tratando de uma mescla de relações sociais com teologia e com a realidade política vigente, não é de se admirar que só a fé não resolva. A própria cultura mundanizada de destruição, sob uma lógica capitalista que se dá pela exploração dos recursos naturais, já se apresenta como um agravante a esse problema.

Neste espaço amazônico, o processo de mundialização do capital é nítido, pela implementação e expansão do agronegócio – especialmente a soja, a agropecuária de corte e as indústrias, mesmo que um tanto incipientes no momento, além das suas repercussões culturais – é um destaque ao consumismo exacerbado. Tal reflexão crítica sobre como se dá a espacialidade dessas relações em território rondoniense remete, automaticamente, a sua complexidade e à visão total dos fatos, em que a religiosidade e a fé que lhe é atribuída podem servir como ferramentas para explicar fenômenos geográficos.

Não raras vezes, a TL propôs uma “leitura política” da Sagrada Escritura (ROSENDAHL, 2005, p. 220) e, nesse tipo de leitura, Jesus é transformado numa espécie de símbolo das exigências de luta dos oprimidos e a sua morte é interpretada, única e exclusivamente, como um fato político. Sell e Brüseke, através de uma transposição ideológica à realidade latino-americana, explicam que:

Torna-se, com efeito, cada vez mais evidente que os povos latino-americanos não saíram de sua situação a não ser mediante uma transformação profunda, uma *revolução social* que mude radicalmente e qualitativamente as condições em que vivem atualmente. Os setores oprimidos no interior de cada país vão tomando consciência – lentamente, é verdade – de seus interesses de classe e do penoso caminho a percorrer até a quebra do atual estado de coisas, e – mais lentamente ainda – do que implica a construção de uma nova sociedade (SELL e BRÜSEKE, 2006, p. 211).

Essa leitura materialista da Bíblia designa-se a si própria e como uma evangelização subversiva e libertadora das realidades (Foto 01) eminentemente opressoras a partir do *Lugar*.

Assim, para Rubio (1983, p. 182), seguindo o raciocínio de Gutiérrez<sup>2</sup>, a Igreja será sinal de libertação e criadora de fraternidade e solidariedade diante do sistema, abandonando toda função legitimadora e denunciando as situações desumanizantes: “Denúncia que deve ser radical, não se limitando a uma sintomatologia periférica para não ser ‘domesticada’ pelas tentativas puramente reformistas”. É claro que essa consideração refere-se à ação de determinados grupos dentro do ambiente católico.

É neste momento que o evangelho é interpretado de forma social, levando os fiéis a reconhecerem a realidade social e econômica em que vive a grande massa de excluídos que existe no país e que muitos desses vivem e fazem parte daquela comunidade.



FOTO 01: CAMINHADA DAS CEBS 2015 – ROLIM DE MOURA<sup>3</sup>.

FONTE: ACERVO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA DE ROLIM DE MOURA, 2015

Com um discurso contra o sistema capitalista, os cultos são momentos de politização do povo, para que se tenha consciência do que tal sistema pode causar e

---

<sup>2</sup> Gustavo Alfredo Gutiérrez Merino Díaz nasceu em Lima, Peru, no ano de 1928. Conhecido como Padre Gutiérrez, foi um dos precursores da Teologia da Libertação e um dos primeiros sacerdotes a buscar com que a Igreja refletisse sobre as realidades vividas pelos pobres, principalmente na América Latina. Ler em ALMEIDA, João Carlos. Teologia e Solidariedade. Ed. Loyola, São Paulo, 2005.

<sup>3</sup> Imagem de uns dos altares da caminha das CEBS em Rolim de Moura. Na ocasião, valorizam as pastorais sociais e se manifestam com cartazes de cunho social e comunitário.

de que somente à luz do evangelho de Jesus Cristo o mal pode ser combatido e vencido. Nesse aspecto, Jesus passa a ser um exemplo de líder que combateu os males políticos e os ricos exploradores de sua época e seus seguidores têm, pelo batismo que receberam, a mesma missão. Esse pensamento emerge com base nas Conferências Episcopais de Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992). Nesta última, nas conclusões da Conferência, redigiu-se:

Fazemos nosso o clamor dos pobres. Assumimos com renovado ardor a opção evangélica pelos pobres, em continuidade com Medellín e Puebla. Esta opção, não exclusiva nem excludente, iluminará, à imitação de Jesus Cristo, toda nossa ação evangelizadora. A essa luz, convidamos a promover uma nova ordem econômica, social e política, conforme a dignidade de todas e cada uma das pessoas, implantando a justiça e a solidariedade e abrindo para todas elas horizontes de eternidade (SANTO DOMINGO, 1979, p.175-176).

Esta convocação surge em meio aos fatos vivenciados por cristãos e não cristãos, principalmente na América Latina, onde o desafio do neoliberalismo recebe maior urgência (LIBANIO, 2003, p. 326). Esse seria o principal motivo pelo qual temas como política, agronegócio, meio ambiente, saúde, urbanização, ruralização e outros são discutidos em pleno culto, abrindo-se muitas vezes para que os participantes deem sua opinião e adêquem o evangelho à situação social que se debate naquele momento. Nesse sentido,

CEBs: nos trilhos da inclusão libertadora é fruto de um grande mutirão. Na verdade, um mutirão para tentar animar outros mutirões. Desse modo, seguimos conscientes de que é preciso *ver* de olhos bem abertos, *julgar* de forma crítica e criativa e *agir* com os pés no chão da vida. Como se vem dizendo muito por aí: 'é necessário atuar localmente sem deixar de pensar globalmente'. Com este compromisso, prosseguimos acalentando o sonho de que outros mundos são possíveis. E, para tanto, as CEBs – um antigo/novo jeito de ser Igreja tornam-se cada vez mais necessárias. (BENINCÁ, 2006, p. 19).

Vale ressaltar que é dessa forma que as CEBs na Diocese de Ji-Paraná entendem e vivenciam ideologicamente sua fé, buscando levar todos os seus líderes e simpatizantes à mudança de mentalidade que perpassa a mística e transcende para uma visão política e humana das realidades em que vive a grande maioria da população brasileira.

#### 1.4 O LUGAR COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO PARA TRANSFORMAÇÕES REAIS E CONCRETAS DO COTIDIANO

Em 1968, na Colômbia, aconteceu a 2ª Assembleia Geral da Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM) realizada em Medellín. A “opção pelos pobres” foi ratificada para toda a Igreja Católica Apostólica Romana na América Latina. A valorização do *Lugar* é dita assim como fonte de união comunitária como para construção de outra realidade. Nesse sentido, Bíblia e cotidiano se entrelaçam na experiência dos sujeitos participantes das comunidades.

Nesse contexto histórico, fazia-se necessária uma conscientização religiosa, política e convincente de que as injustiças vividas no *Lugar* só poderiam ser mudadas pela intervenção direta da comunidade como resposta prática às vivências (FIGURA 09). Esse seria o caminho de valorizar e significar a terra pelo homem, sendo isso fonte de inspiração para mudanças concretas e históricas.

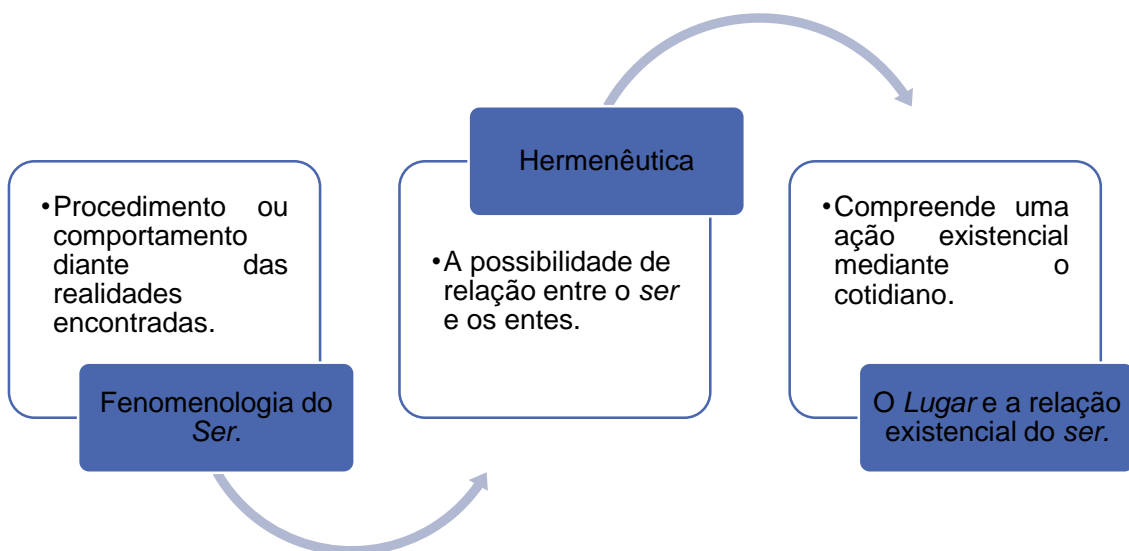


FIGURA 09: TRIPÉ QUE FUNDAMENTA A COMPREENSÃO DAS CEBS SOBRE O ESPAÇO  
FONTE: AUTOR, 2015

Esse tripé que fundamenta as CEBs encontra fundamento metodológico nas Conferências Episcopais Latino-americanas. Paulo Freire explica mais sua concepção de homem livre:

A pedagogia do oprimido como pedagogia humanista e libertadora terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se com a práxis, com a transformação; o segundo em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2006, p. 23).

Assim, a partir de uma compreensão e conscientização real das relações existentes nos mais diversos campos em que estão os indivíduos, surge o entusiasmo de combater tudo aquilo que possa ferir a dignidade das pessoas. Por isso conhecer, lutar, agir são formas que as CEBs utilizarão como meio de mobilização social.

Ações como essa demonstram como as CEBs atuam, deixando o templo religioso e emitindo reivindicações e ações sólidas em prol da sociedade. Dessa forma, a comunidade - em suas particularidades - age conforme os contextos e acompanhada pela orientação do clero, tendo como base inspiradora os documentos latino-americanos. Vale destacar que sua metodologia faz oposição ao sistema capitalista e à forma como o mesmo vem se inserindo nesta região Amazônica.



FOTO 02: GRITO DOS EXCLUÍDOS<sup>4</sup>  
 FONTE: AUTOR, 2013

Dentro dessa perspectiva, as CEBs são espaços de convivência em comunidade, onde se reúne certo grupo para discutir os mais diversos assuntos ligados ao dia a dia da comunidade (FIGURA 10). São espaços que ligam pessoas a outros espaços. Nisso, o espaço construído e em construção liga a pessoa a outras pessoas, criando laços afetivos e afinidades sobre o seu espaço e espacialidades diferenciadas.

Então, as CEBs são espaços de espaços diversos criando relações de serventia com o *Lugar* e este, por sua vez, é sentido conforme a história que os indivíduos passaram. Assim, as comunidades funcionam como centros de articulações entre as organizações existentes na sociedade, principalmente, aquelas ligadas aos mais excluídos do processo social e econômico.

Verifica-se, assim, o caráter libertador das CEBs, em contexto de coletividade

<sup>4</sup> Cidade de Cacoal, 07 de setembro de 2013. Durante o desfile cívico, os jovens da Pastoral da Juventude (PJ) fazem manifestações públicas contra o sistema político. As faixas usam palavras que reivindicam melhorias na saúde, emprego, infraestrutura da cidade, dentre outras.

para a consciência da transformação social.



FIGURA 10: O LUGAR NAS CEBs  
FONTE: AUTOR, 2015

Essa concentração de esforços em prol de atividades libertadoras parece ser pertinente, não somente para o contexto histórico das conferências episcopais da América Latina, mas também para os dias atuais, diante do quadro político, social e econômico em que vive o país.

Ela começa onde um único homem ou um grupo de homens, por reduzido que seja no início, decide tomar seu destino em suas próprias mãos, sem delegar e alienar este encargo a quem quer que seja e onde, para consegui-lo, ele se volta para o vizinho, o 'próximo', ou o 'longínquo', a fim de constituir uma pequena 'comunidade de base', célula viva do tecido social novo (GARAUDY, 2005, p. 420).

Nesse contexto, as comunidades mantêm e fixam novos olhares sobre a realidade social em que o povo está inserido, tentando de várias formas superar a inferioridade econômica e até mesmo intelectual, como forma de reagir em favor de todos que, de alguma forma, são oprimidos e excluídos no sistema, seguindo as etapas expostas na figura 11.



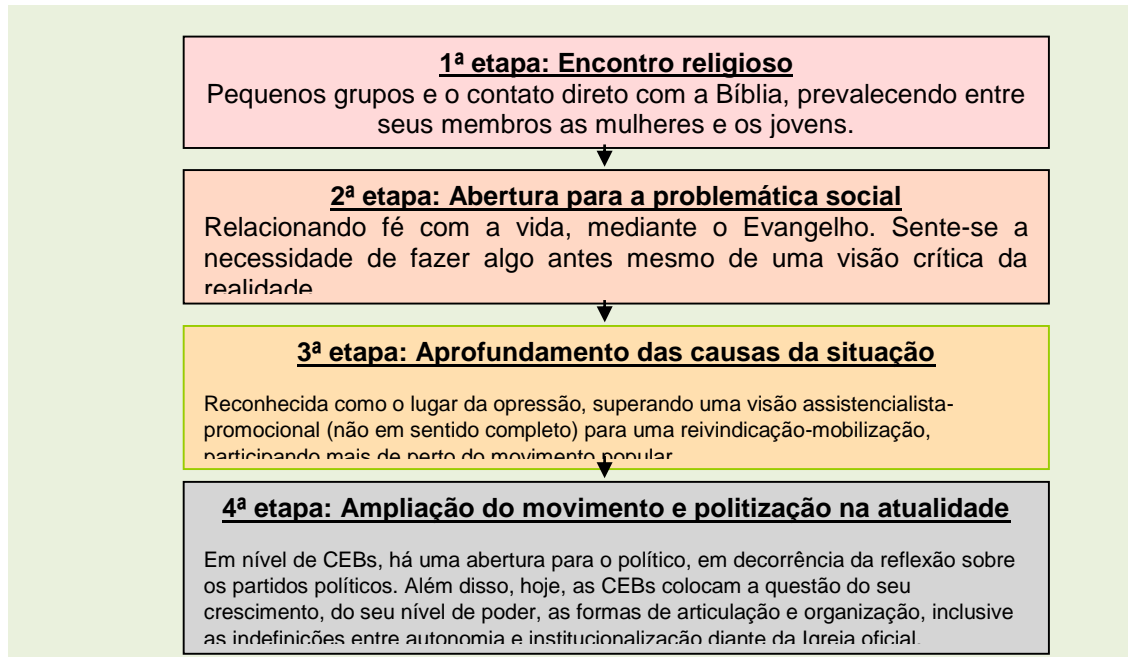


FIGURA 11: ETAPAS NAS CEBs  
FONTE: AUTOR, 2014

As etapas elencadas acima constituem um processo dialético dentro da própria comunidade, seguindo passos que possam tornar concretos os projetos pensados pela mesma. Nesse sentido, as relações perpassam a subjetividade e entram na realidade vivencial dos sujeitos e se juntam à comunhão de ideias e vivências (FIGURA 12). Essa característica de certa forma vai contra os posicionamentos hierárquicos da Igreja enquanto universal, indo contra toda normativa pré-existente. Dessa forma, as comunidades ganham um dinamismo peculiar, ou seja, ganham características de luta por questões locais, valorizando o seu *Lugar*.

Este círculo cria relações existenciais, materiais e imateriais, estabelecendo um sentimento de pertença ao *Lugar*, configurando espacialidades específicas e concretas em uma geograficidade que, percebida a partir dos fatos concretos, a própria comunidade retrata em seu contexto religioso. Dessa forma, implica uma ação que vem do sentimento de pertença entre os indivíduos e a comunidade – *Lugar*, em relação ao meio em que vivem, assumindo funções de cunho comunitário.

Por isso, o povo – comunidade e *Lugar* são fundamentais na caminhada das CEBs. O evangelho, interpretado no contexto atual, é um apelo à realidade em que vive o povo através de comentários, roteiros, relacionamento com a vida, constituem

os pontos fundamentais de sua interpretação de mundo.

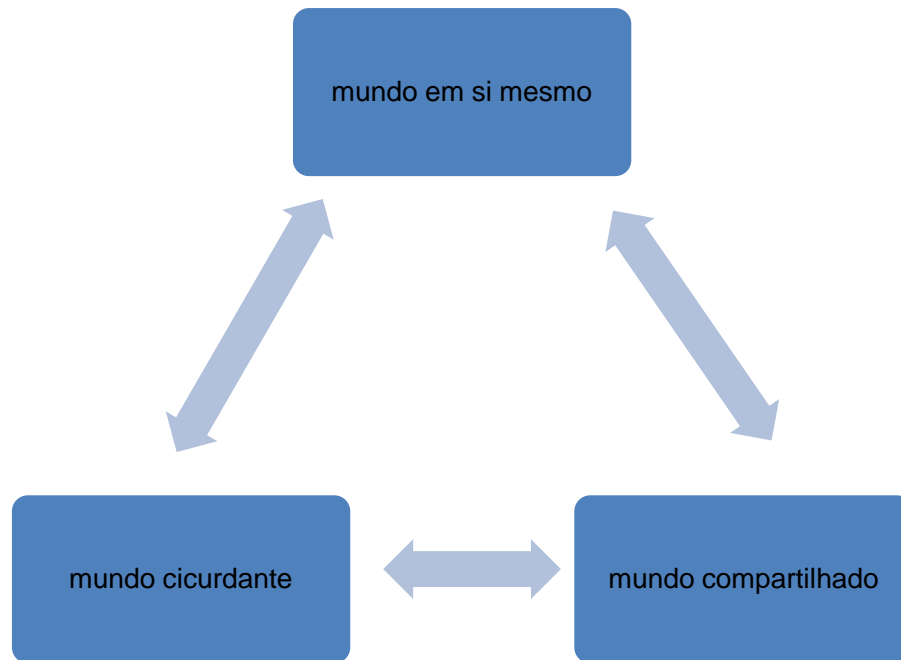


FIGURA 12: CÍRCULO DE RELAÇÕES DAS CEBS  
FONTE: AUTOR 2015

O mundo secular é permeado pelo mundo sagrado numa relação recíproca e prática (FIGURA 13). Dessa forma, a vida em comunidade está em primeiro plano, é a comunidade que a faz real e vivencial, e tudo gira em torno dela. Assim, são os serviços dos homens num compromisso pela humanização do espaço através do compromisso com as transformações propostas pelos documentos latino-americanos. Essa visão, passa por uma tendência no que se refere à revolução social, que tem como solo as orientações eclesiais para combater a miséria e injustiça perceptível na região.

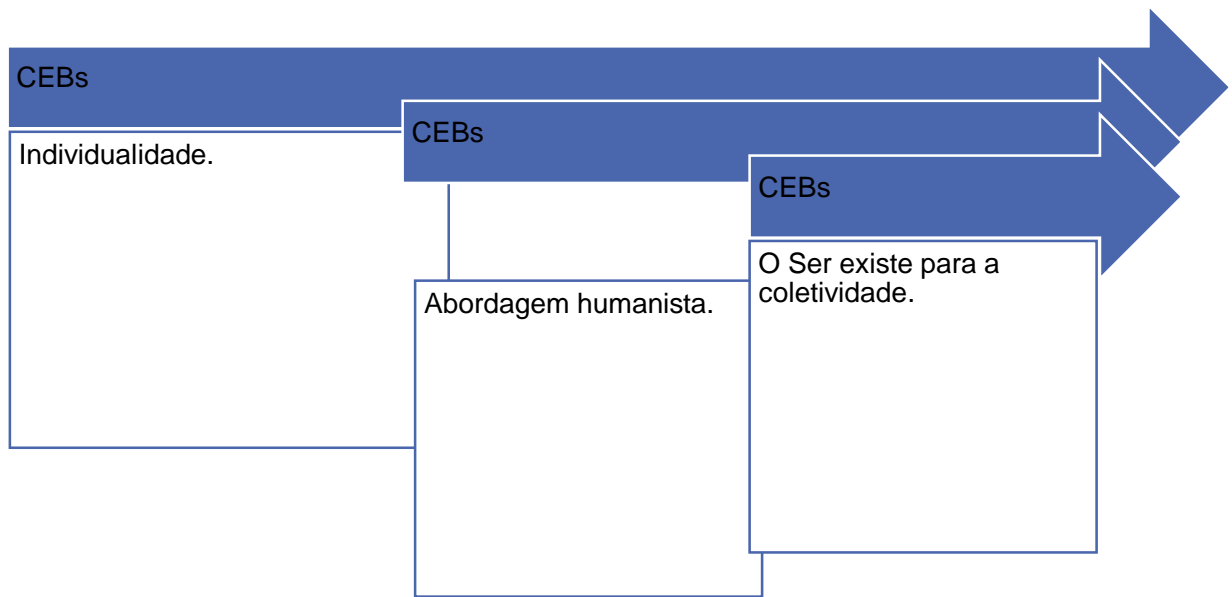


FIGURA 13: ABORDAGEM EMPÍRICA DAS CEBs  
 FONTE: AUTOR, 2015.

Assim, se encontraria a forma de uma nova comunidade e sociedade que seria capaz de superar as injustiças e desigualdades contra os mais pobres. Dessa forma, a bíblia pode ser interpretada como algo que traz luz para vida dos marginalizados e excluídos.

Essa forma “popular” de se comportar dentro de uma instituição universal quebra paradigmas históricos – inclusive de alianças entre a Igreja e o Estado, na medida em que a necessidade do povo se torna mais eminente que as doutrinas e dogmas impostos, de forma universal, sem prever as realidades particulares de lugar. Dessa forma, as CEBs são espaços para problemáticas sociais, globais e locais, ideias que estão claras do ponto vista dos leigos e do clero.

## CAPITULO II – O *LUGAR* COMO BASE DE AÇÃO PARA PRÁTICA RELIGIOSA DAS CEBs A PARTIR DOS DOCUMENTOS EPISCOPAIS LATINO-AMERICANOS

A Igreja Católica Apostólica Romana, uma instituição presente na história, exerceu papel predominante no rumo da humanidade. Ela não apenas contemplou as mudanças que ocorreram na história, mas também foi umas das instituições que garantiram ou tentaram impedir tais mudanças. Já em pleno século XX, mais especificamente no dia 25 de dezembro de 1961, dá início ao Concílio do Vaticano II (CVII), um importante marco no rumo da Igreja Católica Apostólica Romana na América Latina.

O CVII representou para a humanidade, mais especificamente para a vida cristã católica, uma mudança de paradigma frente a uma sociedade cada vez mais leiga. Depois do Renascimento, da Revolução Industrial, da Revolução Francesa e da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, além de outros fatores, o homem passou a valorizar cada vez mais os bens materiais, tornando-se um ser mais voltado aos interesses do mundo secular do que espiritual.

A Igreja Católica Apostólica Romana, percebendo que estava se distanciando do povo, tenta, através do CVII, atualizar-se aos tempos modernos para garantir sua participação nos desígnios da humanidade. Para Beozzo,

O relevo hermenêutico do ‘aggiornamento’, malgrado a dificuldades de uma rigorosa determinação conceitual do termo, está estritamente conexo com a pastoralidade. O termo ‘aggiornamento’ foi interpretado como ‘reforma’, mas com ele se queria indicar antes disponibilidade e atitude para a busca, um compromisso global de busca de uma renovada inculturação da revelação nas novas culturas (BEOZZO, 1993, p. 19).

Tais mudanças, entretanto, teriam que enfrentar muitos obstáculos durante o processo de concretização, pois as novas instâncias da Igreja que estavam sendo atualizadas à realidade deveriam ser bem aceitas pela sociedade, caso contrário, as mudanças propostas no Concílio estariam fadadas ao fracasso (BONATO, 2009).

Diante de um cenário geopolítico entre países socialistas e capitalistas, o século XX forçou a Igreja Católica Apostólica Romana a sair do seu silêncio oculto e gritar suas necessidades de transformação e realização ao mundo. Repensando e realizando grandes reformas no jeito de se relacionar com a sociedade, a Igreja

Católica Apostólica Romana procurou garantir a preservação, a defesa e a clareza da Fé e da doutrina Católica diante dos fatos da época.

O papa Pio XII, tendo consciência de que a América Latina era uma potência no mundo cristão e sabendo que a mesma estava sobre ameaças, apoia a *Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano* (CELAM) que se realizou no Rio de Janeiro, de 25 de julho a 4 de agosto de 1955. As problemáticas vistas durante a conferência foram: a escassez de sacerdotes que geravam problemas graves na instrução religiosa dos povos latino-americanos; a questão da desigualdade social; e as condições de miséria em que viviam muitos latino-americanos também foi foco da conferência.

A conferência teve como objetivo conscientizar os membros católicos sobre a escassez de sacerdotes na América Latina e incentivar os fiéis para a formação e o empenho sacerdotal na obra divina.

A partir da Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, a América Latina foi representada pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) nas novas conferências realizadas: Conferência de Medellín (1968), Conferência de Puebla (1979), Conferência de Santo Domingo (1992) e V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (2007). Veja mapa (p. 63). Diante da realidade que Igreja Católica Apostólica Romana vive, Beozzo destaca a programação da assembleia da seguinte forma:

- 1- A escassez de sacerdotes à qual se devia responder pela intensificação do trabalho em favor das vocações sacerdotais e pela ampliação do apostolado dos leigos da ação católica.
- 2- A instrução religiosa das massas batizadas mas não catequizadas.
- 3- O difícil panorama social do continente ao qual a Igreja devia responder, iluminando com sua doutrina, participando na tarefa educativa e contribuindo pela ação no campo social e político.
- 4- As populações indígenas, 'classes atrasadas no desenvolvimento cultural' (sic) e a cujas carências a Igreja devia responder, intensificando seu esforço missionário (BEOZZO, 1993, p. 48).

É nesse contexto que o CELAM desempenha seu papel para a Igreja Latino-Americana, sendo uma extensão das ações pastorais do Concílio Vaticano II, com características específicas, pois “o CELAM rompeu o isolamento entre as igrejas dos vários países” (BEOZZO, 1993, p. 49)”. Assim, os documentos sinalizam uma mudança de mentalidade interna dentro catolicismo em meio ao sofrimento e a opressão, ganhando assim um caráter de libertação perante as ações pastorais

vindouras por parte do clero e dos leigos dentro e foram da Igreja Católica Apostólica Romana.



**MAPA 01: LOCALIZAÇÃO DAS CIDADES SEDES DA CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO**  
**FORNE: MICHEL WATANABE**

## 2.1 CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN (1968) A HUMANIZAÇÃO E A PROMOÇÃO HUMANA EM UMA PERSPECTIVA INTEGRAL DO HOMEM A PARTIR DO LUGAR

É bastante difícil para qualquer pesquisador ou amante da sabedoria analisar e entender determinados assuntos relacionados a países desenvolvidos e subdesenvolvidos, ainda mais se tratando de países latino-americanos. Hoje, o que se sabe não chega nem perto da ponta de um *iceberg*, isso por que a América Latina possui uma bagagem histórica diversificada que precisa ser analisada e desvendada. As grandes mudanças que ocorreram ao longo da história moldaram as configurações da realidade e contribuíram para o contexto sócio Histórico com o qual se vive.

A fim de melhor atingir o povo, acreditamos que, sem excluir a pastoral de massas e usando, sobretudo, os modernos meios de comunicação, é chegado o momento de orientar nossa pastoral e nossa liturgia até pequenos grupos e comunidades cristãs de base. (LITURGIA PARA A AMÉRICA LATINA, p. 25).

Sendo assim, para compreender a realização, o contexto histórico, seus objetivos e os impactos em escala local, intercontinental e global, nos quais esteve inserida a Conferência de Medellín, realizada do dia 24 de agosto a 6 de setembro de 1968, na Colômbia, é preciso de paciência e insistência, pois muito do que se diz é carregado de impressões pessoais e interpessoais que podem ser alteradas ao longo do tempo.

A segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano segue como resposta aos apelos proclamados no Concílio do Vaticano II, pois a primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano apenas teve como ponto de referência o apelo da Igreja e suas reflexões acerca dos deveres e das condições da Igreja Católica Apostólica Romana na América Latina.

Com o tema: *A Igreja na atual transformação da América Latina sob a luz do Concílio*, a Conferência trouxe para o campo de ação as reflexões brotadas no Concílio do Vaticano II, além de discutir a realidade da Igreja e da sociedade latino-americana no contexto pós-década de 50 e refletir sobre a inserção e a contribuição



dessa Igreja para o desenvolvimento social e espiritual dos devotos, que segundo o documento

‘orientou-se para a busca de forma e presença mais intensa e renovada da Igreja na atual transformação da América Latina, à luz Concílio Vaticano II’ e se desdobrou em três grandes áreas: da promoção humana, abrangendo a justiça, a paz, a família, a educação e a juventude; da evangelização e crescimento da fé, que compreende a pastoral popular, a pastoral das elites, a ação catequética e a liturgia; finalmente, da Igreja visível e de suas estruturas, compreendendo os leigos, os sacerdotes, os religiosos e religiosas, a formação do clero, a prática da pobreza pela Igreja, a pastoral de conjunto e os meios de comunicação (MEDELLÍN, 1998, p. 267).

A Conferência de Medellín, do ponto de vista histórico, reflete-se na realidade do século XXI sob a luz das grandes transformações que ocorreram dentro e fora da Igreja, cujo exemplo é sua atenção aos oprimidos e deserdados da sociedade capitalista. Tal atenção e sensibilidade aos oprimidos podem ser observadas nas conclusões, quando registra que “Começa para Igreja da América Latina ‘um novo período de sua vida eclesial’, conforme o desejo de Paulo VI. Período marcado por profunda renovação espiritual, por generosa caridade pastoral e por autêntica sensibilidade social” (MEDELLÍN, 1998, p. 6).

A visão de uma Igreja pobre ajustou-se na realidade dos países subdesenvolvidos da América do Sul como uma luva, isso por que a sensibilidade social mencionada se relacionava, exclusivamente, com os problemas sociais existentes nos países da América Latina, como a desigualdade social e a concentração de renda, que são hoje os grandes entraves ao desenvolvimento social em vários países. As reflexões acerca da realização humana e do desenvolvimento social frente ao subdesenvolvimento latino-americano podem ser constatadas nas observações feitas em Medellín:

A América Latina parece viver ainda sob o signo trágico do subdesenvolvimento que não apenas afasta os nossos irmãos do gozo dos bens materiais, mas de sua própria realização humana. Apesar dos esforços realizados, conjugam-se a fome e a miséria, as doenças generalizadas e a mortalidade infantil, o analfabetismo e a marginalidade, profunda desigualdade das rendas e tensões entre classes sociais, surtos de violência e escassa participação do povo na gestão do bem comum (MEDELLÍN, 1998, p. 28).

Portanto, entender a Conferência de Medellín é esclarecer a atual realidade do catolicismo latino-americano e dar base para a compreensão das intenções e considerações feitas pelas conferências subsequentes, “a pobreza e a exploração nos

países da ‘periferia’ constituem o maior desafio para os discípulos de Jesus Cristo no mundo contemporâneo” (A IGREJA QUE SURGE DA BASE, p. 21). Puebla e Santo Domingo, corroboram:

Do ponto de vista histórico, sem dúvida. O conhecimento de Medellín é indispensável à correta interpretação da atual realidade do catolicismo latino-americano, Puebla, a III Conferência (1979) e Santo Domingo, a IV (1992) são incompreensíveis sem Medellín, como são inexplicáveis, sem Medellín, as posturas e as opções pastorais de base que prevalecem até hoje no episcopado e no clero brasileiro, apesar das fortes pressões em contrário, tanto das autoridades centrais da Igreja como dos movimentos religiosos que se opõem ao espírito de Medellín (MEDELLÍN, 1998, p. 253).

É interessante refletir como Medellín contribuiu para a estruturação da Igreja Católica Apostólica Romana dentro do Brasil. Poder-se-ia ir ainda mais longe e reduzir a localidade como opção, por exemplo, para a Diocese de Ji-Paraná (FIGURA 14). Como resultado, observar-se-iam drásticas mudanças no jeito de a Igreja se relacionar com a sociedade, condição que tornaria as Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs), ponto de vista social, o *Lugar* de encontro da Igreja com sua comunidade.

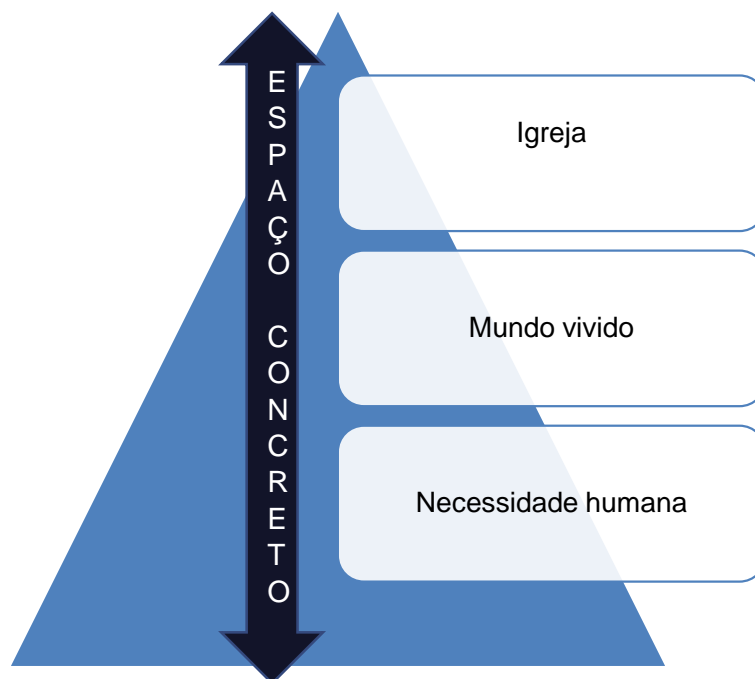


FIGURA 14: A IGREJA E SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO CONCRETO  
FONTE: AUTOR, 2015

A figura acima mostra umas das facetas de Medellín, que é ser sensível à necessidade humana, apresentando uma reformulação humanista da Igreja para com seu povo e, pelos feitos de uma geografia humanista, percebe-se a relação do espaço construído pela Igreja não somente como um local físico, mas também como um espaço vivido, no qual pessoas interagem, discutem seus problemas pessoais e constroem identidades e características peculiares. Essa construção de identidade é o fator principal que garante a consolidação das comunidades de bases na sociedade à qual estão inseridas, como proclama a Conferência:

A comunidade se formará na medida em que seus membros adquiram um sentido de pertença (de “nós”) que os levem a ser solidários numa missão comum, numa participação ativa, consciente e frutificante, na vida litúrgica e na convivência comunitária (MEDELLÍN, 1998, p. 115).

O sentimento de identidade construído nas comunidades favorece a análise do espaço geográfico a partir das relações sociais, pois quando a Igreja procura enfatizar em suas pautas os valores e as discrepâncias sociais existentes na América Latina, ela destaca, indiretamente, o *Lugar* como realidade. Sendo assim, a seguir, destacar-se-ão as concepções do *Lugar* sob a ótica da Conferência de Medellín.

## 2.2 O LUGAR NA CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN

Levando em consideração o espaço geográfico como um meio para apropriação e construção de identidade pelo homem, além de representações e consolidações da realidade ao longo tempo, a América Latina pode ser caracterizada como um *Lugar*, onde o ser humano é marcado por vários conflitos sociais, como a injustiça, a miséria, a fome, a mortalidade infantil, analfabetismo, etc. assim,

Julga-se possível uma solução intermediária para o problema para o problema do subdesenvolvimento: nem o capitalismo clássico nem socialismo. Todavia as indicações sobre tal solução intermediária são muito semelhantes às propugnadas pelo reformismo neocapitalista, embora o Magistério da Igreja acentue mais fortemente a necessidade da participação popular no processo, especialmente mediante a criação e a vivificação dos corpos intermediários (RUBIO. 1983, p. 39).

Neste contexto, a perspectiva de justiça parte da visão que interpreta a realidade a partir da forma como ele se apresenta, com uma tendência aos aspectos revolucionários de mudanças radicais e de revoluções sociais que partem de iniciativas nos fiéis que estão inseridos na comunidade. Essa é, portanto, uma visão desenvolvimentista da América Latina, pois o homem encontra-se em uma situação de miséria, exclusão, injustiça e outros males que são considerados pela Igreja Católica Apostólica Romana incompatíveis a sua missão terrena. Dessa forma, como ilustra a figura abaixo, Medellín propõe:

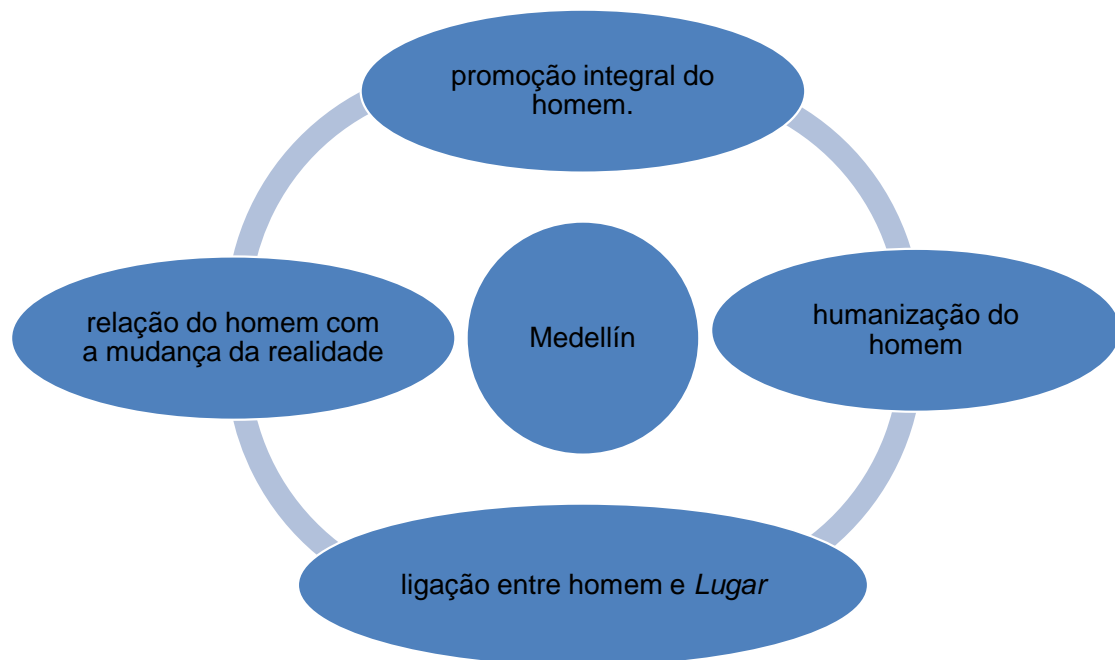


FIGURA 15: O LUGAR EM MEDELLÍN  
FONTE: AUTOR, 2015

Percebendo as mazelas dos países latino-americanos, a Conferência de Medellín não se atém apenas a refletir sobre os erros e acertos da Igreja Católica Apostólica Romana perante o seu povo, mas procura se sensibilizar pelos acontecimentos que ocorriam fora da Igreja como Instituição, ou seja, em vez de a mesma pensar em assuntos relacionados à vida eclesial (FIGURA 15), procura sentir as dores e os sofrimentos que estavam presentes na sociedade e tenta buscar soluções para que as degradações sociais da América Latina não aumentem.

Pode-se mencionar, como exemplo, a grande preocupação que a Igreja tinha em relação à injustiça social, que pode ser considerada uma situação na qual boa parte das pessoas é submetida, fazendo com que o espaço seja marcado com condições e situações deprimentes e desumanas. Observa-se tal fato pelo comentário a seguir:

Cremos que o amor a Cristo e aos nossos irmãos será não só a grande força libertadora da injustiça e da opressão, mas também e principalmente a inspiradora da justiça social, entendida como concepção de vida e como impulso para o desenvolvimento integral de nossos povos (MEDELLÍN, 1998, p. 48).

O espaço entendido como um meio em que o homem é submetido a determinadas situações como a injustiça social apresenta, do ponto de vista geográfico, características que vão representar concepções simbólicas do *Lugar*, fundamentadas sob as condições de relações espaciais e temporais produzidas pelo o homem, pensando o *Lugar* como espaço submetido a situações determinadas pelas relações espaciais e temporais.

A injustiça social acontece em diversas estruturas da sociedade, seja no campo político, econômico e social. A mesma sempre escolhe o lado mais fraco para oprimir, por isso a Igreja Católica Apostólica Romana, a partir da Conferência de Medellín, sensibilizou-se ao clamor dos que sofrem e choram pelos castigos da injustiça, tornando-se uma Igreja pobre, como se pode comprovar nestas considerações:

A situação atual exige, pois, dos bispos, sacerdotes, religiosos e leigos o espírito de pobreza que 'rompendo as amarras da posse egoísta dos bens temporais, estimula o Cristianismo a dispor organicamente da economia e do poder em benefício da comunidade'. A pobreza da Igreja e de seus membros da América Latina deve ser sinal e compromisso. Sinal de valor inestimável do pobre aos olhos de Deus; compromisso de solidariedade com os que sofrem (MEDELLÍN, 1998, p. 198).

Como solução, foram feitos apelos aos diversos setores da sociedade, entre os quais se destaca o empresarial, que muitas vezes oprime seus funcionários, seja de forma direta ou indireta:

Fazemos, por isso, um apelo urgente aos empresários, às suas organizações e às autoridades políticas, para que modifiquem radicalmente a valorização, as atitudes e as medidas relativas à finalidade, organização e funcionamento das empresas. Merecerem encorajamento todos aqueles empresários que

individualmente ou por meio de suas organizações fazem esforços para integrar suas empresas nas orientações do magistério social da Igreja. Disso tudo dependerá fundamentalmente a mudança social e econômica na América Latina, até atingir uma economia verdadeiramente humana (MEDELLÍN, 1998, p. 51).

Aqui, no Brasil, um fato que marca a história do país desde período colonial e que representa uma condição sub-humana no espaço geográfico brasileiro é a grande concentração de terra nas mãos de poucos. Para a sociedade e principalmente para o governo federal que é responsável pela garantia dos direitos do cidadão, a má distribuição da terra é um obstáculo no desenvolvimento social e econômico e tem como consequência diversos conflitos entre fazendeiros e sem-terra.

A Igreja, a partir da Conferência de Medellín, defende a promoção humana – o indivíduo se auto realizar, do camponês e dos povos indígenas, além da distribuição de terras e de condições necessárias para a ocupação das mesmas, como propõe a Conferência:

A II Conferência Episcopal não quer deixar de expressar sua preocupação pastoral pelo amplo setor camponês, que embora compreendido implicitamente em tudo o que foi dito, requer, por suas características especiais, uma atenção imediata. Conquanto se deva considerar a diversidade de situações e recursos nos diferentes países, não há dúvida de que existe um denominador comum em todas elas: a necessidade de uma promoção humana para as populações camponesas e indígenas. Essa promoção não será viável se não for realizada uma autêntica e urgente reforma das estruturas e da política agrárias. Essa transformação estrutural e suas políticas correspondentes não podem limitar-se a uma simples distribuição de terras. É indispensável fazer uma adjudicação das mesmas sob determinadas condições que legitimam sua ocupação e assegurem seu rendimento, tanto para as famílias camponesas como para sua contribuição à economia do país (MEDELLÍN, 1998, p. 53).

Para que se consiga mais igualdade, mais justiça social, é preciso desenvolver faculdades intelectuais nas pessoas, para que o ser humano tenha consciência de sua realidade e possa buscar seus direitos como cidadão. Por isso, uns dos principais objetivos sugeridos na Conferência de Medellín é a formação da consciência social, tendo em vista que só por meio dela as pessoas perceberão sua realidade e buscarão mudanças efetivas na sua vida, como afirma o Documento:

Desejamos afirmar que é indispensável a formação de consciência social e a percepção realista dos problemas da comunidade e das estruturas sociais. Devemos despertar a consciência social e hábitos comunitários em todos os meios e grupos profissionais, quer no que se refere ao diálogo e à vivência comunitária dentro do mesmo grupo, quer no que se refere a suas relações

com grupos sociais maiores (operários, camponeses, profissionais liberais, clero, religiosos, funcionários etc.) (MEDELLÍN, 1998, p. 55).

Nesse ponto, a Igreja percebe que só conseguirá desenvolver a consciência social na vida de sua comunidade se houver contato direto com a mesma; para que isso aconteça, propõe encontros que visem

Proporcionar a todos uma visão mais completa da dinâmica social, pois servirá como um instrumento capaz de facilitar o episcopado em sua ação colegial, sendo útil para a garantia da harmonização do pensamento e das atividades numa sociedade em transformação (MEDELLÍN, 1998, p. 56).

Assim, a Igreja Católica Apostólica Romana entende que enquanto servidora de todos os homens, deve primar pela busca por meio de seus membros, principalmente os leigos, proporcionar uma educação libertadora a fim de que as pessoas tenham autonomia em procurar seu próprio desenvolvimento e traçar sua própria história.

Nossa reflexão sobre este panorama conduz-nos a propor uma visão de educação mais conforme com o desenvolvimento integral que propugnamos para o nosso continente; chamá-la-íamos de 'educação libertadora', isto é, que transforma o educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento (MEDELLÍN, 1998, p. 88).

Acrescenta que,

A educação é efetivamente o meio-chave para libertar os povos de toda servidão e para fazê-los ascender de 'condições de vida menos humanas a condições de vida mais humanas', tendo-se em conta que o homem é responsável e 'artífice principal de seu êxito ou de seu fracasso' (MEDELLÍN, 1998, p. 88).

Entre os meios para se ter contato direto com a sociedade e conseguir a formação de consciência social que proporcione libertação e autonomia do homem perante a história, a catequese é um elemento de suma importância, pois pode servir como um meio de ação para promover o desenvolvimento progressivo do homem diante de sua realidade. Seguindo este pensamento, a Conferência de Medellín percebeu tal possibilidade e propôs renovações catequéticas para a Igreja Católica Apostólica Romana na América Latina, introduzindo o pensamento teológico da libertação.

Assim registra o documento:

A catequese atual deve assumir totalmente as angústias e esperanças do homem de hoje, para oferecer-lhes as possibilidades de uma libertação plena, as riquezas de uma salvação integral em Cristo, o Senhor. Por isso, deve ser fiel à transmissão, não só da Mensagem bíblica em seu conteúdo intelectual, mas também a sua realidade vital encarnada nos fatos da vida do homem de hoje (MEDELLÍN, 1998, p.127).

Percebe-se, no referido documento, que a Igreja Católica Apostólica Romana na Conferência de Medellín se preocupa mais em discutir temas externos do que internos, ou seja, o *Lugar* simbolizado pelos problemas sociais existentes no espaço, o que se comprova pelas renovações propostas no sistema catequético da Igreja Católica Apostólica Romana na América Latina como meio de ação para a educação libertadora.

Na dimensão do extrato social discrepante da América Latina, a Conferência de Medellín atribuiu um caráter significativo ao leigo no processo de conscientização das massas, além disso, a modernização nos setores mais dinâmicos da sociedade latino-americana fez com que esses grupos acompanhassem as crescentes mudanças do meio rural e urbano dos últimos anos, levando-os a serem reconhecidos como formadores de opinião pela Igreja. Atribuem os seguintes dizeres sobre aos leigos da América Latina:

Os leigos, como todos os membros da Igreja, participam da tríplice função profética, sacerdotal e real do Cristo, em vista da realização de sua missão eclesial. Todavia, realizam especificamente essa missão no âmbito temporal, em vista da construção da história, exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus. O que tipifica o papel do leigo, com efeito, é seu compromisso com o mundo, entendido como quadro de solidariedade humana, como trama dos acontecimentos e fatos significativos, em uma palavra como história (MEDELLÍN, 1998, p. 149).

Portanto, pode-se concluir que a geograficidade do Lugar na Conferência de Medellín encontra-se solidificada sob as reformulações que o meio, como “espaço” cercado de “situações” humanas e sub-humanas, proporcionou dentro da visão teológica e sociológica da Igreja Católica Apostólica Romana na América Latina perante a realidade social da época.



## 2.3 CONFERÊNCIA DE PUEBLA (1979) A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES E EXISTENCIALISMO LIBERTADOR A PARTIR DO LUGAR

No contexto cronológico, menos de dez (10) anos depois de Medellín, a história vislumbrou-se mais uma vez com o desdobrar de mais uma Conferência Episcopal. A *III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*, teve como ponto de partida a cidade de Puebla, no México, entre os dias 27 de Janeiro e 13 de Fevereiro de 1979.

Sendo a história como um jogo de quebra-cabeça, no qual os acontecimentos de determinadas épocas e lugares se ligam à consolidação do presente ou da realidade, a Conferência de Puebla pode ser considerada como uma continuidade da primeira.

A Conferência que agora se abre, convocada pelo venerado Paulo VI, confirmada por meu inesquecível predecessor João Paulo I e reconfirmada por mim como um dos primeiros atos de meu pontificado, liga-se com aquela, já longínqua, do Rio de Janeiro, que teve como seu fruto mais notável o nascimento do CELAM. Contudo se liga ainda mais estritamente com a II Conferência de Medellín, cujo décimo aniversário se comemora (PUEBLA, 2004, p.14).

No entanto, a Conferência de Puebla é muito mais do que um documento de continuidade daquilo que foi discutido em Medellín, pois carrega em si dez anos de reflexões sobre a prática da Igreja dentro da América Latina, sob o viés ideológico de libertação e transformação da vida social, como pode ser visto a seguir:

O documento de Puebla não é um tratado de teologia, isto é, um discurso sistemático e metódico sobre a compreensão da fé. Não é um documento de natureza jurídica, destinada a traçar uma conduta obrigatória e devida. Trata-se de um documento pastoral, que pretende ser fonte de inspiração para a caminhada da Igreja em nosso continente. Abre pistas, ilumina, denuncia e anuncia, e sobretudo, incita à criatividade, ao prosseguimento. É justamente aqui que se encontra sua força e autoridade. Ainda mais: dentro de suas limitações e preocupações com a ortodoxia, reflete, no seu todo, dez anos de prática de uma Igreja que se definiu pela libertação dos pobres. Nesse sentido, não se pode esquecer de que Puebla é mais do que um documento. Puebla é também toda a sua preparação que envolve inclusive as bases. É tudo o que dessa Assembleia esperavam os pobres da América Latina, os agentes de pastoral, os profetas e os teólogos. Puebla é tudo isso que agora estamos realizando no plano prático e teórico (PUEBLA, 2004, p. 57).

Com o tema a *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*, desdobrado em cinco partes: “visão pastoral da realidade na América Latina; desígnios de Deus sobre a América Latina; a evangelização da Igreja na América Latina; a Igreja missionária a serviço da evangelização na América Latina; opções pastorais” (PUEBLA, 2004, p. 58).

Para a discussão de tais temas, a Igreja adotou como pressuposto uma justaposição de partes, em que a estrutura se desenvolveu entre o método teológico-pastoral de ver a realidade analiticamente, julgá-la com os critérios da Palavra e agir para transformá-la (PUEBLA, 2004).

Segundo o Documento de Puebla, os objetivos da Conferência eram necessários para levar a pessoa humana e os grupos sociais

à tomada de consciência de sua dignidade e da condição na qual se encontram; ao compromisso da renovação de sua vida e da sociedade segundo os valores do Evangelho, por meio da vivência da justiça, da solidariedade humana, da participação na comunhão eclesial e da pobreza evangélica, sem ódio nem rejeição de qualquer setor social, mesmo privilegiando os pobres, sem julgar e condenar nem apelar para violência; à busca de uma libertação que vai além de todos os limites temporais e que tem sua plena realização na comunhão com Deus, o verdadeiro e único Absoluto; a uma ação com todas as dimensões do mandamento novo, que é amor inteligente e crítico (PUEBLA, 2004, p. 53).

Entretanto, a Igreja considerava que deveria ter como prioridade: “conseguir o maior número possível de evangelizadores a tempo integral e agentes que por sua vida e sua palavra proclamassem o Evangelho para a América Latina” (PUEBLA, 2004, p. 54). Para isso, a Conferência atribuiu importância significativa ao modelo de ação evangelizadora das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), pois as mesmas deram bons frutos e conseguiram garantir sua participação no desenvolvimento e na transformação social das suas comunidades, como conclui Puebla (2004, p. 107): “As comunidades eclesiais de base, que em 1968 eram apenas uma experiência incipiente, amadureceram e multiplicaram-se, [...] converteram-se em centros de evangelização e em motores de libertação e desenvolvimento”.

Pode-se, assim, constituir-la como um meio para analisar o espaço geográfico a partir da concepção de *Lugar*, em que as reflexões sobre o passado e o presente realizadas na Conferência e praticadas a partir dela se desdobram entre os acontecimentos vivenciados por milhares de pessoas na América Latina.

### 2.3.1 O Lugar como espaço de ação: método ver, julgar e agir

Desde o Concílio do Vaticano II, observa-se na Igreja da América Latina, bem como na primeira, na segunda e na terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, a valorização da questão do pobre e dos jovens como ponto de partida de suas reflexões. Corroborando esse pensamento, Puebla (2004, p. 60) diz que “a opção pelos pobres é, no documento, o ângulo, através do qual os bispos fazem a leitura da realidade latino-americana, abrem pistas, questionam denunciam e anunciam”.

Pode-se perceber que tal insistência ou ângulo serve como demonstração da situação humana como meio de se analisar o espaço geográfico, a partir de características vivenciais humanas frente aos obstáculos sociais que se julgam aptos a representar o *Lugar* como acontecimento e circunstâncias temporais e geográficos, ou seja, espaços modificados pelas ações humanas tantos em relação a natureza como em relação a cultura, economia, política, religião entre outros.

Considerando a questão do pobre como referência para a análise da realidade, a Igreja fundamentou-se em concepções da classe oprimida da sociedade, ou seja, suas análises foram feitas sob um olhar das camadas marginalizadas da sociedade, renegando de certa forma as outras realidades que existiam na América Latina. Tais concepções refletiram sobre os planos pastorais, pois segundo Puebla (2004, p. 60), “qualquer plano pastoral supõe, como ponto de partida, o questionamento sobre o lugar social daqueles que vão elaborá-lo”.

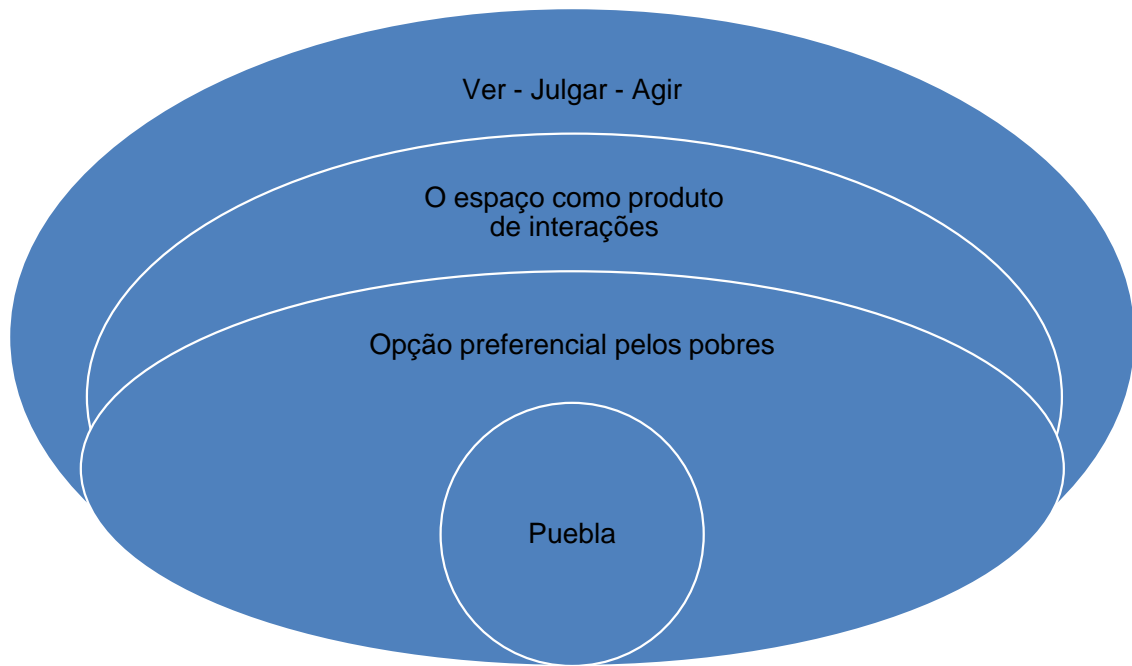


FIGURA 16: O LUGAR EM PUEBLA  
 FONTE: AUTOR, 2015

Seguindo a reflexão da (Figura 16), o *Lugar* social é o meio pelo qual a Igreja Católica Apostólica Romana realiza suas análises da realidade e, dessa forma, o mesmo condiciona-a ao discernimento sobre as reais necessidades da sociedade, levando-a a optar, preferencialmente, pela questão do pobre, pois são os pobres os que mais sofrem e mais necessitam de ajuda na América Latina.

Entretanto, para a Igreja, o pobre possui características peculiares, que vão desde a questão espiritual até a social, envolvendo dimensões sócio-políticas e estruturais que deram origem ao estado dilacerado atual, como afirma Puebla:

Os números 31 a 49 do documento fazem um elenco dos pobres da América Latina que são: indígenas e afro-americanos, camponeses sem terra, operários, desempregados e subempregados, marginalizados e aglomerados urbanos, jovens frustrados socialmente e desorientados, crianças golpeadas pela pobreza, menores abandonados e carentes, a mulher. Em outros textos, o documento se refere ainda aos migrantes e as prostitutas (PUEBLA, 2004, p. 59).

Evidencia-se, por tais constatações, que a Igreja considera a América Latina um *Lugar* caracterizado por situações nas quais o homem se encontra violentado por suas próprias mãos, considerando necessário, portanto, uma mudança nas estruturas

mentais da população para depois se chegar a uma verdadeira mudança nas estruturas sociais.

A esse respeito, Puebla afirma:

A mudança necessária de estruturas sociais, políticas e econômicas injustas, não será verdadeira e total se não for acompanhada pela mudança nas estruturas mentais, relativas ao ideal de uma vida digna e feliz, que por sua vez dispõe para a conversão (PUEBLA, 2004, p. 62).

Para isso, a Igreja Católica Apostólica Romana reconhece o passado, como agente estruturador da vida social. Puebla (2004, p. 62) afirma que “nesse passado, encontra luzes e sombras”, e faz uma análise histórica da América Latina no contexto do século do XVI ao XVIII, explicitando que as luzes representam a evangelização presente na formação dos povos latino-americanos e que, de certa forma, ajudaram a constituir as bases da cultura sincretizada do catolicismo com os elementos africanos e indígenas e com a sua relação com as sombras, reconhecendo, ainda, a ausência de ações em prol dos oprimidos e marginalizados das sociedades, como os negros e os escravos.

Um fato peculiar que merece ser destacado é a passagem da visão sombria para uma visão esclarecida da realidade, quando os pobres começam a despertar interesses antes não vistos pela Igreja e os setores dominantes vão ser criticados por suas ações. Estes fatos consolidam-se a partir do século XVIII, momento em que acontece, em diversos países europeus e depois americanos, a explosão do processo de urbanização, fruto da industrialização constante.

Além disso, no bojo das transformações que estavam ocorrendo, surgiram na Europa várias ideologias materialistas e seculares que ameaçavam os interesses da Igreja, como se percebe no trecho a seguir:

O advento da civilização urbano-industrial acarreta igualmente problemas no plano ideológico e chega a ameaçar as próprias raízes de nossa cultura, uma vez que esta civilização nos chega de fato, em seu real processo histórico, impregnada de racionalismo e inspirada em duas ideologias dominantes: o liberalismo e o coletivismo marxista. Em ambas se alinham a tendência não só a uma legítima e desejada secularização, mas também a do secularismo (PUEBLA, 2004, p. 182).

Tais análises trazem à tona a raiz histórica das mudanças percebidas pela Igreja na América Latina no contexto sócio-histórico de Puebla. Assim, Puebla conclui que:

No quadro deste processo histórico surgem em nosso Continente fenômenos e problemas particulares e importantes: a intensificação das migrações e dos deslocamentos de população do campo para a cidade; a presença de fenômenos religiosos, como o da invasão de seitas que, por parecerem marginais, não devem ficar despercebidas ao evangelizador; o anseio da mulher por sua promoção, de acordo com sua dignidade e peculiaridade no conjunto da sociedade; o surgimento de um mundo operário que será decisivo na nova configuração de nossa cultura (PUEBLA, 2004, p. 183).

Descobrimos as raízes dos problemas sociais, a partir de uma visão histórica, a Igreja passa, a partir do século XVIII, a condenar o processo de urbanização. No período da Conferência, percebe-se na América Latina uma intensificação do crescimento urbano, favorecendo a criação das chamadas megalópoles, com base em modelos muito familiares aos dos países desenvolvidos, mas sem uma real organização de suas estruturas, pois as condições sociais dos países latino-americanos são outras.

Sobre isso, Puebla diz:

Assim sendo, nas atuais circunstâncias, a Igreja não alenta o ideal de criação de megalópoles, que se tornam irremediavelmente desumanas, como tampouco de uma industrialização excessivamente acelerada que as atuais gerações tenham que pagar à custa de sua própria felicidade, com sacrifícios desproporcionais (PUEBLA, 2004, p. 185).

O crescimento demográfico desenfreado como consequência dos avanços ocorridos nos últimos anos contribui para o aumento dos problemas sociais encontrados na América Latina, principalmente em regiões urbanas, onde a assistência básica é pouca para o número de habitantes de determinadas cidades. Tal perspectiva foi debatida na Conferência de Puebla, que considerou esse fenômeno um dos grandes geradores de discrepâncias sociais no Continente, como pode ser percebido pelas declarações de Puebla:

Observamos que em todos os nossos países se tem experimentado um acelerado crescimento demográfico. A maioria de nossa população é jovem. As migrações internas e externas levam a um senso de desenraizamento. As cidades crescem desordenadamente, com perigo de transformar em megalópoles incontroláveis: é cada dia mais difícil oferecerem-se os serviços básicos de alimentação, hospitais, escolas, etc..., exacerbando-se assim a marginalização social, cultural e econômica. O aumento dos que buscam trabalho foi mais rápido do que a capacidade de dar emprego do próprio sistema econômico atual (PUEBLA, 2004, p.100-101).

Entre as realidades vivenciadas pelos povos latino-americanos, o totalitarismo dos anos pós 60, fruto de golpes de estado e intervenção militar, como os que ocorreram no Brasil em 1964, representou para a Conferência de Puebla uma ameaça à dignidade das pessoas, pois cassavam seus direitos civis e favoreciam o distanciamento entre as classes sociais. Com uma ideologia, chamada Segurança Nacional, muito caracterizada pela política do *Big Stick* norte-americano, os militares praticaram atrocidades com os opositores e, em contrapartida, a Igreja serviu como apoio e meio de se fazer críticas aos regimes, pois era a instituição menos castigada pela interferência militar no quesito liberdade de expressão.

Observam-se críticas sobre a Segurança Nacional, nas seguintes afirmações:

As ideologias da Segurança Nacional têm contribuído para fortalecer, em muitas ocasiões, o caráter totalitário ou autoritário dos regimes de força e alimentado o abuso do poder e da violação dos direitos humanos. Há casos em que pretendem proteger suas atitudes com uma profissão de fé cristã, que é, contudo, subjetiva (PUEBLA, 2004, p. 97).

Talvez o que mais represente o Lugar na Conferência de Puebla esteja relacionado aos problemas que a população vivencia a cada dia. As grandes discrepâncias sociais presentes no continente atraíram a atenção da Igreja e do mundo, demonstrando que os países latinos são reconhecidos como lugares cheios de miséria, de fome, de violência, de analfabetismo, etc., levando milhares de pessoas a clamarem por ajuda espiritual e social.

Demonstrando um pouco da realidade dos povos latino-americanos, a Conferência de Puebla fez as seguintes constatações:

Comprovamos, pois, como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problema de saúde, salários de fome, desemprego, e subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção (PUEBLA, 2004, p. 94).

Inquieta por tal situação, Puebla também serviu como campo de reflexões sobre o papel da Igreja Católica Apostólica Romana frente aos problemas enfrentados pelas pessoas do Continente. Para isso, busca a promoção humana através da libertação das diversas formas de escravidão que a própria sociedade propusera.

Sobre a promoção humana, Puebla (2004, p. 197) diz que só conseguiria através de “atividades que ajudam a despertar a consciência do homem em todas as

dimensões e a lutar por si mesmo como protagonistas de seu próprio desenvolvimento humano e cristão”. Assim, enfatiza a promoção humana sendo realizada através de uma evangelização libertadora, que “visa transformar o homem em sujeito de seu próprio desenvolvimento individual e comunitário” (Puebla, 2004, p. 199).

A educação libertadora proposta em Puebla apresentou como requisito a cultura como elemento estrutural da sociedade, cujos valores humanos cristãos deveriam ser inseridos no processo de tradição genealógico, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa.

Pensando o homem como fruto da criação cultural desenvolvido no espaço e no tempo, Puebla afirma que:

O homem, portanto, nasce e desenvolve-se no seio de uma determinada sociedade, condicionado e enriquecido por uma cultura particular. Ele recebe-a e modifica-a criativamente e continua a transmiti-la. A cultura é uma realidade histórica e social (PUEBLA, 2004, p. 177).

A interferência mencionada recai muito forte sobre os jovens em transição de identidade e consciência social e sobre as camadas menos favorecidas da sociedade, nas quais a consciência social e a opinião pública são fáceis de serem manipuladas, devido, sobretudo, à incipiente formação educacional.

Para que sua interferência social seja efetivamente realizada, primeiramente a Igreja considerou necessário o conhecimento dos valores culturais existentes na sociedade latino-americana, como se observa nas considerações de Puebla (2004, p. 178): “a fim de desenvolver sua ação evangelizadora com realismo, a Igreja há de conhecer a cultura da América Latina”.

Depois, Puebla considerou ser preciso adaptar-se aos valores preexistentes nas diversas camadas da sociedade, para que assim pudesse se relacionar com o povo com maior sensibilidade e identidade, como elucida Puebla (2004, p. 180): “tudo isso implica que a Igreja se esmere por adaptar-se, realizando o esforço de transvasamento da mensagem evangélica para a linguagem antropológica e para os símbolos da cultura em que se insere”.

É nesse bojo de adaptação e sensibilização pela sociedade que a Igreja popular ganha importância. Puebla (2004, p. 143) entende que “a Igreja popular é aquela que procura encarnar-se nos meios populares do nosso Continente”. Sendo assim, as CEBs podem ser consideradas como as maiores representantes da Igreja popular na América Latina, isso porque elas estão inseridas na sociedade e estão



desenvolvendo trabalhos significativos para a transformação social de milhares de pessoas.

Está comprovado que as pequenas comunidades, sobretudo as comunidades eclesiais de base, criam maior inter-relacionamento pessoal, aceitação da Palavra de Deus, revisão de vida e reflexão sobre a realidade, à luz do Evangelho; nelas acentua-se o compromisso com a família, com o trabalho, o bairro e a comunidade local. Destacamos com alegria, como fato eclesial relevante e caracteristicamente nosso e como esperança da Igreja, a multiplicação das pequenas comunidades. Esta expressão eclesial nota-se mais nas periferias das grandes cidades e no campo. Constituem elas, ambientes propícios para surgimento de novos serviços leigos. Nelas se tem difundido muito a catequese familiar e a educação dos adultos na fé, de forma mais adequada ao povo simples (PUEBLA, 2004, p. 233).

O surgimento de novos serviços leigos mencionados teve como raiz histórica o Concílio do Vaticano II, que percebeu a importância dos mesmos em seus trabalhos de promoção humana dentro da sociedade. A Conferência de Puebla ainda ressalta “a importância que os leigos podem ocupar quando, individualmente convocados a prestar serviços em instituições da Igreja, particularmente nas educativas” (PUEBLA, 2004, pp. 270, 271). Isso porque, segundo considerou a Conferência, “o leigo traz ao conjunto da Igreja a sua experiência de participação nos problemas, desafios e urgências do seu mundo secular” (PUEBLA, 2004, p. 265).

Segundo foi discutido na Conferência de Puebla, a partir do momento que a Igreja conhecer a real natureza das situações dos povos, a sua cultura, suas necessidades, o plano de ação estará voltado completamente para a promoção do homem, através de uma educação libertadora. Assim, a Igreja Católica Apostólica Romana entende que o objetivo da educação seja humanizar e despertar a consciência dos povos sobre suas reais necessidades.

Nesse processo de libertação e conscientização, a catequese desempenha papel fundamental no meio da comunidade, pois segundo Puebla (2004, p. 297), a Igreja exige “que ela penetre, assuma e purifique os valores da cultura humana”. Portanto, a Igreja Católica Apostólica Romana considera a ação catequética na América Latina indispensável para a promoção humana nos seus diversos significados.

Um fato que merece ser ressaltado e que foi tema de debate na Conferência de Puebla é a marginalização da mulher perante uma sociedade machista e excludente. Sobre isso Puebla diz:

A sabida marginalização da mulher, como consequência de ativismo cultural (prepotência do homem, salários desiguais, educação deficientes, etc.) que se manifesta em sua ausência quase total da vida política, econômica e cultural, acrescentam-se novas formas de marginalização numa sociedade consumista e hedonista (PUEBLA, 2004, p. 271).

A exploração da mulher reflete uma situação que demonstra uma real necessidade de mudança, pois se enquadra na descrição feita por Puebla (2004), sobre os pobres e marginalizados da sociedade. Percebe-se, também, a situação da mulher como elemento de caracterização de um lugar, cuja exploração feita pela cultura masculina se sobrepõe aos valores morais, como a igualdade salarial e os direitos trabalhistas.

Ainda sobre a mulher, a Conferência defende ser de suma importância sua promoção humana e a sua valorização como parte integrante junto aos trabalhos eclesiais nas comunidades e no mundo, como afirma Puebla (2004, p. 274) “a Igreja é chamada a contribuir para a promoção humana e cristã da mulher, ajudando-a assim a sair de situações de marginalização em que se possa encontrar e capacitando-a para sua missão na comunidade eclesial e no mundo”.

A comunicação social é um elemento que merece ser destacado, pois, além de fazer parte da realidade latino-americana, a Conferência atribuiu importância a essa temática, dizendo que “a comunicação social está condicionada pela realidade sociocultural de nossos países e constitui, por sua vez, um dos fatores determinantes que mantem esta realidade” (PUEBLA, 2004, p. 310).

Devido às diversidades dos meios existentes, como televisão, rádio, cinema, etc. As pessoas estão cada vez mais dependentes de suas próprias tecnologias, sendo, assim, pode-se considerar que os meios de comunicação são elementos indispensáveis para a estrutura sociocultural dos povos latino-americanos. Por isso, a Conferência de Puebla, no processo de conhecimento sócio espacial e cultural dos povos latino-americanos, demonstra e reconhece o homem como um ser submetido às suas tecnologias e, por tal situação, o espaço é caracterizado como um Lugar envolvendo novos elementos culturais provocados pelos avanços tecnológicos.

Como boa parte daquilo que o homem produz tem os lados positivos e negativos, a Conferência ressaltou os problemas que os meios de comunicação podem causar dentro da sociedade. Puebla faz as seguintes objeções à comunicação social:

Devemos denunciar os controles desses meios de comunicação social e a manipulação ideológica que exercem os poderes políticos e econômicos, que se empenham em manter os *status quo* e até criar uma ordem nova de dependência e dominação, ou, pelo contrário, em subverter esta ordem para criar outra de sinal contrário. As explorações das paixões, dos sentimentos, da violência e do sexo, com objetivos consumistas, constituem uma flagrante violação dos direitos individuais. Igual violação aparece na indiscriminação das imagens, repetitivas ou subliminares, com respeito à pessoa e principalmente à família (PUEBLA, 2004, p. 311).

Pode-se entender, entretanto, que o real problema encontrado pela Conferência de Puebla não é exatamente dos meios de comunicação, mas das intenções que estão por trás desses meios, pois se considera que as tecnologias são uma arma contra os direitos individuais, quando submetidos aos interesses da alta camada social, dos ricos e dos empresários, produzindo distorções e manipulações ideológicas ao povo.

Puebla (2004, p. 314) ainda ressalta que é preciso “educar o público receptor para que tenha uma atitude crítica perante o impacto das mensagens ideológicas, culturais e publicitárias que os bombardeiam continuamente, com o fim de neutralizar os efeitos da manipulação e massificação”.

Pode-se, portanto, considerar que a Conferência de Puebla, em muito dos seus aspectos, refletiu sobre os efeitos produzidos na sociedade a partir do Concílio do Vaticano II, da I e II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, nas quais o ponto de reflexão comum são as camadas subalternas da sociedade e os jovens. Revelando situações humanas que faz refletir sobre o *Lugar*, sendo constituído de vivência e identidades que caracterizam um povo no espaço geográfico. Com isso, usa o método da (Figura 17).

O método exposto, permite que o indivíduo tenha visão crítica a mais acurada do espaço em que ele habita, principalmente os que vivem nas situações mais subalternas e desprezados pelo sistema. Assim, é preciso pensar e refletir o cotidiano problematizando e fazendo uma análise de conjunto a partir de uma contextualização racional e que discutida em comunidade pode se alterar o quadro encontrado através de ações concretas para a transformações da relação encontrados e que refletem nas circunstâncias de encontradas no *Lugar*. Destarte, o método é melhor caminho para a promoção humana, saindo de uma visão assistencialista e paliativa, para uma situação de ascense aonde o homem encontre sua identidade em meio a coletividade, tendo como pano de fundo um plano de ação pastoral que fundamento a ação religiosa diante do processo.

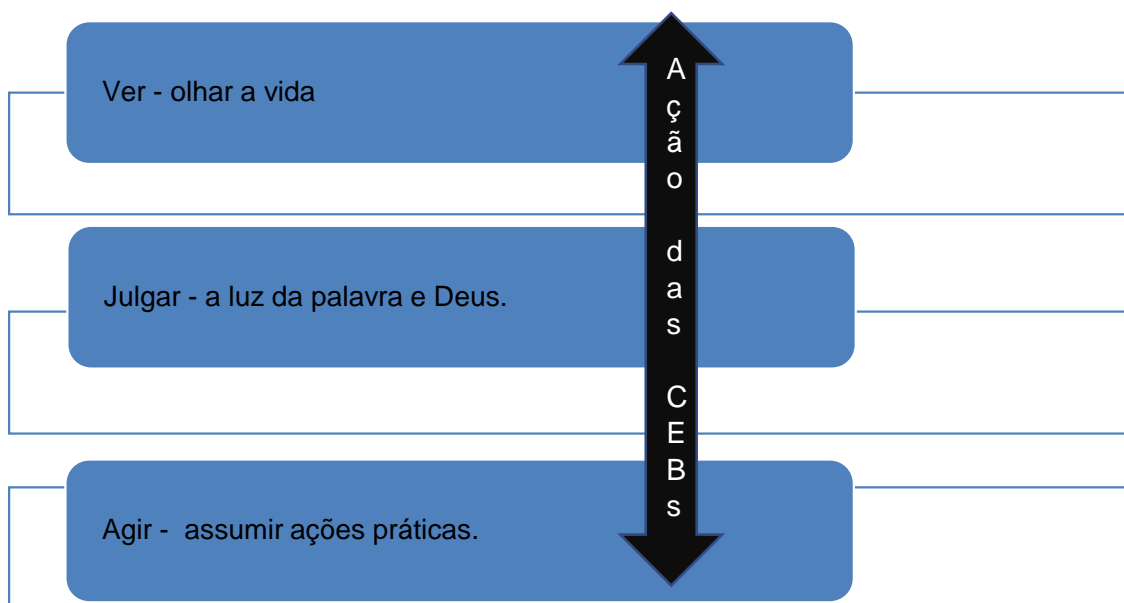


FIGURA 17: MÉTODO VER, JULGAR E AGIR  
 FONTE: AUTOR, 2015

Além disso, a Igreja reflete sobre seu papel no processo de transformação social, através de uma educação libertadora que garanta a promoção humana em todos os sentidos, levando em consideração o quadro de discrepância social em que se encontravam os povos latino-americanos.

#### 2.4 CONFERÊNCIA DE SANTO DOMINGO (1992) PROMOÇÃO HUMANA, POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA, URBANIZAÇÃO, INCULTURAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM O LUGAR

No contexto do fim da Guerra Fria, da extinção da URSS e da implantação de regimes democráticos em vários países latino-americanos, a Igreja Católica Apostólica Romana solicitou mais uma Conferência Geral do Episcopado, sendo realizada na cidade de Santo Domingo, na República Dominicana, entre os dias 12 e 28 de outubro de 1992.

Entre os diversos motivos que poderiam entrar em pauta, a Igreja levou em conta o V centenário de evangelização na América Latina. O Papa João Paulo II deu os seguintes pareceres por tal comemoração:

Em vista do V centenário de evangelização na América, eu convocara a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano para estudar, à luz de Cristo, o mesmo ontem, hoje e sempre, os grandes temas da nova evangelização, a promoção humana e a cultura cristã (SANTO DOMINGO, 2006, p. 9).

Com o tema *Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã*, a Igreja foi impulsionada a trazer algo novo, diferente dos últimos 500 anos, acolheu e estimulou várias vivências e transformações ocorridas no espaço e no tempo. Portanto, no período de realização da Conferência, a Igreja se vê sob outros olhares, pois as mudanças e as necessidades são outras, levando-a a refletir e a estimular várias mudanças no seu interior, conforme o Documento:

e se a Providência divina nos convocou para lhe dar graças pelos 500 anos de fé e de vida cristã no continente americano, com maior razão podemos dizer que nos convocou também para renovar-nos interiormente, e para 'distinguir os sinais dos tempos' (SANTO DOMINGO, 2006, p. 12).

Sob a proposta de uma nova evangelização, a Igreja Católica Apostólica Romana procura estimular suas bases e alicerces a valorizar a identidade Católica que tanto esteve presente na vida de milhares de pessoas ao longo do tempo e busca estimular os fiéis a uma verdadeira conversão. Sobre isso, Santo Domingo afirma que:

A chamada a nova evangelização é antes de tudo, uma chamada à conversão. De fato, mediante o testemunho de uma Igreja cada vez mais fiel a sua identidade e mais viva em todas suas manifestações, os homens e os povos poderão continuar a encontrar Jesus Cristo e, nele, a verdade de sua vocação e de sua esperança, o caminho em direção a uma humanidade melhor (SANTO DOMINGO, 2006, p.12).

Portanto, segundo o documento de Santo Domingo, a Igreja buscou na conferência, sob a luz dos 500 anos de evangelização, uma nova evangelização que buscasse se renovar interiormente, procurando valorizar a sua identidade, que por tanto tempo manteve viva a participação da mesma nos acontecimentos e mudanças da sociedade ao longo do tempo.

Em processo metalinguístico, o Documento de Santo Domingo (2006, p. 37) diz: “o documento de Santo Domingo que ser isto: uma palavra de esperança, um instrumento eficaz para uma nova evangelização, uma mensagem renovada de Jesus Cristo, fundamento da promoção humana e princípio de uma autêntica cultura cristã”.

Santo Domingo (2006, p. 16) afirma que “a nova evangelização é ideia central de toda temática da conferência”, pois a mesma afetará todas as estruturas da ação evangelizadora da Igreja na América Latina, levando em conta os novos tempos, que, segundo Santo Domingo (2006, p. 19), “exigem que a mensagem cristã chegue ao homem de hoje, mediante novos métodos de apostolado, e que seja expressada numa linguagem e forma acessível ao homem latino-americano”.

Entre as mudanças percebidas pela conferência, a mesma destaca o fim do chamado socialismo real na Europa Oriental, salientando o fim da Guerra Fria, que se constituiu uma ameaça à humanidade e aos interesses da Igreja, como se observa nas constatações de Santo Domingo:

Não podemos esquecer que a história recente mostrou que quando, ao amparo de certas ideologias, se negam a verdade sobre Deus e a verdade sobre o homem, é impossível construir uma sociedade de rosto humano. Com a queda dos regimes do chamado Socialismo real na Europa Oriental, é de se esperar também que neste continente se tirem as conclusões pertinentes em relação ao valor efêmero de tais ideologias (SANTO DOMINGO, 2006, p. 19).

Analisando tais constatações, pode-se concluir que a Igreja afirma que as ameaças que perambulam pelo continente no período da conferência cairiam por terra, assim como caiu as correntes socialistas da Europa oriental. Aproveitando o momento, a Igreja afirma que “a nova evangelização há de dar uma resposta integral, pronta, ágil, que fortaleça a fé Católica nas suas verdades fundamentais, nas suas dimensões individuais, familiares e sociais” (SANTO DOMINGO, 2006, p. 19).

Mas, afinal, o que é a nova evangelização?

Falar de nova evangelização é reconhecer que existiu uma antiga ou primeira. Seria impróprio falar de nova evangelização de tribos ou povos que nunca receberam o Evangelho. Na América Latina, pode-se falar assim, por que aqui se realizou uma primeira evangelização nos últimos 500 anos. Falar de nova evangelização não significa que a anterior tenha sido inválida, infrutuosa ou de curta duração. Significa que hoje, novos desafios, novas interpelações se fazem aos cristãos e aos quais é urgente responder. Sendo assim, é o conjunto de meios, ações e atitudes aptos para pôr o Evangelho em diálogo ativo com a modernidade e o pós-moderno, seja para interpretá-lo, seja para deixar-se interpelar por eles. Também é o esforço de inculturar o Evangelho na situação atual das culturas de nosso continente (SANTO DOMINGO, 2006, pp.67-68).

Para sua efetiva realização, necessita-se de agentes ou sujeitos da nova evangelização, que se predisponham a entender as novas situações da pós-

modernidade, tendo em vista que, segundo Santo Domingo (2006, p. 69), “há de ter em conta a urbanização, a pobreza e marginalização [...], marcada pelo materialismo, a cultura da morte, a invasão de seitas e propostas religiosas de diversas origens”.

Para sua elaboração, a Igreja evidencia três elementos que servem como coordenadas de efetivação da nova evangelização: Cristologia<sup>5</sup>, Eclesiologia<sup>6</sup> e a Antropologia. Sobre isso, o Documento de Santo Domingo (2006, p. 15) afirma que “com uma profunda e adequada Cristologia e baseada numa sadia antropologia e com uma clara e reta visão eclesiológica, deveis enfrentar os desafios que se apresentam hoje à ação evangelizadora da Igreja na América”.

Observa-se, pelas considerações feitas em Santo Domingos, o papel que a Igreja atribui aos teólogos um diálogo com a antropologia para pôr em reflexão e ação seus planos de uma nova evangelização, tendo como pressuposto a realidade latino-americana.

Portando, diante de tais evidências, a Igreja Católica Apostólica Romana, como nas outras conferências, assume mais uma vez a sua preferência pelos pobres e marginalizados que são castigados pelos sistemas que a própria sociedade impõe, levando-os a clamarem por liberdade, justiça e igualdade entre as pessoas e as classes sociais nos quais estão inseridos, como ressalta Santo Domingo (2006. p. 23): “em continuidade com a Conferência de Medellín e de Puebla, a Igreja reafirma a opção preferencial pelos pobres”.

Assim, o objetivo principal da Conferência de Santo Domingo é refletir acerca do seu papel perante as mudanças e acontecimentos na América Latina, bem como propor ações que estimulem a libertação e promoção humana, para que exista justiça e igualdade entre os povos. Partindo das reflexões e ações propostas em Santo Domingo, propõe-se analisar, no próximo tópico, o *Lugar*, a partir das evidências constatadas pela Conferência.

---

<sup>5</sup> Tem como objeto de estudo a pessoa de Cristo (Frank J. Matera. *Cristologia narrativa do Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2003).

<sup>6</sup> Estudos de tratados teológicos no que se refere a diferentes formas de ser, viver e se organizar como Igreja, buscando realizar sua vocação e missão (*A Igreja: uma eclesiologia Católica*. Medard Kehl. São Paulo. Editora: Loyola. 1997).

#### 2.4.1 O *Lugar* em Santo Domingo

Compreender o conceito de *Lugar* em Santo Domingo é levar em consideração a situação humana dos povos latino-americanos, sob a perspectiva daquilo que foi analisado e debatido na Conferência. Portanto, o conhecimento da realidade, como mencionado em Santo Domingo (2006), leva em consideração o pobre, ou seja, as análises proporcionadas pela Igreja foram de cunho social das classes subalternadas e marginalizadas da sociedade. É uma análise feita sob o olhar de baixo e não sob as perspectivas das classes sociais mais favorecidas pela sociedade.

Entretanto, quando a Igreja Católica Apostólica Romana menciona as classes mais favorecidas, o faz no sentido de procurar promover mudanças que pudessem ajudar os mais necessitados, como se observa nas conclusões de Santo Domingo (2006, p. 69): “destinatário também da nova evangelização são também as classes médias, os grupos, as populações, os ambientes de vida e de trabalho, marcados pela ciência, pela técnica e pelos meios de comunicação social”.

Através da doutrina social, diz Santo Domingo (2006, p. 121), como um “ensinamento do Magistério em matéria social e que contém princípios, critérios e orientações para a atuação do crente na tarefa de transformar o mundo segundo o projeto de Deus, e pela nova evangelização”, a Igreja começa a destacar pontos que remetem à situação do Lugar na América Latina daquela época.

Entre estes pontos que podem esclarecer tal realidade, começa a despontar a noção da realidade, a partir de reflexões de promoção humana, levando como pressuposto a libertação integral do homem. Podem-se perceber as evidências de povos escravizados pelos sistemas abusivos da sociedade através das seguintes afirmações:

A promoção humana há de ser consequência lógica da evangelização, para a qual tende a libertação integral da pessoa. Olhando para este homem concreto, vós, pastores da Igreja, constatais a difícil e delicada realidade social pela qual atravessa hoje a América Latina, onde existem amplas camadas de população na pobreza e na marginalização (SANTO DOMINGO, 2006, p. 21).



Entre os fatores que merecem atenção na transformação de uma vida desumana para uma mais humana, a família e a vida constituem a base das atenções da conferência, pois essas duas realidades que estão estreitamente unidas fundamentam-se na consolidação dos novos povos, pois, segundo Santo Domingo (2006, p. 25), “a família é o santuário da vida. Com efeito, o futuro da humanidade passa pela família. É, pois, indispensável e urgente que cada homem de boa vontade se empenhe em salvar e promover os valores e as exigências da família”.

Entre as realidades que marcam o espaço, a Igreja percebeu na família diversos acontecimentos que estavam proliferando na virada dos anos 90, entre eles pode-se citar o “aborto, eutanásia, guerra, guerrilhas, sequestros, terrorismo etc.” (SANTO DOMINGO, 2006, p. 26).

Um dos fatores que contribuiu para as mudanças sociais foi o crescimento demográfico, cercado pelo sentimento material, provocado pelas correntes ideológicas surgidas no contexto da industrialização. Tais correntes contribuíram para que a população tivesse uma mente mais individualista e menos solidária. Sobre isso, Santo Domingo (2006, p. 22) diz: “Diante de tudo isso, impõe-se uma mudança de mentalidade de comportamentos e estruturas. Numa palavra, é preciso fazer valer o novo ideal de solidariedade diante da falaz vontade de dominar”.

Foi no meio dessa vontade de dominar que a Igreja na conferência de Santo Domingo se sentiu instigada pelo tema cultura, sobre o qual ressalta que “concentra sua atenção sobre esta importante matéria, já que a nova evangelização deverá projetar-se sobre a cultura emergente, sobre todas as culturas, inclusive as culturas indígenas” (SANTO DOMINGO, 2006, p. 26). E continua, em trecho adiante, dizendo que “após a autonomia introduzida pelo racionalismo, tende-se hoje a assentar os valores sobre tudo em consensos sociais subjetivos que, não raro, conduzem a posições contrárias à ética moral” (SANTO DOMINGO, 2006, p. 27).

Mais à frente, a Igreja Católica Apostólica Romana atribui essa mudança de mentalidade produzida pelas correntes modernas a fatores causais que têm levado a população a vivenciar os dramas do aborto, os abusos da engenharia genética, nos atentados à vida e à dignidade humana.

No seio das mudanças culturais, a Conferência faz perceber o grande florescimento de novas denominações religiosas e seitas, o que para a Igreja é um dos grandes motivos dos problemas enfrentados pela população latino-americana, pois, através das ideias propagadas, tem levado milhares de cristãos a discordarem

das suas ideias, como ressalta Santo Domingo (2006, p. 20): “As seitas e os movimentos pseudo-espirituais de que fala o documento de Puebla são causa de divisão e de discórdia nas vossas comunidades eclesiais, e cuja expansão e agressividade urge enfrentar”.

Tal expansão delegou à comunidade eclesial de base papel de suma importância nesse processo de nova evangelização. A partir do Concílio do Vaticano II, a Igreja revê seu papel perante a sociedade e, observando que estava se distanciando do povo, procura maneiras de se aproximar dos povos. Para isso, propõe reformas significativas, entre as quais cabe destacar, nas Conferências, a valorização das comunidades eclesiais, as quais, por estarem próximas do povo, possibilitariam à Igreja conhecer e se aproximar das reais necessidades do povo latino-americano.

Segundo Santo Domingo (2006, p. 88), essa aproximação “permite aos pastores partilhar com elas as situações de dor e ignorância, de pobreza e de marginalização, as aspirações de justiça e libertação”. Assim, quando se diz na conferência de Santo Domingo que na América Latina existe pobreza, exclusão, abusos de poder econômico e injustiça, as análises adotam como pressuposto as vivências do povo e de seus membros eclesiais que estão inseridos e participando do sofrimento e das angústias que a sociedade impõe aos menos desfavorecido (Figura 18).



FIGURA 18: AÇÕES PASTORAIS DE SANTO DOMINGO  
FONTE: AUTOR, 2014

Nesse contexto, ressalta-se a importância do leigo no compromisso da nova evangelização, pois além de ter experiências do mundo secular, que proporcionam o maior conhecimento da realidade de milhares de pessoas na sociedade, a Igreja o enxerga como agente para a transformação social. Comprova-se tal fato quando Santo Domingo (2006, p. 97) fomenta que se deve “evitar que os leigos reduzam sua ação ao âmbito intereclesial, devendo impulsionar a penetrarem os ambientes socioculturais e a serem eles os protagonistas da transformação da sociedade à luz do evangelho e da doutrina social da Igreja”.

Através desse processo de aproximação, a Conferência percebeu diversas situações humanas no espaço, sendo consideradas características que representam o Lugar na América Latina. Entre essas situações, pode-se destacar a situação da mulher, que se encontrava na marginalidade e excluída dos diversos seguimentos da sociedade, como ressalta Santo Domingo (2006, p. 100): “Hoje se difundem diversas posições reducionistas sobre a natureza e missão da mulher: nega-se sua específica dimensão feminina, reduz-se a mulher em sua dignidade e direitos, converte-se a mulher em objeto de prazer, com um papel secundário na vida social”.

Outro grupo que clama por ajuda e oportunidade de vida são os jovens latino-americanos, os quais, segundo Santo Domingo,

São vítimas do empobrecimento e da marginalização social, do desemprego e do subemprego, de uma educação que não corresponde às exigências de suas vidas, do narcotráfico, da guerrilha, das gangues, da prostituição, do alcoolismo, de abusos sexuais. Muitos vivem adormecidos pela propaganda dos meios de comunicação social e alienados por imposições culturais, e pelo pragmatismo imediatista, que tem gerado novos problemas no processo de amadurecimento afetivo (SANTO DOMINGO, 2006, p. 103).

Um ponto que merece ser destacado e que está na pauta de reflexões de congressos e eventos é a crise ecológica, resultante dos desgastes da vida natural, ocasionando consequências na vida do homem e do seu meio. Sobre isso, Santo Domingo afirma que:

Na América Latina e Caribe, as grandes cidades estão doentes em suas zonas centrais deterioradas e, sobretudo, em suas periferias. No campo, as populações indígenas e camponesas são despojadas de suas terras ou confinadas em terras menos produtivas, enquanto se continua derrubando e queimando as florestas na Amazônia e em outras partes do continente (SANTO DOMINGO, 2006, p.125-126).

Repensando o homem com o seu meio natural, o século XX pode ser caracterizado pela predominância de reflexões voltadas à preservação do meio ambiente diante dos problemas ambientais. Entre as alternativas propostas nas conferências, o desenvolvimento sustentável foi a melhor alternativa de produção sem a deterioração de fontes não-renováveis. Percebe-se que a realidade e a urgência de reflexões e ações sobre esse tema estiveram presentes na pauta de discussões da Conferência de Santo Domingo e tornou-se elemento indispensável para analisar a realidade latino-americana, a partir de suas considerações.

Sendo assim, a Conferência ressalta que

Diante da crise, vem-se propondo como saída o desenvolvimento sustentado, que pretende responder às necessidades e aspirações do presente, sem comprometer as possibilidades de atendê-las no futuro. Quer se conjugar o crescimento econômico com limites ecológicos” (SANTO DOMINGO, 2006, p. 126).

Nesse bojo de reflexões sobre o desenvolvimento, a Conferência traz à luz os problemas e as mudanças que ocorreram naquela época e que ainda se refletem nos dias atuais. Entre as mudanças, a questão da terra como meio de produção na agropecuária ganha importância e influência internacional, ocasionando em muitos casos o favorecimento de empresas transnacionais em detrimento dos povos menos abastados.

A modernização de nossas sociedades trouxe a expansão do comércio agrícola internacional, a crescente integração, o maior abuso da tecnologia e a presença transnacional. Isto, não poucas vezes, favorece os setores econômicos fortes, mas à custa dos pequenos produtores e trabalhadores (SANTO DOMINGO, 2006, p. 128-129).

No florescer das economias emergentes, com a relação estabelecida entre o comércio multilateral e os blocos econômicos, influenciado principalmente pelo processo de globalização, a sociedade latino-americana altera-se constantemente, afetando diversos setores, entre eles o dos trabalhadores. Tal influência apresentou ao contexto histórico da Conferência uma realidade deprimente, de acordo com as afirmações de Santo Domingo:

No que se refere ao mundo dos trabalhadores, alerta-se para uma deterioração em suas condições de vida e no respeito a seus direitos, um escasso ou nulo cumprimento de normas estabelecidas para os setores mais débeis, uma perda de autonomia por parte das organizações de

trabalhadores devido à dependência por parte das organizações de diversos gêneros, abusos de capital, que desconhece ou nega a primazia do trabalho, poucas ou nulas oportunidades de trabalho para jovens. Alerta-se para a alarmante falta de trabalho ou desemprego com toda a insegurança econômica e social que isso implica. O mundo do trabalho reclama o crescimento econômico e o aumento da produtividade, de modo a tornar possível, mediante uma justa e equitativa distribuição, o maior bem-estar do homem e de sua família (SANTO DOMINGO, 2006, p.133).

A estratificação social da categoria do trabalhador, do ponto de vista da Conferência, dá ênfase e explicação a um acontecimento que afeta a vida de milhares de pessoas na América Latina, discussão justificada pelo fato de haver discrepâncias sociais entre os povos latino-americanos, principalmente entre as classes trabalhadoras, configurando-se como um problema de nível internacional.

A mobilidade humana, caracterizada pelas fortes correntes migratórias, foi reconhecida na Conferência como fenômeno social causado pelas carências humanas em todos os seus aspectos. Sendo assim, observa-se pelas afirmações de Santo Domingo (2006, p. 134), que “tem havido, um forte incremento da migração para os grandes países no Norte, e também para outros países latino-americanos. Surgem também fenômenos como repatriação voluntária e a deportação dos que não obtém o visto de permanência”.

Analisando-se, atentamente, as constatações mencionadas, observa-se que o caos dos povos marginalizados era o motivo predominante das migrações para a América do Norte, isso por que seus próprios países não lhes garantiam oportunidades de mobilidade social e promoção humana.

Levando em consideração as discrepâncias sociais, a Conferência de Santo Domingo fez profundas análises às questões políticas que estavam acontecendo no Continente. Entre estas, a queda dos regimes militares e a implantação de regimes democráticos caracterizaram, do ponto de vista de Santo Domingo, importantes mudanças na mentalidade e na vida social de milhares de pessoas (FIGURA 19). Entretanto, a Igreja não nega que neste sistema existam deteriorações que trazem ao povo decepções e diversos problemas sociais, fazendo com que os regimes sejam considerados fraudulentos e corruptos. Sobre isso, Santo Domingo diz:

A convivência democrática, que se afirmou depois de Puebla, em alguns países, vem se deteriorando, entre outros fatores, pelos seguintes: corrupção administrativa; distanciamento das lideranças partidárias com relação aos interesses das bases e das reais necessidades da comunidade; vazios programáticos e desatenção ao social e ético-cultural da parte das organizações partidárias; governos eleitos pelo povo que não se orientam

eficazmente para o bem comum; muito clientelismo político e populismo, porém, pouca participação (SANTO DOMINGO, 2006, p. 136).

Os frutos deste pensamento estão hoje materializados na sociedade brasileira através de partidos políticos, associações, cooperativas, movimentos e entidades que representam muitos setores da sociedade civil. O catolicismo foi e é, a partir dessa reflexão, a semente de muitos seguimentos que questionam as muitas relações que os setores institucionais, principalmente os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário tem com as situações encontrados no atual cenário em que se encontra o Brasil.

Assim, a Igreja se dispõe a rever sua missão, conforme podemos observar no esquema a seguir:

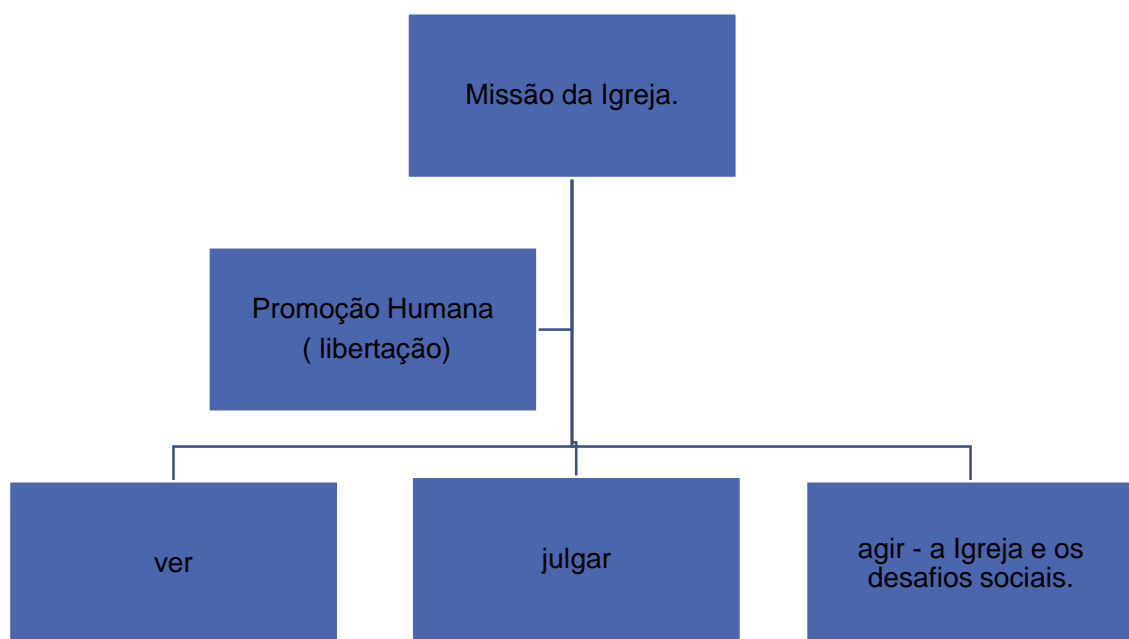


FIGURA 19: FORMAS DE AÇÃO MISSIONÁRIA A PARTIR DO MÉTODO: VER, JULGAR E AGIR  
FONTE: AUTOR, 2014

A partir dessas análises e constatações, a Conferência de Santo Domingo, através de uma análise geográfica do *Lugar*, apresenta a América Latina caracterizada por contextos sócio históricos marcados por discrepâncias sociais, naturais e políticas, nos quais as pessoas marginalizadas e excluídas pela sociedade são as que mais sofrem. Dessa maneira, torna-se necessária, através da nova evangelização, a

promoção humana carregada de libertação e conscientização dos povos, para que os mesmos possam decidir os rumos da sua própria história.

## 2.5 CONFERÊNCIA DE APARECIDA (2007) A MISSÃO A PARTIR DAS REALIDADES ENCONTRADAS NO LUGAR

A *V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe* foi realizada entre o dia 13 e 31 de maio de 2007, na cidade de Aparecida/SP, com o tema: *Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida*. O Documento resultante dessa Conferência começa fazendo uma breve introdução sobre os valores e os sofrimentos que ao longo do tempo a Igreja presenciou na vida dos povos de diversas nações os quais estava inserida:

Desde a primeira evangelização até os tempos recentes, a Igreja tem experimentado luzes e sombras. Ela escreveu páginas na história com grande sabedoria e santidade. Sofreu, também, tempos difíceis, tanto por torturas e perseguição como pelas debilidades, compromissos mundanos e incoerência, em outras palavras, pelo pecado de seus filhos, que desfiguram a novidade do Evangelho, a luminosidade da verdade e a prática da justiça e da caridade (APARECIDA, 2007, p. 10-11).

As palavras mencionadas acima trazem à mente o valor histórico de uma peça fundamental para a deflagração de milhares de acontecimentos no decorrer da história. Talvez a Igreja Católica Apostólica Romana seja uma das instituições que mais tiveram participação nos desígnios da história. Percebe-se pelo valor que os romanos atribuíram ao período medieval marcado sob os preceitos católicos, pelo processo de colonização sob a influência religiosa cristã, o que se deu também em outros períodos.

O processo histórico ao qual a Igreja esteve inserida aprofundou seus pensamentos, seus valores e suas ideologias cristãs, transformando-se pela repetição de milhares de povos em uma tradição, sendo repassada entre as gerações. De acordo com o Documento de Aparecida, o povo latino-americano tem como predomínio em sua cultura os princípios de fé propagados nos últimos 500 anos pela Igreja Católica Apostólica Romana.

As maiores riquezas de nossos povos são a fé no Deus amor e a tradição Católica na vida e na cultura. Manifesta-se na fé madura de muitos batizados

e na piedade popular que expressa o 'amor a Cristo sofredor, o Deus da compaixão, do perdão e da reconciliação (...) Está presente também na consciência da dignidade da pessoa, na sabedoria diante da vida, na paixão pela justiça, na esperança contra toda esperança e na alegria de viver que move o coração de nossos povos, ainda que em condições muito difíceis. As raízes católicas permanecem em sua arte, linguagem, tradições e estilo de vida, ao mesmo tempo dramático e festivo, e no enfrentamento da realidade (APARECIDA, 2007, p. 11).

A inculturação dos valores católicos na América Latina é fruto de um processo histórico de longo prazo, que hoje se reflete nas vivências e nos costumes dos povos da América do Sul. A Conferência de Aparecida, como as demais, teve como ponto de partida o Concílio do Vaticano II, que introduziu no pensamento cristão e missionário o ideal de Igreja dos pobres a serviço daqueles que não têm voz e nem vez na sociedade. O Documento de Aparecida afirma:

A V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho é um novo passo no caminho da Igreja, especialmente se levar em consideração o Concílio do Vaticano II. Ela dá continuidade e, ao mesmo tempo, recapitula o caminho de fidelidade, renovação e evangelização da Igreja latino-americana ao serviço de seus povos, que se expressou oportunamente nas conferências gerais anteriores do Episcopado (APARECIDA, 2007, p. 12).

É no bojo dessa recapitulação das reflexões e ações promovidas nas antigas conferências que a Igreja propõe a continuidade do método ver, jogar e agir na sua reflexão e ação, para que possa ter êxito em suas atividades dentro das sociedades latino-americanas.

Provavelmente, o grande diferencial da Conferência de Aparecida, em comparação às demais, seja o contexto histórico no qual estava inserida, a exemplo da globalização que serviu como ponto de referência nos debates acerca das novas necessidades e mudanças do século XXI. Entretanto, a Conferência de Aparecida demonstrou que o apreço pelas aspirações e a preocupação com as fragilidades dos pobres e excluídos dentro da sociedade é o motivo que a torna uma continuidade das outras. Portanto, podem-se considerar as pessoas menos favorecidas a ponte de ligação entre a Conferência de Aparecida e as demais conferências.

Ao cotejar a realidade latino-americana, a Conferência de Aparecida, por meio das reflexões propostas, a globalização foi considerada o grande motor das transformações do século XXI. Tal fenômeno foi considerado o causador de exclusão e inclusão, de riqueza e pobreza, de alegria e sofrimento, de justiça e injustiça dos povos da América do Sul.



Assim, pode-se analisar, sob as perspectivas da Conferência de Aparecida, que o espaço geográfico foi sendo configurado pelas situações dos povos Latinos e Caribenhos em um contexto sócio histórico, no qual a globalização é o grande centro das atenções, uma vez que, a partir das situações humanas canalizadas pelos desafios contemporâneos, o *Lugar* é representado geograficamente.

### 2.5.1 O *Lugar* em Aparecida

Pensando o *Lugar* constituído de vivências humanas, a Conferência de Aparecida faz transparecer, no centro de suas conclusões, diversas situações humanas. Tais situações darão uma noção de como era a realidade da América do Sul no contexto histórico da Conferência.

Sob o olhar dos missionários, a realidade dos povos da América Latina e do Caribe é marcada por profundas transformações espaciais e culturais, as quais afetam, significativamente, os costumes e as tradições dos povos. As transformações percebidas na Conferência de Aparecida são muito diferentes das que ocorreram no passado, pois, segundo Aparecida (2007, p. 27), “a novidade dessas mudanças, diferentemente do ocorrido em outras épocas, é que elas têm alcance global que, com diferenças e matizes, afetam o mundo inteiro”.

Nesse sentido, o fenômeno da globalização derrubou as fronteiras que separavam continentes, países e pessoas ao redor do mundo. Não se poderia estranhar hoje se alguém afirmasse que o planeta terra é pequeno, que a distância entre as nações e culturas distintas do passado não existe mais, pois as tecnologias, o mercado integrado e o acesso à informação garantem essa possibilidade, pois, “a expansão contínua, periódica e cíclica das relações, processos e estruturas capitalistas é fato reconhecido por todos” (Petri e Weber, 2006, p. 86.).

Todas as mudanças são percebidas pela Igreja, porque ela se faz presente no mundo e sabe que o impacto da globalização é muito grande, pois afeta diversas áreas humanas, como a política, a economia, a cultura, a educação, o esporte, a arte e, naturalmente, a própria religião. O processo que desencadeou no mundo todas essas mudanças é constituído de uma complexidade imensurável e a Igreja, que por tanto tempo fez parte desse processo, reconhece que a vida social é menos simples

de ser analisada, pois a inconsistência sobre os valores e as aspirações dos povos possibilitam diversas concepções sobre a realidade que muitas vezes atritam entre si, como ressalta a Conferência de Aparecida:

Nesse novo contexto social, a realidade para o ser humano se tornou cada vez mais sem brilho e complexa. Isso quer dizer que qualquer pessoa individual necessita sempre mais de informação, se deseja exercer sobre a realidade o senhorio a que, por vocação, está chamada. Isso nos tem ensinado a olhar a realidade com mais humildade, sabendo que ela é maior e mais complexa que as simplificações com que costumávamos vê-las no passado ainda não muito distante e que, em muitos casos, introduziram conflitos na sociedade, deixando muitas feridas que ainda não chegaram a cicatrizar. Também se tornou difícil perceber a unidade de todos os fragmentos dispersos que resultam da informação que reunimos. É frequente que alguns queiram olhar a realidade unilateralmente a partir da informação econômica, outros a partir da informação política ou científica, outros a partir do entretenimento ou do espetáculo. No entanto, nenhum desses critérios parciais consegue propor-nos um significado coerente para tudo que existe (APARECIDA, 2007, p. 28).

Para se debruçar sobre a nova realidade percebida pelos missionários de Aparecida, necessário levar em consideração as diversas dimensões que fazem parte da sociedade latino-americana e caribenha, tornando-se indispensável a utilização dos critérios ver, jogar e agir, propostos na Conferência.

Levando em consideração o aspecto cultural dos povos, a Conferência percebeu profundas mudanças nos valores e costumes. Entre essas mudanças, podem-se destacar a transmissão cultural, que no passado era realizada de pais para filhos e que hoje não se faz mais, como afirma Aparecida (2007, p. 30): “Esse fenômeno da globalização talvez explique um dos fatos mais desconcertantes e originais que vivemos no presente. Nossas tradições culturais já não se transmitem de uma geração à outra com a mesma fluidez que no passado”.

Outra característica predominante na América do Sul é a diversidade cultural, fruto de um processo histórico que entrelaçou ao longo do tempo três civilizações distintas, formando uma quarta. Os indígenas, os africanos e os europeus, contribuíram para a formação de um povo mestiço, para o qual a desigualdade social apresenta-se configurada nessas múltiplas culturas dentro do próprio espaço latino-americano e caribenho. Quanto a isso, a Conferência de Aparecida reflete sobre uma situação cultural de desigualdade, configurando-se como entraves ao desenvolvimento e à promoção humana. A respeito disso, afirma a Conferência de

Aparecida (2007, p. 36) que “essas culturas coexistem em condições desiguais com a chamada cultura globalizada”.

Como exemplo de desigualdade cultural, pode-se citar a cultura predominante nos setores urbano e suburbano, nos quais, segundo a Conferência de Aparecida,

A cultura urbana é híbrida, dinâmica e mutável, pois amalgama múltiplas formas, valores e estilos de vida e afeta todas as coletividades. Já, a cultura suburbana é fruto de grandes migrações de população, em sua maioria pobre, que se estabelece ao redor das cidades nos cinturões de miséria (APARECIDA, 2007, p. 36).

No meio dessas mudanças que o mundo vem sofrendo, a Conferência de Aparecida reflete a situação e o papel da mulher frente aos novos desafios impostos pelo o século XXI. Sobre isso, os conferencistas dizem:

Nesta hora da América Latina e do Caribe, é imperativo tomar consciência da situação precária que afeta a dignidade de muitas mulheres. Algumas, desde crianças e adolescente são submetidas a múltiplas formas de violência dentro e fora de casa: tráfico, violação, escravização e assédio sexual, desigualdade na esfera do trabalho, da política e da economia, exploração publicitárias por parte de muitos meios de comunicação social que as tratam como objeto de lucro (APARECIDA, 2007, p. 33).

Evidencia-se, por tais denúncias, que a mulher na América Latina ainda não conseguiu a igualdade de direitos entre os gêneros e ainda faz parte de um dos grupos mais marginalizados e oprimidos na América do Sul. Percebe-se que o machismo colonial impera sobre os valores dos povos e mesmo em meio à tomada de consciência, com a grande proliferação dos movimentos feministas, não conseguiram a real promoção da igualdade humana.

Entendendo a globalização como um fenômeno que abrange várias dimensões da vida humana, o mesmo fenômeno ganha sua maior expressividade no campo econômico, pois se sobrepõe e condiciona, direta e indiretamente, os outros campos a seu próprio interesse. Dessa forma, pode-se dizer que a globalização condiciona o fator econômico como corrente de transformação que afeta os campos político, religioso e social dentro da sociedade, imprimindo nesse quadro consequências que podem ser tanto positivos como negativas. Como exemplo, o Documento registra:

O Papa, em seu discurso inaugural, vê a globalização como um fenômeno de relação de nível planetário, considerando-o uma conquista da família

humana, por que favorece o acesso a nova tecnologias, mercado e finanças. As altas taxas de crescimento de nossa economia regional e, particularmente, seu desenvolvimento urbano, não seriam possíveis sem a abertura ao comércio internacional, sem o acesso às tecnologias de última geração, sem a participação de nossos cientistas e técnicos no desenvolvimento internacional do conhecimento e sem o alto investimento nos meios eletrônicos de comunicação. Ao mesmo tempo, a globalização manifesta como a profunda aspiração do gênero humano à unidade. Não obstante esses avanços, o Papa também assinala que a globalização comporta o risco dos grandes monopólios e de converter o lucro em valor supremo (APARECIDA, 2007, p. 37).

Observa-se que a economia sob o aparato da globalização é uma via de mão dupla, sobre a qual o progresso e a pobreza caminham juntos e, é no centro dessa via de mão dupla que a América do Sul se encontra. A globalização tem como alvo as multinacionais, que são implantadas muitas vezes pela ajuda fiscal, aproveitando-se dos recursos naturais e mão-de-obra barata existente. O fato mais desalentador é que a produção não beneficia a própria população do entorno do empreendimento, pois o lucro não é investido nos seus próprios países, mas é exportado para as sedes das indústrias, as quais, normalmente, estão localizadas em países desenvolvidos.

Sendo considerada um dos lugares que possui as reservas ambientais mais extensas, a América do Sul encontrava-se ameaçada, pois as multinacionais instaladas não levaram em conta o impacto ambiental em vista do lucro. Sobre isso, o Documento afirma:

As instituições financeiras e as empresas transnacionais se fortalecem ao ponto de subordinar as economias locais, sobretudo debilitando o Estado, que aparecem cada vez mais impotentes para levar adiante projetos de desenvolvimento a serviço de suas populações, especialmente quando se trata de investimento de longo prazo sem retorno imediato. As indústrias extrativistas internacionais e a agroindústria, muitas vezes, não respeitam os direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais das populações locais e não assumem suas responsabilidades. Com muita frequência se subordina a preservação da natureza ao desenvolvimento econômico, com danos à biodiversidade, com o esgotamento das reservas de água e de outros recursos naturais, com contaminação do ar e a mudança climática. Assim se dão gratuitamente ao mundo serviços ambientais que não são reconhecidos economicamente. A região se vê afetada pelo aquecimento da terra e a mudança climática provocada principalmente pelo estilo de vida não sustentável dos países industrializados (APARECIDA, 2007, p. 40).

Outro aspecto do mercado globalizado abordado em Aparecida foi o sistema financeiro, percebido como um fator de ajuda fiscal e de concentração de renda, como segue:

A atual concertação de renda e riqueza acontece principalmente pelos mecanismos do sistema financeiros. As liberdades concedidas aos investimentos financeiros favorecessem o capital especulativo, que não tem incentivos para fazer investimentos de longo prazo, mas busca o lucro imediato dos negócios com títulos públicos, moedas e derivados (APARECIDA, 2007, p. 41).

Em relação à população economicamente ativa da região, o documento de Aparecida revela uma realidade que parece fazer parte da identidade do setor urbano, como os empregos informais, os subempregos, o enfraquecimento dos sindicatos e insegurança trabalhista. De acordo com a Conferência: “a população economicamente ativa da região é afetada pelo subemprego 42% e pelo desemprego 9%, e quase metade está empregada no trabalho informal” (APARECIDA, 2007, p. 42).

O setor rural também não escapa dos problemas ocasionados pelas novas mudanças, pois, como no setor urbano predomina uma desigualdade social estonteante, o campo revela uma concentração de terra arrasadora, levando milhares a clamarem por reforma agrária:

Os homens do campo, em sua maioria, sofrem por causa da pobreza, agravada por não terem acesso à terra própria. No entanto, existem grandes latifúndios em mão de poucos, em alguns países essa situação tem levado a população a exigir uma Reforma Agrária, estando atentos aos males que lhes podem ocasionar os Tratados de Livre Comércio, a manipulação da droga e outros fatores (APARECIDA, 2007, p. 42).

Na dimensão sócio-política, o Documento de Aparecida revela certo progresso democrático, no qual se percebe a maior participação da população civil, com destaque aos povos indígenas e afro-americanos. Além disso, a mesma é carregada por regimes de corte neopopulistas que muitas vezes acabam se tornando autoritários por vias democráticas:

Constatamos um certo progresso democrático que se demonstra em diversos processos eleitorais. No entanto, vemos com preocupação o acelerado avanço das diversas formas de regressão autoritária por via democrática que, em certas ocasiões, resultam em regimes de corte neopopulistas (APARECIDA, 2007, p. 43).

Sobre a temática da violência, a Conferência de Aparecida considera um dos maiores problemas na América do Sul, pois, a mesma não para de crescer e afeta diversas áreas da vida humana. O crescimento do narcotráfico, do crime organizado,

principalmente nas periferias das grandes cidades, tem levado milhares de famílias a sofrer com mortes e perdas de filhos para o mundo do crime. Muitas vezes o Estado, que deveria garantir assistência e o combate efetivos desses males, acabava tomando atitudes que são consideradas contraditórias com suas reais funções, favorecendo a perda da confiança da população. Aparecida (2007, p. 45) ressalta que:

A vida social em convivência harmônica e pacífica está se deteriorando gravemente em muitos países da América Latina e do Caribe pelo crescimento da violência, que se manifestas em roubos, assaltos, sequestros, e o que é mais grave, em assassinatos que a cada dia destroem mais vidas humanas e encham de dor as famílias e a sociedade inteira (APARECIDA, 2007, p. 45).

Em meio a essas discrepâncias sociais, os povos indígenas e afro-americanos se encontravam, na sociedade latina e caribenha, em situações nada alentadoras, pois os problemas de posse de terra, da perda dos seus costumes e tradições frente a um novo acultramento de massas provocado pela globalização, estavam levando milhares ao desespero e à exclusão. Sem os seus direitos garantidos e defendidos de forma qualificada, os mesmos sofrem com as perseguições de fazendeiros e grileiros, que invadem e tomam as suas terras. Além disso, as multinacionais, quando implantadas em seus países, acabam trazendo grandes impactos ambientais, destruindo seus meios de produção e subsistência.

Sobre isso, Aparecida apresenta a realidade desses povos sob o olhar dos missionários, da seguinte forma:

Hoje, os povos indígenas e afros estão ameaçados em sua existência física, cultural e espiritual; em seus modos de vida; em suas diversidades; em suas identidades; em seus territórios e projetos. Algumas comunidades indígenas se encontram fora de suas terras por que estas foram invadidas e dragadas, ou não têm terras suficientes para desenvolver sua cultura. Sofre graves ataques à sua identidade e sobrevivência, pois a globalização econômica e cultural coloca em perigo a sua existência como povo diferente. Sua progressiva transformação cultural provoca o rápido desaparecimento de algumas línguas e culturas (APARECIDA, 2007, p. 48).

As análises realizadas pela Conferência, levando em consideração o pobre e o excluído como referencial, revelam outras circunstâncias dramáticas. Entre elas, as situações vividas pelos moradores de ruas, evidências que chamaram à atenção da Igreja, pela falta de oportunidade que a sociedade lhe impõe, além dos problemas

familiares e da influência dos crescentes núcleos de crimes organizados, que contribuem para o aumento de pessoas desabrigoadas nas grandes cidades:

Nas grandes cidades é cada vez maior o número das pessoas que vivem na rua. Requerem da Igreja cuidado especial, atenção e trabalho de promoção humana, de tal modo que enquanto se proporciona a elas ajuda no necessário para a vida, que também sejam incluídas em projetos de participação e promoção nos quais elas próprias sejam sujeito de sua reinserção social (APARECIDA, 2007, p. 184).

O fenômeno da mobilidade humana é um fato presente em muitos países da América do Sul, provocado por “diversas causas que estão relacionadas com a situação econômica, a violência em suas diversas formas, a pobreza que afeta as pessoas e a falta de oportunidades para a pesquisa e o desenvolvimento profissional” (APARECIDA, 2007, p. 42). Assim, percebe-se uma grande massa de imigrantes e emigrantes na região, contribuindo para sérias mudanças nos setores sociais, econômicos e políticos da sociedade latina e caribenha.

Outro fator que merece ser destacado é o crescimento de dependentes de drogas que, segundo Aparecida (2007, p.188), “não reconhece fronteiras, nem geográficas, nem humanas. Ataca igualmente a países ricos e pobres, a crianças, jovens, adultos e idosos, a homens e mulheres”.

Se tal fenômeno foi percebido, é por que foi fruto da comercialização e do contrabando de drogas existentes na América do Sul. Portanto, o continente percebido na Conferência é constituído pela uma rede de máfia, que atinge diversas camadas da sociedade, apresentando uma realidade discrepante e preocupante.

Mencionando o crescimento das violências em seus múltiplos aspectos, conseqüentemente, deve-se enfocar o problema do aumento de detidos, pois se a criminalidade aumenta, o número de presos também aumenta. Aparecida (2007, p. 190) afirma que “no momento atual, lamentavelmente os cárceres são com frequência escolas para aprender a delinquir”. Isso soa como denúncia da incapacidade de o Estado oferecer a reabilitação dos detentos à sociedade, tornando-os muitas vezes piores do que antes.

Outra denúncia que a Igreja faz é em relação ao atraso dos procedimentos judiciais, o que de certa forma contribui para o aumento de presos nas prisões. Constata-se pela seguinte afirmação: “É necessário maior agilidade nos procedimentos judiciais” (APARECIDA, 2007, p. 190).

O reflexo dessa estratificação social recai, sobretudo, sobre o processo de formação de crianças e jovens, pois, sendo expostas a ambientes inadequados, são influenciados pelos agentes corrosivos da sociedade, contribuindo para a continuidade da violência, das drogas, dos abusos sexuais, etc. Falando sobre isso, a Conferência expressa:

Vemos com dor a situação da pobreza, da violência intrafamiliar, de abuso sexual, pela qual bom número de nossas crianças: os setores de infância trabalhadora, crianças de rua, crianças portadoras de HIV, órfãos, meninos soldados, e crianças enganadas e expostas a pornografia e prostituição forçada, tanto virtual quanto real (APARECIDA, 2007, p. 197).

Pode-se concluir que a Conferência de Aparecida apresenta uma realidade perturbadora, que necessita de amparos sociais, econômicos e políticos, para solucionar os diversos problemas existentes na sociedade. A ação sobre isso estaria pautada em três partes (FIGURA 20).

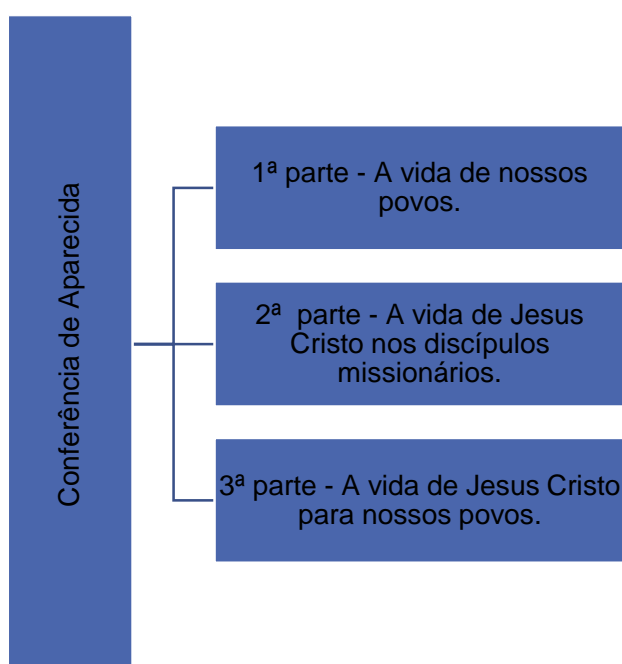


FIGURA 20: AÇÕES MISSIONÁRIAS EM APARECIDA  
FONTE: AUTOR, 2014

A visão de uma Igreja Católica Apostólica Romana voltada ao *Lugar* pode ser percebida como alicerce de suas análises, trazendo à luz a realidade das camadas



subalternas e excluídas da América Latina e Caribe. A Conferência levou em consideração o contexto histórico ao qual estava inserida, e a predominância da globalização esteve presente em todas as suas observações e reflexões acerca das mudanças e transformações da vida social, portanto, os antigos e os novos problemas sociais foram vistos sob o pano de fundo de uma escala global, pois cada mudança e acontecimento tem impacto planetário.

Assim, o *Lugar*, sob a análise das observações feitas na conferência de Aparecida na América do Sul, é constituído por situações humanas degradantes, entre as quais a violência, a exclusão, o desemprego são eventos que afetam não só sua própria região, mas o mundo todo, devido a aproximação planetária proporcionada pela globalização.

## 2.6 OS DOCUMENTOS LATINOS AMERICANOS APLICADOS À REALIDADE DO LUGAR PELO DIRETÓRIO DIOCESANO DA DIOCESE DE JI-PARANÁ – RO

Analisar as conferências que ocorreram na América Latina é de suma importância para entender as mudanças pelas quais a Igreja Católica Apostólica Romana passou. As reflexões e ações propostas nas cinco conferências deram luz a profundas mudanças e de como a Igreja vê, interpreta e julga o mundo, assim como também interfere nos acontecimentos e situações da sociedade.

Levando em consideração o que já foi discutido nas conferências e no Concílio do Vaticano II, percebe-se, hoje, no cotejo da realidade, mais especificamente em Rondônia, transformações que são fruto dessas reuniões, pois seus reflexos se materializam em suas programações e ações junto à comunidade rondoniense.

Torna-se, viável analisar as programações que se passam no interior e exterior da Igreja Católica Apostólica Romana, junto à sociedade rondoniense, sob a luz do Concílio e das conferências. Para isso, o diretório do ano de 2011 e 2015 possibilitará a compreensão de como as reflexões e ações propostas nessas reuniões tiveram impactos na programação do Diretório Diocesano de Ji-Paraná- RO.

Sobre o Diretório Diocesano de Ji-Paraná, Dom Bruno Pedron diz:

O Diretório é o conjunto de normas que rege o bom andamento da nossa Diocese no caminho da evangelização. Portanto deve ser conhecido,

meditado e praticado em todas as comunidades. Desta forma torna-se um meio essencial para dirimir dúvidas, conduzir uma ação mais comum e fraterna e evitar abusos que podem levar à dificuldade no caminho da fé. Recomendo que o presente Diretório seja estudado à luz das necessidades pastorais, não como um manual de leis, mas como um auxílio na prática das várias ações pastorais (DIRETÓRIO DIOCESANO, 2011, p. 1).

Pode-se entender pelas afirmações acima que o Diretório é um manuscrito, que contém todas as informações e sugestões, além das programações que serão realizadas durante certo período. Segundo o Diretório Diocesano, o mesmo torna-se importante porque ajuda a mostrar o caminho certo para aqueles que irão realizar os trabalhos missionários junto à comunidade, como ressalta o Diretório Diocesano (2011, p. 3): “É importante lembrar que o ser Igreja e, por isso, Comunidade, é o ideal, é a vocação à qual Cristo nos chama. Toda norma, toda lei, na Igreja, pelo Evangelho de Jesus, tem essencialmente a função pedagógica, isto é, de mostrar o caminho certo”.

Através do Diretório Diocesano de Ji-Paraná, analisam-se suas programações e percebem-se muitas características que são ressaltadas no Concílio do Vaticano II e conferências. Pode-se citar, como exemplo, a preferência da Igreja pelas comunidades pequenas, pois através das mesmas, a Igreja consegue estabelecer um laço mais íntimo com a sociedade, possibilitando, conseqüentemente, a compreensão da realidade das pessoas. Observa-se tal fato pelas seguintes afirmações:

A nossa Igreja Diocesana reafirma a opção pelas pequenas Comunidades, para que aconteça sempre mais o desejo de acolhida, de calor humano, de ternura e de presença, a fim de que todos vivam o Evangelho, seguindo Jesus Cristo; todos participem da Comunidade e tenham à sua disposição os vários serviços da Igreja (DIRETÓRIO DIOCESANO, 2011, p. 6).

É no interesse de aproximação da Igreja com sua comunidade que as Comunidades Eclesiais de Base ganham destaque, pois são consideradas pela Igreja local e também pelas conferências os meios mais seguros e promissores de evangelização e transformação social, pois os laços de intimidade que são construídos possibilitam maior entendimento e interferência da Igreja nos assuntos sociais, políticos e econômicos da sociedade rondoniense.

Percebe-se sua importância quando o Diretório Diocesano salienta as características que garantem sua identidade junto à sociedade rondoniense, cujos pontos mais relevantes são:

Perseverança no ensino dos Apóstolos: É levar a sério a Educação da Fé. Solidariedade: Ser solidário é promover a justiça, a dignidade, o bem comum, para além do individualismo e particularismo. Assim prega a Doutrina Social da Igreja. É assumir as Pastorais Sociais de acordo com as necessidades da comunidade e participar ativamente de Sindicatos, Associações e Movimentos Populares que defendam a vida. É também devolver à Comunidade o Dízimo, com consciência e honestidade; Celebrações Comunitárias: São as Celebrações Dominicais – da Palavra, da Eucaristia e dos demais Sacramentos, ligando-os à vida; Protagonismo dos/das Leigos/as: É pensar e querer a Igreja como Comunhão de Carismas e Ministérios, realçando e valorizando a iniciação cristã, a unidade batismal, crismal e eucarística. É, também, a riqueza da imensa variedade de Carismas, Serviços e Ministérios assumindo na prática as orientações dos diversos documentos da Igreja que tratam do tema, em resposta às necessidades da Igreja Particular de Ji-Paraná; Trabalhar a formação humana, valorizando com maior intensidade as ações positivas da pessoa (DIRETÓRIO DIOCESANO, 2011, p. 6).

No Diretório Diocesano de Ji-Paraná, é interessante analisar que todas as atribuições dos diversos conselhos que compõem as atribuições da Igreja junto da sociedade têm como ponto de partida a realidade, tanto urbana, quanto rural. Percebe-se tal fato por umas das atribuições propostas para o Conselho Paroquial de Pastoral (CPP) no Diretório Diocesano (2011, p. 14), com a exigência de que “O CPP seja organizado a partir da realidade de cada Paróquia, levando em conta as áreas rural e urbana, com representantes de pastorais específicas, serviços, organismos e movimentos”.

Outro tópico que foi muito comentado durante as conferências realizadas na América Latina foi a integração e a troca de experiências entre as Igrejas e seus agentes. Percebe-se o reflexo de tal constatação nos aconselhamentos do Diretório Diocesano de Ji-Paraná, quando o mesmo atribui essa tarefa ao Conselho Regional de Pastoral (CRP) com os seguintes dizeres:

A finalidade dos Regionais (grupos de Paróquias) é facilitar a entreaajuda e a troca de experiências, na caminhada da Ação Evangelizadora, entre os Agentes de Pastoral e Lideranças, pela aproximação geográfica e de realidade, como também descentralizar encontros e iniciativas (DIRETÓRIO DIOCESANO, 2011, p. 17).

A preocupação pelos pobres, mais especificamente os marginalizados que não tem voz, nem vez na sociedade, ganhou a predominância a partir do Concílio do Vaticano II, possibilitando à Igreja Católica Apostólica Romana ser considerada uma Igreja Pobre. Tal aspecto se reflete nas atribuições da Igreja junto aos grupos oprimidos da sociedade no estado de Rondônia. O Diretório Diocesano consagra ao

Conselho de Assuntos Econômicos (CAE), o dever de “criar condições financeiras que, através da partilha, possibilitem a Ação Evangelizadora, como também a promoção de ações de caridade no atendimento aos mais carentes” (DIRETÓRIO DIOCESANO, 2011, p. 21) e também acrescenta que “devem ser sensíveis às necessidades das comunidades mais pobres (FIGURA 21), bem como às programações da Diocese ou da Paróquia” (DIRETÓRIO DIOCESANO, 2011, p. 24).

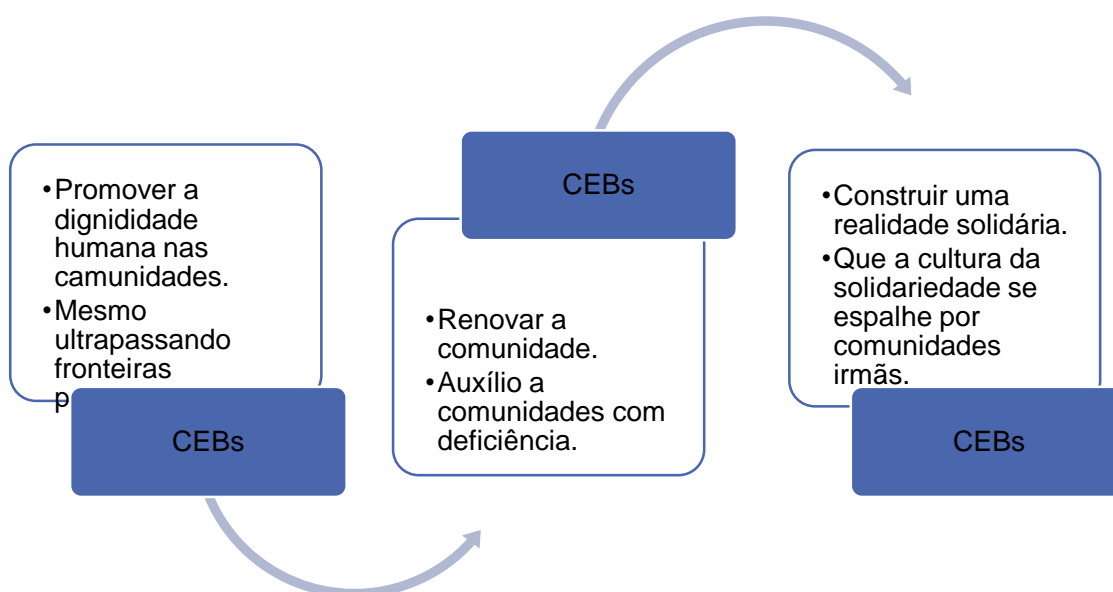


FIGURA 21: FUNDAMENTOS DO DIRETÓRIO DIOCESANO DA DIOCESE DE JI-PARANÁ  
FONTE: AUTOR, 2015

O Diretório Diocesano de Ji-Paraná de 2015 apresenta um espelho muito mais visível em suas programações sob o aparato das reflexões feitas nas Conferências Episcopais da América Latina do que o de 2011. Ao se analisar o Diretório, constata-se de início o desejo de renovação da Igreja no estado de Rondônia frente às demandas da realidade, como ressalta Dom Bruno Pedron na carta de apresentação do Diretório: “A Igreja no seu desejo de transformação e renovação, segundo as palavras do Santo Padre, o Papa Francisco, precisa agir em consonância com um projeto de evangelização bem definido e a se realizar dentro das possibilidades comunitárias” (DIRETÓRIO DIOCESANO, 2015, p. 1).

Sob o lema *Eu vim para servir*, a Campanha da Fraternidade proposta para este ano (2015) envolve diversos projetos que terão que ser realizados para a maior efetivação dos objetivos da Igreja para o estado de Rondônia. Entre os projetos em vigor, que de certa forma transmitem aquilo que foi discutido nas conferências realizadas na América Latina sobre realidade de seu povo, o Diretório Diocesano de Ji-Paraná traz como primeira proposta, a semana teológica, sobre a qual o segundo o Diretório Diocesano tem como pressuposto o fato de que há:

Inúmeras demandas da ação evangelizadora, portanto, se faz necessário que os padres e as religiosas façam pausas de tempo em tempo para aprofundarem temas teológicos pertinentes à nossa realidade pastoral, a fim de melhor servir nossas comunidades (DIRETÓRIO DIOCESANO, 2015, p. 3).

É nesse espírito de renovação e concretização de projetos e ações que a Igreja tem consolidado suas ações frente às demandas da sociedade, caracterizando-a em inúmeras faces, tanto positiva, quanto negativamente. Do ponto de vista social, o Diretório apresenta programações que trazem para os agentes sua formação para atender às necessidades do povo e, como exemplo, pode-se citar a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), que tem inúmeras finalidades:

III - Promover a inserção em meios populares em situação de risco social; IV- Realizar encontros para formação e capacitação profissional apostólica, em vista da inclusão social e do exercício da cidadania; V - Comprometer-se na defesa dos direitos humanos e da justiça social, fiel à opção preferencial pelos pobres assumida pela Igreja (DIRETÓRIO DIOCESANO, 2015, p. 8-9).

Sendo bem atentos, pode-se perceber que, através dessas atribuições à CRB, o Diretório leva em consideração a preferência pelos pobres como reflexão e ação dentro da sociedade. Além disso, leva a pensar a preferência pelos pobres como mais uma característica herdada do Concílio do Vaticano II e das Conferências Episcopais realizadas na América do Sul. Portanto, sendo sensíveis às programações do Diretório Diocesano de Ji-Paraná e conhecendo os debates e propostas realizadas nas reuniões passadas, perceber-se-á o impacto que esses acontecimentos tiveram no presente e como eles repercutiram no cotidiano.

O encontro formativo da Vida Religiosa (VR) é outra programação que merece ser destacada, pois, percebe-se a preocupação da Igreja em conhecer a realidade e a história da Diocese, além de descobrir os novos desafios do povo rondoniense frente

às mudanças que ocorrem no mundo e na região, como ressalta o Diretório Diocesano (2015, p. 9):

A VR no Brasil, sempre se colocou na vanguarda de acompanhar as diversas realidades do povo. E para melhor acompanhar nosso povo de nossas comunidades da Diocese de Ji-Paraná, queremos juntos fazer memória do que temos, e do que somos enquanto núcleo indenitário. Significa também, alimentar esta paixão para revigoramento da vida e missão na Diocese. Portanto, temos como objetivo aprofundar o conhecimento e fazer memória da História da Diocese. Olhar com carinho para as mudanças, diversidades e desafios atuais (DIRETÓRIO DIOCESANO, 2015, p. 9).

Nas Conferências realizadas ao longo dos anos, salientou-se muito o papel do laicato como promotor de evangelização e da transformação social. Além disso, a Igreja considerou uma peça indispensável para o futuro da humanidade, por proporcionar, através de sua experiência e do seu contato com o mundo secular, mudanças e transformações da Igreja para com seu povo, ajudando-os acima de tudo, através de projetos sociais e da promoção humana. Levando em consideração o leigo como agente transformador, o Diretório Diocesano de Ji-Paraná também lhe atribuiu importância no processo de conhecimento e transformação social no estado de Rondônia, podendo-se perceber pelas seguintes considerações da CDL – Comissão Diocesana do Laicato e CEBs – Comunidades Eclesiais de Base:

Justificativa: Como sujeitos eclesiais, os leigos e leigas buscam, na sua organização, constituírem-se plenamente Igreja, habilitarem-se cada vez mais à Missão única do Povo de Deus e, a seu modo e de sua parte, construir o Reino de Deus. Objetivo Geral: Representar, articular e organizar o Laicato na busca de diálogo com os demais sujeitos eclesiais organizados ou não, e com os diversos setores e segmentos da sociedade. Objetivos Específicos: Ser espaço de articulação, formação e informação do Laicato; Suscitar, desenvolver e aprofundar no Laicato a consciência crítica e criativa de sua identidade, vocação e missão, a fim de que seja presença atuante nos espaços sociais, político, econômicos e culturais; Ser presença e estímulo na caminhada das CEBs e no diálogo inter-religioso (DIRETÓRIO DIOCESANO, 2015, p. 10).

A situação do índio na América Latina foi um dos temas mais debatidos nas Conferências realizadas pela Igreja Católica Apostólica Romana. A sua importância histórica e a sua desvalorização e exclusão por parte da sociedade foi um dos tópicos ressaltados nos encontros. Percebe-se o reflexo desses encontros também na questão do índio rondoniense, onde o mesmo se encontra em situações degradantes, provocadas pela violência e pela injustiça social. Pensando o índio como um grupo

marginalizado da sociedade rondoniense, a Pastoral Indigenista, segundo o Diretório Diocesano tem como objetivo:

Testemunhar e anunciar profeticamente a Boa-Nova do Reino, a serviço dos projetos de vida dos povos indígenas, denunciando as estruturas de dominação, violência e injustiça, praticando o diálogo intercultural, inter-religioso e ecumênico, apoiando as alianças desses povos entre si e com os setores populares para a construção de um mundo para todos; igualitário, democrático, pluricultural e em harmonia com a natureza (DIRETÓRIO DIOCESANO, 2015, p. 29).

Entre as propostas no Diretório Diocesano de Ji-Paraná sobre a questão indígena, destacam-se as seguintes:

Apoiar a luta dos povos indígenas na busca pela implantação e implementação de políticas públicas diferenciadas (saúde, educação, auto-sustentação, defesa da terra etc.), em pleno acordo com as realidades de cada etnia; Apoiar a luta dos povos indígenas pelo respeito e reconhecimento de suas práticas tradicionais bem como: a dança, música, história, pajelança, confecção de artesanatos, roçados e outros; Dialogar com as comunidades indígenas sobre a importância da preservação do meio ambiente, para que não haja escassez dos recursos naturais de seus territórios (DIRETÓRIO DIOCESANO, 2015, p. 29)

Entendendo a Igreja Católica Apostólica Romana como um meio de transformação da vida social, a fé e a política caminham juntas para a justiça e a promoção humana. Pensando seus agentes como interventores nos rumos discrepantes da sociedade rondoniense, o Diretório Diocesano salienta a importância da educação cristã para o desempenho cidadão em um mundo em transformação. Sobre isso, o Diretório Diocesano traz como referência a Escola Fé e Política, que tem como objetivo:

Formar e capacitar lideranças cristãs para o exercício da cidadania através de uma atuação ética e competente no meio político social; oferecer subsídios para a construção do conhecimento relacionado à política; proporcionar o entendimento e a compreensão das exigências da fé relacionadas à política; capacitar para a prática transformadora do atual modelo em vista de uma nova sociedade que queremos (DIRETÓRIO DIOCESANO, 2015, p. 46).

No contexto histórico e cronológico, pode-se caracterizar o *Lugar* (Figura 22), no sentido geográfico, presente nos documentos oficiais da Igreja da seguinte forma:



FIGURA 22: O LUGAR NO DIRETÓRIO DA DIOCESE DE JI-PARANÁ  
 FONTE: AUTOR, 2015

Assim, a Igreja Católica Apostólica Romana de Ji-Paraná assume as propostas e os projetos contidos nos documentos que, indiretamente, refletem o ideário daquilo que foi discutido e proposto no Concílio do Vaticano II, nas Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, de Puebla, de Santo Domingo e Aparecida. Evidencia-se que os impactos dos encontros foram tão grandes que se propagaram em escala global, nacional, regional e local. Comprava-se isso pelos projetos, pelos conselhos hierárquicos da Igreja e pelas reflexões e programações contidas no Diretório Diocesano de Ji-Paraná - RO, dos anos de 2011 e 2015.



### **CAPITULO III - O *LUGAR* NO DISCURSO DOS LIDERES DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASENA DIOCESE DE JI-PARANÁ**

A presente pesquisa se apresenta dentro de um procedimento metodológico organizado a partir objetivos traçados que ajudaram na investigação dos problemas apresentados, a fim de constituir a tese em questão.

Com esse intuito, as pesquisas adotadas como método, visam à instrumentalização da coleta de dados com vistas à análise e à interpretação, retomando-se o objetivo da tese como linha mestre para: favorecer caminhos que levem a uma melhor compreensão do que se busca no estudo; conferir veracidade ao estudo, do ponto de vista científico; e utilizar métodos que sejam capazes de criar uma dialética entre os problemas, as hipóteses e os objetivos, prerrogativa do ponto de vista científico.

#### **3.1 A PESQUISA QUALITATIVA**

Sobre uma perspectiva qualitativa, Godoy (1995, p. 58) afirma: “[...] é a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, para compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo”. Dessa maneira, parte da experiência e da vivência concreta de uma reflexão e interpretação do próprio agente em seu meio, pois é assim que ele organiza seu mundo e se relaciona com sua realidade.

Isso permite ao investigador um campo com capacidade de exploração, compreensão a partir da subjetividade dos sujeitos, pois em suas narrativas veem o peso da tradição, da cultura, do simbólico e do significado que se tem no Lugar em que a pesquisa é realizada. Dessa forma, permite que uma hermenêutica do teórico com o prático.

Partindo dessa premissa, buscou-se descrever e interpretar o ser do fenômeno, livre de preconceitos, compreendendo sua essência e desvelando os elementos de significados, a partir dos relatos do ser religioso, com base em

experiências vividas no âmbito das comunidades. Dessa forma, esta pesquisa teve a intenção de apreender o fenômeno tal como é experimentado pelo ser que o vivencia. Gil (1999, p. 94) corrobora esse pensamento, dizendo que “[...] métodos de pesquisa qualitativa estão voltados para auxiliar os pesquisadores a compreenderem pessoas e seus contextos sociais, culturais e institucionais”. Dessa forma, a pesquisa qualitativa de cunho exploratório e descritivo foi essencial, pois permitiu adequada abordagem e aprofundamento na busca da tese em questão, e sua imbricação com método ver- julgar- agir, que tem uma relação metodologia explícita com a pesquisa qualitativa, pois o fenômeno percebido (ver) como forma de desvelar a realidade e julgá-la a luz de uma hermenêutica bíblica (julgar), o que implica numa ação (agir) para transformar a realidade desvelada por meio de processos mais profundos que implicam num conhecimento concreto sobre a realidade desvelada.

Com a finalidade de chegar aos objetivos propostos na pesquisa, os procedimentos técnicos utilizados foram: o estudo das referências bibliográficas e documentais e a coleta de dados por meio das entrevistas e dos questionários aplicados na pesquisa de campo. Com base nas entrevistas realizadas com os líderes das CEBs, fez-se uma relação da teoria aqui apresentada, vendo como ela se apresenta no discurso do cotidiano dos sujeitos através de informações detalhadas, com o objetivo de apreender a totalidade do fenômeno em questão.

No que se refere à pesquisa bibliográfica, foi realizada durante todo o percurso do estudo, sendo consultadas publicações internacionais e nacionais, com o objetivo de fundamentar, teoricamente, abordando teorias da geografia, da filosofia, sociologia, da teologia e documentos eclesiais. Já a pesquisa de campo permitiu uma investigação com a técnica de aplicação de questionário como instrumento utilizado na coleta de dados, o qual foi elaborado de forma a responder aos objetivos traçados em questões abertas, para que as mesmas pudessem estabelecer uma dialética com a base teórica apresentada.

Os procedimentos apresentados visaram evidenciar a interação entre a realidade geográfica do *Lugar*. Nesse sentido, justifica-se a realização de uma pesquisa que analise o espaço, tendo como foco as CEBs, compreendendo a problemática de analisar o *Lugar* enquanto categoria geográfica nas Comunidades Eclesiais de Base, a partir da convergência com a geograficidade em Eric Dardel.

Os eixos norteadores da pesquisa foram utilizados para examinar a relação das CEBs com o *Lugar*, definido por Dardel; investigar se a ideologia defendida pelas

CEBs visa dar um sentido à existência do *ser* em suas relações espaciais; constatar se a concepção de *Lugar*, na visão dardeliana, é característica das CEBs, e aferir o quanto as CEBs são valorizadas pelos seguidores desse movimento. Analisar a geograficidade e o *Lugar* nos documentos episcopais latino-americanos.

Nas pesquisas de cunho teórico e de campo compreende-se como se dá o funcionamento das CEBs. Para tal, de 2012 até final de 2014, o trajeto realizado para observação e entrevista teve uma dinâmica e proporcionou a relação entre a teoria e prática proposta neste trabalho. Durante a trajetória, houve conversas com várias pessoas, dentre elas, dez (10) líderes foram entrevistados, no entanto, foram selecionados para uso direto das narrativas apenas seis (06), dentre esses, dois bispos.

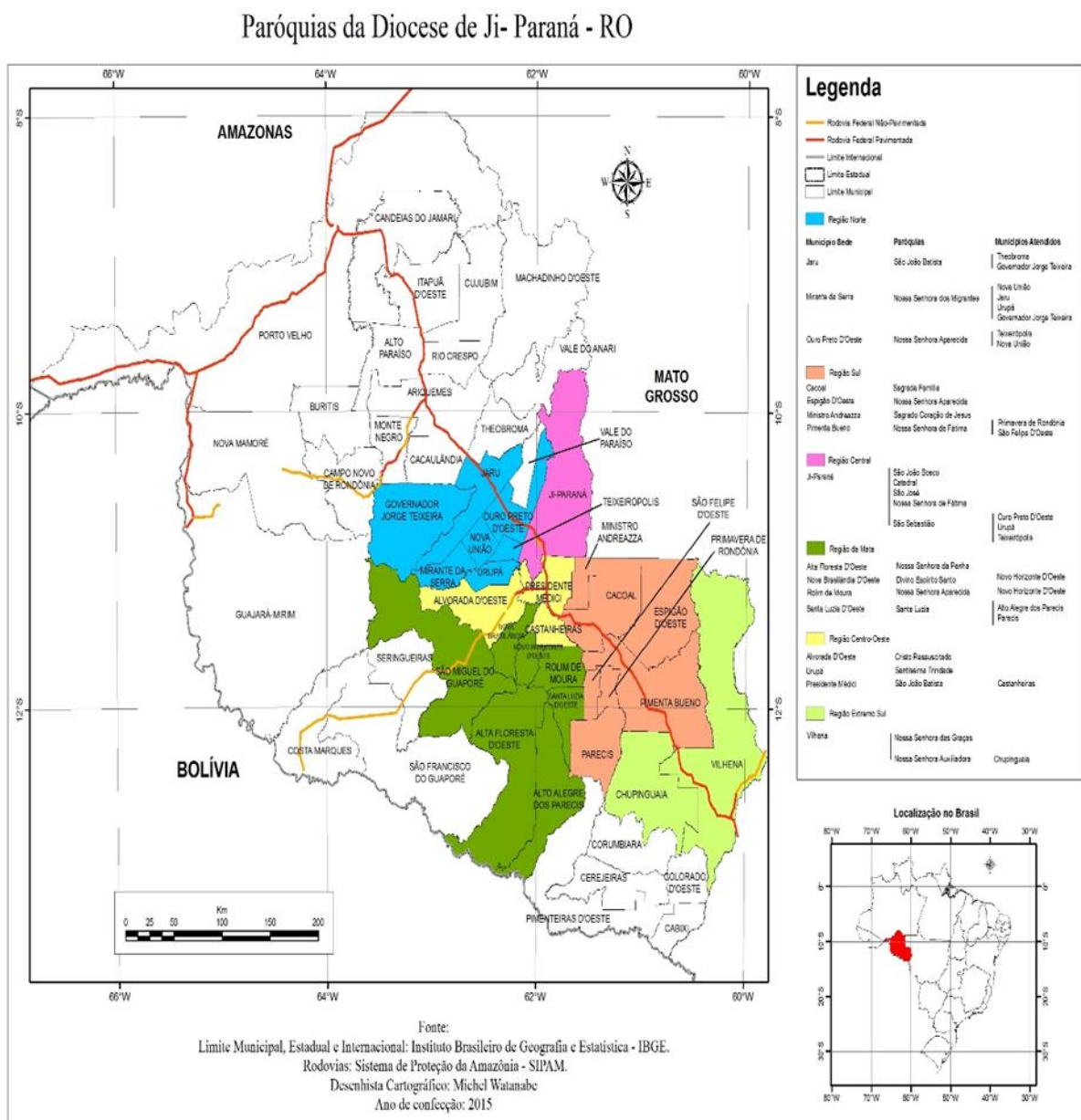
Os entrevistados foram escolhidos pela experiência vivida nas CEBs, por possuírem histórico de atuação e conhecerem o funcionamento, as perspectivas, os sentimentos e as necessidades dos membros que estão distribuídos pelas paróquias da Diocese de Ji-Paraná que estão ligados às CEBs.

### 3.2 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Diocese de Ji-Paraná/RO, situada na região central-sul do estado de Rondônia. De acordo com dados do IBGE (2010), abrange uma área de 91.780 km<sup>2</sup> e tem 684.788 habitantes. Limita-se com a Arquidiocese de Porto Velho e Diocese de Guajará-Mirim, em Rondônia, e Diocese s de Juína e Cáceres, em Mato Grosso.

Como forma de organização de Igreja Particular, a Diocese está dividida em seis Regionais veja mapa (p. 116). São 23 Paróquias – organizadas através de comunidades que atendem a 29 municípios. As comunidades estão organizadas em pastorais que também tem suas ações devidas por regionais, desta forma pela extensão geográfica se faz necessário uma divisão nas ações pastorais. Os regionais são liderados por padres e leigos numa perspectiva de ações formativas e ações concretas conforme o carisma de cada pastoral. Desta forma, na concepção das CEBs a diocese tem sua atividade dinamizada pela sua estrutura organizacional no território

em qual está inserida. Numa diversidade que advém de sua história migratória as pastorais atuam neste espaço dentro de uma dinâmica de inculturação religiosa.



**MAPA 02: LOCALIZAÇÃO DAS PARÓQUIAS DA DIOCESE DE JI-PARANÁ – RO**  
**FONTE: MICHEL WATANABE**

### 3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

O desenvolvimento da análise das entrevistas foi feito com base nos conteúdos coletados através da aplicação dos questionários. Necessário se faz ressaltar que a fundamentação teórica descrita nos capítulos anteriores ofereceu suporte à construção dos recursos metodológicos da análise de conteúdo do material qualitativo sobre o foco da pesquisa.

Nesta tese, foi aplicada a proposta de sistematização da técnica de análise de conteúdo temático-categorial, uma prática de pesquisa qualitativa metodologicamente orientada, o que permitiu ao pesquisador o entendimento das manifestações que o indivíduo apresenta em relação a sua realidade de trabalho, à interpretação que faz do significado das mudanças tecnológicas que ocorrem ao seu redor. Portanto, a análise do conteúdo é um recurso metodológico com procedimentos explícitos de análise textual que permite interpretar e descrever a realidade do ponto de vista dos entrevistados, a partir do discurso declarado pelos mesmos.

De acordo com Bardin (2000), alguns conceitos dão sustentação ao desenvolvimento da análise de conteúdo e permitem que seja aplicada. O autor enumera dessa forma:

a) *Objetividade*: a organização das unidades decompostas da mensagem, as categorias, que servem para classificar e devem ser definidas com clareza e precisão, de modo que a análise possa ser verificada e reproduzida por outro pesquisador.

b) *Sistematicidade*: a análise deve tomar em consideração tudo o que, no conteúdo, decorre do problema estudado e analisá-lo em função de todas as categorias retidas para fins de pesquisa. Implica no impedimento de toda e qualquer seleção arbitrária que retenha apenas os elementos em acordo com as teses do pesquisador.

c) *Conteúdo Manifesto*: aborda apenas o conteúdo manifesto, o que foi efetivamente expresso e não o conteúdo presumido em função do que o pesquisador supõe conhecer sobre o problema. A análise deve apoiar-se nos conteúdos efetivamente observados.

Assim, a análise interpretativa acarreta um determinado enunciado de texto ou enunciado discursivo. Isso implica também a compreensão do contexto dos textos

e dos fatores que determinaram essas características específicas, que expressam a realidade dos sujeitos analisados. Dessa forma, a interpretação deve estar apoiada em provas de validação, isto é, na própria fundamentação teórica ou nas práticas observadas no ambiente pesquisado. Destarte, nesta fase a interpretação é essencial e deve ser validada pela comunidade científica da área. Com isso, procurou-se sistematizar os resultados com os objetivos propostos para dar respostas aos problemas levantados, garantindo, assim, a construção do conhecimento científico sobre o objeto pesquisado.

### 3.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Na análise das entrevistas, buscou-se como foco a realidade vivencial dos entrevistados com o mundo que os circunda, através do ideário das CEBs e suas perspectivas com o olhar dos líderes entrevistados. Dessa forma, analisou-se o discurso a partir de uma interpretação socioeconômica, política e cultural sobre a realidade deste fractal amazônico. Dentro dessa análise, observou-se com grande intensidade o poder simbólico desse universo religioso e sua dimensão real via espiritualidade da práxis no cotidiano das CEBs e na formação dos fiéis que delas são seguidores.

Mesmo diante de um mundo com muitas facetas religiosas e mudanças significativas, sob o prisma das mais diversas religiões e denominações cristãs presentes no território em que se situa a Diocese de Ji-Paraná, a CEBs não perdem sua dimensão concreta da realidade e não se faz negligente mediante o discurso dos seus seguidores sobre os desafios que a sociedade tem de enfrentar diante das realidades amazônicas. Essa busca por um mundo ideal, mesmo que em um plano terreno, é evidente no contexto das comunidades eclesiais urbanas e rurais presentes no condado diocesano.

Nessa relação, buscou-se compreender a dialética entre a categoria de *Lugar* – elemento geográfico da pesquisa – e sua imbricação no contexto das CEBs, onde a vivência religiosa é fundamentada pela plenitude da compreensão da realidade e, a partir disso, mesmo diante dos problemas, ocorre a tentativa de resolução por meio

da superação diante da dor, do desemprego, das angústias e dos demais flagelos que afetam os membros da comunidade.

Destarte, nota-se uma realidade dada e estabelecida através de uma leitura de significados que se compõe do dia-a-dia, dando fundamentos a uma estrutura interpretativa no campo social e cultural para a transformação do sujeito histórico inserido em tal conjuntura.

### 3.4.1 As CEBs enquanto representação

No bojo das relações apresentadas acima, nota-se que esse elemento cultural que as CEBs transmitem e que seus seguidores carregam no processo de ultrapassar os limites fronteiriços da comunidade em seu campo físico, o jeito CEBs de ser, está impregnado no sujeito religioso, o qual adota isso como seu jeito de ser, ultrapassando o campo da sua religiosidade e indo para outras áreas de sua convivência social.

Na fala de Timóteo, observa-se como isso está enraizado nos imigrantes que vêm para Rondônia e que já faziam parte das CEBs em outros Estados da Federação, ao relatar que sua vinda para o Estado se deve à:

*Necessidade de um lugar para trabalhar. Nós morávamos no interior do Mato Grosso, onde os grandes fazendeiros iam comprando as terras dos menores. Tinha três opções: ir para Rondonópolis, ir para Cuiabá ou ir para o Amazonas, era como chamava. A gente não queria sair de lá, mas a necessidade fez com que viéssemos para cá (Apêndice 2.1, parágrafo 1).*

Paulo afirma:

*E esse povo todo teve que sair forçado para uma região, a Amazônia, Rondônia que na época o governo militar não conhecia, infelizmente, não conhecia absolutamente, ou queriam desconhecer dizendo que aqui era uma terra sem gente, então era gente para terra. Para eles aqui não morava ninguém, para eles índios não era gente, ribeirinho não era gente, seringueiro não era gente. Era todo o povão que morava aqui, na nossa Rondônia, na nossa Amazônia naquela época. Simplesmente, foram incentivando centenas de milhares de pequenos agricultores para vir para cá, sem lhe dar, porém, a base para encontrar a solução para seus problemas. (Apêndice 2.3, parágrafo 03).*

Esta fala representa o discurso dos imigrantes de outras regiões do Brasil que vieram para Rondônia no ciclo da agricultura (1970 - 1980). O que fez com que muitos deixassem sua terra de origem, familiares e comunidades foram os conflitos e as desigualdades lá existentes e, na vivência religiosa dos que já tinham contato e formação com as CEBs, havia perspectivas de luta e transformação. Mesmo isso não sendo possível em suas origens, tal pensamento vem junto *como “tudo vem com a gente, a fé vem na bagagem”* (Apêndice 2.1, parágrafo 2).

*É porque é assim, às vezes a gente pensa assim: CEBs é o quê? Nós estamos fazendo um trabalho perguntando assim o que é CEBs? Por que ainda tem uma dúvida: CEBs é um movimento? CEBs são nossas Comunidades Eclesiais Base e dentro delas surgem uns movimentos que não condiz com o que a gente faz. Eu vejo que o trabalho das comunidades são os movimentos sociais, ir para associações é ter conhecimento da base da comunidade, principalmente das pessoas menos privilegiadas. (Apêndice 2.6, parágrafo 05).*

Esse “tudo vem com a gente” está impregnado de uma concepção religiosa dos fatos que acontecem no cotidiano, como expressa Timóteo:

*As CEBs no meu ponto de vista é o jeito certo de ser Igreja. Jesus começou com seus discípulos com CEBs, ali eram pequenas comunidades. Lá em Atos dos Apóstolos a gente vê o primeiro e segundo retrato da comunidade é o modelo de CEBs é o modelo de Comunidade Eclesial de Base. Onde se partilha tudo, o pão, a palavra. O que caracteriza mesmo é a vida em comum, onde não se passava necessidade. Estamos longe de atingir esse retrato, mas as CEBs é o mais próximo do evangelho de ser Igreja. (Apêndice 2.1, parágrafo 3).*

O entrevistado faz referência ao jeito de ser Igreja dos primeiros cristãos<sup>7</sup>, quando a partilha, a angústia, a doença, o sofrimento e as necessidades dos seguidores eram absorvidas e compartilhadas por todos da comunidade. Para ele, as CEBs são a continuidade do projeto messiânico dos primórdios do cristianismo. Assim, o jeito de ser Igreja é entusiasmado pela necessidade dos membros e por uma perspectiva criada, gerada e pensada, a partir da realidade e lugar em que estão inseridos. A relação mútua funciona neste sentido como mecanismo de interação

---

<sup>7</sup> “Perseveravam eles na doutrina dos apóstolos, nas reuniões em comum, na fração do pão e nas orações. De todos eles se apoderou o temor, pois pelos apóstolos foram feitos também muitos prodígios e milagres em Jerusalém, e o temor estava em todos os corações. Todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum. Vendia suas propriedades e os seus bens, e dividiam-nos por todos, segundo a necessidade de cada um. Unidos de coração, frequentavam todos os dias o templo, partiam o pão nas casas e tomavam a comida com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e cativando a simpatia de todo o povo” (Atos dos Apóstolos 2, 42-47. Bíblia Edição Ave Maria).



religiosa e social, concatenando o mundo espiritual como o mundo real, através dos círculos de relações pessoais traçadas por um aspecto em comum:

*Eu vejo com bastante brilho. Nossas CEBs já tiveram seus momentos de mais ascensão, de mais vigor, de mais pulso. Mas ainda têm muita força. Não tenho os números exatos, mas na Diocese aproximamos mais de mil e trezentas Comunidades Eclesiais de Base e quase cinco mil grupos de reflexão que são pequenas CEBs dentro das CEBs. Então para mim as CEBs representam todo o fundamento da evangelização aqui da nossa realidade. Apesar de nesses últimos anos, tem aumentado a população voltada para o meio urbano, isso descaracteriza muito as CEBs. Na cidade a gente não consegue conviver com o mesmo modelo de vida do interior, nós nos isolamos mais na cidade. No interior nós somos mais próximos, na cidade se a gente tem que andar quatro quadras a gente acha longe, no sítio a gente tem disposição para andar três quatro quilômetros. (Apêndice 2.1, parágrafo 4).*

Os grupos de reflexão citados pelo entrevistado são reuniões que acontecem geralmente uma vez por semana, com o intuito de regar a espiritualidade das CEBs, fazendo uma reflexão política e social dos textos bíblicos e a aplicação deles no cotidiano da vida dos indivíduos, e das necessidades da comunidade e do bairro em que ela está inserida.

A consciência que se busca nas reuniões, não está ligada aos valores e dogmas impostos pela hierarquia eclesial, mas parte da necessidade absoluta e concreta que tem como ponto de referência os anseios da coletividade sobre os indivíduos que habitam o território em que as CEBs estão inseridas. Assim a dialética da inspiração religiosa como a necessidade material é a tônica primordial dos discursos que emergem nos grupos de reflexão.

Nota-se que uma cultura secular inserida no processo reflexivo que busca mudanças significativas no espaço geográfico, que de modo particular ou coletivo que opinar sobre tais mudanças, valorizando os hábitos, costumes e tradições locais. Percebe-se então uma estrutura com mentalidades sobre o *Lugar* e o bem comum.



FOTO 03: FORMAÇÃO DO LÍDERES DAS CEBs EM JI-PARANÁ – RO<sup>8</sup>.  
FONTE: AUTOR, 2012.

Neste momento as pessoas que estão participando tomam como reflexão o texto bíblico e a partir dele se faz uma leitura da realidade local. Dessa forma, os escritos sagrados são associados aos problemas que o bairro vem enfrentado em relação às condições das ruas, se estão pavimentadas ou não, a situação do posto de saúde que atende o bairro, como está o atendimento, as condições de estruturais – físicas e de atendimento pessoal, a escola do bairro, como está a lotação de professores, a carga horária está acontecendo normalmente, a associação de moradores e a atuação dos membros da comunidade neste setor. A participação dos membros nos conselhos de saúde e educação do município e entre outros assuntos que são de interesse da comunidade.

Essa vivência é compreendida pelo entrevistado, tendo como base uma ação que vai além da Igreja enquanto templo, mas enquanto uma compreensão adjacente:

*A realidade compreende todo conjunto da vida do povo. Das organizações populares, das organizações políticas. O que se celebra na Comunidade Eclesial de Base é a vida, se compreende a vida completa de cada dia no trabalho, o emprego, o desemprego. Temos que trazer para as CEBs aquilo*

---

<sup>8</sup> Encontro Diocesano dos Líderes das CEBs da Diocese de Ji-Paraná. Momento de formação sobre os grupos de reflexão e sua caminhada nas paróquias. A formação é dirigida com o intuito de fortalecer os grupos que funcionam semanalmente nas casas do bairro onde se localiza a comunidade. Nesse sentido, é enfatizada a importância política e a militância dos grupos de reflexão voltada para as realidades em que as comunidades estão inseridas. São líderes das CEBs envolvidos na dinâmica e no cotidiano das pessoas.

*que o povo vive no dia-a-dia. Não consigo ver uma comunidade lendo a palavra sem ligar à realidade do dia-a-dia, à realidade sofrida, a realidade festiva. (Apêndice 2.1, parágrafo 5).*

Ou seja, as CEBs no dia-a-dia, na realidade, seja ela material ou espiritual, é espaço de comum unidade:

*Se temos motivos de luta, de uma reivindicação, de uma conquista de terra ou de moradia, a gente traz para celebrar na comunidade, se tem gente, se tem gente nascendo, a gente celebra junto, se tem morrendo, a gente celebra junto. Acho que celebrar a vida é isso, conciliar a palavra e realidade. (Apêndice 2.1, parágrafo 6).*

Essa identidade do ser comunidade é proeminente na caminhada dos agentes pastorais sejam eles, padres, religiosos, religiosas ou leigos. A vida tem de ser compreendida a partir da necessidade do outro; e ser cristão é estar inserido no chão do cotidiano e nas relações com o chão do outro. A esse respeito, Pedro afirma que nas

*[...] comunidades de base, suas finalidades era viver o evangelho na sua origem, como comunidade, onde todos viviam unidos, partilhavam seus bens, ninguém passava necessidade, esse socorro mútuo um com outro. Uma ação social que a Igreja sempre defendeu desde as primeiras comunidades que se conhece, fundadas por Paulo. Então esse espírito procurou ser colocado dentro da nossa região, aqui na Amazônia. Outras Diocese se partiram também, para isso. A Igreja toda no Brasil está trabalhando dessa forma porque escolhemos está ao lado dos mais pobres e mais necessitados. Ajudá-los no caminho da fé, ajudá-los na promoção humana de justiça, de fortalecer a união entre eles. Esse é o significado das CEBs. (Apêndice 2.2, parágrafo 02).*

Dessa forma, o clero também tem uma perspectiva de uma práxis libertadora a partir de uma realidade local. Assim, a Igreja Católica Apostólica Romana, embora universal, precisa saber fazer a leitura correta das regiões com as especificidades de sua construção histórica, dados de exploração, mortes, segregação e retenção de bens que privilegiam alguns poucos e deixam a grande maioria à margem de necessidades básicas. “Esse é o significado das CEBs”, um agente que parte das relações com o *Lugar*, gerando expectativas afetivas e sentimentos diante de uma realidade. Assim fala Pedro:

*Por isso que a Comunidade de Base tem o fundamento nisso, quando as experiências, que nós chamamos de pastorais ou de movimentos, essas experiências irão crescer a espiritualidade e o caminho da Igreja Católica Apostólica Romana junto ao povo. Quando esses movimentos trabalham com*

*espírito de doação, de entrega e generosidade entre eles. Assim, eles criam verdadeiras comunidades entre eles, vivem ansiedade de encontrar o bispo, o sacerdote no meio deles para intensificar a vontade de servir a Deus (Apêndice 2.2, parágrafo 05).*

De acordo com esta fala, ser comunidade é estar com o povo, intermediando suas necessidades junto a outras instâncias da sociedade, representando, principalmente, os menos favorecidos. Para ele,

*O desafio é superar as diferenças. Há muitos pobres e muitos ricos. Rondônia tem passado por um período de desenvolvimento muito grande, mas também de exploração muito grande. No encontro dos bispos em Santarém nós vivenciamos muito a preocupação com a destruição do meio ambiente, na exploração dos pobres, dos índios, dos agricultores. De todas essas hidrelétricas que estão surgindo aqui, só na nossa Diocese estão surgindo dezenove hidrelétricas. E esses lagos ocupam a terra de quem? Dos nossos agricultores. Não se preocupam em ocupar as grandes fazendas, os grandes produtores de gado, etc., esses não! Estão isentos. Os territórios dos pobres são praticamente roubados, vendem a preço de banana. Muitas vezes essas hidrelétricas crescem por interesse particular e não público (Apêndice 2.2, parágrafo 06).*

Nota-se uma extensão do campo religioso para outras áreas como meio ambiente, política e sociedade. Na ocasião, o entrevistado D.P.B ainda se refere a uma situação que está acontecendo no município de Alta Floresta, pertencente à Diocese, onde a Igreja está envolvida diretamente na discussão sobre a construção de uma usina hidrelétrica. Pois a região onde se localiza geograficamente a Diocese tem muitas usinas hidrelétricas de pequeno porte e todas elas pertencentes a grandes grupos empresariais e que também em sua grande maioria são proprietários de grandes extensões de terras.

Grande parte destas usinas foram construídas em meio a conflitos entre a comunidade rural, povos indígenas e comunidades ribeirinhas, pois estas foram diretamente atingidas pelas construções das barragens para o represamento das águas. Em todos estes conflitos as CEBs estiveram presentes, seja através dos comitês, seja através do leigos e padres, lutando em prol das comunidades citadas e muitas vezes assumindo a luta como instituição religiosa para os órgãos competentes pudessem analisar com mais cuidado os impactos ambientais, sociais, culturais e econômicos para a região.

Dessa a forma, os membros da comunidade se integram numa causa que extrapola o universo religioso e a religiosidade desempenha um papel de orientação em meio aos horizontes que apresentam, permitindo-lhes um sentido de ações e



Mas tem gente destruindo. O mundo todo está de olho  
Nesse ponto do planeta, sabendo que é importante de cuidar  
Enquanto é tempo, preservar para viver.

2. Nossos povos amazônicos estão perdendo o habitat,  
Indo junto suas culturas, não pode continuar.

Quem quiser entrar na luta em defesa está na hora

Do jeito que a coisa vai, nossa fauna e nossa flora, vai ficar só na memória.

Os agentes de pastoral encabeçam a luta contra a construção dessa usina no município de Alta Floresta - RO, por entender que a mesma vai atingir o modo de vida de populações autóctones que vivem na região. Dessa forma, percebe-se uma geograficidade entre o discurso e a realidade que envolve comunidades que nem são católicas:

*Por exemplo, o Rio Branco lá em Alta Floresta está sendo explorado por empresa particular, ocupando áreas que muitas vezes prejudicam essas pobres criaturas que viviam com sua economia familiar. Tem que se transferir para onde? Para cidade. Outra grande preocupação nossa é a transferência dos moradores da zona rural para a zona urbana, muitos deles obrigados por causa dessa invasão. Outros, também, por poucos incentivos que se ofereçam para permanecerem na terra. Outro motivo hoje, a juventude com toda essa parafernália de mídia, ela é aliciada, motivada a buscar outro rumo para a família e não o rumo da agricultura, que naquela terra garantiria a sustentabilidade e a saúde deles. (Apêndice 2.2, parágrafo 07).*

Mesmo diante de um cenário político adverso à situação, as CEBs se manifestam e estão na contramão de um desenvolvimento que fere e atinge formas de vida local:

*Então temos um problema que esse povo que vem para a cidade não sabe fazer outra coisa que não tirar leite, plantar mandioca e colher banana, vem para a cidade fazer o quê? Então outro problema que se cria e nós temos em Jarú, Ouro Preto, Ji-Paraná, Médici, Cacoal, Vilhena, Pimenta Bueno, Rolim de Moura, todas nossas cidades têm esses problemas. Violência, drogas, prostituição, pedofilia isso passa a fazer parte da vida social que antes nem se imaginava que pudesse existir aqui. (Apêndice 2.2, parágrafo 08).*

Os problemas da região em que está inserida a Diocese de Ji-Paraná são históricos, porque a forma como o governo interferiu na ocupação da região, implantando programas que geraram uma forte migração, acabou por instaurar a desigualdade que permanece e tende a crescer. Dessa forma, os agentes das CEBs entendem que a Igreja tem um papel social e político diante da situação que se apresenta. Para Paulo,

*Não fizeram a reforma agrária, não se preocuparam em dar a infraestrutura, aquilo que é necessário para alguém vencer na vida. Quando aqui cheguei, em mil novecentos e oitenta e três, já tinha passado o tempo forte de migração, foi ainda na década de setenta. Estava praticamente de auge da migração, caminhos e caminhos depois de semanas, até mesmo meses, de viagem nos atoleiros, nos areais aqui chegavam e eram despejados na praça da igreja, nas praças das cidadezinhas que estamos começando a nascer e eles que se virassem. Então esse foi o ambiente que encontrei aqui (Apêndice 2.3, parágrafo 04).*

Paulo foi um dos fundadores da Diocese, conhece bem essa realidade amazônica. No universo das Comunidades Eclesiais de Base, é um dos bispos mais respeitados no Brasil, justamente pela coerência missionária que deu ao seu ministério, mediante a caminhada libertadora proposta por tal seguimento. Paulo contextualiza historicamente que

*Isso me interpelou. Diante dessa realidade, o que fazer como Igreja? Existia, já, há quatro cinco anos a prelazia de Ji-Paraná. Já tinha começado um trabalho bonito a partir das comunidades eclesiais de base; o que eu fiz foi assumir o que já havia começado e aprofunda e ir para frente. Esse foi um pouco do ambiente da chegada aqui, que eu vi. O que eu vi naquela época era floresta, era a realidade da mata virgem. Era realidade de muita malária, leishmaniose. A realidade de um povo abandonado que tinha deixado uma realidade melhor de onde vinha, do Paraná ou do Espírito Santo, e de outras regiões, aonde já usufruíam de um certo bem-estar. Mas tiveram que começar tudo do zero. (Apêndice 2.3, parágrafo 05).*

E prossegue:

*Da floresta, da derrubada, do barraco, quando lá já tinha uma casa tinham um certo bem-estar, outros tinham que iniciar o barraco com folha de babaçu, defender-se dos animais selvagens, dos mosquitos portadores da malária. Consequentemente ver muita gente morrer por falta de assistência médica e muita gente desanimar por falta de justa distribuição da terra. (Apêndice 2.3, parágrafo 06).*





FOTO 05: MOMENTO DE PREPARAÇÃO PARA EXPOSIÇÃO DO AGRONEGÓCIO EM RONDÔNIA<sup>10</sup>  
 FONTE: AUTOR 2012

É nesse cenário que as CEBs vão formulando e redefinindo sua identidade com a realidade histórica do povoamento desta região oeste da Amazônia. Para isso foi necessário promover fundamentos cristãos, mesmo que se ramificasse para setores como a política, a cultura e o meio ambiente, pois *“A preocupação que a gente teve na Diocese foi de fundamentar a caminhada do povo a partir da fé”* (Apêndice 2.3, parágrafo 07).

Diante do desafio, a Igreja se põe em missão a partir de uma realidade que deve ser respeitada, inclusive diante de religiosidades já existentes. No entanto, se fazia mais que necessária uma interpretação social e política da situação que se vivia na região. Paulo relata:

*O primeiro trabalho que a gente teve foi organizar esse povo todo em grupos de reflexão. Colocar nas mãos deles um subsídio preparado pela Diocese de iniciação de vida cristã a partir da realidade que eles viviam. Esse povo se reunia em grupos seis, sete, dez, toda semana, famílias para debruçar-se sobre a Palavra de Deus, a Bíblia era sempre fundamento, ligada à realidade “o que nós estamos vivendo?” E sempre “porque”, “porque nós estamos assim?” Está sempre em busca de um passo adiante: “e agora, o que vamos fazer daqui para adiante?”* (Apêndice 2.3, parágrafo 08).

<sup>10</sup> Momento de reflexão e discussão em grupo sobre o processo rápido do agronegócio em Rondônia. Os líderes debatem e trazem consigo preocupações, no que se refere aos impactos ambientais e o êxodo rural, pois os pequenos agricultores não suportando a pressão da tecnologia e campo tecnificado, vendem suas propriedades e se digiram para as cidades.



É neste cenário que surgem as CEBs. A partir da reflexão do povo sobre situações de adversidade, mas que além de uma reflexão emitisse esperança, em uma perspectiva religiosa, surgia a necessidade de uma análise que fundamentasse a busca por mudanças concretas, através da organização, da luta e da resistência. Para Dom Antônio,

*Esses grupos, chamados, de grupos de reflexão aos poucos por iniciativa deles sentiram a necessidade de celebrar a fé. Então, foram fazendo surgir a Comunidade de Base em que se reuniam para celebrar o culto da palavra, eles se organizavam, escolhiam os líderes, os leitores, os pregadores da palavra, os diversos ministros, os coordenadores da comunidade eram eles que escolhiam não era o padre. O padre ia duas ou três vezes por ano e já encontrava o povo organizado a partir de orientações que a Diocese ia enviando. Dessas Comunidades Eclesiais de Base, ou ao mesmo tempo, surgiu a necessidade do povo se organizar também socialmente, daí então foram surgindo as associações dos pequenos agricultores. Surgiram centenas de associações para se defender, de quem? Dos atravessadores (Apêndice 2.3, parágrafo 09).*

Nessa perspectiva, atrelado à espiritualidade das CEBs, vem um forte teor político de esquerda, que já vinha carregado pela forma de discurso político de muitos padres oriundos de outras regiões do país com forte influência dessa corrente política, que deu fundamentos para que a Igreja auxiliasse na formação de muitas associações e cooperativas em todo o Brasil, tendo como base doutrinal uma interpretação da Bíblia e dos Documentos Latino-americanos que tratavam da evangelização a partir da realidade vivida pelos povos do continente. A adoção dessas reflexões na Diocese é clara, conforme o discurso de Paulo:

*À medida que eles iam produzindo milho, arroz, feijão em grande abundância, naquela época a terra era fértil, eles iam sendo explorados pelos atravessadores da cidade, que os exploravam no preço e no peso. Então surgiram centenas de associações. Fomos muito ajudados por missionários da Alemanha que nos inspirou, em parte, e nos ajudou financiando a aquisição de máquinas para beneficiar o arroz, o feijão que o povo ia pagando com produtos agrícolas aos poucos, não pagavam com dinheiro, pagavam com aquilo que eles produziam. Isso ajudou muita gente para não remigrar e fracassar na vida. Eles não quiseram cooperativas, pois, eles vinham com experiências dolorosas de cooperativas de outros lugares, principalmente do Paraná onde alguns espertalhões se apropriavam dos seus bens e depois se mandava (Apêndice 2.3, parágrafo 10).*

Dessa forma, além de preparar o povo dentro uma perspectiva de fé e caminhada rumo ao céu, fez-se necessário educá-los e prepará-los para as realidades terrenas. Enfrentar os inimigos materiais é tão importante quanto os imateriais,

inimigos representados, na visão das CEBs, pela elite política e econômica do Brasil e do estrangeiro, e por isso, “*Eles queriam associações do jeito deles, com estatutos feitos por eles, com responsáveis escolhidos por eles*” (Apêndice 2.3, parágrafo 11).

Grande parte da população que chegava à região na época era de agricultores. Com pouca instrução, esses agricultores eram facilmente manipulados e não tinham organismos que pudessem representá-los. As CEBs surgem, então, como instrumento de apoio e formação para essa massa poder resistir às adversidades naturais, políticas, sociais, econômicas e culturais:

*Daí foram surgindo os sindicatos por inspiração bíblica. Os sindicatos dos trabalhadores rurais foi fruto dessas Comunidades Eclesiais de Base, foi a partir dessa realidade. Além dos grupos de reflexão e além da celebração dominical, sempre fundamentada sob subsídios preparados pela Diocese, fazendo a leitura da realidade em que o povo vivia, nunca aceitamos importar produtos feitos pelas grandes editoras do sul do Brasil, porque, não falava o linguajar do povo, não falavam a realidade daqui. (Apêndice 2.3, parágrafo 11).*



FOTO 06: PLENÁRIA SOBRE O AGRONEGÓCIO<sup>11</sup>  
FONTE: AUTOR, 2014

É nessa “realidade daqui” que está o solo em que as CEBs começam sua atuação de serviço espiritual e social. Observa-se que, no conjunto até aqui abordado,

<sup>11</sup> Momento de discussão sobre as associações e cooperativas rurais e urbanas. Os líderes tentam fortalecer vínculos com pequenos produtores e associações urbanas, a fim de evitar a exploração dos atravessadores.

a Igreja exerce um papel de educação política, oferecendo novas possibilidades de rearranjo espacial, o que possibilita novas práticas, novas ações, novos modelos, novos métodos e uma ação de intervenção direta nas comunidades já existentes na região, como também nas que se formam a partir do ciclo de migração.

*Então, fomos elaborando, com auxílio do povo, desse material do processo educativo, preparar para eucaristia, para confissão, para tantas coisas. A partir daí surgiram necessidades que julgamos que deveríamos dar atenção. Primeira necessidade: formar teologicamente esse povo, então nós fundamos a escola de teologia Padre Ezequiel Ramin; ela existe desde oitenta e cinco [1985] e existe até hoje, sempre com aquela quantidade boa, com dois anos e meio ou três e formou uma porção de gente que sabia por quê. Porque que eu devo lutar? O que Deus tem a me dizer, diante essa realidade de exploração, de doença, de miséria? Surgiu depois, por pedido do povo, a escola de fé e política. Foi a primeira escola de fé e política do Brasil. (Apêndice 2.3, parágrafo 12).*

Os fundamentos de formação que foram surgindo mediante a realidade existente, os quais exigiam uma postura de instituições como a Igreja Católica Apostólica Romana, deram à Diocese de Ji-Paraná um *status* de Igreja libertadora, que se tornou um expoente e um modelo para a Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, um ápice para uma Igreja que tentava colocar em prática os documentos latino-americanos. Isso porque incluía na sua cartilha de evangelização o desejo de uma sociedade mais justa e menos nociva às comunidades locais, permitindo inferir de vez a ideia de que a Igreja estava de fato do lado dos menos favorecidos. Paulo destaca que,

*Diversas Diocese s quando souberam dos resultados me pediram orientações de como fazer. E a gente mandava para eles os programas que nós tínhamos e foram surgindo escolas muito melhores que a de Ji-Paraná já calcada em experiências. Essa escola com mais de vinte anos formou muitas consciências não tanto para alcançar o poder; sim, tivemos prefeitos ex-alunos dessa escola, tivemos deputados, vereadores que honraram o nome da escola, tivemos alguma decepção, é claro, nesse mundo de corrupção é quase impossível não ser vítima do respingo da corrupção, mas a maioria honrou o nome da escola e continua honrando. Aqui recebo telefonemas dizendo que “olha, concluí o curso” (Apêndice 2.3, parágrafo 13).*

As escolas e cursos citados por Paulo auxiliaram na formação de muitos leigos e padres que depois se tornariam representantes dos agricultores, dos ribeirinhos, dos povos indígenas, dos trabalhadores da zona rural, em sindicatos e outros seguimentos da sociedade, em entidades governamentais (câmara de vereadores, assembleia legislativa, órgão do poder judiciário) e não governamentais (ONGs ligadas a

movimentos ambientais, a indígenas, a trabalhadores sem-terra, e a soldados da borracha).

Em face dos desafios impostos pela realidade, foram dados os fundamentos das CEBs na Diocese, preconizando a importância do laicato, pois era necessário ter e saber da experiência de quem vive o dia-a-dia e suas aflições nos mais diversos campos da sociedade, pois *com isso o padre fica livre para estudar mais, para se organizar melhor e está presente organizando os diversos cursos e escolas que as diversas paróquias iam fundando para a formação do povo* (Apêndice 2.3, parágrafo 15). A liderança dos leigos em projetos criados pelas CEBs se dá devido à forte vinculação desses leigos no setor político. *Eu digo atuante porque noventa por cento do trabalho nas comunidades, nas pastorais, nos movimentos é feito pelos leigos.* (Apêndice 2.5, parágrafo 03).

Dessa forma, não se pode deixar de admirar o protagonismo de homens e mulheres que, em grande maioria, são analfabetos e sem mais instruções formativas. É nesse contexto vital que a formação passada pelas comunidades prepara seus membros para uma discussão que rompe as fronteiras do mundo religioso e bíblico. As Comunidades Eclesiais de Base se constituem pelo grande desempenho dos leigos, uma vez que *não tem como ter comunidade sem o leigo, então é o papel do leigo na comunidade. Ela representa uma rede muito forte, onde todas as pessoas podem estar participando.* (Apêndice 2.6, parágrafo 01).

Para o Barnabé,

*As pessoas que participam das CEBs têm a experiência de missão religiosa e política podendo intervir diretamente na realidade de cada município onde essas pessoas convivem, seja na área rural ou seja na área urbana. Essas comunidades de base representam a população constantemente reivindicando seus direitos nas políticas públicas. Exigindo melhorias seja de infraestrutura, seja na questão social, seja na questão religiosa, para melhoria da população* (Apêndice 2.4, parágrafo 01).



FOTO 07: APRESENTAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO DAS CEBs<sup>12</sup>  
 FONTE: AUTOR 2012

Essa é uma compreensão que Igreja tem de si mesma; que os relatos dados, tanto por membros do clero como pelos leigos ligados às comunidades, fazem questão de um enaltecer, uma “virtude” na história das CEBs da Diocese de Ji-Paraná. As discussões feitas em campo mostram que os agentes de pastoral e os leigos estão atentos às questões históricas, presentes e futuras sobre a região e reafirmam que

*As comunidades católicas, as CEBs se mantêm firmes no seu propósito de caminhada de Igreja iluminada a luz da mensagem da Bíblia. À luz da mensagem de Cristo, do Deus que ilumina a caminhada do povo. A fé sem a obra é morta, por isso as CEBs são momento de fortalecer a espiritualidade e também propor ações para melhoria do povo cristão. (Apêndice 2.4, parágrafo 02).*

Observa-se, assim, um entrar na realidade social que emerge do discurso e da prática. Desse modo, as comunidades mantêm sua dialética com o concreto, interferindo em seu processo de mudança, através de categorias sociais, estruturas organizacionais contemporâneas e representativas para o povo. As CEBs se

<sup>12</sup> Momento de reflexão sobre o 12º Intereclesial das CEBs. Na pauta a fala de Dom Moacir que define a identidade e a missão do jeito CEBs de ser Igreja é o mistério de Cristo e as características que o Senhor Jesus quis para a sua Igreja, “povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (AS n.1). As perspectivas evangelizadoras na Amazônia, de uma Igreja discípula da palavra, testemunha do diálogo, servidora e defensora da vida, irmã da Criação, continuam a ser fonte de inspiração. As CEBs, “célula inicial da estrutura eclesial” (Medellín 15), assumem ser discípulas, tornando-se parecidas com Jesus Cristo em sua vida, palavra e ação e assumindo a misericórdia e a compaixão de Cristo, em relação a todo ser vivo e à vida ameaçada, como princípio de toda ação evangelizadora; de acordo com a revelação Deus, a Igreja recebe do Criador e de Cristo, “primogênito de toda criatura”, a missão de ser, junto com toda a humanidade a ser irmã da criação (CORDEIRO,2008).

constituem no que são hoje, devido ao seu próprio processo de formação que surge do povo o para o povo.

Ester observa que

*Era apenas pessoas que se reuniam em nome da fé, no desejo que busca do crescimento espiritual e no desejo de encontro, por que, as pessoas que vão em busca do fortalecimento do espiritual, não é só no plano espiritual, também no plano material. Quando se encontram conversam, falam da vida, elas trocam experiências. E gente se encontrava em uma escola. Não existia parede de igreja, a Igreja ainda era um sonho e já estava lá sendo fortalecida através das pessoas. E as Comunidades Eclesiais de Base são isso: as pessoas. (Apêndice 2.5, parágrafo 04).*

A atuação teológica, social e política do clero possibilitou uma formação de estruturas adequadas para uma consolidação da prática no cotidiano das comunidades. Isso confere uma tradução de uma dimensão teológica e política para compreensão simplificada, pois é através disso que pode haver influências nos modos de vida e apreensão mais aproximada da atual configuração no mundo.

*Pessoas que se reúnem que discutem situações. Eu me lembro que a gente debatia muito nas questões ligadas a nossa realidade, a nossa vivência, as dúvidas, as dores. Mais futuramente nós nos reuníamos para adquirir conhecimento. Conhecimento político, o que estava acontecendo nos meandros ideológicos daquela época, né?! Isso foi muito importante, pois vieram leituras e vieram esclarecimentos desejos de busca de conhecimento e pelo fortalecimento espiritual. (Apêndice 2.5, parágrafo 05).*

Conhecimento e fortalecimento espiritual no relato acima ratificam a incidência de decisões, comportamentos dentro de uma perspectiva de Igreja que assume uma opção tão radical em relação ao que se pensa, tradicionalmente, sobre religião. Como saber lidar com os mais necessitados? Como atender à urgência daqueles que foram de alguma forma desassistidos pelas instâncias públicas? Eram e são questionamentos como esses que moviam/movem a vida no tempo e no espaço das CEBs.

Diante do contexto de formação das CEBs, dá para perceber como os líderes apresentaram tal fundação diante de um palco de tensões e conflitos, os quais, pelo o que se percebeu, foram o fermento para o crescimento e o fortalecimento da caminhada na Diocese. Pois, no curso do que se analisa até o momento, isso deu orientação para uma ação cujo intuito era valorizar as práticas locais e os menos favorecidos.

### 3.4.2 O *Lugar* nas CEBs a partir da vida em comunidade

Os desafios proeminentes nessa nova configuração do território amazônico levam os imigrantes a superações constantes, principalmente no que se refere a lidar com estruturas já fundantes, do ponto vista cultural, e a uma adaptação que se amplia a setores como a economia, climas, solos, doenças e demais características que são próprias de regiões de baixa latitude. Essa questão se faz importante, sob um viés geográfico, pois além dos atributos físicos, o *Lugar* tem suas peculiaridades e se faz necessário um condicionamento.

O papel das CEBs nesse cenário seria, então, o de criar novos laços, novos vínculos, mesmo com o desconhecido, pois era de extrema importância que os seguidores comesçassem a ver e ter a Amazônia como sua terra, como seu *Lugar*. Criar vínculos no entorno cultural, social, econômico, ambiental entre outros, era um imperativo para a nova morada.

*Então precisamos criar alguns aspectos mais próprios como a própria música, dança, o jeito de rezar, acho que tem que ser mais inculturado com a realidade local, os pratos típicos. Rondônia precisa crescer um pouco nesse aspecto, o que o estado do Acre tem com mais propriedade, o estado do Pará tem com mais propriedade, o Amazonas, nós não temos, porque a gente é uma junção de muitos lugares e conseguimos constituir uma identidade mais uniforme, é um universo de culturas, mas que não tem uma cultura definida. Mas é uma realidade que nós estamos construindo, eu acho que está num bom caminho (Apêndice 2.1, parágrafo 9).*





FOTO 08: REUNIÃO POR REGIONAIS<sup>13</sup>  
 FONTE: AUTOR, 2012

Uma nova música que expresse o que é da região, que tenha uma linguagem que traga a especificidades de um povo, de um território, de um *Lugar*. Na fala do entrevistado, aparece com evidência a palavra inculturação, que expressa o sentimento de uma Igreja que está aberta ao diálogo com novas crenças, novos deuses, novos ritos, ou seja, um novo jeito de celebrar. A partir disso, a comunidade – enquanto instituição, vai proporcionar subsídios doutrinários e formação para tal processo. Pois esse novo *jeito de rezar*, o qual emerge de uma consciência que urge entender os aspectos que estão além dos preceitos e dogmas do catolicismo.

*Nossa experiência aqui em relação a isso, somente em alguns eventos pontuais como Romaria, a Romaria da Terra e das Águas ela é realizada ecumenicamente, temos aqui a região de São Felipe, que é a paróquia de*

<sup>13</sup> Reflexão por regionais, que medidas podem ser tomadas pelas CEBs para fortalecer as culturas já existentes e que vieram com os imigrantes para evitar o processo de aculturação das comunidades. São debatidos os temas como grande mídia e papel da mesma na perda de identidade na região.



*Pimenta Bueno, a Romaria da Bíblia, todos os anos ela é feita, o ano passado foi 25 anos, está se aproximando o vigésimo sexto ano, também ela é ecumênica, com o pessoal de outras Igrejas; são esses eventos pontuais, não se trata de uma convivência efetiva do dia-a-dia, porém, as CEBs nos seus princípios, ela trata disso também (Apêndice 2.1, parágrafo 11).*

Os eventos citados já partem dessa expressão amazônica, pois a catolicidade precisa perpassar os atributos institucionais e afeiçoarem-se às tarefas próprias e bem distintas daquilo que vinha com o povo de outras regiões do país. O papel é de fundamental importância nesta conjuntura, pois conseguia através de sua interpretação teológica, manter suas matrizes evangélicas e ainda transitar por um campo enorme de ações seculares. Tais experiências são enfatizadas pelos membros que vivenciam essa história, tanto no setor rural como no setor urbano, sendo que este último foi e é, sem dúvida, um dos maiores desafios que as comunidades encontram na sua trajetória. Timóteo diz que é preciso

*[...] pensar agora um jeito de ser CEBs urbana, sem perder a identidade de Comunidade Eclesial de Base, sem perder os princípios, mas um jeito urbano de ser, ou seja, a gente procurar adaptar, porque a cidade tem um povo que trabalha em horários diferentes, onde todo mundo tem que trabalhar para garantir a sobrevivência, aí tem o problema das crianças, da juventude. (Apêndice 2.1, parágrafo 12).*

A preocupação com a evangelização e a atuação no setor urbano é evidente neste e em outros discursos, tanto do clero como dos leigos. Com êxodo rural intenso para as cidades, os agricultores tinham contato com novas realidades, novas opções – inclusive de cunho religioso, assim sendo, surgem novas provocações nas CEBs. Mesmo distante dos grandes centros do Brasil, as cidades em Rondônia tiveram crescimento rápido e com ele uma enxurrada de novas concepções culturais, econômicas, sociais e ambientais. A Igreja local, então, procurou novas formas, novas alternativas de evangelização que pudessem se adequar às novas tendências. Segundo Timóteo,

*O 12º Intereclesial ele deveria servir como pista para que a gente possa agora adequando a nossa realidade. Então o 12º passou, foi em 2009, já estamos aproximando do 13º, e a gente ainda não viu isso na prática muito efetiva, ou seja, qual foi a bandeira que a Diocese levantou em relação às CEBs. (Apêndice 2.1, parágrafo 13).*

Foi a Igreja em movimento, buscando uma forma de se adaptar e continuar sua caminhada de CEBs em meio a essa nova conformação territorial. No entanto, Timóteo entende que a Diocese precisa de passos mais ousados:

*Mas eu penso que a Diocese, a Diocese como instituição ela tinha que levantar uma bandeira mais definida com relação ao papel das CEBs hoje no contexto que a gente vive, onde nós temos uma população que convive mais no meio urbano, e os desafios do meio urbano a gente não está conseguindo dar respostas enquanto igreja. E isso está dando o quê? Está dando vazão ao surgimento de outras igrejas, a multiplicação de igrejas, isso foi dado na estatística que saiu há pouco tempo na televisão, onde Rondônia é o maior estado evangélico do país. (Apêndice 2.1, parágrafo 14).*

No que se refere à relação direta – em um mercado religioso entre católicos e evangélicos, faz-se necessário abordar que o jeito CEBs de ser Igreja está em vias opostas aos movimentos pentecostais e neopentecostais que se ramificam com muita rapidez na região. Pois enquanto as CEBs vêm de uma linhagem de inculturação, tais movimentos trabalham em uma perspectiva mais dogmática e extremista em relação ao cristianismo. Além do mais, essas espiritualidades emergentes estão mais voltadas para questões individuais do que coletivas. Contudo, ainda brota o desafio de manter o homem do campo, no setor rural, a fim de que o mesmo não venha para a cidade que, mesmo sendo novas, já aparecem os problemas urbanos característicos de países latinos, como o desemprego, péssimas condições habitacionais, violência, drogas e outras mazelas tão comuns aos aglomerados urbanos. Neste contexto, que é histórico e que permanece até os dias atuais, surge o Projeto Padre Ezequiel. Segundo Paulo, esse projeto foi

*[...] a tentativa de dar uma resposta à situação em que o povo vivia. Abandonado na distribuição da terra, abandonado no campo da saúde, uma imensidão de gente analfabeta, essa era nossa realidade por aqui. Precisávamos dar uma resposta, começamos a montar o projeto. Enviamos o projeto para um amigo, que é o Alfredo e ele olhou o projeto, não gostou. Ele veio da Alemanha para sentar conosco para nos dizer o que seria bom, nos escutou, deu sugestões e deu a garantia que nos acompanharia financeiramente, em certa medida, não no todo. E assim surgiu o Padre Ezequiel. Com o setor agrícola, setor alfabetização, eu não entendo como vinha do Paraná tanta gente analfabeta, o setor da saúde e o do menor. A partir daí o projeto só foi se enraizando e crescendo cada vez mais. (Apêndice 2.3, parágrafo 19).*

Nessa mesma linha, Pedro ratifica que,

*O Projeto Padre Ezequiel vai fazer vinte cinco anos. Iniciado por Dom Antônio Possamai. Esse Projeto é uma identidade da nossa Diocese, ele chega às pessoas mais necessitadas, chega a dá mais confiança para as pessoas ficar nas suas terras, para ter mais resultados nas suas terras. Há hortas comunitárias que estão dando muitos frutos, projetos de preservação do ambiente. O técnico agrícola orienta muito. Nós temos quatro escolas agrícolas na Diocese. Houve jovem que causou revolução no seu lote. Nós temos aí uns mil jovens. Agora temos um convênio com o governo do estado e com ajuda do Projeto Padre Ezequiel as escolas estão indo bem (Apêndice 2.2, parágrafo 20).*

Nas narrativas, nota-se que é evidente a preocupação em manter os atributos dos primórdios das CEBs na região. A forte conotação que se dá ao setor agrícola, ao meio ambiente, à educação e à formação são indícios de que as comunidades estão atentas ao novo panorama que brota e que é urgente uma resposta do clero e dos leigos que vivem e sustentam a ideologia das Comunidades Eclesiais de Base.

O ideário de uma transformação social continuaria a vir das classes menos favorecidas, pois o progresso era absorvido por classes mais elevadas, pelas elites sociais e políticas. As CEBs se tornam o modelo representante daqueles que estavam e estão à margem do desenvolvimento local. Trazer a politização para o meio urbano era de suma importância nessa nova configuração, pois grande parte daqueles que chegavam a Rondônia, inclusive os católicos, já vinha direto para as cidades.

*Pois é, o Projeto Padre Ezequiel surgiu num contexto existente na Diocese já faz 24 anos, e surgiu exatamente no contexto de migrações; a Diocese na época recebia muitos migrantes, as cidades começavam a surgir e o povo estava assim meio disperso, e a preocupação do bispo na época era exatamente dar uma resposta a esse povo, ou fazer com que esse povo abrisse os olhos para que exigisse mais os seus direitos. Era muita gente que era vítima do sistema naquele tempo. O pessoal já vinha de uma realidade de exclusão, chegava aqui a exclusão continuava. (21). Estávamos há pouco tempo do martírio do Padre Ezequiel Ramin, missionário rondoniano, ainda jovem, que foi morto exatamente pela causa dos pobres: sem-terra, indígenas da sua região aqui de Cacoal, onde a Diocese atendia parte do estado de Mato Grosso. E o Projeto surge para dar respostas a essa realidade, a questão da terra, conflitos constantes, conflitos agrários, não tanto só na conquista da terra, mas como alternativa para que as famílias permanecessem na terra. Então junto com o Projeto tinha também, logo em seguida, surgiram as escolas família agrícola, que tinha uma parceria muito grande, que eram alternativas que a Diocese via de fazer as famílias se fixarem na terra, criarem amor pela terra (Apêndice 2.1, parágrafos 20-21).*

Entre o campo e a cidade, entre o moderno e o tradicional, entre o capital que chega quebrando o modo de pensar o *Lugar* das CEBs e o jeito coletivo de pensar o território e suas riquezas, dualismos que promovem a transformação dos valores até então pregados e difundidos nas comunidades por entrarem em choque com os

valores de cunho mais moderno, que absorvem novas situações com rapidez e ao mesmo tempo se tenta preservar tais valores na mesma proporção. Destarte, na interpretação das CEBs, o Projeto Padre Ezequiel seria uma resposta a tudo isso. Timóteo enfatiza que,

*Então nós substituímos por uma formação em políticas públicas, e dentro dessa formação em políticas públicas, aí tem um campo enorme, entra também a questão ambiental, entra a questão da economia solidária, entram vários aspectos dentro dessa questão do voto consciente, tudo dentro desse setor, então é um setor muito amplo, o setor cidadania. (Apêndice 2.1, parágrafo 23).*

Nota-se que termos como *economia solidária*, *políticas públicas*, *questão ambiental*, *voto consciente* e *setor de cidadania* são palavras-chave no Projeto, pois são antagônicas a uma economia individualista, políticas de conveniência e interesses pessoais, uma forma de exploração territorial que não respeita as características naturais, no que se refere à fauna e à flora e aos direitos conferidos pelo próprio estado aos cidadãos que já habitavam Amazônia antes da chegada dos colonizadores à região.

Dessa forma, o espaço rural se transforma e as formas como se veem e se entendem o *Lugar* rural se modifica. Temas como economia pesam sob os grupos sociais e rurais, índios, ribeirinhos. Os novos regimes na relação do mercado–emprego–tecnologia são fundamentais às novas mudanças de mentalidades e vivência no âmbito territorial da Diocese. A preocupação se situa, principalmente, nas questões referentes ao meio ambiente. O setor agrícola passa a ser um dos pontos a se destacar no projeto.

*O setor agrícola que cuida mais dessa parte da agroecologia, um novo jeito de dinamizar a propriedade rural, também está expandindo em parceria com outras entidades, com CARITAS, com outras entidades, com o sindicato, com a FETAGRO, ACARAM, diversas organizações, inclusive organizações também do governo na dinamização da agroecologia, quer dizer, nós estamos passando por um processo mais inovador, mas de forma sustentável para a região da Amazônia, e o setor, a pastoral da saúde, o que mais se expandiu com o tratamento alternativo, com a homeopatia, de outras terapias populares, temos presença em todas as paróquias, é o setor que tem adesão de todas as paróquias e o pessoal busca a saúde, e também temos a nossa incidência política dentro da pastoral da saúde que é a nossa participação em diversos conselhos municipais de saúde, quer dizer, a missão do setor é essa de dinamizar a questão da política de saúde para que as pessoas busquem o direito à saúde pública, então ela oferece um tratamento alternativo, mas ao mesmo tempo abre o olho das pessoas para exigir o direito a saúde pública. Então nós tivemos agora dia 24, o 27º ano do martírio do Padre Ezequiel, o projeto agora está caminhando para celebrar os seus 25 anos*

*agora em 2013, então assim a gente tem perspectiva de que ele possa continuar respondendo, atendendo a necessidade do momento (Apêndice 2.1, parágrafo 24).*

A parceria, principalmente com setores não governamentais, passa a ser de fundamental importância, pois a conjuntura exigia uma relação ainda mais aberta com movimentos, associações e ONGs, que mantinham de alguma forma um jeito de pensar o lugar, o território e o povo semelhantes ao das CEBs. Era preciso proporcionar qualidade de vida aos rondonienses, no campo ou na cidade, fazer o povo se conscientizar de que se não interagissem e não criassem vínculos de pertença ao território as possibilidades de exploração e de corrupção seriam bem maiores. Era preciso criar uma consciência de reivindicação e luta.

*Essa é nossa luta e graças a Deus nosso povo já tem consciência disso. Graças a esses projetos sociais de conscientização sobre os verdadeiros valores da sua vida. A política é necessária, nós não somos contrários à política, mas tem que ser uma política bem-feita. Porque toda essa corrupção? Sou bispo há cinco anos e nesse tempo recebo promessa de que a BR 364 será toda refeita, toda reestruturada, mas só há tapa-buraco e mal feito, pois tapa dois e fica três. Isso é corrupção. Nós promovemos abaixo-assinado, promovemos bloqueios na estrada. Porque isso? Porque a população tem o direito de andar numa estrada sem se matar. Nós temos todos os dias gente morrendo nessa BR-364. O DNIT é uma das maiores fontes de corrupção, sempre some dinheiro das obras. Eu fui lá em Vilhena e estão recapeando um trecho da BR que não precisava recapear. Nós estamos conscientizando nosso povo que essa situação não pode mais continuar. (12) A Comunidade de Base é necessária para que o povo tenha consciência dos seus direitos e que possa cobrar seus direitos. Muitas vezes as vozes dos nossos povos são caladas, compradas, aliciadas, não é?! Pedro (Apêndice 2.2, parágrafos 11-12).*

Assim se configura o catolicismo local, como uma resposta profética diante do novo panorama. Paulo afirma que,

*Uma das conclusões mais fortes que eles repetiram era uma Igreja profética e uma Igreja fundamentada nas Comunidades Eclesiais de Base. O nosso episcopado sente que as Comunidades Eclesiais de Base foi um sucesso e que se deve continuar priorizando esse jeito de ser Igreja. A nossa Igreja como ela está? Ela está passando por situações difíceis. Porque, hoje, é uma Igreja abandonada pelos governantes, uma Igreja espoliada pelo grande capital, é uma Igreja abandonada, um povo abandonado por todas as formas. Falando religiosamente, agora, está havendo um despertar, porém, a meu ver, bastante lento, da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, enviar missionários para cá. Estão chegando missionários leigos, missionários religiosos, mas muito poucos diante a necessidade em que vivemos. Precisamos ser marcadamente laical e fundamentalmente nas Comunidades Eclesiais de Base. Esta é a solução que estamos achando para a Igreja Católica Apostólica Romana aqui na Amazônia (Apêndice 2.3, parágrafo 23).*

O papel do clero e dos missionários tem como base a relação do que é e como deve ser. Para tanto, faz-se necessária uma tomada de consciência, a ponto de se compreender, a partir da realidade que se apresenta, os dilaceramentos e seus desdobramentos em nível histórico. Nesse trajeto, o Projeto Padre Ezequiel ganha importância, exatamente pelo cunho de formação social e secular, com base interpretativa no âmbito religioso.

*Olha, tem vários desafios, mas o que a gente sempre questiona é que ainda muito grande o número de pessoas que estão saindo da propriedade. Então a gente sempre se questiona isso, não é só o Projeto que acompanha, tem várias organizações que também acompanham grupos de trabalhadores rurais, e também tem essa frustração por ver muitas famílias abandonando a propriedade, vendendo, deixando e vindo morar na cidade. Então por isso que o Projeto está acompanhando e também promovendo uma rearticulação das organizações que estão mais ligadas ao trabalho no campo e já tem um nome essa rearticulação, Rede Agroecológica Terra sem Males, que seria a forma da gente está pensando maior, inclusive estamos dialogando com o governo, o atual governo do estado, pela criação de uma política agrícola e agroecológica, que não seja um programa passageiro, mas uma política permanente, pública, de favorecimento das famílias, que favoreçam mais as famílias a permanecerem no campo, porque junto com a permanência no campo também está a questão da educação no campo, o que está acontecendo hoje, porque as famílias, muitas delas, estão desistindo de ficarem na terra? Porque os filhos saíram das escolinhas rurais, com o corte das escolinhas rurais, o adolescente, o jovem passa a estudar na escola polo ou na cidade, tem os ônibus que levam e trazem. Isso é bom, não vamos dizer que isso é ruim, isso é bom, mas essa educação descontextualizada do meio rural dá ao jovem o desinteresse, o desestímulo de continuar na propriedade, às vezes, até se constrange em dizer que mora no sítio, ou talvez direto ou indiretamente, algum professor diz “se você não estudar, você vai continuar lá na roça”, isso diminui a personalidade da pessoa, e não é isso que a gente pensa (Apêndice 2.1, parágrafo 25).*

Ou seja, conscientizar o campo e a cidade, desde que isso venha carregado de um sentimento de empatia com as realidades locais. É necessário reagir e dar resposta. Essa é a dinâmica do Projeto. Pois as iniciativas sociais, culturais, econômicas e ambientais deram origem a uma caminhada que é particular diante da universalidade da Igreja Católica Apostólica Romana. Sendo que isso não implica necessariamente com uma ruptura com a Igreja e sua organização hierárquica, mas se configura a partir dela, como leitura específica e particular da região.

*A gente vê que nossos jovens não têm mais aquela formação de antigamente, seja na pastoral da juventude seja na crisma. Como tantos jovens são crismados em todos os anos e com falta de tanta gente para trabalhar nas comunidades se pergunta “até que ponto essa formação está sendo efetiva para esses jovens, que não lhes dão um discernimento para continuar um compromisso de comunidade?”. Esse modelo de formação está contaminado*

*com a outra cultura midiática, isso está desviando o comportamento da nossa galera jovem (Apêndice 2.1, parágrafo 29).*

Para o entrevistado, parte se deve ao papel da mídia. Segundo ele,

*Uma das questões que não falamos e eu queria comentar agora. É a questão dos meios de comunicação. Acho que na cidade um desafio que, hoje, cidade e campo já não existem mais fronteira, inclusive os fracassos dos grupos de reflexão e CEBs foi depois da chegada da energia do campo. Tudo isso é bom, o desenvolvimento é bom. O uso da tecnologia que as vezes prejudica a fé. A gente vê que houve um enxugamento dos grupos de reflexão, das CEBs. Por que a mídia planta muitas coisas ao mesmo tempo que absorve a atenção das pessoas. O rádio, a TV, a internet. São formas em que as pessoas escapam. São válvulas de escape para se fazer um comentário crítico da realidade. (Apêndice 2.1, parágrafo 28).*

Nesse relato, constata-se, na leitura do líder, que a mídia é fator que vai à contramão daquilo que o Projeto visa, pois, seu caráter globalizante, pode e tem afastado as pessoas de uma visão particularizada sobre este território. O que pode tirar o foco das CEBs em relação a sua percepção sobre o *Lugar*, pois qualquer coisa que venha de fora pode ser um empecilho para a caminhada das comunidades. José Aparecido chama a atenção até mesmo para a formação dos padres que chegam à região sem uma formação específica sobre a mesma:

*Outra coisa que pode ajudar é que nossa formação tem que ser dada na nossa realidade. Quando chegam novos padres há uma formação específica para ir se adequando a essa realidade. Eu não vejo que a formação fora aqui do lugar vá contribuir. (Apêndice 2.1, parágrafo 32).*

Se essa visão sacerdotal não está clara no meio das CEBs, alerta Pedro,

*Em troca do desenvolvimento estamos destruindo a natureza, a identidade de alguns povos, como os índios, tem os direitos de viver como nós, porque, eles também são criaturas humanas. A organização social sofre muito com essa mudança radical de comportamento da nossa sociedade. (Apêndice 2.2, parágrafo 09).*

E continua:

*Se você tira o evangelho daquilo que é real ao povo, você não pratica o evangelho. O que diz o evangelho? O respeito, a pessoa, a vida. Quando nós podemos preservar a vida? Com rios poluídos, matas derrubadas, planos de saúde que não funcionam. Quando nosso país promove todos esses métodos anticoncepcionais, nós somos contra, porque somos a favor da vida. Então dentro desse Projeto, nós também aliamos com outros que servem para a vida. O nosso Projeto de preservar a natureza, o Projeto Padre Ezequiel é um*

*modo de preservar a vida é um modo de agir como o evangelho quer. (Apêndice 2.2, parágrafo 13).*

Observa-se a harmonia do ponto vista ideológico entre o mundo espiritual e o mundo material. É o evangelho ligado ao real no meio do povo, ligado à pessoa, à vida, ao meio ambiente. Temas e questões que implicam diretamente no cotidiano dos indivíduos e da comunidade. É a Igreja como sinal de presença, de solidariedade e humanidade em solo amazônico. É preciso parar o discurso oficial que tira as identidades que vão contra a identidade local e, nesse sentido, “*nossas CEBs estão sendo influenciadas por esse materialismo*” (Apêndice 2.2, parágrafo 17). E prossegue:

*Quando você vê uma comunidade que não tem mais capacidade de se manter por causa dos desmatamentos, temos mudanças do clima. Nós temos mudanças de costumes do nosso povo, não comem mais coisas naturais. Aí tem doenças a mais porque consomem esses venenos que são usados para cultivar e mostrar uma coisa bonita. Nossos projetos estão atrelados à preservação da natureza, da vida. Pedro (Apêndice 2.2, parágrafo 14).*

A preocupação é exatamente com as mudanças de mentalidade, no que se refere às questões locais. Palavras como *natureza, preservação da natureza, vida* estão concatenadas com a forma como os fiéis, tanto do ponto de visto individual como coletivo, percebem, sentem e vivem no *Lugar*.

No bojo da discussão apresentada até aqui, vê-se nitidamente a concepção sobre a categoria de *Lugar* no cotidiano das CEBs. *Lugar* esse que representa a forma de organização na relação com as particularidades da região, em um discurso resultante das amálgamas vividas pelo homem; discurso que, pela formação e comprometimento com essa ideologia, pode gerar perspectivas de um futuro em que o homem que migrou para a Amazônia possa ter de conviver em uníssono com os que já existiam lá e com os demais elementos da natureza.

Dessa forma, o *Lugar* – enquanto percebido no seu sentido geográfico - pode ser habitado, construído numa relação de afetividade e enraizamento com a terra. O *Lugar* exige uma sujeição da reflexão à ação e esse é o sentido missionário para as CEBs. E nisso não há mudança no conteúdo evangélico das primeiras comunidades, mas sim uma interpretação a partir delas, em que o tempo presente exige que seja dessa forma.



No pensamento dos seguidores das comunidades, ser fiel ao projeto missionário deixado por Cristo, que se fez atuante mediante as aspirações dos mais necessitados e suas carências básicas. É a subjetividade a serviço da objetividade, em uma relação de serventia entre o homem e a natureza, em uma vinculação natural e proeminente das experiências cristãs, a ponto de deixar questões mais complexas do cotidiano apreensíveis aos indivíduos e plausíveis.



FOTO 09: ALTAR DE REPRESENTA A VIDA DO POVO AMAZÔNICO<sup>14</sup>  
FONTE: AUTOR, 2012

Por fim, as CEBs entendem que, se sua atuação for carregada de modismos ou tendências religiosas “modernas” ou muito “conservadoras”, a vida humana e a natureza na região podem levar a existência de tudo que há neste fractal da região norte do Brasil a um colapso e um desarranjo que compromete a qualidade de vida.

Os membros das CEBs entendem que mesmo que haja forças contrárias tão poderosas à percepção sobre a região da Diocese de Ji-Paraná, é fundamental se tornar a fincar raízes cada vez mais profundas para uma afetividade em uma relação de pertença ao *Lugar*. Que não podem ser dadas respostas artificiais ou superficiais

<sup>14</sup> Altar do encontro. Nele livros (dentre eles, os documentos latino-americanos) e objetos que representam a cultura local. Ornamentação que valoriza o *Lugar*.

e que a relação com os membros das comunidades com esse Lugar pode trazer mudanças significativas em vários âmbitos da sociedade local. Nessa visão, compreende-se que é preciso continuar a caminhada, resistindo pela fé e pela formação cidadã às ideologias que arrancam as raízes de pertença a este solo amazônico.

### 3.5. UMA LEITURA E INTERPRETAÇÃO DO LUGAR NA DIOCESE DE JI-PARANÁ A PARTIR DOS DOCUMENTOS LATINO-AMERICANOS

Os trinta anos de caminhada a Diocese de Ji-Paraná têm se caracterizado pelo forte dinamismo no seguimento concernente às CEBs. O caráter comunitário cristão-político tem como esteio a própria realidade na qual o povo está inserido. Isso é fruto das reflexões episcopais feitas pelas Conferências Latino-Americanas nas últimas quatro décadas. Uma das suas reflexões está voltada a um ponto fundamental que é descobrir as particularidades de uma Igreja em âmbito local, mesmo tendo fundamentos da universalidade da mesma.

Assumindo sua própria identidade conjuntural, as CEBs buscam uma valoração missionária através das reflexões feitas a partir da discussão entre os países desenvolvidos e países subdesenvolvidos. Diante do quadro político e ideológico que separava o mundo em meio aos conflitos ideológicos da guerra fria e as tendências liberais que emergiam nos países latino-americanos, a Igreja se coloca, em seu discurso oficial, ao lado dos mais pobres e ratifica sua posição política.

Do ponto de vista dos líderes das CEBs, essa opção pelos pobres foi uma atitude profética que tornou bispos, padres, religiosas, religiosos e leigos inspirados e comprometidos com a situação social e econômica dessa região do hemisfério sul. A consciência de uma situação regionalizada urge como método a ação do ponto de vista prático a um cenário que se apresenta como exploração dos recursos naturais, como segregação das classes historicamente desprovidas e aculturação das culturas locais.

Dessa forma, a Igreja nesta porção do continente americano entende que a opressão e a subjugação ainda são resquícios do período colonial e que estão presentes em várias instâncias dessa sociedade. Esse cenário, construído com

aspectos que vão do global para o local, fez com que as reflexões feitas no Concílio Vaticano II e nas reflexões feitas pelos bispos da América Latina criassem novos dinamismos em relação ao que de fato seria uma comunidade.

*Sem dúvida. Medellín foi um acontecimento revolucionário na Igreja da América Latina, em sessenta e cinco tinha terminado o Concílio Vaticano II, em sessenta e oito foi o primeiro episcopado mundial para traduzir o Concílio Vaticano II para a realidade da América Latina e saiu esse maravilhoso documento de Medellín até hoje insuperável, continua tão válido quanto ele saiu. Assustou os governos militares da América Latina, causou muita perseguição à Igreja e produziu muito mártires por causa da sua fidelidade a Igreja e foi o grande inspirador das Comunidades Eclesiais de Base. Onze anos depois veio o Puebla, no México, que confirmou e avançou e vestiu novamente a camisa da preferência pelos pobres e como método as Comunidades Eclesiais de Base. (25). Depois veio Santo Domingo, que não insistiu muito nesse tema, mas sim, valorizou as Comunidades Eclesiais de Base, valorizou muito a cultura, que foi um passo muito importante, a cultura do negro, a cultura do índio, a cultura do povo latino-americano que deve ser respeitada e libertando de certos estilos de Igreja europeia, que já não fala mais à nossa Igreja da América Latina. E tivemos agora Aparecida embora tivesse uma corrente muito forte contra as Comunidades Eclesiais de Base, conseguimos a aprovação delas com páginas muito ricas sobre esse tema. É um tema atual e repito: sem elas não há Igreja (apêndice 2.3, parágrafos 24-25).*

Sobre esse cenário, Timóteo faz a seguinte reflexão:

*É, eu acho que a razão de sermos comunidade hoje é o Concílio que esse ano se comemora cinquenta anos, em onze de outubro João XXIII dava abertura do documento. Principalmente Medellín e Puebla são as respostas imediatas para nós. A Igreja foi para o plano horizontal, saiu da verticalidade. Eu creio que é sempre atual. A Igreja que é dirigida pelo Espírito Santo é sempre atual. O Espírito inspira sabedoria aos pastores, a doutrina social da Igreja, que está ligado ao novo jeito de ser Igreja, para mim são eternos (Apêndice 2.1, parágrafo 30).*



FOTO 10: LIDERANÇAS DAS CEBs DA DIOCESE DE JI-PARANÁ – RO<sup>15</sup>  
 FONTE: AUTOR, 2012

Sobre esse cenário, Timóteo faz a seguinte reflexão:

*É, eu acho que a razão de sermos comunidade hoje é o Concílio que esse ano se comemora cinquenta anos, em onze de outubro João XXIII dava abertura do documento. Principalmente Medellín e Puebla são as respostas imediatas para nós. A Igreja foi para o plano horizontal, saiu da verticalidade. Eu creio que é sempre atual. A Igreja que é dirigida pelo Espírito Santo é sempre atual. O Espírito inspira sabedoria aos pastores, a doutrina social da Igreja, que está ligado ao novo jeito de ser Igreja, para mim são eternos (Apêndice 2.1, parágrafo 30).*

Os aspectos conciliares e episcopais citados vieram diante de muitas preocupações eclesiais em relação à Igreja Católica Apostólica Romana em escala universal, mas também em suas particularidades. Nesse sentido, os católicos latino-americanos encontraram espaço para organizar e trilhar sua caminhada, mesmo diante da universalidade, abrindo espaço para interpretação local. Assim, o Concílio dá margem a que o clero e os leigos cubram lacunas nos mais diversos campos, dentro e fora da Igreja, de forma mais específica no momento que cada Igreja – país – Diocese – paróquia está vivendo.

*A todo tempo a gente pode recorrer que vai achar inspiração para respostas para o momento atual. Assim, também é com os documentos aqui da Amazônia. Há uma preocupação com a Amazônia por ser uma realidade diferenciada; a Igreja tem que agir de forma diferenciada. Seguindo o episcopal, a Amazônia está em terra de missão, mais um desafio para a Igreja*

<sup>15</sup> Foto de encerramento do encontro Diocesano de líderes das CEBs.

*latino-americana e Aparecida é o que mais se aproxima de Medellín. A nossa Igreja precisa falar mais desses documentos. Eu lembro que Dom Antônio sempre se referia aos documentos da Igreja fundamento das opções dessa Diocese. Essa Diocese tem sua opção pelo mandamento de Jesus e depois pela ação social da Igreja. A gente enquanto leigo, batizado, quer que a Igreja caminhe de acordo com os documentos dela (Apêndice 2.1, parágrafo 31).*

Assim, os documentos se tornam fundamentais para uma evangelização e ação missionária, pois eles permitem uma ligação entre o imaterial e material e uma aplicabilidade das leituras e interpretações do micro, e mais que uma ação pastoral concreta, privilegiando aspectos locais. Dessa forma, o *Lugar* é valorizado e preservado, resultando no compromisso libertado dos documentos latino-americanos, pois eles são uma resposta institucionalizada do Concílio Vaticano II aos aspectos estruturais da América Latina.

O envolvimento com questões sociais, fundamentados na doutrina social da Igreja, respeitando a dignidade e as peculiaridades dos povos, foram molas propulsoras para a caminhada das CEBs. A racionalização da fé dava o caminho para a denúncia de injustiças, através da busca por soluções e novas possibilidades que pudessem tirar o povo de qualquer sistema de escravização ou alienação diante da política imperialista que se impunha sobre a região, pois de acordo com Pedro: “A nossa Diocese sempre trabalhou para esclarecer as pessoas no setor político” (Apêndice 2.2, parágrafo 10).

Assim sendo, buscou-se um caminho próprio e uma via com particularidades que encontrassem apoio no discurso oficial. Os documentos episcopais já firmados como doutrina da América Latina foram o maior subsídio de afirmação do jeito CEBs de ser Igreja diante do panorama “*que está contaminando o povo*” (Apêndice 2.2, parágrafo 17).

Essa preocupação em conscientizar o povo, não o deixar alheio ao mundo circundante, visa instaurar uma cultura de preservar, conservar hábitos, costumes, tradições e outros elementos que não podiam perder suas especificidades. Evidentemente, tal postura geraria e continua gerando problemas políticos e contravenções aos líderes religiosos e leigos que assumem tal posicionamento político e religioso.

Dessa forma, trata-se de aliar desenvolvimento, valores, ética e moral em uma participação ativa do povo para a auto realização, tanto do ponto de vista individual como coletivo. Destarte, esse seria o caminho pelo qual se daria a valorização social,

cultural e econômica do homem, por se tratar de um movimento de baixo para cima – pelo poder do povo e de sua compreensão do espaço.

Assim, ficam explícitas, na caminhada das CEBs, as rupturas com estruturas históricas e contemporâneas que contrárias ao seu jeito de pensar e ver os povos latinos, pois em meio a um sistema globalizado se pensava em valorização da cultura, em economias sustentáveis, não acúmulo de capital e nas coletividades características de comunidades primitivas, visto que, para Pedro, “o primeiro desafio seria adquirir a identidade original” (Apêndice 2.2, parágrafo 19).

Todavia, no quadro apresentado, fazia-se necessário a abertura para um processo que ia além das discussões institucionais, mas era preciso e urgente formar e colocar no campo de ação diante de outras estruturas, representações concretizadas pelas instituições seculares que emitissem, de forma legal, sua posição em relação a temas insurgentes nas sociedades locais e que primassem pelo valor humanitário. Criava-se, assim, uma percepção de contexto e análise de conjunto que, a partir dessa leitura, tinha fundamentos legais para uma ação coletiva e legalizada mediante a realidade do povo.

No contexto citado, a pessoa de Cristo é interpretada, com base nos documentos conciliares, como um ser político e social que está ao lado dos marginalizados. As CEBs, nesse contexto, entendem que devem continuar essa missão e que era preciso uma teologia que estivesse inserida e impregnada das realidades do cotidiano do povo.

Assim, Jesus Cristo está inserido na história, no presente dos que foram esquecidos pelos poderes institucionalizados, e a Igreja é a voz que o representa, dando valor à vida e ao cotidiano do povo. Como já indicado em outros momentos, era necessário um compromisso social com mudanças concretas e reais que retirasse das vivências dos membros da comunidade a desumanização do homem pela consciência evangélica de justiça e caridade.

*Eu particularmente sempre participei da Igreja Católica Apostólica Romana, dessa realidade local e assim desde criança formado na catequese, participando do grupo de jovens nas comunidades e da realidade local. Assumindo coordenações e assim participando dos cursos de formação da Igreja e assim fomos construindo uma caminhada e hoje assumimos o setor de cidadania do Projeto Padre Ezequiel para que a gente possa contribuir ainda mais na formação de mais pessoas que possa intervir nas realidades locais criando assim as políticas públicas ajudando a sociedade (apêndice 2.4, parágrafo 15).*

Maria (Apêndice 2.6, parágrafo 06) corrobora esse pensamento, quando diz:

*Olha. Eu vejo o seguinte: Nós enquanto Igreja Católica Apostólica Romana, temos aquela questão que não se pode falar de política dentro da Igreja. E, às vezes, a comunidade está envolvida. Eu acredito que nós devemos estar envolvidos na política, não na politicagem, né?! Nós como Comunidade Eclesial de Base temos que estar envolvidos, sim! Como povo, como gente, como cristão. Às vezes, somos criticados. “Ah! Não pode falar de política dentro da Igreja”. Eu sempre digo o seguinte não tem uma Comunidade Eclesial de Base que não tenha um grupo de reflexão, né?! Lá na Igreja talvez você não possa falar de política, mas no grupo de reflexão você pode. Você está falando das pessoas, da ficha limpa, de quem está envolvido com a causa social e não com roubalheira.*

De fato, nota-se no discurso dos líderes entrevistados a experiência da ação em direção às comunidades locais. Desse modo, cria-se a concepção de um cristão militante entre o religioso e o político, entre o concreto e o abstrato, entre o “aqui” e o “lá”, ou seja, entre a terra e o céu. É o seguidor das CEBs sendo receptivo às alegrias, tristezas, vitórias e conflitos fundamentados na doutrina oficial do catolicismo.

*Que a gente está sempre buscando um lugar além do mítico, do mágico, aquilo que resolve por si só, de não precisar colocar o pé no chão. Eu morei em três estados diferentes, morei fora do Brasil, morando fora do Brasil entendi que queria voltar para o Brasil e para Amazônia, porque é aqui que estava minha raiz, aqui que estava minha história. E nada melhor está onde eu vivenciei e estar aqui na Diocese podendo participar dessas lutas que as pessoas participam. E ver essa contradição dos movimentos dentro da Igreja Católica Apostólica Romana. A gente vendo os movimentos, Renovação Carismática, encontro de casais com Cristo e tudo um tanto quanto meio que voltado por outro lado, que não é a teologia da libertação que é uma coisa de analisar e enfiar o dedo na ferida. É um desejo que algo extraordinário resolva a nossa vida que não a gente mesmo, né?! (Apêndice 2.5, parágrafo 11).*

Essas rápidas implicações são suficientes para se perceber como as CEBs na Diocese de Ji-Paraná usam os documentos latino-americanos para fundamentar sua ação missionária, que é repleta de significados e sentidos a partir do *Lugar*, onde seria necessário aceitar o conflito e, assim, a preparação para lidar com ele era tão importante quanto reconhecê-lo. Interpretar, investigar, formar e agir são prerrogativas fundamentais para os líderes das CEBs, pois são formas de deixar a sociedade consciente diante dos temas que emergem como básicos e essenciais para a valorização dos indivíduos, dos grupos e do *Lugar*.

*Estamos trabalhando com documentos da Igreja. Às vezes, a gente não sabe se valorizar como leigo, como Comunidade Eclesial de Base. Algumas vezes, nós temos padres de não aceitam os trabalhos dos leigos, nós temos muito*



*que avançar. O mais importante e mais bonito é que nos juntamos, a gente sabe que não tem ninguém que queira desistir da caminhada por mais difícil que seja. Aqui na Diocese nós temos o bispo. Eu vejo que a gente tem para crescer e não diminuir (Apêndice 2.6, parágrafo 12).*

A radicalidade da opção feita pela Igreja de Ji-Paraná levou a muitas rupturas internas entre o clero e os leigos. Mas as CEBs não cederam às pressões e continuam com sua interpretação sócio-política, porque entendem que esse é seu dinamismo profético. Como consequência, o compromisso moral e ético – inclusive com povos não cristãos, constitui o processo de humanização dos membros da comunidade.

Essa geograficidade da “opção pelos pobres” implica discutir e trazer soluções para essa população. A relação homem/Terra é o grande ideal assumido nas CEBs, pois, por intermédio da ideologia libertadora, o homem percebe o seu valor a partir da terra, do *Lugar*, e ali sua existência ganha sintonia e relevância diante dos fatos, buscando transformações históricas e um rumo para mudanças que possam melhorar as condições sociais dos membros da comunidade, ou seja, de todos que habitam aquela terra, aquele *Lugar*.

Para as CEBs, o processo de organização, conscientização e ação foi alcançado por muitas comunidades que chegaram a essa dimensão, embora ainda distante do que pensam como meta os líderes. Contudo, o discurso politizado com fundo religioso não deixa de ser partidário, pois é através dele que se emite um pensamento e um posicionamento diante do *Lugar*. A Igreja é entendida dessa forma: como lugar de fé e compromisso na sociedade.

Nesse aspecto, notou-se que os líderes das CEBs estão conscientes de que não são um partido político (embora seus líderes tenham muita afinidade com partidos de esquerda), mas é necessário um posicionamento que esteja na contramão do sistema que explora. Esse serviço fica claro na opção pelos marginalizados e oprimidos pelo sistema político e econômico.

Neste contexto, os indivíduos existem, criam relações concretas e buscam soluções reais para modificarem as realidades encontradas onde estão suas comunidades religiosas. Assim, se fortalece uma relação com o *Lugar* e essa dimensão ganha um caráter que vai além da subjetividade. Para os membros da comunidade, a importância do *Lugar* está relacionada ao sentimento de pertença, de identidade, de vida e de partilha das vivências. A geograficidade encontrada nas CEBs contempla uma perspectiva do *Lugar* como um espaço de conquistas, de lutas, de



contradições, mas também de realizações coletivas e individuais. Destaca-se, assim, a atuação direta dos indivíduos que se fortalecem em grupo (mesmo que pequeno), no intuito de favorecer a união e a coletividade entre os seres humanos e, no caso aqui analisado, também com os outros elementos da natureza.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese apresentada teve como objetivo fazer uma análise sobre a categoria de *Lugar*, tendo como base a geograficidade de Eric Dardel, e a relação com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), por meio dos Documentos Episcopais Latino-Americanos e da investigação em campo com lideranças da CEBs na Diocese de Ji-Paraná-RO.

A geografia, com seus mais diversos campos de análise científica, neste caso, a categoria de *Lugar*, pode levar o pesquisador a compreender o desvirtuamento de ambas as expressões, em uma dinâmica territorial e de mudanças no espaço geográfico religioso, o que interfere no tempo e no espaço projetado fora desse campo, pois o homem se traduz por aquilo que pensa e age em um campo de relação práticas com suas realidades espaciais que são proeminentes à sua existência.

As transformações do espaço têm uma dinâmica global e os conflitos decorrentes devem também ser compreendidos a partir desse processo, o que torna essas reflexões pertinentes para a ciência geográfica.

Ao se debruçar sobre a temática *Lugar* e suas mais diversas variáveis, nota-se que é uma concepção que ultrapassa as relações materiais e objetivas de determinados aspectos - inclusive dentro da própria geografia - sobre a realidade existente entre o homem e o espaço.

Observa-se, no cenário apresentado nesta tese, a importância das CEBs no contexto político, social, cultural, ambiental e religioso em que está inserida na Diocese de Ji-Paraná-RO. Tornam-se evidentes as dificuldades que tal seguimento tem enfrentado nesta região da Amazônia Brasileira e como as ideologias pregadas pelos fiéis das CEBs enfrentam dificuldades em um campo que vai além das fronteiras da religião, o que torna possível a percepção de que tal fato tem gerado muitas reflexões nos líderes – religiosos e leigos, no seio dessas comunidades católicas.

A discussão que se pretendeu levantar neste estudo tem sua importância acadêmica justamente pelo fato de analisar o fenômeno religioso e seus desdobramentos do ponto de vista social e, sendo assim, é de suma importância uma reflexão nesse ambiente que possa possibilitar uma compreensão externa das relações espaciais caracterizadas no estudo – nesse caso, sob o olhar da geografia.

No decorrer do texto, as implicações teóricas no campo da geografia e as conexões feitas de forma interdisciplinar com outras áreas do conhecimento refletem o processo de abrangência no qual as ciências podem chegar, quando se tratar de estudar a sociedade e os fenômenos que nela ocorrem.

Assim como não entender a CEBs e sua transação com matérias como a psicologia, o meio ambiente, a economia, a cultura e etc., tais pontos refletem diretamente a importância da geografia e de outras ciências buscarem aprofundar algumas das questões aqui levantadas, para o melhor entendimento do fenômeno. Fugindo das discussões teológicas, o texto revelou que a Igreja Católica Apostólica Romana, através das CEBs, tem buscado oferecer aos seus fiéis uma resposta a necessidades de um povo que migrou em busca de melhores condições de vida no campo material, o que conseqüentemente acarreta uma sobrecarga espiritual. Dessa forma, entende-se que, para se chegar a uma reflexão das questões abordadas, a abordagem foi levada a uma dimensão horizontal e vertical dentro da instituição.

Isso implica compreender os atuais processos de aculturação e os novos tipos de religiosidade que se inter-relacionam na dialética que está para além das instituições religiosas. A forma analisada principalmente sobre o aspecto da integração do indivíduo no contexto cultural diversificado, a partir dos aspectos comunitários, tem se estabelecido como novas formas de vivência religiosa. Em tempos de caminhos diversos, os humanos têm estado em uma constante busca que se amplia em questões de cunho social, político e que renova esperanças e se concretiza em realidades materiais, principalmente diante das realidades vividas no norte do Brasil.

Dessa forma, as CEBs entendem que são necessárias mudanças estruturais e uma quebra de paradigmas em relação aos aspectos tradicionais dentro do próprio catolicismo e também fora dele. Assim, são necessárias adequações e inovações em campos técnicos como administração, planejamento, comunicação, educação, politização, entre outros.

Nesse ponto, é oportuno destacar que o estudo revelou que muitas pastorais ligadas às CEBs, inclusive com a iniciativa de muitos leigos, têm buscado reparar essa lacuna deixada pela instituição, na intenção de amenizar o êxodo para outras denominações e fortalecer o sentimento de pertença nos fiéis que confessam a fé católica ao assumirem essa região da Amazônia como seu Lugar.

Esse aspecto assumido pelas CEBs, que vai à contramão dos processos globalizantes vigentes na sociedade, se utiliza de diversos seguimentos, uma vez que fiéis associados a partidos políticos, movimentos sociais, associações etc., muitas dessas criadas pela própria instituição, que tem o intuito de manter o fiel o mais próximo possível mediante de aspectos seculares. Assim, a comunidade se fortalece justamente em seu aspecto objetivo, que é base para os indivíduos nela inseridos justificarem suas ações em função de suas convicções religiosas.

Notou-se, assim, que a tendência de se ter uma função social é uma forma de legitimação das intuições religiosas. Essa visão secular da religião foi sem dúvida uma estratégia para que elas pudessem permanecer certificadas socialmente. É crescente nos dias atuais uma interferência de muitas denominações em questões de cunho governamental, as quais em nome de Deus buscam uma melhoria social e econômica para seus fiéis, como é o caso das CEBs apresentado aqui.

No contexto analisado, essa forma de se interpretar o cristianismo contribui, em muitos aspectos, para a organização social dos muitos povos. Como exemplo pode-se citar a consolidação de muitas instituições que hoje atendem a sociedade nos seus mais diversos campos. Nesse cenário geográfico, as CEBs têm tido, na Amazônia, uma política de inculturação com os povos da região, buscando um ecumenismo religioso e respeitando as diversas crendices que fazem parte da cultura local.

Como base para reflexão, o que se pode pensar para o futuro das CEBs é: como a melhorar sua inserção nesse processo? Quais são os métodos que ela deve buscar para cumprir sua missão? Como ela tem enfrentado o crescimento de outras denominações cristãs e de outras ideologias que são opostas à sua forma de pensar e viver a Amazônia?

O discurso da Igreja tem se voltado, desde a colonização da região, à reivindicação de uma terra de igualdades e de justiça em que todos possam ter uma vida digna e próspera. Tal discurso tomou um rumo e um partidarismo que desembocou no descontentamento de muitos fiéis que não entendiam ser essa a missão da Igreja na região. As propostas locais seguiam um direcionamento da Igreja em nível de Brasil e de América Latina, ou seja, uma Igreja com uma missão preferencial pelos pobres, com base na Teologia da Libertação.

Da parte dos migrantes, havia a esperança de prosperar em solos amazônicos e essa era uma promessa do Governo Federal que propagava “um novo eldorado”. Os

migrantes em sua maioria vindos da região Centro-sul do Brasil, principalmente do estado do Paraná, expulsos pelas crises na agricultura e pelos conflitos com os latifundiários da região, tinham como religião o catolicismo.

Dos migrantes da Amazônia, o Estado de Rondônia recebeu uma grande quantidade, principalmente na década de 80, quando milhares de famílias receberam do INCRA terras impróprias para a agricultura, gerando, assim, um forte fluxo de agricultores para os núcleos urbanos que se formavam ao longo da BR-364. Como consequência do crescimento acelerado, as cidades, muitas delas desprovidas de condições para serem habitadas, foram “inchando” de pessoas sem qualificação profissional e nem as cidades tinham a oferecer, pois não havia indústrias e os comércios existentes ainda eram poucos para quantidade de pessoas que chegavam a esses conglomerados urbanos.

Tudo isso enraizado de tradições familiares, religiosas e de culturas que se julgavam protegidas e imunes ao processo de globalização. As CEBs abrem um novo processo diante dessa realidade e fazem com que a Igreja local tenha uma abertura a experiências com algo que realmente possa se adequar às suas realidades, constituindo-se uma espécie de convivência com o diferente que, se for adequada ao estilo de vida, pode ser vivenciada.

Em acréscimo, esclarece-se que grande parte dos bispos e padres que vieram como pastores para a Amazônia brasileira tinham como base de formação teológica a Teologia da Libertação, o que se vislumbra no processo histórico – Igreja e Estado, principalmente através do discurso aguerrido contra os latifúndios e classe política. Assim, observou-se a raiz histórica da dimensão social ou política da fé, que explora essa parte integrante da evangelização ou missão da Igreja que é ação pela justiça e participação pela transformação do mundo.

A consequência disso foi o envolvimento do clero com questões seculares, o qual, paralelamente à função eclesial de direção espiritual, se tornou parte envolvida em movimentos políticos, sociais e ambientais, priorizando, em muitos casos, tais dimensões.

Com as CEBs surgiram organizações que primam pelo protagonismo de comunidades primitivas locais, dando ênfase a comunidades ribeirinhas e povos indígenas. Por meio dessas comunidades, promove-se o despertar de organizações sociais na busca de soberania e adequação aos processos de aculturação, criando-

se uma resistência a culturas que visam se apoderar dessas organizações de forma ideológica e econômica.

Nesse caminho, nota-se que a intencionalidade que os sujeitos dão ao *Lugar* está diretamente ligada e conectada a sua história e sua vivência que permeiam traços relacionados ao sentimento de pertença, fruto de suas relações culturais e da tradição passada por gerações anteriores, isso implicando afetividade diante do mundo concreto e criando conexões de existencialidade entre o indivíduo e o *Lugar*. Assim, a pesquisa norteou uma reflexão entre a teoria e a prática, relacionando uma categoria da geografia e sua práxis no cotidiano.

Trilhando um roteiro que percorreu um caminho da teoria para a prática – pesquisa de campo, percebe-se, claramente, a relação entre o *Lugar* na visão dardeliana e suas imbricações com os documentos latino-americanos e seu caráter existencial quando aplicado à realidade das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na Diocese de Ji-Paraná - RO.

Respondendo à problemática levantada, a tese confirmou a proeminente relação entre o *Lugar* e a vivência das CEBs, pois foram desveladas, através da pesquisa, as relações existenciais entre o *ser* e o espaço.

Observou-se, ainda, nesse contexto que, para as CEBs, os lugares são fundamentais para uma ação concreta e de serventia entre os sujeitos e os demais elementos que ali habitam. Confirmou-se, assim, que nessa trilha as comunidades são mensageiras de um discurso da prática para que o mesmo possibilite mudanças reais na vida dos indivíduos e da comunidade de inserção.

Constatou-se que isso representa um sentimento que ultrapassa as relações físicas, mas que está inserido no contexto de luta e intermediação de compreensão do cotidiano consciente. Assim, para as CEBs, ser profeta é ter uma relação afetiva com o *Lugar*.

Questão ratificada oficialmente – tratando-se da Igreja Católica Apostólica Romana; pelas Conferências Episcopais Latino-Americanas (CELAM), nas quais a opção pelos pobres, promoção humana, ações populares, formação política, inculturação, preservação e conservação da natureza são pautadas por ações missionárias que identificam a relação que os fiéis têm com o *Lugar*. Os bispos direcionam essa relação com o *Lugar* através do método ver, julgar e agir, o que permite estar atentos à realidade do *Lugar* em seus processos históricos e presentes, com o intuito de dinamizar objetivos comuns, o que já remete a uma inter-relação de

necessidades concretas e levam os membros à ação, o que sugere experiências quantitativas e qualitativas; sendo estas últimas muito mais evidentes. Assim, observou-se uma abertura para a problemática social relacionando a fé com a vida que, mediada pelo caráter religioso, cria uma visão crítica da realidade.

Essa relação fica confirmada na tese, a partir do momento em que se nota que o *Lugar* é fonte de inspiração para a libertação de todo tipo de opressão, pois através de reivindicações, mobilizações e movimentos populares as comunidades lutam por mudanças locais em contextos políticos, econômicos, culturais, sociais e até mesmo religiosos.

Pode-se notar que nas CEBs a inspiração vem de uma dimensão libertadora, baseada na Teologia da Libertação, cuja convergência entre elementos como participação, senso comunitário, consciência política, reflexão e ação são eixos norteadores da dinâmica de fé e vida no *Lugar*.

Nesses preceitos, nota-se uma geograficidade que associa identidade e *Lugar*, criando uma percepção do espaço, principalmente em uma perspectiva coletiva. Observa-se, assim, que a compreensão dardeliana de espaço telúrico, espaço construído através dos preceitos de habitação, de construção, de cultivo e de circulação, passa a ser fundamental nesse campo religioso, criando relações afetivas.

Quando se analisa o conceito de *Lugar* no campo de estudo - Diocese de Ji-Paraná-RO - ficou mais evidente ainda. Através de suas diretrizes, a Igreja local entende que as relações com o *Lugar* possibilitam aos membros das comunidades a capacidade de ser de existir no *Lugar*, ou seja, ele existe, está ali, e se fazem necessárias ações concretas que modifiquem as realidades ali encontradas.

Nota-se essa preocupação quando as diretrizes trazem como base de reflexão os problemas existentes nesta região amazônica, como a desigualdade social, cultural e econômica, cujas causas são: economia globalizada; concentração de poder, de riqueza e informação nas mãos de poucos; a produtividade e o capitalismo desenfreado como valores se sobrepondo à vida digna; crescimento da exclusão; desemprego; crianças, jovens, adolescentes e idosos em situação de risco; exploração do trabalho infantil; trabalho escravo; prostituição; gravidez na adolescência e caos na saúde pública.

Nota-se que, na visão das CEBs, a região ainda sofre com problemas advindos da pobreza, agravados pela falta de acesso à terra própria, financiamento adequado, condições de vida digna e apoio à agricultura familiar. A falta de uma

reforma agrária e de punição exemplar a quem faz da terra apenas um negócio deixa a terra nas mãos de poucos e incrementa a violência no campo.

Nesse sentido, são propostas ações práticas que amenizem os impactos sobre as comunidades e também sobre a natureza na região. O Projeto Padre Ezequiel foi uma das ações concretas, proposto no intuito de ir à contramão desse processo. Através desse Projeto, foram criadas ações missionárias, com o objetivo realizar o fortalecimento da agricultura familiar, com viés agroecológico e ambiental; defesa da vida e dos direitos de crianças e adolescentes empobrecidos, em situação de risco e em conflito com a lei; capacitação e formação de agentes multiplicadores de saúde para atendimento nas comunidades; e fortalecimento e articulação das políticas públicas.

Acrescente-se a organização e a participação dos Conselhos de Direitos e Tutelares, de educação, atendimento à saúde a pequenos grupos de crianças envolvendo suas famílias, priorização na formação humana e na orientação para o trabalho através de oficinas artesanais, reaproveitamento e reciclagem e educação para o meio ambiente. No setor agrícola, a participação na capacitação dos agricultores, tendo como objetivo resgatar a importância da agricultura familiar.

Valorizando, com isso, as iniciativas e ações coletivas e visando a construção de uma sociedade participativa e solidária, respaldada em um modelo de desenvolvimento rural, socialmente justo e sustentável, enfocando, como premissa básica, a gestão dos recursos naturais existentes. Possibilitando, assim, esperança de vida digna e mudanças nas estruturas que geram a exclusão social.

Com o intuito de fornecer uma relação entre a teoria, o discurso e a prática, utilizou-se uma observação participante, análise de discurso/conteúdo e entrevistas, através de uma metodologia qualitativa com fundamentos fenomenológicos centrados nas informações e suas relações com a categoria geográfica em análise. Pois sua relação com a denominada pastoral de conjunto através do método ver-julgar- agir, traz uma profunda reflexão sobre a realidade e papel da comunidade religiosa diante dos desafios que se apresentam nos mais variados contextos em que a comunidade está inserida, principalmente nas perspectivas dos que vivem neste rincão amazônico e que convivem com especulação dos interesses internacionais em relação as riquezas naturais existentes na região. Neste sentido, as CEBs se tornam uma voz atuante em temas como preservação, conservação, sustentabilidade, exploração dos recursos naturais, desmatamento, biopirataria, indígena, entre muitas outras



temáticas que envolvem a Amazônia diante de um debate em escala geopolítica. Assim o método desenvolvido pelo CELAM desperta uma análise crítica e a capacidade de ler e interpretar a realidade, ligando religião e vida ao cotidiano dos fiéis e seguidores das CEBs. Dessa forma, os indivíduos percebem as coisas como elas são de fato, analisando as causas, os efeitos e os procedimentos que devem ser tomados pela comunidade para amenizar, ou até evitar danos maiores para a sociedade local. Isso se dá através de um julgamento com base no aprofundamento da fé cristã e na busca por uma vivência mais coletiva e uma renúncia a questões individuais, levando assim prerrogativas que implicam em uma ação em prol do outro, assim o grupo age pelo ver com ações que possam modificar o fato percebido.

Nesse sentido, nos discursos analisados, percebeu-se a forte ligação que as CEBs têm com os líderes e com os lugares. Pois os mesmos ressaltam em suas falas que essa ligação advém do contraste entre riqueza e pobreza, da condição de minoria de privilegiados diante de maioria marginalizada, sem esperança, sem sentido pela vida do outro.

De acordo com os entrevistados, as CEBs têm uma relação histórica no Estado de Rondônia, pois têm se organizado para uma realidade local de participação, o que leva os indivíduos a atuarem em sindicatos, movimentos sociais, grupos de reflexão como estratégia de intervenção nas questões existentes do cotidiano.

Ainda de acordo com o discurso, nota-se que a Diocese tem se preocupado com o bem-estar de todo o povo de suas comunidades e, por isso, incentiva, constantemente, a participar dos cursos de formação, dos cursos de políticas públicas, dos cursos de fé e política, reforçando a espiritualidade, e também dos cursos de teologia. As pessoas com um pouco mais de consciência da sua realidade, de convivência com a sua comunidade, podem discutir, conversar e eleger as prioridades que vão dialogar com a sua comunidade local e resolver os problemas que afligem essa população.

Nisso nota-se uma busca pela valorização do *Lugar*. O *Lugar* é para eles uma realização diante das dificuldades que ali são experimentadas e das vitórias que a comunidade alcança em meio a tantas adversidades. Esse cenário se revela através do caráter existencial que é dado pela interpretação bíblica, ou seja, é muito mais o *Lugar* do “agora”, do “aqui”.

Este estudo não pretende esgotar o assunto, isso porque análises com mais amostras seriam indicadas para que resultados mais aprofundados pudessem ser

alcançados. Para futuros estudos, recomenda-se a realização de entrevistas em outras Dioceses de Rondônia e do Brasil, com o intuito de refletir a questão existencial e sua relação com o *Lugar* nas Comunidades Eclesiais de Base em diferentes perspectivas como questões referentes a própria natureza humana e sua relação com espaço geográfico ou natural. Por isso, as CEBs podem proporcionar elementos para análise no campo científico que perpassam o campo religioso, temas como aculturação, inculturação, meio ambiente, povos indígenas, comunidades ribeirinhas, imigrantes, emigrantes, monocultura, êxodo rural, globalização no espaço amazônico, o projeto americano em relação ao crescimento das denominações evangélicas na região amazônica, entre muitos outros. Fica assim, várias lacunas que a tese aqui apresentada não pode abarcar e que podem ser exploradas no futuro por pesquisas no campo geográfico ou ciências afins.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONIAZZI, A. **A inculturação da fé cristã no Brasil de hoje.** In CAGNASSO, et al. **Desafios da missão.** São Paulo: Mundo e Missão, 1995.
- BACHELARD, G. **A Poética do Devaneio.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BALLESTEROS, Garcia Aurora, **Geografia y Humanismo.** Oikos-tau. Barcelona. 1992
- BAILLY, A. S. SCARIATI, R. **L' Humanisme em géographie** In: BAILLY, et al. **Les Concepts de la Géographie humaine,** Armand Colin, Paris, 1998. p: 213-221
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa. Edições 70, 2000.
- BENINCÁ, D. **CEBs nos trilhos da inclusão libertadora.** São Paulo: Paulus, 2006.
- BETTO, F. **O que é Comunidade Eclesial de Base.** São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BOFF, L. **A Igreja se fez Povo.** São Paulo: Vozes, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Contribuição da eclesiogênese brasileira à Igreja universal.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 81-82.
- \_\_\_\_\_. **Igreja, carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BEOZZO, José Oscar. **A Igreja latino-americana às vésperas do concílio. História do concílio ecumênico Vaticano II.** José Oscar Beozzo (org.) [tradução: João Rezende Costa]. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.
- BONATO, M. **Transformações do catolicismo brasileiro pós-Concílio Vaticano II: uma análise da ação pastoral do padre Alberto Antoniazzi.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) Programa de Pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas.** 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BUTTNER, Anne. **Geography, humanism and global concern.** Annals of the Association of American Geographers. 80(1): 1-33, 1990.
- BUTTNER, Anne. Social space in interdisciplinary perspective. **Geographical Review.** 59(4): 1969.

BUTTIMER, Anne, **Apreendendo o dinamismo do mundo vivido**. Transcrito dos **Annals of the Association of American Geographers**, 66 (2): 277-292, Junho 1976. Título do original: “**Grasping the dynamism of lifeworld**”. Tradução de Neide Piran e Antonio Chistofolletti. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.) *Perspectiva da Geografia*. DIFEL, SP. 1985, p. 185.

BUTTIMER, A. Grasping the dynamism of lifeworld. *In Annals of the Association of American Geographers*, 66 (2), 1979. p. 266-276.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CORDEIRO, Valdecir Luiz (Org.). **Do ventre da Terra, o grito que vem da Amazônia**. São Paulo: Paulus, 2008.

CORREA, M. F. N. **Territorialidade Católica na Amazônia**: um exercício de periodização. *ESPAÇO E CULTURA*, UERJ, RJ, N. 21, JANEIRO DE 2007.

CLAVAL P. **A geografia cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

DARDEL, Eric, **L’Homme et la Terre. Nature de la réalité géographique**. Ed. CTHS, Paris. 1990. p: 46 (Primeira edição francesa, PUF, Paris, 1952)

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. *in*: Os pensadores. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GARAUDY, R. **Apelo aos Vivos**. São Paulo: Flores, 2005.

GORMAN, R. **A visão dual**: Mito da ciência social fenomenológica. São Paulo: CEAS, 2005.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, abr.1995.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL FILHO, Fausto Sylvio Fausto. **Espaço sagrado**: estudos em geografia da religião. Curitiba: IBPEX, 2008.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da religião: reconstruções teóricas sob o idealismo crítico. Kozel, Salette, Org. Silva, Josué da Costa, Org. Gil Filho, Sylvio Fausto, Org. **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista.** São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: 2007. p. 207-222.

GRONDIN, J. **Introdução à hermenêutica filosófica.** São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

HOLZER, Werther. **A Influência de Eric Dardel na Construção da Geografia Humanista Norte Americana.** In Anais XVI ENG, Porto Alegre, 2010.

HUSSERL, E. **Ideias e Diretrizes para uma fenomenologia.** Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

KERL, Medard. **A Igreja: uma eclesiologia Católica.** São Paulo. Editora: Loyola. 1997).

LYOTARD, JEAN-François, **A fenomenologia. Biblioteca Básica de Filosofia.** Edições 70, Lisboa, p: 54.

LESBAUPIN, I.; RIBEIRO, L.; FIORIN, N.; RODRIGUES, S. **As CEBs hoje: síntese de uma pesquisa em Minas Gerais e Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro/São Leopoldo: Iser-Assessoria/CEBI, 2004. p. 19-20.

LIBANIO, J.B. **Prospectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina e no Caribe: trajetórias, diagnósticos, prospectivas. Cristianismo na América Latina e no Caribe: trajetórias, diagnósticos, prospectivas.** Wagner Lopes Sanches (coordenador). São Paulo: Paulinas, 2003. p. 307 – 349.

LOWY, M. **A Guerra dos Deuses: religião e política na América Latina.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MARANDOLA JÚNIOR, E. **Da existência e da experiência: origens de um pensar e fazer.** In Caderno de Geografia, v. 15, n. 24, Belo Horizonte, 2005. p. 49-67.

MATERA, Frank J. **Cristologia narrativa do Novo Testamento.** Petrópolis: Vozes, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico.** 1 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, M. **Representação Social e Simbolismo: os novos rumos da imaginação na sociologia brasileira.** IN: Revista de ciências humanas. Curitiba: Editora da UFPR, n.7/8, 1999, p. 173-193.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. CEBs, carismáticos católicos e transformação social. In: Sociedade de Teologia e Ciências da Religião - SOTER (Org.). **Religião e transformação social no Brasil hoje**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 11-24.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005.

PETRI, Fernanda.C. WEBER, Beatriz. **Os efeitos da globalização nos processo de integração dos blocos econômicos**. Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-Americana- UFSM - – Volume 2 - Número 2 – 2006.

RELPH, E. C. **As bases fenomenológicas da geografia**. In: **Geografia**, n. 4 vol.7, 1978. p. 1-25.

RELPH, Edward. **An inquiry into the relations between phenomenology and geography**. Canadian Geographer. 14 (3) 1970.

RICHARD, Pablo. **Força Ética e Espiritual da Teologia da Libertação no Contexto da Atual Globalização**. Tradução: Cristina Paixão Lopes. São Paulo: Paulinas, 2006.

ROSENDAHL, Zeny. **Território e territorialidade**: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p. 191-223.

RUBIO, A. G. **Teologia da Libertação**: política ou profetismo. São Paulo: Loyola, 1983.

SAUER, Carl. **The Morphology of landscape**. In: Leighly, J. (ed.). Land and Life – a Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer. Berkeley, Univ. of California Press, 1983.

SEFFRIN, Carmencita. **Experiência Religiosa, Uma Experiência de Sentido**. Sob o fogo do espírito/ Márcio Fabri dos Anjos (org.). – São Paulo: Paulinas, 1998. p. 289 – 301.

SELL, Carlos Eduardo; BRÜSEKE, Franz Josef. **Mística e Sociedade**. Itajaí: Univali; São Paulo: Paulinas, 2006.

SILVA, A. S; SYLVIO, S. F.G. **Geografia da Religião a partir das formas simbólicas em Ernst Cassirer: um estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil**. In Revista de Estudos da Religião, 2009. p. 73-91.

STEIL, Carlos Alberto. Oferta Simbólica e Mercado Religioso na Sociedade Global. Alberto da Silva Moreira, Irene Dias de Oliveira, (organizadores) - **O Futuro da Religião na Sociedade Global: uma perspectiva multicultural**. São Paulo: Paulinas: 2008. p. 7-16.

TORRES, Sergio. **A Igreja que surge da Base: Ecclesiologia das comunidades eclesiais de base: IV Congresso Internacional Ecumênico de Teologia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

## FONTES PRIMÁRIAS - ESTUDO DE CASO

### Fontes orais

#### - Entrevistas:

D.A.P. (bispo emérito da Arquidiocese de Porto Velho. Um dos pioneiros da Diocese de Ji-Paraná- RO. Um dos expoentes da Teologia da Libertação no Brasil). Entrevista cedida em 07 de agosto de 2012, na cidade de Porto Velho-RO.

D. B. P. (bispo da Diocese de Ji-Paraná – RO.) entrevista cedida em 18 de setembro de 2012. Na cidade de Ji-Paraná-RO.

F. A. A. (pioneira das CEBs na Diocese de Ji-Paraná. Líder ativa e membro atuante dos concelhos diocesanos das CEBs). Entrevista cedida em 28 de agosto de 2012, na cidade de Ji-Paraná-RO.

J.O.C. (líder das CEBs na Diocese e articulador das pastorais sociais, principalmente ligadas a políticas públicas). Entrevista cedida em 21 de setembro de 2012, na cidade de Ji-Paraná-RO.

J.A.O. (coordenador do Projeto Padre Ezequiel, uma das lideranças mais expressivas na atualidade das CEBs em âmbito diocesano, articulador de várias pastorais sociais). Entrevista cedida em 26 de julho de 2012 na cidade de Ji-Paraná-RO.

R. G. S. (diretora da TV Aparecida da Diocese de Ji-Paraná-RO. Responsável pela comunicação via televisão da Diocese de Ji-Paraná). Entrevista cedida em 18 de setembro de 2012, na cidade de Ji-Paraná- RO.

## FONTES SECUNDÁRIAS

CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN, 1968: **Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?** São Paulo: Paulinas, 1998.

CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE PUEBLA: **evangelização no presente e no futuro da América Latina / Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM)**. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

CONFERÊNCIA DE PUEBLA. Disponível em: <http://www.pjtaubate.org/2009/documentos/documentodePuebla.pdf>. Acesso em: 17/09/13.

CONCLUSÕES DA IV CONFERÊNCIA DE SANTO DOMINGO. São Paulo: Paulinas, 1992.

CONCLUSÕES DA IV CONFERÊNCIA DE SANTO DOMINGO: **nova evangelização, promoção humana, cultura cristã: texto oficial / Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM)**. 5. Ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Conclusões da Conferência de Santo Domingo**. São Paulo: Paulinas, 1992,

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL **Documento 53**: São Paulo. São Paulo: CNBB, 1995.

CONSELHO GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. **Puebla. evangelização no presente e no futuro da América Latina**. São Paulo: Paulinas, 2004.

CONSELHO GERAL DO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Católicos e políticos: uma identidade em tensão – quatro hipóteses sobre os limites e os alcances da presença dos católicos na política latino-americana**. São Paulo. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2006b.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Departamento de Liturgia. Liturgia para a América Latina: Documentos e estudos**. Traduziram: Amaro Cavalcanti, Maucyr Gibin e Dulcemar Silva Marciel. São Paulo, Ed. Paulinas, 1997.

DOCUMENTO DE APARECIDA: **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

DIOCESE DE JI-PARANÁ. **Plano de Pastoral Diocesano 2015**. Disponível em <<http://www.Diocese dejiparana.org.br>>. Acesso em: 01 de junho de 2015.

DIOCESE DE JI-PARANÁ. **Diretório Diocesano 2011**. Disponível em <<http://www.Diocese dejiparana.org.br>>. Acesso em: 13 de maio de 2015.

DIOCESE DE JI-PARANÁ. **Breve Histórico, Diretrizes, Missão**. Disponível em <<http://www.Diocese dejiparana.org.br>>. Acesso em: 25 de junho de 2012.

DOCUMENTO 92. **Mensagem ao povo de Deus sobre as Comunidades Eclesiais de Base**. São Paulo: Paulinas, 2010

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. **Evangelii Nuntiandi do Sumo Pontífice Paulo VI sobre a evangelização no mundo contemporâneo**. 20. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.



## APÊNDICES

## **APÊNDICE 1 - QUESTÕES UTILIZADAS NAS ENTREVISTAS**

### **Entrevista J. A. O.**

**01-** Entrevista de número um. Com José Aparecido de Oliveira. Ele é funcionário e colaborador na Diocese de Ji-Paraná no estado de Rondônia. José Aparecido me fale um pouco de você. Quem é você?

**02-** O que trouxe vocês a Rondônia?

**03 -** Como foi início do seu envolvimento com o catolicismo e com as Comunidades Eclesiais de Base?

**04 -** Dentro disso que você falou, o que representa as CEBs para você?

**05 -** Em relação às CEBs da Diocese de Ji-Paraná. Como você vê a caminhada das CEBs nessa Diocese?

**06 -** Quando você fala da realidade das CEBs, o que é essa realidade?

**07-** Na tua fala sobre realidade, você me leva a pensar muito numa identidade com o lugar, com o lugar espaço físico mais também com o lugar a partir da convivência com as pessoas. Como as CEBs veem essa questão do lugar?

**08 -** Você usou o termo inculturação. A gente percebe algumas linhas, alguns movimentos católicos uma forte rejeição a outras crenças, quando eu falo rejeição isso não quer dizer que não exista o respeito, ou seja, é como se não pudesse ou houvesse ecumenismo com outras crenças. Como as CEBs trabalham com isso, com essa inculturação, já que a gente vive numa região onde dentro do próprio cristianismo são diversas as denominações, fora as demais crenças que existem dos povos tradicionais, indígenas, ribeirinhos. Como as CEBs tratam disso?

**09 -** Ok. Tratando de CEBs na Diocese de Ji-Paraná, você que é uma liderança que a muito tempo está há frente dos trabalhos e é uma das pessoas que trabalham para difundir e caracterizar as CEBs tal como são, quais são as suas expectativas para as CEBs no contexto em que vive hoje a Diocese de Ji-Paraná?

**10 -** Você comentando a respeito das igrejas evangélicas do estado de Rondônia especificamente sobre o crescimento a gente já escutou muito do senso comum, por exemplo, em homílias de padres e de alguns sociólogos, nada científico em relação a Diocese, mas um contexto geral a nível de Brasil, um dos problemas que fez com que

as CEBs perdessem muitos seguidores foi o envolvimento com a questão política, e principalmente com esse viés marxista. O que você diz sobre isso?

**11** - Nós podemos considerar que as CEBs são movimentos do “aqui” e do “agora”, fugindo um pouco das regras dos movimentos mediáticos, por exemplo, os carismáticos que é um movimento que fica buscando um “lá”, um “depois”. É um movimento que prepara a pessoa para um mundo da fé. Você considera a CEBs contramão disso?

**12** - Ok. Vamos então falar um pouco do Projeto Padre Ezequiel. Você é uma das pessoas que coordena o Projeto. O que realmente faz com que o Projeto caminhe dentro da Diocese. O que é o Projeto Padre Ezequiel?

**13** - Qual o grande desafio que o projeto tem na realidade dessa Diocese? Como que vocês veem, onde esse projeto realmente pode, tem um desafio que ele precisa alcançar e vencer para que as CEBs realmente cumpram sua função missionária?

**14** - Em termos gerais. Quais os principais problemas nas Comunidades Eclesiais de Base da Diocese Ji-Paraná?

**15** - Como você vê os documentos Medellín, Puebla e Santo Domingo, eles são atuais para as Comunidade Eclesiais de Base? E se as CEBs vivem essa realidade?

**16** - Sobre o clero. Como você vê a caminhada, o apoio. A gente vê uma atuação dos padres midiáticos. Como você vê a atuação dos padres nessas Comunidades Eclesiais de Base?

**17**- Para concluir. Como você vê esses movimentos pentecostais? Esses movimentos de massa?

**18** - Estou vendo aqui um símbolo. Qual a simbologia dele?

## **Entrevista D.B. P.**

**01** - Entrevista com Dom Bruno Pedron, Bispo da Diocese de Ji-Paraná Estado de Rondônia. Tema: Comunidades Eclesiais de Base. Dom Bruno o que representa as CEBs na Diocese de Ji-Paraná?

**02** - A gente percebe que hoje a Igreja tem vários segmentos, com espiritualidades diferentes, até mesmo meios diferentes de interpretar a sagrada escritura. Como o senhor vê os desafios das CEBs diante esses movimentos internos e externos a Igreja Católica Apostólica Romana aqui na Diocese?

**03** - A Diocese de Ji-Paraná, em termos geográficos, é muito grande. Dentro dessa dinâmica espacial, como o senhor vê os desafios hoje para esse jeito de ser Igreja que é a Comunidade Eclesial de Base nessa região da Amazônia?

**04** - O senhor falou de anuência do poder público, historicamente a Diocese de Ji-Paraná tem um quadro de embates políticos no Estado de Rondônia. Como é que o senhor tanto da Igreja Católica Apostólica Romana quanto fora da Igreja, fazem acusações que as CEBs têm uma posição política muito forte, muito radical. Como o senhor vê isso?

**05** - Observando as diretrizes diocesanas e o plano de ação, eu observei que as atividades são muito voltadas para a realidade amazônica. Como é que o senhor vê essa visão das CEBs sobre o local, o lugar em que as pessoas vivem, no bairro, na zona rural? Eu achei muito bonito, trazer o evangelho para a realidade, a cultura do povo que ali está.

**06** - A gente percebe com base em estatísticas que mostram que essa região tem um número muito grande de denominações. E a gente percebe dentro dessa visão não tão teológica, mas a Diocese de Ji-Paraná com as CEBs tem uma visão mais prática, mais real, diferente de outros segmentos de outras teologias. A que se deve essa interpretação tão concreta das comunidades eclesiais de base? Além das interpretações tem a história da Igreja com as interpretações doutrinárias, como é que o senhor vê isso?

**07** - A gente observa dentro dessa visão cristã que há um discurso que há uma vida que nos espera em outra dimensão. Eu percebi que as CEBs é um movimento do aqui do agora. As pessoas estão preocupadas em organizar socialmente e coletivamente nessa realidade, mudar aqui e agora. Como o senhor vê isso?

**08** - Eu sei que são muitos os desafios, mas poderia dizer quais são os principais desafios na Comunidade Eclesial de Base na Diocese de Ji-Paraná?

**09** - Como o senhor vê o Projeto Padre Ezequiel?

*Entrevista D.A.P.*

**01** - Entrevista com Dom Antônio Possamai. Foi bispo da Diocese de Ji-Paraná e a proposta dessa entrevista é entender um pouco a construção das Comunidades Eclesiais de Base na Diocese de Ji-Paraná no Estado de Rondônia. Dom Antônio

gostaria que o senhor falasse um pouco da sua história, como foi a sua entrada na Igreja Católica Apostólica Romana, há quanto tempo, mais ou menos a vida sacerdotal do senhor.

**02** - Dom Antônio a gente sabe, conversando com algumas lideranças, em nível de Brasil, o senhor é um dos expoentes dentro da Igreja Católica Apostólica Romana, representa muito essa questão das Comunidades Eclesiais de Base. A Diocese que o senhor comandou durante décadas é uma Diocese referência. O que representam as CEBs na sua caminhada e dentro dessa realidade que o senhor encontrou aqui na Amazônia?

**03** - A gente sabe que tem uma acusação, não sei se essa seria a palavra, de parte da Igreja Católica Apostólica Romana e denominações evangélicas sobre essa questão de políticas nas CEBs. Como o senhor analisa isso?

**04** - Dom Antônio, a gente pode considerar as Comunidades Eclesiais de Base do aqui e do agora, ou seja, da prática, da vida real, vendo as coisas como elas realmente são. O que a gente percebe na mídia dos movimentos religiosos hoje, há um mundo que não é bem aí, que não é visível, é o mundo da fé. As Comunidades Eclesiais de Base é um movimento que prepara o indivíduo para a realidade. Como o senhor vê isso?

**05** - Ok. Dentre as diversas pastorais de a gente tem visto na Diocese de Ji-Paraná as CEBs a gente encontrou como projeto de destaque que surge nessa realidade que o senhor acabou de falar, é o Projeto Padre Ezequiel. O que significa esse projeto para o senhor?

**06** - Atualmente como o senhor vê o projeto desde o início até hoje. Qual é sua avaliação da caminhada do projeto?

**07** - Voltando as Comunidades Eclesiais de Base. Como o senhor vê, dentro da realidade amazônica, o senhor que é um homem que ajudou a construir essa realidade com a direção das Comunidades Eclesiais de Base? E Amazônia ainda tem muitos problemas a serem enfrentados. Como o senhor vê hoje os maiores desafios que as Comunidades Eclesiais de Base tem?

**08** - Estamos chegando no final, mas não poderia deixar de perguntar, quando se fala em Comunidades Eclesiais de Base, pelo menos a luz de quem está de fora, se fala muito em Medellín, Puebla e Santo Domingo, principalmente em Medellín e Puebla. Como o senhor vê esses documentos ainda são atuais na Igreja Católica Apostólica Romana principalmente na América Latina?

## **Entrevista J. O. C.**

**01** - Entrevista com Jair de Oliveira Chave, na Diocese de Ji-Paraná. Vinte e um de setembro de dois mil e doze.      Jair, o que representa para você a caminhada das Comunidades Eclesiais de Base nessa Diocese?

**02** - Como você vê diante do cenário religioso atual entre as diversas denominações, diversas interpretações bíblicas. Como você vê a importância das CEBs em manterem firme nos seus ideais, no seu propósito em ser igreja?

**03** - Diante esse cenário da Diocese de Ji-Paraná, tanto essas questões religiosas e políticas, até mesmo ambientais. Quais são suas expectativas do que as CEBs podem vir a promover ao ser humano nessa região?

**04** - É comum a gente ouvir, tanto na crítica literária quanto na mídia, como católicos ou não, as acusações de que as CEBs têm um envolvimento político que foge as expectativas dos moldes que a religiosidade poderia ter. Como você vê isso, esse linguajar que as CEBs são muito mais políticas que religiosas?

**05** - Quando você diz “realidade local” observando a literatura e conversando com lideranças, a gente observa que essa questão do local: o bairro, a rua, as coisas que existem ali em volta são muito importantes para os seguidores das CEBs, ou seja, o lugar passa a ter uma importância muito grande. Como você vê a importância de um movimento religioso, dessa identidade do indivíduo com o bairro, com o lugar.

**06** - Jair observa-se que em termos de interpretação de leitura da realidade as Comunidades Eclesiais de Base é um movimento aí de mídia dentro do cenário religioso brasileiro. Quais são os maiores desafios, ao seu ver, de um segmento que é tão pé no chão, que procura ter uma leitura da realidade, do concreto, do cotidiano. Quais são os maiores desafios para as CEBs hoje?

**07** - Ainda dentro desse contexto observa-se que, naquilo que nas ciências das religiões chamaria, de mercado religioso. Os maiores “problemas” são os movimentos pentecostais, tanto dentro da Igreja Católica Apostólica Romana como fora. E esses movimentos vão contra ideologicamente o que é as Comunidades Eclesiais de Base. Como você vê esses movimentos tanto externos quanto internos dentro do contexto do cristianismo brasileiro?

**08** - Sobre o Projeto Padre Ezequiel, qual a importância desse projeto para essa Diocese?

**09** - Como funciona essa formação desse setor?

**10** - Dentro desse contexto os participantes são leigos, padres? Somente aos católicos, ou é oferecido à comunidade em geral?

**11** - Em termos políticos qual é o maior desafio desse setor que você coordena hoje?

**12** - Hoje em dia vocês já conseguem perceber que a formação tem dado frutos nos municípios, nas paróquias. Já tem realidades que vocês percebem que está se tornando prático na realidade da comunidade?

**13** - Jair eu não poderia deixar de perguntar como que surgiu essa missão esse desejo, estamos falando de religião, isso tem a ver com chamado, com missão. Na sua vida como foi isso?

### **Entrevista R. G. S.**

**01** - Entrevista com Renata Garcia da Silva, cidade de Ji-Paraná no Estado Rondônia, dentro de uma rede comunicação Católica da Diocese de Ji-Paraná. Renata queria que você falasse um pouco da tua vivência e da tua caminhada com a Igreja local. Como é tua história dentro da Igreja de Ji-Paraná?

**02** - Como você poderia caracterizar a importância das Comunidades Eclesiais de Base, que é a formação da Igreja nessa região amazônica, na tua vida? Não só no profissional, como no espiritual, enfim, na tua vida. Hoje nesse contexto que você consegue ler o mundo que aí está?

**03** - Como você vê hoje a caminhada das Comunidades Eclesiais de Base tem toda uma história de luta, não é? Dentro dessas pesquisas a gente tem observado que essa Diocese é uma referência desse jeito de ser Igreja Católica Apostólica Romana. Como você observa hoje a caminhada das Comunidades Eclesiais de Base?

**04** - Você poderia, sei que são muitos, mas dentro da tua visão quais seriam os principais desafios hoje para o seguimento das Comunidades Eclesiais de Base?

**05** - Antes entrar mais a fundo na questão da comunicação, na tua fala a gente percebe que essa formação que as Comunidade Eclesiais de Base dão aos seus seguidores é uma formação que dá para ver o concreto, o cotidiano. O lugar é muito forte para vocês, o bairro, a escola, o posto de saúde. Essa questão geográfica é muito forte. Por outro lado, nós vemos que outros movimentos religiosos, outras denominações, onde essa coisa do lugar é superficial, que é uma questão teológica que se espera um outro lugar, um outro mundo. Como você vê isso a CEBs ser tão pé

no chão, para usar uma linguagem da literatura de vocês, e movimentos religiosos até mesmo dentro do catolicismo de uma vertente tão diferente. Como você analisa isso?

### **Entrevista F. A. A.**

**01** - Entrevista de número três com Francisca de Araújo de Azevedo. Com o tema Comunidades Eclesiais de Base da Diocese de Ji-Paraná Estado de Rondônia. Francisca eu queria que você falasse um pouco do que representa as Comunidades Eclesiais de Base para você.

**02** - Como você vê a caminhada das CEBs aqui na Diocese de Ji-paraná?

**03** - Quando você fala a palavra atuante, o que significa essa palavra no contexto das Comunidades Eclesiais de Base?

**04** - Dentro do contexto atual das comunidades, quais são as expectativas que você tem em relação às CEBs? Os desafios, os enfrentamentos de mostrar esse jeito de ser Igreja.

**05** - Dentro disso que você está falando. Qual seria a principal diferença entre as CEBs e esses movimentos dentro e fora da Igreja Católica Apostólica Romana?

**06** - Há certos comentários de leigos e das lideranças da Igreja da Diocese de Ji-Paraná de forma geral, de que as CEBs tiveram um envolvimento muito forte com a política. Como você, enquanto uma liderança antiga que faz parte da construção vê esse tipo de comentário?

**07** - Outra questão dentro disso que você está falando. Lendo e estudando a gente percebe que as Comunidades Eclesiais de Base é um seguimento religioso do aqui e do agora, como vocês dizem “uma Igreja com o pé no chão”, como você vê isso e dentro de uma realidade que fala de coisas tão distantes e tão superficiais?

**08** - Outra questão que não poderia de deixar de falar contigo é, por exemplo: como é ou o que é a Comunidade Eclesial de Base no bairro, para a rua que ela participa? O que representa a comunidade para o povo que mora ali em torno.

**09** - A gente nota que as CEBs com essa longa história aqui na Diocese formaram muitas pessoas para movimentos, como associações rurais. Em uma entrevista com o próprio Dom Antônio dizia isso que os movimentos surgiram das próprias comunidades. Como você vê a importância disso para sociedade de Rondônia não só para a Igreja Católica Apostólica Romana?



**10** - Tem muitos projetos e pastorais que surgem dentro das comunidades. Tem alguma em especial que você destaca, embora todos tenham relevância, para você tem algum em especial?

**11** - Em uma conversa você destacava a participação dos intereclesiais que já aconteceram no Brasil. Eu gostaria que você falasse do que ocorreu aqui em Rondônia. O que você viu? O que ficou desse intereclesial?

**12** - Daqui para a frente o que você espera, como você vê o futuro da Diocese aqui de Ji-Paraná?

**13** - Nesse advento dos meios de comunicação tem aparecido muitos padres mediático. Como você vê isso? A forma como eles trabalham, procurando se adequar um pouco a esses movimentos pentecostais e outras denominações pode ser uma barreira para as CEBs aparecer seu rosto dentro

## APÊNDICE 2 - TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DAS ENTREVISTAS

### **Entrevista J. A. O. (Apêndice 2.1)**

Local: Escritório do Projeto Padre Ezequiel

Cidade de Ji-Paraná – RO

Data: 26 de julho de 2012.

**José Ricardo.** Entrevista de número um. Com José Aparecido de Oliveira. Ele é funcionário e colaborador na Diocese de Ji-Paraná no Estado de Rondônia. José Aparecido me fala um pouco de você. Quem é você?

**J. A.O.** 1- *Eu sou leigo. Sou natural de Mato Grosso, da cidade de Rondonópolis e migrei para Rondônia há quarenta anos, no então Território Federal de Rondônia. Na vila de Rondônia hoje Ji-Paraná e nos instalamos por aqui. Minha família é de trabalhadores rurais, da roça. Meu pai procurou adquirir um pedaço de terra através do INCRA no Projeto Ouro Preto e lá moramos até hoje.*

**José Ricardo.** O que trouxe vocês a Rondônia?

**J. A.O.** (1) - *A necessidade de lugar para trabalhar. Nós morávamos no interior do Mato Grosso, onde os grandes fazendeiros iam comprando as terras dos menores. Tinha três opções: ir para Rondonópolis, ir para Cuiabá ou ir pra Amazonas, era como chamava. A gente não queria sair de lá, mas a necessidade fez com que viéssemos para cá.*

**José Ricardo.** Como foi início do seu envolvimento com o catolicismo e com as Comunidades Eclesiais de Base?

**J. A.O.** (2) - *Tudo vem com a gente, a fé vem na bagagem também. Naquela época não existia as comunidades, foi com reza do terço. Encontros nas casas das famílias que foram surgindo as comunidades iniciais. Nos domingos a gente conseguia reunir um grupo de famílias aí foram surgindo as necessidades de construir uma igreja. Em setenta e três, setenta e quatro surgiu uma pequena comunidade nossa senhora auxiliadora, em Ouro Preto surgia uma paróquia. Estava explodindo as Comunidades Eclesiais de Base lá para Mato Grosso, Minas Gerais, Espírito Santo o pessoal já vinha trazendo esse modelo de ser igreja. Eu cresci aprendendo a ser Igreja dentro das CEBs.*

**José Ricardo.** Dentro disso que você falou, o que representa as CEBs para você?

**J. A.O.** (3) - *As CEBs no meu ponto de vista é o jeito certo de ser Igreja. Jesus começou com seus discípulos com CEBs, ali eram pequenas comunidades. Lá em Atos dos Apóstolos a gente vê o primeiro e segundo retrato da comunidade é o modelo de CEBs é o modelo de Comunidade Eclesial de Base. Onde se partilha tudo, o pão, a palavra. O que caracteriza mesmo é a vida em comum, onde não se passava necessidade. Estamos longe de atingir esse retrato, mas as CEBs é o mais próximo do evangelho de ser Igreja.*

**José Ricardo.** Em relação às CEBs da Diocese de Ji-Paraná. Como você vê a caminhada das CEBs nessa Diocese?

**J. A.O.** (4) - *Eu vejo com bastante brilho. Nossas CEBs já tiveram seus momentos de mais ascensão, de mais vigor, de mais pulso. Mas ainda têm muita força. Não tenho os números exatos, mas na Diocese aproximamos mais de mil e trezentas Comunidades Eclesiais de Base e quase cinco mil grupos de reflexão que são pequenas CEBs dentro das CEBs. Então para mim as CEBs representam todo o fundamento da evangelização aqui da nossa realidade. Apesar de nesses últimos anos, tem aumentado a população voltada para o meio urbano, isso descaracteriza muito as CEBs. Na cidade a gente não conseguiu conviver com o mesmo modelo de vida do interior, nós nos isolamos mais na cidade. No interior nós somos mais próximos, na cidade se a gente tem que andar quatro quadras a gente acha longe, no sítio a gente tem disposição para andar três, quatro quilômetros.*

**José Ricardo.** Quando você fala da realidade das CEBs, o que é essa realidade?

**J. A.O.** (5) - *A realidade compreende todo conjunto da vida do povo. Das organizações populares, das organizações políticas. O que se celebra na Comunidade Eclesial de Base é a vida, se compreende a vida completa de cada dia no trabalho, o emprego, o desemprego. Temos que trazer para as CEBs aquilo que o povo vive no dia-a-dia. Não consigo ver uma comunidade lendo a palavra sem ligar à realidade do dia-a-dia, à realidade sofrida, à realidade festiva. (6) - Se nós temos motivo de festa trazemos a comunidade para celebrar. Se temos motivos de luta, de uma reivindicação, de uma conquista de terra ou de moradia, a gente traz para celebrar na comunidade, se tem gente, se tem gente nascendo, a gente celebra junto, se tem morrendo, a gente celebra junto. Acho que celebrar a vida é isso, conciliar a palavra e realidade. Onde se coloca no altar do Senhor para que aquilo se torne uma festa definitiva futuramente, mas essa festa tem que ser celebrada aqui materialmente, fisicamente.*

**José Ricardo.** Na tua fala sobre realidade, você me leva a pensar muito numa identidade com o lugar, com o lugar espaço físico mais também com o lugar a partir da convivência com as pessoas. Como que as CEBs vêem essa questão do lugar?

**J. A.O.** (7) - *Então, o lugar é o que identifica as pessoas, o nosso povo é um povo de migrantes, somos migrantes, eu sou migrante. Quem nasceu a 25,30 anos para cá tem mais possibilidade de ser aqui nativo, eu já sou a mais tempo. E aí a migração traz também isso, do desenraizamento das pessoas, é um povo que estava acostumado com uma realidade diferente, aqui o contexto é amazônico, então tudo, o clima, a vegetação, tudo aqui na Amazônia é diferenciado do Sudeste, do Sul, de onde muita gente veio do Nordeste. Então agora a gente tem que aprender uma nova identidade, viver e celebrar essa nova identidade que nós criamos.* (8) *A Igreja na Amazônia tem disso também, já havia aqui toda uma tradição nativa e a chegada dos estrangeiros, brasileiros estrangeiros que vem de outras regiões, houve um conflito de culturas, culturas de vida e cultura religiosa. Então digamos que a nossa cultura aqui de Rondônia ela tem menos de 40 anos, ou 40 anos que é quando o fluxo da migração se acentuou mais, então é uma realidade nova para nós, estamos ainda construindo.* (9). *Então precisamos criar alguns aspectos mais próprios como a própria música, dança, o jeito de rezar, acho que tem que ser mais inculturado com a realidade local, os pratos típicos. Rondônia precisa crescer um pouco nesse aspecto, o que o Estado do Acre tem com mais propriedade, o Estado do Pará tem com mais propriedade, o Amazonas, nós não temos, porque a gente é uma junção de muitos lugares e conseguimos constituir uma identidade mais uniforme, é um universo de culturas, mas que não tem uma cultura definida. Mas é uma realidade que nós estamos construindo, eu acho que está num bom caminho.*

**José Ricardo.** Você usou o termo inculturação. A gente percebe algumas linhas, alguns movimentos católicos uma forte rejeição a outras crenças, quando eu falo rejeição isso não quer dizer que não exista o respeito, ou seja, é como se não pudesse ou houvesse ecumenismo com outras crenças. Como as CEBs trabalham com isso, com essa inculturação, já que a gente vive numa região onde dentro do próprio cristianismo são diversas as denominações, fora as demais crenças que existem dos povos tradicionais, indígenas, ribeirinhos. Como as CEBs tratam disso?

**J. A.O.** (10) - *Então, as CEBs elas têm um dos princípios nossos de igreja, e não é somente com relação as CEBs mas toda igreja, nós temos uma dimensão ecumênica, uma dimensão de diálogo inter-religioso, que é maior do que o ecumenismo, o*

*ecumenismo trata de um diálogo mais interno dentro do cristianismo, o diálogo inter-religioso seria uma abertura maior a outras religiões, a outros princípios de fé. Então nas CEBs, ela trata isso com muito cuidado, se bem que a nossa prática ainda está um pouco distante, nós nos concentramos muito dentro do nosso meio religioso, do nosso meio católico, mas não que isso seja um princípio da CEBs, ela cuida dessa parte aí. Em alguns lugares a gente tem notícias, eu não tenho conhecimento prático, mas tem notícias de que há, realmente, um intercâmbio, uma relação muito próxima. (11) Nossa experiência aqui em relação a isso, somente em alguns eventos pontuais como Romaria, a Romaria da Terra e das Águas ela é realizada ecumenicamente, temos aqui a região de São Felipe, que é a paróquia de Pimenta Bueno, a Romaria da Bíblia, todos os anos ela é feita, o ano passado foi 25 anos, está se aproximando o vigésimo sexto ano, também ela é ecumênica, com o pessoal de outras Igrejas; são esses eventos pontuais, não se trata de uma convivência efetiva do dia-a-dia, porém, as CEBs nos seus princípios, ela trata disso também.*

**José Ricardo.** Ok. Tratando de CEBs na Diocese de Ji Paraná, você que é uma liderança que a muito tempo está à frente dos trabalhos e é uma das pessoas que trabalham para difundir e caracterizar as CEBs tal como são, quais são as suas expectativas para as CEBs no contexto em que vive hoje a Diocese de Ji Paraná?

**J. A.O.** (12) - *Olha, acho que a gente precisa de fazer uma redefinição, talvez um repensar o jeito de fazer Igreja, como eu falei, nós tínhamos uma população onde a maioria estava no meio rural, então nós tínhamos uma configuração de CEBs; hoje essa mesma população convive maior parte na cidade, e o pior, a gente não consegue que todas as pessoas que migram da roça para a cidade elas continuem participando de igreja, das comunidades na cidade, isso é fato também. Então parece que há uma acomodação muito grande, o que precisa? Da gente pensar agora um jeito de ser CEBs urbana, sem perder a identidade de Comunidade Eclesial de Base, sem perder os princípios, mas um jeito urbano de ser, ou seja, a gente procurar adaptar, porque a cidade tem um povo que trabalha em horários diferentes, onde todo mundo tem que trabalhar para garantir a sobrevivência, aí tem o problema das crianças, da juventude. (13). Nós não estamos conseguindo contemplar nas nossas comunidades de base a nossa juventude, então temos que pensar como que vamos atingir, não digo arrebanhar, mas atingir esses jovens para uma formação de igreja, uma formação crítica, de cristãos cidadãos. Nesse ponto, a nossa Diocese, eu acho que ela precisa dar uma despertada. O 12º Intereclesial ele deveria servir como pista para que a gente*

*possa agora adequando a nossa realidade. Então o 12º passou, foi em 2009, já estamos aproximando do 13º, e a gente ainda não viu isso na prática muito efetiva, ou seja, qual foi a bandeira que a Diocese levantou em relação as CEBs. Nós temos um grupo que está dinamizando, que está realizando encontros nos regionais, nas paróquias, então o grupo está cumprindo a parte dele enquanto responsável por dinamizar essa dimensão das CEBs. (14). Na verdade, as CEBs não deveriam ser uma dimensão, as CEBs é o todo da Igreja, então temos que pensar uma Diocese, uma Igreja Católica Apostólica Romana como Comunidade Eclesial de Base. Não existe outro modelo, se tentam implantar outros modelos, não parte do evangelho, então eu vejo assim, não estou dizendo que, mas eu penso que a Diocese, a Diocese como instituição, ela tinha que levantar uma bandeira mais definida com relação ao papel das CEBs hoje no contexto que a gente vive, onde nós temos uma população que convive mais no meio urbano, e os desafios do meio urbano a gente não está conseguindo dar respostas enquanto Igreja. E isso está dando o quê? Está dando vazão ao surgimento de outras igrejas, a multiplicação de igrejas, isso foi dado na estatística que saiu a pouco tempo na televisão, onde Rondônia é o maior estado evangélico do país. Então nós estamos com uma taxa de mais de 33% de evangélicos de diversas denominações e por quê? Porque nós não estamos conseguindo chegar, quando a gente chega lá outros já estão. Então eu penso que a gente precisa estudar isso, talvez dar uma clareada para todos nós sobre o papel das CEBs na atualidade e a importância dela no processo de evangelização do povo.*

**José Ricardo.** *Você comentando a respeito das igrejas evangélicas, e do Estado de Rondônia especificamente sobre seu crescimento a gente já escutou muito do senso comum, por exemplo, em homílias de padres e de alguns sociólogos, nada científico em relação a Diocese, mas um contexto geral a nível de Brasil, que um dos problemas que fez com que as CEBs perdessem muitos seguidores foi o envolvimento com a questão política, e principalmente com esse viés marxista. O que você diz sobre isso?*

**J. A.O. (15)** - *Eu acho que talvez tenha acontecido uma má interpretação, mas eu nunca vi as CEBs com esse perfil. Como eu falei para você, eu aprendi a ser e cresci na Igreja nesse modelo, e a gente aprendia a seguir esse jeito de ser Igreja também comparado com o segmento dos primeiros cristãos, então o jeito nosso de ser igreja, eu lembro o Dom Antônio como bispo nosso, então ele, a sua insistência, era exatamente isso, fazer com que as Comunidades Eclesiais de Base se aproximassem do retrato das primeiras comunidades dos apóstolos. Então eu via muito por esse lado,*

*eu cresci, a minha adolescência, a minha juventude, a vida de adulto, aprendendo esse jeito de ser Igreja comparando com as comunidades dos primeiros cristãos. (16) Então se houve, se há essa interpretação, esse jeito de pensar, mas eu penso que seja uma maneira equivocada de pensar a igreja, então porque, como eu falei a pouco tempo, a Igreja enquanto comunidade de base, enquanto Igreja pastora do povo, ela tem que se desenvolver com a vida do povo, então não dá pra ser Igreja somente cuidando da fé, a Igreja tem que cuidar da fé e da vida, porque se a Igreja não cuida do seu rebanho, ele dispersa pra outro canto, pra cuidar da vida tem que cuidar de todos os aspectos, também do político, principalmente o político, porque aquilo que os profetas repudiavam da atitude dos governantes era de serem maus pastores, então os profetas, eles estavam atentos aos governantes, os líderes políticos, que eram maus pastores, ou pastores de si mesmo, que se engordavam à custa das ovelhas. (17) Então isso é uma comparação que é feita com a vida do dia a dia, então a Igreja ela não é continuadora da missão de Jesus. Jesus não é o bom pastor que cuidava das suas ovelhas, então a Igreja deve cuidar sim da vida do povo, isso envolve, é claro, ela ter que falar contra os interesses de grupos políticos, então foi isso que a gente aprendeu, tivemos até momentos de muito conflito dentro dessa Igreja por quê? Porque tinha um pastor que falava em nome do rebanho, preocupado com a vida do rebanho, preocupado para que o rebanho não caísse em mãos de lobos, então eu tenho essa convicção, e é difícil mudar, acredito que é por aí.*

**José Ricardo.** Nós podemos considerar que as CEBs são movimentos do “aqui” e do “agora”, fugindo um pouco das regras dos movimentos mediáticos, por exemplo, os carismáticos que é um movimento que fica buscando um “lá”, um depois. É um movimento que prepara a pessoa para um mundo da fé. Você considera a CEBs contramão disso?

**J. A.O.** (18). *Eu vou tomar aqui a palavra de Dom Pedro Casaldáliga que para mim é um ícone de pastor que se destaca pela sua paixão pelos povos indígenas e aos pobres. Todo ano na sua prelazia tem a procissão dos mártires. Aí eu tomo aqui a palavra dele “as CEBs não é um movimento, mas uma constante movimentação”, as CEBs deve ser Igreja que está em constante movimentação. O movimento acontece em um contexto para dá resposta a uma situação. Passada aquela situação o movimento pode desaparecer. No caso a Igreja de Jesus Cristo não deve ser um movimento, nem deve constituir-se de movimentos, mas ela deve constituir-se de movimentações, ou seja, tem que estar sempre viva, atenta. Igreja que tem olhos para*

*ver, aí eu reporto lá ao êxodo três a provocação que Deus faz a Moisés é um Deus que viu, que ouviu e que de desceu. (19) É um Deus que tem ação, que tem olhos e ouvidos que desce e vai aos homens. As CEBs têm que ter essa mesma visão, a Igreja constitui-se de constante movimentação. Moisés era uma liderança que estava junto com o povo, as Comunidades Eclesiais de Base, como toda Igreja, procuram saídas com o povo, caminhando, seja atravessando mares ou desertos, mas está caminhando junto com o povo, eu tenho essa visão.*

**José Ricardo.** Ok. Vamos então falar um pouco do Projeto Padre Ezequiel. Você é uma das pessoas que coordena o projeto, o que realmente faz com que o projeto caminhe dentro da Diocese. O que é o Projeto Padre Ezequiel?

**J. A.O. (20)** - *Pois é, o Projeto Padre Ezequiel surgiu num contexto existente na Diocese já faz 24 anos, e surgiu exatamente no contexto de migrações; a Diocese na época recebia muitos migrantes, as cidades começavam a surgir e o povo estava assim meio disperso, e a preocupação do bispo na época era exatamente dar uma resposta a esse povo, ou fazer com que esse povo abrisse os olhos para que exigisse mais os seus direitos. Era muita gente que era vítima do sistema naquele tempo. O pessoal já vinha de uma realidade de exclusão, chegava aqui a exclusão continuava. (21). Estávamos há pouco tempo do martírio do Padre Ezequiel Ramin, missionário colombiano, ainda jovem, que foi morto exatamente pela causa dos pobres: sem-terra, indígenas da sua região aqui de Cacoal, onde a Diocese atendia parte do estado de Mato Grosso. E o Projeto surge para dar respostas a essa realidade, a questão da terra, conflitos constantes, conflitos agrários, não tanto só na conquista da terra, mas como alternativa para que as famílias permanecessem na terra. Então junto com o Projeto tinha também, logo em seguida, surgiram as escolas família agrícola, que tinha uma parceria muito grande, que eram alternativas que a Diocese via de fazer as famílias se fixarem na terra, criarem amor pela terra. (22) A questão da saúde, como não mudou muita coisa, naquele tempo era pior ainda a saúde pública, então surgiu o setor saúde que era para dar uma resposta alternativa, mas também na sua missão de exigir o cumprimento da saúde pública, a efetivação do SUS. O setor menor, que era um dos setores ainda, de menos adesão da Igreja que é a pastoral do menor, a gente trata dos direitos da criança e do adolescente, e a questão do analfabetismo, que na época era muito grande nas comunidades, muita gente reclamava de não poder ajudar na comunidade porque não sabia ler, então o bispo atento a isso, já criou dentro do projeto esse setor de alfabetização de jovens e adultos. O projeto deu uma*



resposta muito positiva, está dando ainda, mas digamos que naquele momento o projeto foi muito importante para o fortalecimento das Comunidades Eclesiais de Base, tinha uma atuação tanto rural quanto urbana, mas no meio rural, e ao longo desses 24 anos ele vem sendo essa presença. Então a gente vai adaptando um pouco os trabalhos, um pouco a realidade, de repente aquele setor de alfabetização e jovens e adultos foi superado, porque? (23) A gente viu que o governo também criou programas de alfabetização de jovens e adultos. Então nós substituímos por uma formação em políticas públicas, e dentro dessa formação em políticas públicas, aí tem um campo enorme, entra também a questão ambiental, entra a questão da economia solidária, entram vários aspectos dentro dessa questão do voto consciente, tudo dentro desse setor, então é um setor muito amplo, o setor cidadania. E os demais continuam, nós continuamos com a pastoral do menor, o setor criança e adolescente, a gente participa, o projeto, a Diocese que é a pessoa jurídica, é representada agentes do projeto no Conselho Estadual da Criança e do Adolescente, temos uma cadeira no conselho estadual que se reúne cada mês em Porto Velho. (24) O setor agrícola que cuida mais dessa parte da agroecologia, um novo jeito de dinamizar a propriedade rural, também está expandindo em parceria com outras entidades, com CARITAS, com outras entidades, com o sindicato, com a FETAGRO, ACARAM, diversas organizações, inclusive organizações também do governo na dinamização da agroecologia, quer dizer, nós estamos passando por um processo mais inovador, mas de forma sustentável para a região da Amazônia, e o setor, a pastoral da saúde, o que mais se expandiu com o tratamento alternativo, com a homeopatia, de outras terapias populares, temos presença em todas as paróquias, é o setor que tem adesão de todas as paróquias e o pessoal busca a saúde, e também temos a nossa incidência política dentro da pastoral da saúde que é a nossa participação em diversos conselhos municipais de saúde, quer dizer, a missão do setor é essa de dinamizar a questão da política de saúde para que as pessoas busquem o direito à saúde pública, então ela oferece um tratamento alternativo, mas ao mesmo tempo abre o olho das pessoas para exigir o direito à saúde pública. Então nós tivemos agora dia 24, o 27º ano do martírio do Padre Ezequiel, o projeto agora está caminhando para celebrar os seus 25 anos agora em 2013, então assim a gente tem perspectiva de que ele possa continuar respondendo, atendendo a necessidade do momento.

**José Ricardo.** Qual o grande desafio que o projeto tem na realidade dessa Diocese? Como que vocês veem, onde esse projeto realmente pode, tem um desafio que ele

precisa alcançar e vencer para que as CEBs realmente cumpram sua função missionária?

**J. A.O. (25).** *Olha, tem vários desafios, mas o que a gente sempre questiona é que ainda muito grande o número de pessoas que estão saindo da propriedade. Então a gente sempre se questiona isso, não é só o Projeto que acompanha, tem várias organizações que também acompanham grupos de trabalhadores rurais, e também tem essa frustração por ver muitas famílias abandonando a propriedade, vendendo, deixando e vindo morar na cidade. Então por isso que o Projeto está acompanhando e também promovendo uma rearticulação das organizações que estão mais ligadas ao trabalho no campo e já tem um nome essa rearticulação, Rede Agroecológica Terra sem Males, que seria a forma da gente está pensando maior, inclusive estamos dialogando com o governo, o atual governo do estado, pela criação de uma política agrícola e agroecológica, que não seja um programa passageiro, mais uma política permanente, pública, de favorecimento das famílias, que favoreçam mais as famílias a permanecerem no campo, porque junto com a permanência no campo também está a questão da educação no campo, o que está acontecendo hoje, porque as famílias, muitas delas, estão desistindo de ficarem na terra? Porque os filhos saíram das escolinhas rurais, com o corte das escolinhas rurais, o adolescente, o jovem passa a estudar na escola polo ou na cidade, tem os ônibus que levam e trazem. Isso é bom, não vamos dizer que isso é ruim, isso é bom, mas essa educação descontextualizada do meio rural dá ao jovem o desinteresse, o desestímulo de continuar na propriedade, as vezes até se constrange em dizer que mora no sítio, ou talvez direto ou indiretamente, algum professor diz “se você não estudar, você vai continuar lá na roça”, isso diminui a personalidade da pessoa, e não é isso que a gente pensa. (26) A pessoa tem que ter dignidade por morar, por produzir, por estar trabalhando, por sua família ter a arte de produzir, então talvez esse é o jeito que a gente está tentando apresentar e divulgar que é a maneira deles repensar a educação no campo, as escolas família agrícola estão aí com esse papel, mas são poucas as escolas família agrícola que estão nessa dimensão. Então a gente vê o governo atual interessado nessa questão e a gente está entrando junto para tentar, talvez, não a curto prazo, mas a médio prazo dar uma resposta satisfatória. Então um dos desafios é esse, e o segundo é pequeno, é urbano, é em relação a crescente onda de violência e de envolvimento dos jovens, adolescentes com as drogas e a violência. Esse é um desafio que não pesa só sobre o projeto, mas que pesa sobre todos nós enquanto*

*cristãos, enquanto cidadãos políticos a dar uma resposta efetiva, o que está levando o jovem, o adolescente em busca dessas fugas, essa fuga por meio da droga e da violência.*

**José Ricardo.** Em termos gerais. Quais os principais problemas nas Comunidades Eclesiais de Base da Diocese Ji-Paraná?

**J. A.O.** (27). *Tem o êxodo rural. De vez em quando ouvimos “ah! A comunidade tal está fechando, porque, as famílias se mudaram”. Uma pessoa compra vários lotes e as famílias se mudam e a comunidade fecha. As vezes surgem esses comentários e a gente fica triste. Na cidade eu acho que o desafio é a gente conseguir implantar, isso já vem sendo dito há muito tempo, é a pastoral urbana. Não seria uma pastoral há mais, mas seria um jeito urbano de fazer pastoral. Não teria que mudar nada, alterar nada. É como a gente vai dinamizar essa palavra, esse compromisso com o povo onde são outros interesses. Tudo muda quando vem para cidade e o que não deveria mudar seria a fé.* (28) *Uma das questões que não falamos e eu queria comentar agora. É a questão dos meios de comunicação. Acho que na cidade um desafio que, hoje, cidade e campo já não existem mais fronteira, inclusive os fracassos dos grupos de reflexão e CEBs foi depois da chegada da energia do campo. Tudo isso é bom, o desenvolvimento é bom. O uso da tecnologia que as vezes prejudica a fé. A gente vê que houve um enxugamento dos grupos de reflexão, das CEBs. Por que a mídia planta muitas coisas ao mesmo tempo que absorve a atenção das pessoas. O rádio, a TV, a internet. São formas em que as pessoas escapam. São válvulas de escape para se fazer um comentário crítico da realidade.* (29) *A gente vê que nossos jovens não têm mais aquela formação de antigamente, seja na pastoral da juventude seja na crisma. Como tantos jovens são crismados em todos os anos e com a falta de tanta gente para trabalhar nas comunidades se pergunta “até que ponto essa formação está sendo efetiva para esses jovens, que não lhes dão um discernimento para continuar um compromisso de comunidade?”. Esse modelo de formação está contaminado com a outra cultura midiática, isso está desviando o comportamento da nossa galera jovem. Eu vejo que seria desafio: romper com isso. Impor mais o nosso jeito de educação familiar cristão no meio midiático que está devorando, pela música, por tantas coisas.*

**José Ricardo.** Como você vê os documentos Medellín, Puebla e Santo Domingo, eles são atuais para as Comunidade Eclesiais de Base? E se as CEBs vivem essa realidade?

**J. A.O.** (30). *É, eu acho que a razão de sermos comunidade hoje é o Concílio que esse ano se comemora cinquenta anos, em onze de outubro João XXIII dava abertura do documento. Principalmente Medellín e Puebla são as respostas imediatas para nós. A Igreja foi para o plano horizontal, saiu da verticalidade. Eu creio que é sempre atual. A Igreja que é dirigida pelo Espírito Santo é sempre atual. O Espírito inspira sabedoria aos pastores, à doutrina social da Igreja, que está ligado ao novo jeito de ser igreja, para mim são eternos. (31) A todo tempo a gente pode recorrer que vai achar inspiração para respostas para o momento atual. Assim, também é com os documentos aqui da Amazônia. Há uma preocupação com a Amazônia por ser uma realidade diferenciada; a Igreja tem que agir de forma diferenciada. Seguindo o episcopal a Amazônia está em terra de missão, mais um desafio para a Igreja latino-americana e Aparecida é o que mais se aproxima de Medellín. A nossa Igreja precisa falar mais desses documentos. Eu lembro que Dom Antônio sempre se referia aos documentos da Igreja fundamento das opções dessa Diocese. Essa Diocese tem sua opção pelo mandamento de Jesus e depois pela ação social da Igreja. A gente enquanto leigo, batizado, quer que a Igreja caminhe de acordo com os documentos dela.*

**José Ricardo.** Sobre o clero. Como você vê a caminhada o apoio. A gente vê uma atuação dos padres midiáticos. Como você vê a atuação dos padres nessas Comunidades Eclesiais de Base?

**J. A.O.** (32). *Os nossos padres são frutos das nossas CEBs. A maioria que estão nas paróquias saíram das CEBs. O que a gente vê é que há uma super carga de trabalho para pouca gente. O que nós estamos vendo hoje é a saída das congregações das nossas Dioceses, com essa saída, das irmãs, está prejudicando o trabalho pastoral na paróquia. A gente pode dar passos para melhorar. O que necessita seja nas paróquias grandes e pequenas, é a formação dos leigos. Uma vez que a Igreja é ministerial ela saiu da hierarquia. Deveria investir mais nos ministros, nos catequistas. Outra coisa que pode ajudar é que nossa formação tem que ser dada na nossa realidade. Quando chegam novos padres há uma formação específica para ir se adequando a essa realidade. Eu não vejo que a formação fora aqui do lugar vá contribuir.*

**José Ricardo.** Para concluir. Como você vê esses movimentos pentecostais? Esses movimentos de massa?

**J. A.O.** (33). *Olha não posso falar muito porque não acompanho nenhum deles. Na minha paróquia tem, eles estão presentes. Eu vejo que eles são necessários para a igreja, como se criticou muito que as CEBs partem muito para o social, eu creio que quando se fala CEBs é uma completude de fé e vida. Eu acho que os movimentos são necessários para que se possa fazer esse equilíbrio esse tempero na Igreja. Eu penso que eles deverão existir, mas seguindo uma diretriz nossa. Eles devem ter sua formação dentro de um engajamento maior. Por exemplo, nós temos algumas atividades que não são criadas pela Diocese e a gente não vê essas pessoas nas organizações. (34). Por exemplo, as semanas sociais brasileira, quem vem debater os problemas sociais está todo dia em todas as formações. Eles deveriam trazer gente para se formar e dinamizar. O grito dos excluídos é outro projeto da CNBB, o nosso grito está ficando um gemido ou só fungadinho, porque, não se está ouvindo mais grito, nem mesmo as paróquias estão fazendo esse evento acontecer. No início foi muito forte, mas hoje nas homilias passa batido. Trazer de fato que é excluído para se manifestar. Eu não sou contra o movimento. Eu vejo que é um movimento que se faz necessário, porém deveria ter dentro dos seus regimentos os princípios da caminhada local. A quantidade de participação dessas pessoas fica muito aquém do volume que é esse movimento.*

**José Ricardo.** Estou vendo aqui um símbolo. Qual a simbologia dele?

**J. A.O.** (35) *Ele está passando por mudanças. As setas indicam o dinamismo do projeto, as flores seriam o resultado de um trabalho de uma conquista alcançada.*

## **Entrevista D. B. P. (Apêndice 2.2)**

Local: Escritório do Bispo na Cúria diocesana.

Cidade de Ji-Paraná – RO

Data: 18 de setembro de 2012.

Tempo da entrevista: 36: 50 minutos

**José Ricardo.** Entrevista com Dom Bruno Pedron. Bispo da Diocese de Ji-Paraná Estado de Rondônia. Tema: comunidades eclesiais de base. Dom Bruno o que representa as CEBs na Diocese de Ji-Paraná?

**D. B. P.** (01). *As CEBs em Ji-Paraná são a realidade da evangelização dessa região. A Diocese de Ji-Paraná se estende de Jaru, Teobrama, Jorge Teixeira até Vilhena, seguindo a BR com acesso aos municípios laterais. Uma Diocese que surgiu com problemas de migração, muita gente vindo de fora. Então surgiu a necessidade de montar comunidades para todo esse povo se reunir e um pouco mais, porque, no primeiro tempo da Diocese não havia estrada, não havia comunicação eram muitas dificuldades. Então a Igreja se preocupou em que as pessoas tivessem um momento de união entre eles, surgiram todas essas comunidades que fazem parte da nossa Diocese.* (02) *As Comunidades de Base, suas finalidades era viver o evangelho na sua origem, como comunidade, onde todos viviam unidos, partilhavam seus bens, ninguém passava necessidade, esse socorro mútuo um com outro. Uma ação social que a Igreja sempre defendeu desde as primeiras comunidades que se conhece, fundadas por Paulo. Então esse espírito procurou ser colocado dentro da nossa região, aqui na Amazônia. Outras Diocese se partiram também, para isso. A Igreja toda no Brasil está trabalhando dessa forma porque escolhemos está ao lado dos mais pobres e mais necessitados. Ajudá-los no caminho da fé, ajudá-los na promoção humana de justiça, de fortalecer a união entre eles. Esse é o significado das CEBs.*

**José Ricardo.** A gente percebe que hoje a Igreja tem vários seguimentos, com espiritualidades diferentes, até mesmo meios diferentes de interpretar a sagrada escritura. Como o senhor vê os desafios das CEBs diante esses movimentos internos e externos a Igreja Católica Apostólica Romana aqui na Diocese?

**D. B. P.** (03) *Na Diocese de Ji-Paraná sempre trabalhamos para uma unidade desses movimentos, para não haver uma separação de trabalho e ideais. A Igreja Católica Apostólica Romana sempre priorizou por uma diversidade, liberdade e democracia de pensamento, de desenvolvimento de sua espiritualidade. Usar o carisma, não deve ser para a desunião. Deve servir para união. Por exemplo, surgiu os carismáticos que é um movimento da Igreja que serve para reconduzir o pessoal para uma espiritualidade mais profunda, a luz do Espírito Santo. Eles se reúnem muito entre eles, fazem muitos momentos de oração. Outro empenho, na nossa Diocese de Ji-Paraná nós temos técnicos agrícolas que assessoram nossos agricultores com desenvolvimento sustentável, meio ambiente, jovens em perigo.* (04) *Pastoral da saúde. Tudo isso nós desenvolvemos através de um projeto que é financiado pela Igreja Católica Apostólica Romana lá da Europa, porém, muito nós investimos com todo esse pessoal. Então nós sentimos que uma Igreja na sua diversidade, seja*

*espiritual ou de atendimento ao povo em geral. Essa forma uma grande comunidade unida porque atende praticamente a todas as necessidades espirituais e também materiais, na vivência, no dia a dia. (05). Por isso que a Comunidade de Base tem o fundamento nisso, quando as experiências, que nós chamamos de pastorais ou de movimentos, essas experiências irão crescer a espiritualidade e o caminho da Igreja Católica Apostólica Romana junto ao povo. Quando esses movimentos trabalham com espírito de doação, de entrega e generosidade entre eles. Assim, eles criam verdadeiras comunidades entre eles, vivem ansiedade de encontrar o bispo, o sacerdote no meio deles para intensificar a vontade de servir a Deus.*

**José Ricardo.** A Diocese de Ji-Paraná, em termos geográficos, é muito grande. Dentro dessa dinâmica espacial como o senhor ver os desafios hoje para esse jeito de ser Igreja que é a Comunidade Eclesial de Base nessa região da Amazônia?

**D. B. P.** (06) *O desafio é superar as diferenças. Há muitos pobres e muitos ricos. Rondônia tem passado por um período de desenvolvimento muito grande, mas também de exploração muito grande. No encontro dos bispos em Santarém nós vivenciamos muito a preocupação com a destruição do meio ambiente, na exploração dos pobres, dos índios, dos agricultores. De todas essas hidrelétricas que estão surgindo aqui, só na nossa Diocese estão surgindo dezenove hidrelétricas. E esses lagos ocupam a terra de quem? Dos nossos agricultores. Não se preocupam em ocupar as grandes fazendas, os grandes produtores de gado, etc., esses não! Estão isentos. Os territórios dos pobres são praticamente roubados, vendem a preço de banana. Muitas vezes essas hidrelétricas crescem por interesse particular e não público. (07). Por exemplo, o Rio Branco lá no Alta Floresta está sendo explorado por empresa particular, ocupando áreas que muitas vezes prejudicam essas pobres criaturas que viviam com sua economia familiar. Tem que se transferir para onde? Para cidade. Outra grande preocupação nossa é a transferência dos moradores da zona rural para a zona urbana, muitos deles obrigados por causa dessa invasão. Outros, também, por poucos incentivos que se ofereçam para permanecerem na terra. Outro motivo hoje, a juventude com toda essa parafernália de mídia, ela é aliciada, motivada a buscar outro rumo para a família e não o rumo da agricultura, que naquela terra garantiria a sustentabilidade e a saúde deles. (08). Então temos um problema que esse povo que vem para a cidade não sabe fazer outra coisa que não tirar leite, plantar mandioca e colher banana, vem para a cidade fazer o quê? Então outro problema que se cria e nós temos em Jaru, Ouro Preto, Ji-Paraná, Médici, Cacoal,*

*Vilhena, Pimenta Bueno, Rolim de Moura, todas nossas cidades têm esses problemas: violência, drogas, prostituição, pedofilia isso passa a fazer parte da vida social que antes nem se imaginava que pudesse existir aqui. (09) O povo que vem para a cidade é sujeito a ser presa dessas grandes manobras do desenvolvimento da nossa região. Prejudica a parte humana, que chamo de inter-relação. Outro problema, os índios que nós temos aqui na nossa Diocese, são dezenove etnias, muitos deles encurralados, derrubados de suas riquezas. Os madeireiros estão invadindo suas reservas, eles pagam os índios, coitadinhos, não sabem o valor das coisas, tiram toda a madeira. Esses dias teve comigo um senhor que disse que lá em Machadinho, bem à beira da reserva dos Cintas-Larga, estão montando nove serrarias. Essas são as grandes aberrações, as grandes injustiças que estão cometendo aqui, com a anuência do poder público, porque, o poder público não faz nada para inibir essas coisas. Em troca do desenvolvimento estamos destruindo a natureza, a identidade de alguns povos, como os índios, tem os direitos de viver como nós, porque, eles também são criaturas humanas. A organização social sofre muito com essa mudança radical de comportamento da nossa sociedade.*

**José Ricardo.** O senhor falou de anuência do poder público, historicamente a Diocese de Ji-Paraná tem um quadro de embates políticos no Estado de Rondônia. Como é que o senhor tanto da Igreja Católica Apostólica Romana quanto fora da Igreja, fazem acusações que as CEBs têm uma posição política muito forte, muito radical. Como o senhor vê isso?

**D. B. P.** (10). *As CEBs não têm posição políticas, elas defendem seus direitos. Quando a comunidade é unida ela tem capacidade de se defender. As CEBs sempre foram comunidades de base, quer dizer que eles sentem suas necessidades, defendem suas necessidades e projetam para o futuro o desenvolvimento para o bem da sua comunidade e não ser sozinha como o resto da sociedade. A nossa Diocese sempre trabalhou para esclarecer as pessoas no setor político. Porque, é a política que manda. A lei da ficha limpa, nós trabalhamos muito para essa lei. Hoje temos um projeto “teu voto vale vidas” e todas as comunidades assumiram. Nós construímos que essas pessoas tivessem consciência, graças a Deus, de que não pode mais vender voto não. Esse conceito traz má fama para nós por aqueles políticos que corrompe e continuarão corrompendo o nosso povo e levando para frente uma política de interesses pessoais. (11) Essa é nossa luta e graças a Deus nosso povo já tem consciência disso. Graças a esses projetos sociais de conscientização sobre os*



*verdadeiros valores da sua vida. A política é necessária, nós não somos contrários à política, mas tem que ser uma política bem-feita. Porque toda essa corrupção? Sou bispo há cinco anos e nesse tempo recebo promessa de que a BR-364 será toda refeita, toda reestruturada, mas só há tapa-buraco e mal feito, pois tapa dois e fica três. Isso é corrupção. Nós promovemos abaixo-assinado, promovemos bloqueios na estrada. Porque isso? Porque a população tem o direito em andar numa estrada sem se matar. Nós temos todos os dias gente morrendo nessa BR-364. O DNIT é uma das maiores fontes de corrupção, sempre some dinheiro das obras. Eu fui lá em Vilhena e estão recapeando um trecho da BR que não precisava recapear. Nós estamos conscientizando nosso povo que essa situação não pode mais continuar. (12) A Comunidade de Base é necessária para que o povo tenha consciência dos seus direitos e que possa cobrar seus direitos. Muitas vezes as vozes dos nossos povos são caladas, compradas, aliciadas, não é?!*

**José Ricardo.** Observando as diretrizes diocesanas e o plano de ação, eu observei que as atividades são muito voltadas para a realidade amazônica. Como é que o senhor vê essa visão das CEBs sobre o local, o lugar em que as pessoas vivem, no bairro, na zona rural? Eu achei muito bonito, trazer o evangelho para a realidade, a cultura do povo que ali está.

**D. B. P.** (13). *Se você tira o evangelho daquilo que é real ao povo, você não pratica o evangelho. O que diz o evangelho? O respeito, a pessoa, a vida. Quando nós podemos preservar a vida? Com rios poluídos, matas derrubadas, planos de saúde que não funcionam. Quando nosso país promove todos esses métodos anticoncepcionais, nós somos contra, porque somos a favor da vida. Então dentro desse projeto, nós também aliamos com outros que servem para a vida. O nosso Projeto de preservar a natureza, o Projeto Padre Ezequiel é um modo de preservar a vida, é um modo de agir como o evangelho quer. Dizia São Tiago “mostra tua fé sem as obras que te mostra a minha com a obras”. (14). Quando você vê uma comunidade que não tem mais capacidade de se manter por causa dos desmatamentos, temos mudanças do clima. Nós temos mudanças de costumes do nosso povo, não comem mais coisas naturais. Aí tem doenças a mais porque consomem esses venenos que são usados para cultivar e mostrar uma coisa bonita. Nossos projetos estão atrelados a preservação da natureza, da vida.*

**José Ricardo.** A gente percebe com base em estatísticas que mostram que essa região tem um número muito grande de denominações. E a gente percebe dentro

dessa visão não tão teológica, mas a Diocese de Ji-Paraná com as CEBs tem uma visão mais prática, mais real, diferente de outros segmentos de outras teologias. A que se deve essa interpretação tão concreta das Comunidades Eclesiais de Base? Além das interpretações tem a história da Igreja com as interpretações doutrinárias, como é que o senhor vê isso?

**D. B. P.** (15). *Há uma história da Igreja que nos favorece, nos orienta para isso. Aqui como Diocese nós oferecemos um momento de reflexão. A comunidade se reúne e dentro do material tem a parte doutrinal e a parte vivencial. É aquela gotinha de água que permanece sempre lá incentivando. Eles sentem a necessidade de ação comunitária. Diferentes de muitas denominações por aí, esses dias veio um senhor aí dizendo que foi lá com um pastor e disse para ele que estava precisando disso e o pastor disse que era para ele que essas coisas materiais, era para ir à Igreja Católica Apostólica Romana, ele disse “nós te damos a palavra de Deus”. Nós devemos identificar o que é verdadeiramente o espírito do evangelho. Você já viu Jesus pedir dinheiro? Os apóstolos pedir dinheiro? (16) São subversão de valores que há por traz dos falsos profetas que exploram nossa população que infelizmente não foi bem educada, não foi bem iluminada não foi bem esclarecida. Nosso país precisa de uma reforma muito grande de vida social para que se entenda que isso que está acontecendo no Brasil é um absurdo, pessoas explorando de várias formas. A nossa sociedade está corrompida dentro de uma corrupção que nós não podemos apoiar.*

**José Ricardo.** A gente observa dentro dessa visão cristã que um discurso que há uma vida que nos espera em outra dimensão. Eu percebi que as CEBs é um movimento do aqui do agora. As pessoas estão preocupadas em organizar socialmente e coletivamente nessa realidade, mudar aqui e agora. Como o senhor vê isso?

**D. B. P.** (17). *Infelizmente, nós criticamos nossas CEBs. Elas estão perdendo um pouco o fim originário disso aí, que é evangelizar. Evangelizar quer dizer: mostrar o caminho do céu. Algumas comunidades acham que fazendo as coisas mais materiais conseguem também a felicidade, pode ser que consiga a felicidade, mas não é esse o caminho das CEBs, que é evangelizar, conhecer mais a palavra de Deus e viver mais a palavra de Deus. Mas vivemos nesse mundo. Numa realidade que está contaminando o nosso povo. Nossas CEBs estão sendo influenciada por esse materialismo. Depois aparece alguém oferecendo felicidade por um dízimo maior e se vende facilmente. (18) Lideranças das nossas CEBs, por exemplo, passaram a*

*frequentar outras igrejas e fazem isso porque dizem vão para o céu porque pagam. Mas você vai para o céu porque faz a vontade de Deus. Antigamente era mais fácil, porque, não havia tanta opção de escolha, tantas correntes. Mas nós hoje vemos um retorno muito grande. Estão cansando. Muitos vêm comigo, com outros padres dizendo “como posso voltar para minha igreja, não sei não, esse não sei não é demonstração de quê? Que há um descontentamento. Nossa Igreja não é fundada por qualquer um, não foi um papa que inventou. Foi fundada por Jesus Cristo. Um senhor de uns sessenta anos de idade veio comigo dizer que não sabia que nossa Igreja tinha sido fundada por Jesus Cristo.*

**José Ricardo.** Eu sei que são muitos os desafios, mas poderia dizer quais são os principais desafios na Comunidade Eclesial de Base na Diocese de Ji-Paraná?

**D. B. P.** (19) *Primeiro desafio seria adquirir a identidade originária. Segunda coisa é eles conseguirem voltarem a ser Comunidade de Base que evangeliza. Esses são os maiores desafios.*

**José Ricardo.** Como o senhor vê o Projeto Padre Ezequiel?

**D. B. P.** (20) *O Projeto Padre Ezequiel vai fazer vinte cinco anos. Iniciado por Dom Antônio Possamai. Esse Projeto é uma identidade da nossa Diocese, ele chega às pessoas mais necessitadas, chega a dar mais confianças para as pessoas ficarem nas suas terras, para ter mais resultados nas suas terras. Há hortas comunitárias que estão dando muitos frutos, projetos de preservação do ambiente. O técnico agrícola orienta muito. Nós temos quatro escolas agrícolas na Diocese. Houve jovem que causou revolução no seu lote. Nós temos aí uns mil jovens. Agora temos um convênio com o governo do estado e com ajuda do Projeto Padre Ezequiel as escolas estão indo bem.*

### **Entrevista D. A. P. (Apêndice 2.3)**

Local: Escritório da Paroquia Dom Bosco.

Cidade: Porto Velho – RO

Data: 07 de agosto de 2012.

Tempo da entrevista: 37: 13 minutos

**José Ricardo.** Entrevista com Dom Antônio Possamai. Foi bispo da Diocese de Ji-Paraná e a proposta dessa entrevista é entender um pouco a construção das Comunidades Eclesiais de Base na Diocese de Ji-Paraná no Estado de Rondônia. Dom Antônio gostaria que o senhor falasse um pouco da sua história, como foi a sua entrada na Igreja Católica Apostólica Romana, há quanto tempo, mais ou menos a vida sacerdotal do senhor.

**D. A. P.** (01) *Bem, a minha vida sacerdotal está sendo uma resposta a um chamado que eu entendi que Deus foi me fazendo, desde o início da minha vida. Partindo de uma família profundamente cristã. Mas também um cristianismo engajado na igreja, principalmente meu pai, minhas irmãs, meus irmãos, mais minha mãe e outros tios. Um ambiente de muita fé naquela época não existia Comunidades Eclesiais de Base, mas a comunidade Católica era o centro da vida. Foi aí nesse fermento que eu senti o chamado de Deus e ingressei na congregação salesiana e no sacerdócio para me entregar totalmente à evangelização.* (02) *Como padre, fui enviado em regiões bastante desafiadoras. Periferia de cidades, lugares com muita violência e de muita pobreza e foi aí que senti que Deus me chamava para me entregar totalmente para esse tipo de gente, aqueles que eram marginalizados. Lá pelas tantas eu fui enviado pela minha congregação para o nordeste, aonde convivi um tempo com Dom Elder Câmara do qual suguei muita coisa para minha vida sacerdotal de lá eu fui feito bispo de Ji-Paraná, desde mil novecentos e oitenta e três. E para cá eu vim, para um lugar desconhecido que tinha ouvido falar, mas não sabia nada a respeito e aqui descobri que Rondônia estava sendo habitada por centenas de milhares de pessoas que o sul e o leste marginalizou para dar lugar ao latifúndio da soja lá no Paraná; ao eucalipto no Espírito Santo; para dar lugar a usina hidrelétrica de Itaipu no Paraná.* (03) *E esse povo todo teve que sair forçado para uma região, a Amazônia, Rondônia que na época o governo militar não conhecia. Infelizmente, não conhecia absolutamente, ou queriam desconhecer dizendo que aqui era uma terra sem gente, então era gente para terra. Para eles aqui não morava ninguém, para eles índios não era gente, ribeirinho não era gente, seringueiro não era gente. Era todo o povão que morava aqui, na nossa Rondônia, na nossa Amazônia naquela época. Simplesmente, foram incentivando centenas de milhares de pequenos agricultores para vir para cá, sem lhe dar, porém, a base para encontrar a solução para seus problemas.* (04). *Não fizeram a reforma agrária, não se preocuparam em dar a infraestrutura, aquilo que é necessário para alguém vencer na vida. Quando aqui cheguei, em mil novecentos e oitenta e três, já*

*tinha passado o tempo forte de migração, foi ainda na década de setenta. Estava praticamente de auge da migração, caminhos e caminhos depois de semanas, até mesmo meses, de viagem nos atoleiros, nos areais aqui chegavam e eram despejados na praça da igreja, nas praças das cidadezinhas que estamos começando a nascer e eles que se virassem. Então esse foi o ambiente que encontrei aqui. (05). Isso me interpelou. Diante dessa realidade, o que fazer como Igreja? Existia, já, há quatro cinco anos a prelazia de Ji-Paraná. Já tinha começado um trabalho bonito a partir das Comunidades Eclesiais de Base; o que eu fiz foi assumir o que já havia começado e aprofunda e ir para frente. Esse foi um pouco do ambiente da chegada aqui, que eu vi. O que eu vi naquela época era floresta, era a realidade da mata virgem. Era realidade de muita malária e leishmaniose. A realidade de um povo abandonado que tinha deixado uma realidade melhor de onde vinha, do Paraná ou do Espírito Santo, e de outras regiões, aonde já usufruíam de um certo bem-estar. Mas tiveram que começar tudo do zero. (06) Da floresta, da derrubada, do barraco, quando lá já tinham uma casa, tinham um certo bem-estar, outros tinham que iniciar o barraco com folha de babaçu, defender-se dos animais selvagens, dos mosquitos portadores da malária. Consequentemente ver muita gente morrer por falta de assistência médica e muita gente desanimar por falta de justa distribuição da terra.*

**José Ricardo.** Dom Antônio a gente sabe, conversando com algumas lideranças, em nível de Brasil, o senhor é um dos expoentes dentro da Igreja Católica Apostólica Romana, representa muito essa questão das comunidades eclesiais de base. A Diocese que o senhor comandou durante décadas é uma Diocese referência. O que representam as CEBs na sua caminhada e dentro dessa realidade que o senhor encontrou aqui na Amazônia?

**D. A. P.** (07). Bem, eu vou começar um pouco antes das CEBs. As vezes nós, na nossa Igreja Católica Apostólica Romana começamos nossas iniciativas a partir de degraus superiores e não nos preocupamos com os primeiros degraus. O que quer dizer com isto? Muitas vezes nós chamamos alguém, um líder para trabalhar na igreja, por exemplo, dirigir uma Comunidade de Base, mas ele não tem base cristã, às vezes sim tem uma base sindical lá não muito boa e base cristã nem sempre tem. A preocupação que a gente teve na Diocese foi de fundamentar a caminhada do povo a partir da fé. Esse povão todo que chegava que era distribuído ou ele mesmo se distribuía ao longo das linhas, as chamadas estradas, viviam distante um do outro, quinhentos metros, duzentos metros esse povo estava lá abandonado. (08) O primeiro

trabalho que a gente teve foi de organizar esse povo todo em grupos de reflexão. Colocar nas mãos deles um subsídio preparado pela Diocese de iniciação de vida cristã a partir da realidade que eles viviam. Esse povo se reunia em grupos seis, sete, dez, toda semana, famílias para debruçar-se sobre a Palavra de Deus, a Bíblia era sempre fundamento, ligada à realidade “o que nós estamos vivendo? “. E sempre “porque”, “porque nós estamos assim? “. E sempre em busca de um passo adiante: “e agora, o que vamos fazer daqui para adiante? “. (09). Esses grupos, chamados, de grupos de reflexão aos poucos por iniciativa deles sentiram a necessidade de celebrar a fé. Então, foram fazendo surgir a Comunidade de Base em que se reuniam para celebrar o culto da palavra, eles se organizavam, escolhiam os líderes, os leitores, os pregadores da palavra, os diversos ministros, os coordenadores da comunidade eram eles que escolhiam não era o padre. O padre ia duas ou três vezes por ano e já encontrava o povo organizado a partir de orientações que a Diocese ia enviando. Dessas Comunidades Eclesiais de Base, ou ao mesmo tempo, surgiu a necessidade do povo se organizar também socialmente, daí então foram surgindo as associações dos pequenos agricultores. Surgiram centenas de associações para se defender, de quem? Dos atravessadores. (10). À medida que eles iam produzindo milho, arroz, feijão em grande abundância, naquela época a terra era fértil, eles iam sendo explorados pelos atravessadores da cidade, que os exploravam no preço e no peso. Então surgiram centenas de associações. Fomos muito ajudados por missionários da Alemanha que nos inspirou, em parte, e nos ajudou financiando a aquisição de máquinas para beneficiar o arroz, o feijão que o povo ia pagando com produtos agrícolas aos poucos, não pagavam com dinheiro, pagavam com aquilo que eles produziam. Isso ajudou muita gente para não remigrar e fracassar na vida. Eles não quiseram cooperativas, pois, eles vinham com experiências dolorosas de cooperativas de outros lugares, principalmente do Paraná onde alguns espertalhões se apropriavam dos seus bens e depois se mandava. (11). Eles queriam associações do jeito deles, com estatutos feitos por eles, com responsáveis escolhidos por eles. Daí foram surgindo os sindicatos por inspiração bíblica. Os sindicatos dos trabalhadores rurais foi fruto dessas Comunidades Eclesiais de Base, foi a partir dessa realidade. Além dos grupos de reflexão e além da celebração dominical, sempre fundamentada sob subsídios preparados pela Diocese, fazendo a leitura da realidade em que o povo vivia, nunca aceitamos importar produtos feitos pelas grandes editoras do sul do Brasil, porque, não falava o linguajar do povo, não falavam a realidade daqui. (12) .

*Então, fomos elaborando, com auxílio do povo, desse material do processo educativo, preparar para eucaristia, para confissão, para tantas coisas. A partir daí surgiram necessidades que julgamos que deveríamos dar atenção. Primeira necessidade: formar teologicamente esse povo, então nós fundamos a escola de teologia Padre Ezequiel Ramin; ela existe desde o oitenta e cinco [1985] e existe até hoje, sempre com aquela quantidade de boa, com dois anos e meio ou três e formou uma porção de gente que sabia por quê. Porque que eu devo lutar? O que Deus tem a me dizer, diante essa realidade de exploração, de doença, de miséria? Surgiu depois, por pedido do povo, a escola de fé e política. Foi a primeira escola de fé e política do Brasil. (13) Diversas Diocese s quando souberam dos resultados me pediram orientações de como fazer. E a gente mandava para eles os programas que nós tínhamos e foram surgindo escolas muito melhores que a de Ji-Paraná já calcadas em experiências. Essa escola com mais de vinte anos formou muitas consciências não tanto para alcançar o poder; sim, tivemos prefeitos ex-alunos dessa escola, tivemos deputados, vereadores que honraram o nome da escola, tivemos alguma decepção, é claro, nesse mundo de corrupção é quase impossível não ser vítima do respingo da corrupção, mas a maioria honrou o nome da escola e continua honrando. Aqui recebo telefonemas dizendo que, “olha, concluí o curso”. (14). Havia a realidade da doença. Daí o motivo dessas cidades formarem a pastoral da saúde que começou a partir da ciência do povo, do conhecimento do povo. Como é que foi? Alguém teve a ideia de perguntar numa reunião “quem é que cuidava de doentes em casa? ” Aí uma porção de gente “eu faço chá, faço isso, faço aquilo”. O primeiro convite que a Diocese fez: que trabalha com ervas, com plantas, com pomadas, etc. Venham para uma reunião e tragam as plantas que usam. Foi assim que começou a escola da pastoral da saúde. Escola que persiste até hoje. Daí se passou para homeopatia e para outras especializações. Já publicaram dois livros sobre saúde que trouxeram resultados a Diocese. Tudo isso na compreensão que a gente teve do que é Comunidade Eclesial de Base. O que eu quero dizer é que a Diocese a partir dessa opção tornou-se uma Diocese laical, não clerical, laical. Com isso não quero dizer que o padre não é necessário. É necessário. Sem padre não há eucaristia e sem eucaristia não há Igreja. Mas eram poucos os padres. Aqueles centros que mandaram migrantes para Rondônia, não mandaram missionários juntos. (15) O povo recebia a visita do padre duas ou três vezes por ano. Até sustentavam com a celebração da palavra que também é presença de cristo. É uma Diocese marcadamente laical. Não sei como*

*está agora, já estou fora de lá há cinco anos, tanto é que alguns padres estranhavam quando chegavam, uns diziam, “mas aqui há lugar para mim?” Os leigos faziam tudo o que competia a eles, para o padre ficava o essencial que era a grande orientação e era principalmente a celebração. Batismos eram os leigos que ministravam, casamentos eram os leigos que celebravam, com autorização do bispo. Com isso o padre fica livre para estudar mais, para se organizar melhor e estar presente organizando os diversos cursos e escolas que as diversas paróquias iam fundando para a formação do povo.*

**José Ricardo.** A gente sabe que tem uma acusação, não sei se essa seria a palavra, de parte da Igreja Católica Apostólica Romana e denominações evangélicas sobre essa questão de políticas nas CEBs. Como o senhor analisa isso?

**D. A. P.** (16). *Bem, não é possível viver a fé sem política. Tanto assim que, a escola que fundamos foi a escola de fé e política. Jesus Cristo foi profundamente político, não era do partido do imperador, não era erudiano, mas ele era político. Porque diante uma realidade de injustiças ele profetizou contra as injustiças isso é fazer política, ele profetizou contra a fome ele profetizou contra a fome, multiplicando peixe, pão. Diante o estado de doença, que o Estado não supria, ele praticou a política de curar os doentes. Não é concebível sermos católicos, ou cristãos que qualquer outra igreja, sem o empenho pelo político, pela ordem, pela boa vivência da cidade. As Comunidades Eclesiais de Base são políticas sim e devem ser.*

**José Ricardo.** Dom Antônio, a gente pode considerar as Comunidades Eclesiais de Base do aqui e do agora, ou seja, da prática, da vida real, vendo as coisas como elas realmente são. O que a gente percebe na mídia dos movimentos religiosos hoje, há um mundo que não é bem aí, que não é visível, é o mundo da fé. As Comunidades Eclesiais de Base é um movimento que prepara o indivíduo para a realidade. Como o senhor ver isso?

**D. A. P.** (17). *Primeiramente eu quero corrigir, com todo respeito, comunidade não é movimento. A palavra movimento, hoje na Igreja, nem sempre tem bom sentido anda muito na linha do proselitismo, na linha de um certo fanatismo, anda na linha de fundamentalismo. Comunidade é a forma de ser Igreja. Comunidade Eclesial de Base é a forma de ser Igreja, é a identidade da Igreja, é como a Igreja começou. Quando Jesus começou a formar a sua comunidade ele chamou doze pessoas, nós sabemos e os evangélicos falam que havia outras pessoas que acompanhavam Jesus, era um pequeno grupo. No dia de pentecoste era a pequena comunidade que estava reunida*



*junto com Maria, e aí vem o Espírito Santo. (18) E a pregação acontecia em pequenas comunidades onde havia o presbítero, o diácono, onde havia aqueles que serviam os pobres, onde distribuíam esmolas aos mais carentes. A Igreja sempre foi comunidade de base. É da essência da igreja. Não é movimento. Não ser simplesmente pequena comunidade, porque, de pequenas comunidades o Brasil está cheio, mas sem um compromisso com o povo, sem nem um compromisso libertador, com a justiça. Existem pequenas comunidades. A da Igreja Católica Apostólica Romana é comunidade cristã de base, tem Jesus Cristo como fonte, como inspiração, como o ideal a ser seguido.*

**José Ricardo.** Ok. Dentre as diversas pastorais de a gente tem visto na Diocese de Ji-Paraná as CEBs a gente encontrou como projeto de destaque que surge nessa realidade que o senhor acabou de falar, é o Projeto Padre Ezequiel. O que significa esse projeto para o senhor?

**D. A. P.** (19). *Foi a tentativa de dar uma resposta a situação em que o povo vivia. Abandonado na distribuição da terra, abandonado no campo da saúde, uma imensidão de gente analfabeta, essa era nossa realidade por aqui. Precisávamos dar uma resposta, começamos a montar o projeto. Enviamos o projeto para um amigo, que é o Alfredo e ele olhou o projeto, não gostou. Ele veio da Alemanha para sentar conosco para nos dizer o que seria bom, nos escutou, deu sugestões e deu a garantia que nos acompanharia financeiramente, em certa medida, não no todo. E assim surgiu o Padre Ezequiel. Com o setor agrícola, setor alfabetização, eu não entendo como vinham do Paraná tanta gente analfabeta, o setor da saúde e o do menor. A partir daí o projeto só foi se enraizando e crescendo cada vez mais.*

**José Ricardo.** Atualmente como o senhor vê o projeto desde o início até hoje. Qual é sua avaliação da caminhada do projeto?

**D. A., P:** (20). *Eu penso que o projeto. Continua nesse processo de amadurecimento e, portanto, de adaptação da história atual. Não tenho muitos dados nas mãos, mas eu sei que o projeto alfabetização de adultos, já não é mais necessário, então substituíram por um setor cidadania, um nome parecido assim. Ele foi evoluindo conforme a história. Isso é bonito. Há desafios novos então como nós vamos responder a esses novos desafios?*

**José Ricardo.** Voltando as Comunidades Eclesiais de Base. Como o senhor vê, dentro da realidade amazônica, o senhor que é um homem que ajudou a construir essa realidade com a direção das Comunidades Eclesiais de Base? E Amazônia

ainda tem muitos problemas a serem enfrentados. Como o senhor vê hoje os maiores desafios que as Comunidades Eclesiais de Base tem?

**D. A. P.** (21). *Não fazemos propaganda disso, mas praticamente nós aqui na Amazônia, nós precedemos os tempos. Celebramos, no começo de julho, os quarenta anos do encontro de Santarém foi em mil novecentos e setenta e dois, quando as prioridades foram estas comunidades cristã de base, como resposta a realidade da migração dos grandes projetos como transamazônica, perimetral norte. Como resposta e também como nova postura da igreja, que vinha de prelazias e Diocese isoladas, sem se conhecerem e sem ter uma pastoral de conjunto, optaram por comunidades cristã de base. (22) A partir daí começou toda uma mudança na vida da Igreja na Amazônia. Aqueles pequenos grupos de católicos que viviam na periferia dos rios, que se reuniam apenas de ano em ano ou de dois em dois anos, ou na festa do padroeiro ou nada mais. Totalmente desconhecedoras dos conteúdos da nossa fé, começaram então uma mudança. A se reunir toda semana, pouco a pouco, e a estudar, e aí fora a surgindo as lutas do povo, por exemplo, contra a pesca predatória, contra o desmatamento. A luta nos diversos rios da Amazônia, os ribeirinhos, pescadores enfrentaram as grandes empresas que entravam com seus aparelhos super sofisticados e acabavam com o peixe. Incrível. As pessoas da beira do rio chegaram a passar fome porque não tinha mais peixes. A partir das Comunidades Eclesiais de Base é que o povo tomou consciência que tinha que defender a sua fonte de vida, que era o peixe que era a terra. (23). Nesse encontro encontramos uma porção de razões para louvar a Deus pelo progresso que houve. Uma das conclusões mais fortes que eles repetiram era uma Igreja profética e uma Igreja fundamentada nas Comunidades Eclesiais de Base. O nosso episcopado sente que as Comunidades Eclesiais de Base foi um sucesso e que se deve continuar priorizando esse jeito de ser Igreja. A nossa Igreja como ela está? Ela está passando por situações difíceis. Porque, hoje, é uma Igreja abandonada pelos governantes, uma Igreja espoliada pelo grande capital, é uma Igreja abandonada, um povo abandonado por todas as formas. Falando religiosamente, agora, está havendo um despertar, porém, a meu ver, bastante lento, da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, enviar missionários para cá. Estão chegando missionários leigos, missionários religiosos, mas muito poucos diante a necessidade em que vivemos. Precisamos ser marcadamente laical e fundamentalmente nas Comunidades Eclesiais de Base. Esta é a solução que estamos achando para a Igreja Católica Apostólica Romana aqui na Amazônia.*

**José Ricardo.** Estamos chegando no final, mas não poderia deixar de perguntar, quando se fala em Comunidades Eclesiais de Base, pelo menos a luz de quem está de fora, se fala muito em Medellín, Puebla e Santo Domingo, principalmente em Medellín e Puebla. Como o senhor vê esses documentos ainda são atuais na Igreja Católica Apostólica Romana principalmente na América Latina?

**D. A. P.** (24) *Sem dúvida. Medellín foi um acontecimento revolucionário na Igreja da América Latina, em sessenta e cinco tinha terminado o Concílio Vaticano II, em sessenta e oito foi o primeiro episcopado mundial para traduzir o Concílio Vaticano II para a realidade da América Latina e saiu esse maravilhoso documento de Medellín até hoje insuperável, continua tão válido quanto ele saiu. Assustou os governos militares da América Latina, causou muita perseguição à Igreja e produziu muito mártires por causa da sua fidelidade a Igreja e foi o grande inspirador das Comunidades Eclesiais de Base. Onze anos depois veio o Puebla, no México, que confirmou e avançou e vestiu novamente a camisa da preferência pelos pobres e como método as Comunidades Eclesiais de Base. (25). Depois veio Santo Domingo, que não insistiu muito nesse tema, mas sim, valorizou as Comunidades Eclesiais de Base, valorizou muito a cultura, que foi um passo muito importante, a cultura do negro, a cultura do índio, a cultura do povo latino-americano que deve ser respeitada e libertando de certos estilos de Igreja europeia, que já não fala mais à nossa Igreja da América Latina. E tivemos agora Aparecida embora tivesse uma corrente muito forte contra as Comunidades Eclesiais de Base, conseguimos a aprovação delas com páginas muito ricas sobre esse tema. É um tema atual e repito: sem elas não há igreja.*

#### **Entrevista J. O. C. (Apêndice 2.4)**

Local: Centro de Formação da Diocese de Ji-Paraná

Cidade: Ji-Paraná – RO

Data: 21 de setembro de 2012.

Tempo da entrevista: 18: 10 minutos

**José Ricardo.** Entrevista com Jair de Oliveira Chave, na Diocese de Ji-Paraná. Vinte e um de setembro de dois mil e doze. Jair, o que representa para você as caminhadas das Comunidades Eclesiais de Base nessa Diocese?

**J. O. C.** (01) *Bom, as Comunidades Eclesiais de Base as CEBs, né?! Na Diocese de Ji-Paraná é praticamente a base da Igreja Católica Apostólica Romana aqui. Sendo aí mil e trezentas comunidades, na Diocese, em torno de vinte oito municípios. Aonde todas essas comunidades participam e mantêm a Diocese de Ji-Paraná. E hoje ela representando as pastorais, protagonizando aí nas comunidades rurais e também nas comunidades urbanas. As pessoas que participam das CEBs têm a experiência de missão religiosa e política podendo intervir diretamente na realidade de cada município onde essas pessoas convivem, seja na área rural ou seja na área urbana. Essas comunidades de base representam a população constantemente reivindicando seus direitos nas políticas públicas. Exigindo melhorias seja de infraestrutura, seja na questão social, seja na questão religiosa, para melhoria da população.*

**José Ricardo.** Como você vê diante do cenário religioso atual entre as diversas denominações, diversas interpretações bíblicas. Como você vê a importância das CEBs em manterem firme nos seus ideais, no seu propósito em ser Igreja?

**J. O. C.** (02) *Bom. Nossa realidade a gente vê muitas igrejas sendo formadas em todos os municípios. Mas as comunidades católicas, as CEBs se mantêm firmes no seu propósito de caminhada de Igreja iluminada à luz da mensagem da Bíblia. À luz da mensagem de Cristo, do Deus que ilumina a caminhada do povo. A fé sem a obra é morta, por isso as CEBs são momento de fortalecer a espiritualidade e também propor ações para melhoria do povo cristão.*

**José Ricardo.** Diante desse cenário da Diocese de Ji-Paraná, tanto essas questões religiosas e políticas, até mesmo ambientais. Quais são suas expectativas do que as CEBs podem vir a promover ao ser humano nessa região?

**J. O. C.** (03) *Bom, as Comunidades Eclesiais de Base que tem a sua relação histórica no Estado de Rondônia. Pode estar se organizando, pode estar na sua realidade local participando nos sindicatos, nos movimentos sociais, nos grupos de reflexão e assim de fato intervindo. Elaborando assim, suas propostas, suas ideias e podendo cobrar do poder municipal, a nível de região, a nível de Diocese, melhorias para o povo da sociedade.*

**José Ricardo.** (04). É comum a gente ouvir, tanto na crítica literária quanto na mídia, como católicos ou não, as acusações de que as CEBs têm um envolvimento político que foge as expectativas dos moldes que a religiosidade poderia ter. Como você vê esse linguajar que as CEBs são muito mais políticas que religiosa?

**J. O. C.** (05) *Bom, nós vivemos em uma sociedade. Nós temos que ter uma posição política, não necessariamente partidária. Por que a Igreja aceita todos os partidos. A gente precisa de uma incidência mais dos problemas sociais que acontecem na realidade. Por isso as comunidades bem organizadas, bem articuladas elas podem discutir propostas, discutir ideias e intervir juntos ao poder municipal. As Comunidades Eclesiais de Base tendo força para cobrar mais dos vereadores, cobrar mais dos prefeitos e também dos deputados estaduais e federais, e do governo do estado melhorias para beneficiar seu município, sua realidade local.*

**José Ricardo.** Quando você diz “realidade local” observando a literatura e conversando com lideranças, a gente observa que essa questão do local: o bairro, a rua, as coisas que existem ali envolta são muito importantes para os seguidores das CEBs, ou seja, o lugar passa a ter uma importância muito grande. Como você vê a importância de um movimento religioso, dessa identidade do indivíduo com o bairro, com o lugar.

**J. O. C.** (06). *Primeiramente as pessoas vivem num território. Vivem num lugar. E vive em comunidade. Por isso comunidade eclesial de base, nesse além da espiritualidade, da fé, do amor que ela tem, tem que estar lutando pelo seu benefício da melhoria da comunidade seja ela na área urbana, seja ela na área rural. E a Diocese tem se preocupado com o bem-estar de todo povo de suas comunidades, de suas CEBs. E assim, então, incentiva constantemente a participar dos cursos de formação, aos cursos de políticas públicas, cursos de fé e política reforçando assim a espiritualidade também os cursos de teologia. As pessoas com um pouco mais de consciência da sua realidade de convivência com a sua comunidade ela pode então discutir, conversar e eleger as prioridades que vai dialogar com a sua comunidade local e resolver os problemas que afligem essa população.*

**José Ricardo.** Jair observa-se que em termos de interpretação de leitura da realidade as Comunidades Eclesiais de Base é um movimento aí de mídia dentro do cenário religioso brasileiro. Quais são os maiores desafios, ao seu ver, de um segmento que é tão pé no chão, que procura ter uma leitura da realidade, do concreto, do cotidiano. Quais são os maiores desafios para as CEBs hoje?

**J. O. C.** (07) *O desafio da Comunidade Eclesial de Base é manter a espiritualidade, a fé e a realidade. Que é um dos princípios básicos dela. Estar mobilizando, motivando. Toda essa população toda essa comunidade, para que possa intervir na realidade onde essas pessoas vivem. Outra questão é também envolver tanto os jovens,*

*envolver as pessoas na catequese, esses são alguns desafios que as CEBs têm pela frente. Para manter esse movimento temos também ir politizando e fortalecendo a fé dessa juventude e futuramente dessas crianças para que se possa ter a continuidade desses movimentos das Comunidades Eclesiais de Base.*

**José Ricardo:** Ainda dentro desse contexto observa-se que, naquilo que nas ciências das religiões chamaria, de mercado religioso. Os maiores “problemas” são os movimentos pentecostais, tanto dentro da Igreja Católica Apostólica Romana como fora. E esses movimentos vão contra ideologicamente o que é as Comunidades Eclesiais de Base. Como você vê esses movimentos tanto externos quanto internos dentro do contexto do cristianismo brasileiro?

**J. O. C.** (08). *Existem outras religiões que priorizam a missão, a reza, a oração, e as Comunidades Eclesiais de Base tem no seu fortalecimento essa relação principalmente à fé e ação. Diferentemente desses outros movimentos que priorizam só a espiritualidade e também seus objetivos de grupos particulares.*

**José Ricardo.** Sobre o Projeto Padre Ezequiel, qual a importância desse projeto para essa Diocese?

**J. O. C.** (09) *O Projeto Padre Ezequiel na Diocese de Ji-Paraná é composto por alguns setores, dentre eles o setor saúde que trabalha a homeopatia popular; o setor agrícola desenvolvendo técnicas em agroecologia; o setor jovem e adolescente trabalhando com jovens e adolescentes e principalmente o setor cidadania que iniciou trabalhando com a alfabetização de jovens e adultos. Ao longo do tempo foi se ampliando para um conceito mais amplo de cidadania onde as pessoas podem ter a participação e essa intervenção política através do exercício dessa cidadania. (10) O setor cidadania nasceu com o objetivo de ir capacitando essas lideranças dos diferentes setores e também as lideranças de comunidades eclesiais de base. Para que elas possam está diretamente lá nas suas comunidades intervindo junto ao poder público municipal, podendo participar de conselhos municipais seja nas áreas de cultura, saúde, educação para que possa definir quais políticas públicas dos municípios, para que de fato possa atender lá dessa população e ajudando a definir as políticas, as leis e também no orçamento público.*

**José Ricardo.** Como funciona essa formação desse setor?

**J. O. C.** (11) *O setor cidadania no Projeto Padre Ezequiel aqui da Diocese de Ji-Paraná tem um curso de formação continuada em políticas públicas onde tem parceria com o instituto Agostinho Casterron de Brasília e também parceria com a (UCB) -*

*Universidade Católica de Brasília, juntamente com a Diocese, onde desenvolve o curso com duração de três anos, com três etapas ao ano. Podendo assim, ter uma formação teórica e depois a pessoa, dentro da metodologia estabelecida no curso, intervindo na sua realidade local. Fazendo levantamento dos principais problemas, trazendo a síntese do que fez nesse levantamento e sistematizando a realidade e dialogando entre uma etapa e outra durante os três anos de realização desse curso.*

**José Ricardo.** Dentro desse contexto os participantes são leigos, padres? Somente aos católicos, ou é oferecido à comunidade em geral?

**J. O. C.** (12). *Os cursos são abertos principalmente, na sua grande maioria, para os municípios ligados a Diocese de Ji-Paraná. Independente de religião as pessoas podem se inscrever. Tendo principal público ligado a comunidades católicas, mas temos também pessoas ligadas a outras religiões.*

**José Ricardo.** Em termos políticos qual é o maior desafio desse setor que você coordena hoje?

**J. O. C.** (13) *O maior desafio que a gente vê nas políticas públicas, é a gente poder fazer uma intervenção estratégica para que possa de fato intervir e propor lá nos conselhos municipais políticas públicas para que de fato atender a questão da saúde, da agricultura, da criança e dos adolescentes. E assim as pessoas possam exercer a cidadania lá na sua realidade local com maior intervenção das comunidades.*

**José Ricardo.** Hoje em dia vocês já conseguem perceber que a formação tem dado frutos nos municípios, nas paróquias. Já tem realidades que vocês percebem que está se tornando prático na realidade da comunidade?

**J. O. C.** (14). *Sim. Nós já temos o segundo curso. Já temos relatos informações de pessoas que já estão inseridas em conselhos municipais, em secretarias e em câmaras municipais podendo intervir diretamente, sugerir, propor participando diretamente e propor melhorias nas políticas públicas locais.*

**José Ricardo.** Jair eu não poderia deixar de perguntar como que surgiu essa missão, esse desejo, estamos falando de religião, isso tem a ver com chamado, com missão. Na sua vida como foi isso?

**J. O. C.** (15). *Eu particularmente sempre participei da Igreja Católica Apostólica Romana, dessa realidade local e assim desde criança formado na catequese, participando do grupo de jovens nas comunidades e da realidade local. Assumindo coordenações e assim participando dos cursos de formação da Igreja e assim fomos construindo uma caminhada e hoje assumimos o setor de cidadania do Projeto Padre*

*Ezequiel para que a gente possa contribuir ainda mais na formação de mais pessoas que possa intervir nas realidades locais criando assim as políticas públicas ajudando a sociedade.*

### **Entrevista R. G. S. (Apêndice 2.5).**

Local: Sede da TV Aparecida de Ji-Paraná.

Cidade de Ji-Paraná – RO

Data: 18 de setembro de 2012.

Duração do áudio 13: 06 min

**José Ricardo.** Entrevista com Renata Garcia da Silva, cidade de Ji-Paraná no Estado Rondônia, dentro de uma rede comunicação Católica da Diocese de Ji-Paraná. Renata queria que você falasse um pouco da tua vivência e da tua caminhada com a Igreja local. Como é tua história dentro da Igreja de Ji-Paraná?

**R. G. S.** (01) *Bom. Disso nós partimos de uma história pregressa. Minha família é uma família de imigrantes, como boa parte dos formadores do estado de Rondônia. Nós chegamos aqui no ano de mil novecentos e oitenta e quatro, um ano depois foi a morte do Padre Ezequiel Ramin. Nós sempre frequentamos né?! Sempre fomos católicos sempre frequentamos a igreja. Na época a Igreja mais próxima era uma comunidade São Sebastião que não existia ainda enquanto prédio, a gente ia para a escola agrícola onde hoje é a UNIR [Fundação Universidade Federal de Rondônia]. Nós nos reuníamos ali para fazer as orações. Depois o padre começou a seguir uma caminhada conosco até que fizemos umas festas e conseguimos construir a Igreja São Sebastião, a primeira. Depois chegamos até onde estamos, né?! A minha família permanece frequentando ali. (02). Eu me lembro que na época eu fazia o primeiro ano do colegial eu tinha um professor de literatura, Francisco Espinhara, ele era uma pessoa muito politizada e ele nos convidava para participar de encontros que falavam sobre política e fé lá no salão, onde hoje é, a Paróquia São Sebastião. Lá também é o centro dos imigrantes, que tem tudo a ver com a história da minha família e com tantas outras famílias aqui do interior do estado. Quando criança, voltando de férias, tínhamos ido visitar minha irmã em Governador Valadares, eu ouvi pelo rádio a notícia*



*da morte do Padre Ezequiel Ramin que havia sido assassinado. (03). Eu era uma menina, eu achei aquilo uma coisa absurda! Como é que alguém assassina um padre?! E aí ouvia “nossa é por questões da terra”. Aquilo tudo ficou marcado gravado dentro de mim e eu nunca me esqueci. Depois quando comecei a estudar e a ler comecei a entender esses fios que iam tecendo por trás da morte de um padre. Hoje estou aqui ajudando e falando a contar a história desse padre e a história da Diocese.*

**José Ricardo.** Como você poderia caracterizar a importância das Comunidades Eclesiais de Base, que é a formação da Igreja nessa região amazônica, na tua vida? Não só no profissional, como no espiritual, enfim, na tua vida. Hoje nesse contexto que você consegue ler o mundo que aí está?

**R. G. S.** (04). *Eu acho que isso é um ponto muito importante. Porque as Comunidades Eclesiais de Base é um povo, não nem se quer uma Igreja. O que era a Paróquia São Sebastião naquela época? Não era nada. Era apenas pessoas que se reúnem em nome da fé, no desejo que busca do crescimento espiritual e no desejo de encontro, por que, as pessoas que vão em busca do fortalecimento do espiritual, não é só no plano espiritual, também no plano material. Quando se encontram conversam, falam da vida, elas trocam experiências. E gente se encontrava em uma escola. Não existia parede de Igreja, a Igreja ainda era um sonho e já estava lá sendo fortalecida através das pessoas. E as Comunidades Eclesiais de Base são isso: as pessoas. (05) Pessoas que se reúnem, que discutem situações. Eu me lembro que a gente debatia muito nas questões ligadas à nossa realidade, a nossa vivência, as dúvidas, as dores. Mais futuramente nós nos reuníamos para adquirir conhecimento. Conhecimento político, o que estava acontecendo nos meandros ideológicos daquela época, né?! Isso foi muito importante, pois vieram leituras e vieram esclarecimentos desejos de busca de conhecimento e pelo fortalecimento espiritual.*

**José Ricardo.** Como você vê hoje a caminhada das Comunidades Eclesiais de Base tem toda uma história de luta, não é? Dentro dessas pesquisas a gente tem observado que essa Diocese é uma referência desse jeito de ser Igreja Católica Apostólica Romana. Como você observa hoje a caminhada das Comunidades Eclesiais de Base?

**R. G. S.** (06). *Eu vejo que, apesar de tantas dificuldades do nosso tempo, que é um tempo desagregador. Ao contrário daquela época que nós chegamos aqui nos anos oitenta e meados dos anos noventa quando nos reuníamos para discutir e debater e fortalecer ideias. Imagina eu era uma menina e a gente fazia movimento desto da escola que a gente participava desses encontros lá na Paróquia São Sebastião. (07) O mais bacana, o mais bonito é que eram pesadores eram professores pessoas que estavam à frente, criaram vanguarda de pensamento e nos ajudavam compreender aquele tempo. E a gente levava aquilo para a escola para discutir questão de ecologia. Imagina! Um bando de menina, oitava série, discutindo ecologia. Essa Igreja de hoje tem muito resquício disso. Eu acho que a gente não pode falar como se fosse um passado muito distante. O mais importante, o mais bonito da caminhada do Dom Antônio foi ter investido na caminhada das pessoas naquilo que nem o tempo nem o vento nunca vão levar, né?! Que é o fortalecimento do conhecimento de se compreender a época em que se vive. Eu vejo pelo centro de formação. Todas as vezes que eu entro no centro de formação eu fico emocionada e digo: “isso aqui sim é um templo! ”. (08). É um templo do conhecimento. Imagina a cabeça de um homem com a ideia de construir aquilo ali, na época custou muito caro ainda é muito caro manter o centro de formação, ainda assim é a menina dos olhos da Diocese, porque, se entende que é ali que vão formando as pessoas. Eu acho que não podemos falar de Comunidades Eclesiais de Base no passado. Porque elas estão ali, quando nós nos reunimos na escola para discutir política pública, ou discutir com a pastoral da comunicação eu fico impressionada. São as pessoas que saem lá das linhas rurais, são pessoas que vêm de todo Estado de Rondônia, vêm de outras Dioceses, de Guajará-Mirim para participar e adquirir esse conhecimento, que é gestado ali de uma maneira pequena. Depois lavamos aquilo enquanto meio de comunicação, enquanto grupo de discussão, de formação de liderança. Eu acho que nossa caminhada que ainda vai render muitos frutos, apesar de quê numericamente a gente esteja em menor quantidade.*

**José Ricardo.** Você poderia, sei que são muitos, mas dentro da tua visão quais seriam os principais desafios hoje para o seguimento das Comunidades Eclesiais de Base?

**R. G. S.** (09) *Nossa! Enquanto jornalista, profissional da comunicação um dos grandes desafios é vencer os meios de comunicação que invadem as casas diariamente com essas informações desagregadoras, com esse consumismo, essa venda o tempo todo. Venda de ideias venda de ideologia, de material barato. O mais grave são as ideologias que são vendidas diariamente. Esse é um dos maiores desafios, porque, não tem mais jeito, as pessoas hoje não se reúnem. Há um tempo a gente viajou para fazer um documentário lá na aldeia indígena com os índios Tuparí e uma senhorinha falando que “ah! É muito grave essa construção das hidrelétricas e as pessoas estão se mudando, a gente vai às casas para conversar com as pessoas estão vendo novela. (10) Morre um índio aqui do lado e a gente não sabe, sabe o que acontece lá no Rio de Janeiro”, ela falava isso, né?! Achei uma fala simples e ela conseguiu resumir muito claramente. Um grande desafio é vencer essa coisa de sempre estar na frente da televisão. E realmente a gente sabe mais o que acontece no Rio de Janeiro, do que aqui com os índios, com os rios, com saneamento básico. Rondônia toda tem apenas seis por cento de saneamento básico. A CAERD está sendo questionada, pois tem uma arrecadação de setecentos mil reais por mês e a gente não vê retorno em Ji-paraná e a água vai ser o grande negócio. Então, nós conseguimos discutir as coisas de fora, mas não conseguimos discutir as coisas que estão próximas, essa é uma comunicação desagregadora.*

**José Ricardo.** Antes entrar mais a fundo na questão da comunicação, na tua fala a gente percebe que essa formação que as Comunidade Eclesiais de Base dão aos seus seguidores é uma formação que dá para ver o concreto, o cotidiano. O lugar é muito forte para vocês, o bairro, a escola, o posto de saúde. Essa questão geográfica é muito forte. Por outro lado, nós vemos que outros movimentos religiosos, outras denominações, onde essa coisa do lugar é superficial, que é uma questão teológica que se espera um outro lugar, um outro mundo. Como você vê isso a CEBs ser tão pé no chão, para usar uma linguagem da literatura de vocês, e movimentos religiosos até mesmo dentro do catolicismo de uma vertente tão diferente. Como você analisa isso?

**R. G. S.** (11). *Olha isso é muito difícil. Que a gente está sempre buscando um lugar além do mítico, do mágico, aquilo que resolve por si só, de não precisar colocar o pé no chão. Eu morei em três estados diferentes, morei fora do Brasil, morando fora do Brasil entendi que queria voltar para o Brasil e para Amazônia, porque é aqui que*

*estava minha raiz, aqui que estava minha história. E nada melhor está onde eu vivenciei e estar aqui na Diocese podendo participar dessas lutas que as pessoas participam. E ver essa contradição dos movimentos dentro da Igreja Católica Apostólica Romana. A gente vendo os movimentos, Renovação Carismática, Encontro de Casais com Cristo e tudo um tanto quanto meio que voltado por outro lado, que não é a teologia da libertação que é uma coisa de analisar e enfiar o dedo na ferida. É um desejo que algo extraordinário resolva a nossa vida que não a gente mesmo, né?!*

**Entrevistado: F. A. A. (Apêndice 2.6)**

Local: Centro de formação diocesano de Ji-Paraná.

Cidade de Ji-Paraná – RO

Data: 28 de agosto de 2012.

Duração da entrevista: 13: 58 minutos

**José Ricardo.** Entrevista de número três com Francisca de Araújo de Azevedo. Com o tema Comunidades Eclesiais de Base da Diocese de Ji-Paraná Estado de Rondônia. Francisca eu queria que você falasse um pouco do que representa as Comunidades Eclesiais de Base para você.

**F. A. A. (01)** *As Comunidades Eclesiais de Base são o grande desempenho dos leigos. Não tem como ter comunidade sem o leigo, então é o papel do leigo na comunidade. Ela representa uma rede muito forte, onde todas as pessoas podem estar participando.*

**José Ricardo.** Como você vê a caminhada das CEBs aqui na Diocese de Ji-Paraná?

**F. A. A. (02).** *Meu ponto de vista sou suspeita para falar. Eu acho muito bom. A nossa Diocese é a que tem mais Comunidades Eclesiais de Base atuante e quem leva esse trabalho adiante são os leigos. O leigo é muito forte aqui na Diocese.*

**José Ricardo.** Quando você fala a palavra atuante, o que significa essa palavra no contexto das Comunidades Eclesiais de Base?

**F. A. A. (03).** *Eu digo atuante porque noventa por cento do trabalho nas comunidades, nas pastorais, nos movimentos é feito pelos leigos.*

**José Ricardo.** Dentro do contexto atual das comunidades, quais são as expectativas que você tem em relação às CEBs? Os desafios, os enfrentamentos de mostrar esse jeito de ser Igreja.

**F. A. A.** (04) *Aqui no Estado de Rondônia um dos grandes desafios que eu vejo, as igrejas evangélicas. São muitas. Todo dia surge uma nova igreja. Tem pessoas saindo da comunidade procurando outros valores. Eu vejo como grande desafio. Dentro da comunidade eu vejo grandes movimentos, os movimentos fortalecem, mas muitas vezes enfraquece as comunidades eclesiais de base.*

**José Ricardo.** Dentro disso que você está falando. Qual seria a principal diferença entre as CEBs e esses movimentos dentro e fora da Igreja Católica Apostólica Romana?

**F. A. A.** (05). *É porque é assim, às vezes a gente pensa assim CEBs é o quê? Nós estamos fazendo um trabalho perguntando assim o que é CEBs? Por que ainda tem uma dúvida CEBs é um movimento? CEBs são nossas Comunidades Eclesiais Base e dentro delas surgem uns movimentos que não condiz com o que a gente faz. Eu vejo que o trabalho das comunidades são os movimentos sociais, ir para associações é ter conhecimento da base da comunidade, principalmente das pessoas menos privilegiadas.*

**José Ricardo.** Há certos comentários de leigos e das lideranças da Igreja da Diocese de Ji-Paraná de forma geral, de que as CEBs tiveram um envolvimento muito forte com a política. Como você, enquanto uma liderança antiga que faz parte da construção vê esse tipo de comentário?

**F. A. A.** (06). *Olha. Eu vejo o seguinte: Nós enquanto Igreja Católica Apostólica Romana, temos aquela questão que não se pode falar de política dentro da Igreja. E, às vezes a comunidade está envolvida. Eu acredito que nós devemos estar envolvidos na política, não na politicagem, né?! Nós como Comunidade Eclesial de Base temos que estar envolvidos, sim! Como povo, como gente, como cristão. Às vezes, somos criticados. “Ah! Não pode falar de política dentro da Igreja”. Eu sempre digo o seguinte: não tem uma Comunidade Eclesial de Base que não tenha um grupo de reflexão, né?! Lá na Igreja talvez você não possa falar de política, mas no grupo de reflexão você pode. Você está falando das pessoas, da ficha limpa, de quem está envolvido com a causa social e não com roubalheira.*

**José Ricardo.** Outra questão dentro disso que você está falando. Lendo e estudando a gente percebe que as Comunidades Eclesiais de Base é um seguimento religioso

do aqui e do agora, como vocês dizem “uma Igreja com o pé no chão”, como você vê isso e dentro de uma realidade que fala de coisas tão distantes e tão superficiais?

**F. A. A.** (07). *É um desafio. Um grande desafio! Aqui na Diocese de Ji-Paraná nós temos o privilégio, nós tínhamos aí o Dom Antônio que inspirava as CEBs que passou tudo isso para a gente e veio outro bispo e não nos desamparou. Nós temos grandes desafios? Temos! Mas nada que não possa ser superado.*

**José Ricardo.** Outra questão que não poderia de deixar de falar contigo é, por exemplo: como é ou o que é a Comunidade Eclesial de Base no bairro, para a rua que ela participa? O que representa a comunidade para o povo que mora ali em torno.

**F. A. A.** (08). *Olha. Eu sou apaixonada. Sou suspeita a falar o que é a comunidade, porque, ela representa tudo. Eu vejo assim: a pessoa que participa mesmo de uma comunidade, nós estamos vivendo uma comunidade eclesial de base, porque base? Por que ela está lá na base, está junto com o irmão, com a comunidade, junto com as dificuldades que tem no bairro. Nós temos uma reunião para reivindicar alguma coisa junto com a associação dos moradores, estamos ali junto com a comunidade podendo levar um convite. A comunidade está lá marcando presença. Eu vejo isso como um fortalecimento da sociedade.*

**José Ricardo.** A gente nota que as CEBs, com essa longa história aqui na Diocese, formaram muitas pessoas para movimentos, como associações rurais. Em uma entrevista com o próprio Dom Antônio dizia isso que os movimentos surgiram das próprias comunidades. Como você vê a importância disso para sociedade de Rondônia não só para a Igreja Católica Apostólica Romana?

**F. A. A.** (09) *Como eu já disse. Eu sou suspeita, eu vejo que isso como um ponto muito positivo e me entristece quando ouço alguém dizer que não quer saber de comunidade. A Comunidade Eclesial de Base é mãe da sociedade desassistida. Se você está na comunidade e tem necessidade você vai e pede ajuda. Eu acho indispensável à comunidade.*

**José Ricardo.** Tem muitos projetos e pastorais que surgem dentro das comunidades. Tem alguma em especial que você destaca, embora todos tenham relevância, para você tem algum em especial?

**F. A. A.** (10). *Esses dias estava conversando assim com a pastoral da criança ótimo, bacana; a pastoral da família engatinha meio de qualquer jeito. Mas se tiver que destacar um trabalho dentro da Igreja dentro das comunidades, porque dentro de todas as comunidades, eu fico com a Legião de Maria. A Legião de Maria é fantástica.*

*É um trabalho que não aparece para todo mundo. É um grande trabalho dentro da Igreja, visita os doentes. Eu destaco a legião por esta linha, além de tempo tem fundamento é muita seriedade, muita responsabilidade.*

**José Ricardo.** Em uma conversa você destacava a participação dos intereclesiais que já aconteceram no Brasil. Eu gostaria que você falasse do que ocorreu aqui em Rondônia. O que você viu? O que ficou desse intereclesial?

**F. A. A.** (11). *Foi uma coisa tão perfeita. Tão boa que aconteceram que é difícil destacar. Mas eu garanto para você que nós enquanto estado de Rondônia, podemos mostrar não só para o Brasil. Muitas vezes nós saímos na mídia com coisas ruim. O intereclesial deixou um avivamento muito grande para as comunidades eclesiais de base, não só no estado de Rondônia, mas para a América Latina que veio aqui levou muito conhecimento. Eu tive o privilégio de estar na coordenação, estar com os ribeirinhos onde fui fazer missão... as pessoas que vieram de outros estados ficaram encantados com Rondônia. Como Igreja é um avivamento sem sombra de dúvida.*

**José Ricardo.** Daqui pra frente o que você espera, como você vê o futuro da Diocese aqui de Ji-Paraná?

**F. A. A.** (12). *Eu sinceramente vejo que não pode ter enfraquecimento. Tem que fortalecer cada dia a gente procurar fortalecer mesmo com os atropelos, ainda dá para se fortalecer. Nós temos um grupo muito bom. Estamos trabalhando com documentos da Igreja. Às vezes, a gente não sabe se valorizar como leigo, como Comunidade Eclesial de Base. Algumas vezes, nós temos padres de não aceitam os trabalhos dos leigos, nós temos muito que avançar. O mais importante e mais bonito é que nos juntamos, a gente sabe que não tem ninguém que queira desistir da caminhada por mais difícil que seja. Aqui na Diocese nós temos o bispo. Eu vejo que a gente tem para crescer e não diminuir.*

**José Ricardo.** Nesse advento dos meios de comunicação tem aparecido muitos padres mediático. Como você vê isso? As formas como eles trabalham procurando se adequar um pouco a esses movimentos pentecostais e outras denominações pode ser uma barreira para as CEBs aparecer seu rosto dentro da Igreja?

**F. A. A.** (13). *Eu acredito que sim! Como já disse para você os movimentos, né?! Às vezes a gente deixa de acreditar na gente e passa a procurar fora, que seja um padre famoso, onde tem multidão. Mas na base tem o quê? Eu vejo o Padre Zezinho que fala nas CEBs e temos um exemplo a ser seguido.*